PENSADORES DA CAMINHADA

30 ANOS VIVIDOS NAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE

Pe. João Caruana

INTRODUÇÃO

Escrevendo este livro tive dois objetivos. No primeiro, partilhar minha experiência de 30 e tantos anos de vida pastoral vividos no Brasil, que como mostra o subtítulo foram vividos na ótica das CEBs - as Comunidades Eclesiais de Base - respeitando a metodologia (a prática) e também o seu pensamento (aspecto teológico) que estavam sendo desenvolvidos. No segundo, pensei em prestigiar e introduzir o pensamento de tantos teólogos e teólogas que se preocuparam em desenvolver a eclesiologia que o Vaticano II e Medellín indicaram. Pensei nos seminaristas, nos padres mais jovens, e nàs centenas, senão milhares, de agentes de pastoral para perceberem que esta é, uma mística bem latino americana.

Para o segundo objetivo, encontrei entrevistas que o IHU - Instituto Humanitas Unisinos - de Rio Grande do Sul fez com estes teólogos e teólogas durante as décadas. Por aqueles que pensam que a caminhada das CEBs serviu bem em uma outra época, eu coloco a pergunta: como podemos ser pastoralmente presentes nestas cidades e dioceses que brotam abundantemente, se não tivermos estas comunidades eclesiais de e na base? Aliás, o documento de Aparecida aceitou isto dizendo que devemos considerar as nossas paróquias como sendo “comunidade de comunidades”! Preciso ainda encontrar alguém pra me explicar a diferença entre as duas definições!

O aspecto teológico-pastoral desenvolvido por tantos pensadores em toda América Latina na época, posso testemunhar, assustou até a imprensa nacional e internacional. Assustou e chamou respeito até passando o tempo e vendo as ditaduras caindo, e a conscientização das massas sempre se aprofundando, e acharam que “agora é’ de mais” e começou a perseguição moral, se não física.

Aceito que o ensino deles e delas é muito mais profundo e extenso. Acredito que esta leitura vai inspirar o leitor e a leitora a procurarem conhecer melhor estes “gigantes latino-americanos”. Inclui também algumas contribuições de lideranças que não podem ser considerados como teólogos - evidentemente - mas que na vida deles, eu considero, deixaram ser contaminados por esta mística. Boa leitura

A Opçao Preferential Pelos Pobres - Altar Mor Igreja Santa Terezinha do Menino Jesus em Sarandi
Artista Eder Portalha em memoriam.

Igrejas Irmas - A Gratidão É Um Valor do Evangelho

Agente comissionou ao artista Eder Portalha de Mandaguari, de feliz memoria, este Painel, rapresentando a irmandade entre a Igreja de Alemanha e a Arqidiocese de Maringa. Com esta escultura, na facada do Centro Pastoral da Paroquia Sao Silvestre Maringa. queriamos prestegiar toda a ajuda que dezenas entidades da Arquidiocese de Maringa receberam do Adveniat.

DEDICATÓRIA

Aos Iniciadores desta caminhada e a todos os demais Bispos, Padres, Religiosos e Religiosas, e Agentes de Pastoral que acreditaram e acreditam ainda na Caminhada.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer no modo especial o *Instituto Humanitas Unisinos – IHU,* que é "um órgão transdisciplinar da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, em São Leopaldo-RS, que visa a apontar novas questões e buscar respostas para os grandes desafios de nossa época, a partir da visão do humanismo social cristão, participando, ativa e ousadamente, do debate cultural em que se configura a sociedade do futuro".

Durante as décadas IHU teve a sabedoria de fazer e publicar entrevistas (ou artigos bem escolhidos) com estes personagens. É um serviço para eternidade.

IHU permitiu a publicação destas entrevistas neste livro. Acredito que muito ajudarão o leitor e as leitoras conhecerem o que estes *pensadores realmente pensaram.*

Também agradeço ao meu amigo Prof Flávio Batista, que sempre me apoiou nesse projeto, ajudando-me a explicar melhor o meu pensamento

Sobre a capa.

A CF é fruto do espírito crítico e participativo das Comunidades Eclesiais de Base, e por isso a capa deste livro traz os temas e motivos de cada campanha (renovação da Igreja, problema da terra, da violência, da fome, da moradia, dos encarcerados, dos menores abandonados, da educação são alguns exemplos), por terem sido presentes nas comunidades por todos esses anos, animando e reforçando a caminhada. *Arquidiocese de Maringá*

Pe João Caruana

Paróquia São Paulo Apóstolo

Avenida Londrina

Sarandi – Paraná – Brasil

Email: caruanajohn13 @gmail.com

DECLARAÇÃO: Pe João Caruana assume a responsabilidade de todo e qualquer erro que possa ser encontrado quanto ao uso da Língua Portuguesa, nesse livro.

SUMÁRIO

Apresentacao.....10

PRIMEIRA PARTE

Dois Momentos.....14

Ser Paroco Numa Cidade da Periferia.....17

Os Pobres.....22

Dom Jaime.....23

Meu Amigo Pedro.....26

As Secretárias.....27

Vocaçoes.....29

Adveniat.....30

Construçoes.....31

Haiti.....33

IX Intereclesias das Cebs.....36

A Revista Veja.....43

A Pastoral da Juventude.....45

Fórum Permanente Pela Inclusão Social.....48

Para Divertir.....48

Via Sacra.....50

Cantos das Cebs.....54

SEGUNDA PARTE

Gustavo Gutiérrez.....59

Aloisio Lorscheider.....67

José Maria Pires.....72

Helder Câmara.....74

Pedro Casaldaliga.....80

Erwin Krautler.....96

Carlos Mesters.....110

Evaristo Arns.....114

Cláudio Hummes.....121

Luciano Mendes de Almeida.....127

Mauro Morelli.....132

Pe. Zezinho.....138

Alberto Antoniazzi.....154

Segundo Galilea.....156

Leonardo Boff.....161

Frei Beto.....168

Milton Schwantes.....179

Jon Sobrinho.....186

José Comblin.....192

Tomás Balduino.....197

Ladislau Biernaski.....206

Pensadores da Caminhada

João Batista Libânio.....210

Arturo Paoli.....214

Marcelo Barros.....218

Oscar Romero.....223

Zilda Arns.....228

Ivone Gebara.....234

Dorothy Stang.....243

13 Intereclesial.....249

Os povos Indígenas.....251

Teresa Cofre.....254

Presidente Lula.....257

João Pedro Stedile.....261

Darci Frigo.....265

Papa Francisco.....273

Epílogo.....287

PREFÁCIO

É com alegria que apresento o livro "Pensadores da Caminhada – 30 anos vividos nas Cebs", do meu, do nosso amigo Pe. João Caruana, por acreditar poder contribuir para o avanço da reflexão cristã, para estudo e para um aprofundamento do significado ser uma discípula e ser um discípulo de Jesus Cristo e por revelar as Cebs como realmente sendo o sonho de nosso Deus.

Na primeira parte, dois momentos, trajeto da caminhada de Caruana, experiências vividas e algumas de suas reflexões.

Na segunda parte, mais de 30 entrevistas que relatam sobre a trajetória das Comunidades Eclesiais de Base, as Cebs no Brasil e na América latina.

Reflexões e entrevistas com diversos pensadores, bispos; padres; teólogos que Caruana os chamam de "profetas da caminhada das Cebs", que discorrem sobre a temática.

Esse livro, essa coletânea de experiências, reflexão, entrevistas aponta questões e o grande desafios de buscar respostas para os grandes desafios de nossa época, e cabe ao leitor desvendá-lo os segredos das palavras a cada página. Uma linguagem da liberdade que apresentam horizontes, novos caminhos, sonhar de novo, conhecimento.

Apresentar o livro "Pensadores da Caminhada – 30 anos vividos nas Cebs" é um convite a reconhecer a importância do Pe. João Caruana, nascido na cidade de Mosta, em Malta, encantado pela vocação missionária veio para o Brasil e serve a Arquidiocese de Maringá há 30 anos. Um grande defensor dos pobres e marginalizados e da causas populares, um apaixonado pelas Comunidades Eclesiais de Base, as Cebs.

Lucimar Moreira Bueno

Da Coordenaçao Das Cebs

PENSADORES DA CAMINHADA: 30 ANOS VIVIDOS NAS CEB's

APRESENTAÇÃO

Pensei Muito: escrevo ou não esta minha experiência pastoral maravilhosa que vivi no Brasil junto com a Igreja? Pensamentos de sim, não, não e sim passaram pela minha cabeça por muito tempo. Mas recentemente, olhando a minha papelada que tenho conservado durante os anos – algumas muitas caixas de papel – o sim se tornou mais forte para mim. Todos estes papeis, pensei, não pertencem somente a mim. Não tem neles a minha vida particular, mas sim a minha experiência pastoral vivida numa Igreja, no sentido mais amplo da palavra – *ad intra e ad extra,* para dentro e para fora de si mesma!

Decidi assim partilhar essa história, com paciência e alegria, coragem e otimismo, com tantas pessoas de boa vontade que ainda acreditam na Igreja que Jesus nos deixou. Nessa decisão, pensei em particular em tantos seminaristas espalhados pelo Brasil, sempre tão ansiosos por saberem tanto dos momentos pacíficos, como daqueles momentos de atritos que a Igreja viveu. Eu, juntos com tantos outros, tentei humildemente viver as duas faces de Jesus no evangelho: Jesus o Bom Pastor e Jesus como Sinal de Contradição.

Pretendo abordar temas e períodos. Não será uma biografia num sentido mais conhecido de relatos de fatos vividos por alguém, mas sim um comentário continuado sobre os acontecimentos que se desdobraram no meu redor. Considero a minha experiência pastoral maravilhosa porque a Igreja no Brasil fez uma caminhada maravilhosa.

Várias vezes, refletindo em casa, sentado em frente da televisão, falando sozinho (um hábito que herdei do meu querido pai), percebia que estava me sentindo feliz pelo simples fato de também fazer parte desta Caminhada da Igreja no Brasil! Uma Igreja que desenvolveu a mística das Comunidades Eclesiais de Base, as Cebs, que entre tantas místicas e

espiritualidades que existem na Igreja Católica, é a única espiritualidade genuinamente latino-americana e brasileira. Todas as outras espiritualidades brotaram noutros países, noutros continentes, tão longínquos. A caminhada das Cebs não brotou de uma pessoa só, mas é o resultado da reflexão dos nossos bispos e teólogos, padres, irmãs e agentes de pastoral que juntos com o nosso povo sofrido, mas alegre, oprimido, mas esperançoso, encontrou na Sagrada Escritura uma sabedoria e uma luz que até então eram desconhecidas!

Essa espiritualidade se desenvolveu através da Campanha da Fraternidade, da Novena do Natal, caracterizando um *vademecum* todo original e comprometedor, incluindo várias pastorais sociais que faziam parte do núcleo da vida pastoral das paróquias, das dioceses. Lembro bem que, ainda seminaristas e antes desse novo modo de prática pastoral germinar, quando encontrávamos missionários vindos da América Latina, nossa pergunta era como os padres conseguiam fazer bom trabalho com tão poucos padres em paróquias tão grandes? A resposta era sempre que não conseguiam. Mas isto mudou com a chegada das Cebs.

Em minha primeira volta a minha terra natal, após três anos de trabalho numa paróquia formada por três grandes comunidades divididas em uns vinte setores na parte urbana, mais três comunidades rurais – cada setor era uma CEB –, com uma população de 40.000 pessoas, meus conterrâneos vendo o trabalho bonito que estava sendo feito, me perguntavam quantos padres éramos para fazer todo este trabalho. Não podiam acreditar que era um padre só! E ficavam maravilhados e atônitos quando dizia que o trabalho maravilhoso não era mérito unicamente do padre, mas sim da metodologia da caminhada das Cebs, que desenvolveu uma mística dos ministérios e serviços como nunca antes. *Uma nova eclesiologia estava sendo descoberta.*

Eu sou da ilha de Malta, daquela ilha onde São Paulo naufragou quando ia apresentar-se diante de Cesar – Atos de Apóstolos, capítulo 27 – e mudei ao Brasil mais tarde na minha vida sacerdotal. Já tinha 43 anos de idade e 17 anos de padre. Eu estava feliz na minha terra natal – brincalhão, o palhaço do grupo pode dizer, mas sempre envolvido na vida da Igreja, que eu sempre amei, e do mundo em modo geral. A

minha crítica à Igreja nunca era raivosa. Eu fazia parte de um grupo pequeno de padres e leigos, discutindo sempre de modo informal, as contradições na vida da Igreja do nosso pequeno país e a problemática do mundo especialmente da fome e da paz.

O Vaticano II aconteceu entre 1962 e 1966, e eu fui ordenado padre em 1967: a Igreja pós Concílio estava se moldando. Hoje aos 75 anos, a idade bonita que eu tenho, 50 anos de sacerdócio (1967-2017), se eu desejo algo para a nossa igreja no mundo e no Brasil é de não perder esta mística de uma "*ecclesia semper reformanda*" e comprometida com a vida do povo. Quero aqui agradecer ao Papa João XXIII e ao Papa Paulo VI, os dois responsáveis por este Dom que nos deixaram que são os dezesseis documentos do Vaticano II. Ainda hoje, quando pegamos qualquer dos documentos do Concilio nas mãos, percebemos como há um ensino que ainda é profético.

É nesta Igreja que eu acredito firmemente. Uma igreja que se une e discute como ela fez nos seus primeiros anos, quando todos os apóstolos eram ainda vivos. À luz do Concílio, a Igreja no Brasil e na América Latina fez um esforço sincero de critica e autocrítica. Frente à frente com a realidade, realizou dois grandes encontros que marcaram para sempre o rosto da Igreja: as conferências de Medellín e de Puebla. De todas as Igrejas particulares espalhadas no mundo inteiro, a Igreja da América Latina e do Brasil, eram protagonistas em tomar a iniciativa de "tirar o homem velho e vestir o homem novo" culminando na tomada da "*opção preferencial pelos pobres*", o que assustou o mundo lá fora.

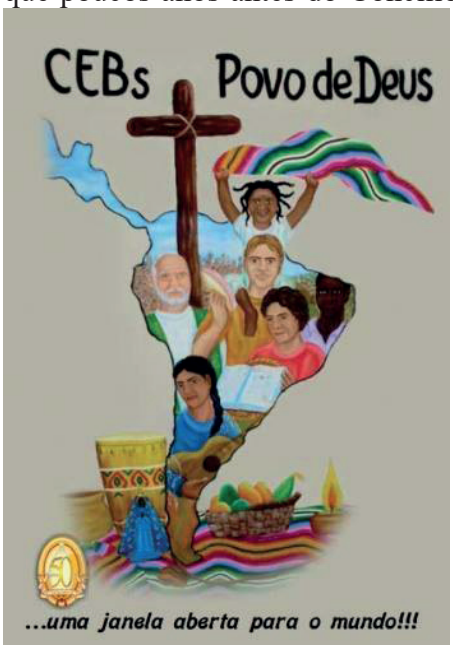
Acredito que em nosso tempo, mais outra vez estamos na vigília de um outro grande momento profético. O Papa Francisco, o Papa latino americano, chamou um Sínodo Universal sobre um assunto que atinge toda a humanidade, que é a família, proporcionando um outro momento forte. Isto porque o Papa e os Bispos não vão se encontrar antes de escutar a base

da Igreja nos cinco continentes, buscando saber o *sensum fidei,* sobre um assunto tão importante. Vai ser uma Igreja aberta ao Espírito Santo, sem receios, sem constrangimentos, num modo livre e leal. Acredito que os anos que virão serão muito semelhantes aos anos que a minha geração viveu após o Concilio. Como se diz: a história sempre se repete.

PRIMEIRA PARTE

Dois Momentos

Ser padre pra mim era sinônimo de ser missionário. Acontece que poucos anos antes do Concílio e durante sua realização, vários bispos visitaram Malta sabedores da fartura de vocações sacerdotais e religiosas das duas dioceses que formam o arquipélago: a diocese de Malta e de Gozo. O primeiro bispo que visitou o nosso seminário diocesano fazendo um convite concreto de missão foi Dom Geraldo Fernandez, da Arquidiocese de Londrina, do Norte do Paraná. O nosso reitor, jovem ainda, sentiu que os seminaristas receberam bem o convite do bispo brasileiro e informou ao Arcebispo Maltês Mgr. Michael Gonzi que, após as devidas discussões, aceitou este extraordinário desafio para a nossa diocese. O extraordinário consistia não tanto "em ir às missões", uma vez que muito religiosos e religiosas maltesas fizeram isto antes. Mas no fato que neste caso era um seminário diocesano que esta aceitando este desafio. Em geral as instituições que enviavam missionários eram as Ordens Religiosas e os Institutos Seculares e não um seminário diocesano.



Várias ordens religiosas maltesas, respondendo ao chamado dos bispos brasileiros, também assumiram a causa de servir a Igreja na América Latina. Na época os malteses estavam pensando em ir para África, um continente vizinho. A nossa língua tem origem semita – *wiehed, tnejn, tlieta, erba' hamsa quer dizer, um, dois, três, quatro e cinco* – o que nos ajudaria nos países árabes da África do Norte, e falamos também o inglês, que era considerado uma outra grande ajuda para trabalhar nos países do sub-sahara. Mas a Santa Sé estava preocupada com a onda de pentecostais protestantes que estavam chegando na América Latina e indicou que naquele momento as escolhas deviam ser para aquele continente. Os sociólogos da época também nos deram o parecer de que indo ao Brasil, deveríamos começar o trabalho

pastoral no interior, antes dos grandes centros. Como resultado disso, num certo momento, vinte por cento dos padres que serviram nas três dioceses no Norte do Paraná – Londrina, Apucarana e Maringá – eram malteses. E quem conhece essa parte do Paraná confirma que a presença dos missionários e das missionarias vindos de Malta, deixaram uma herança muito positiva.

Em 1979 visitei os meus colegas no Brasil pra descansar – minha mãe tinha falecido recentemente – e também pra ver se o ambiente era bom pra mim. Visitando o Paraná, no sul, e Pernambuco, no nordeste, eu gostei do que eu vi e informei ao meu bispo em Malta que a minha decisão era a de voltar ao Brasil pra ficar. Isso aconteceria logo que eu recebesse o visto de entrada no país e o Seminário encontrasse outro administrator (função que eu exercia).

No entanto, eu recebi o visto só em 1984, porque o Brasil ainda estava na ditadura. Tamanha demora me fizera pensar em desistir do meu propósito. Nesta espera, entre 1979 e 1984, o relacionamento entre o governo maltês e a igreja em Malta só piorou, porque o governo fechou os hospitais das freiras irlandesas Blue Sisters e das religiosas Dominicanas maltesas e estava ameaçando fechar também as escolas católicas. Juntos com o pequeno grupo de padres e leigos já citado, eu era muito envolvido nesta controvérsia sócio religiosa em andamento. Com o visto na mão, minha consciência, apesar do meu envolvimento na vida da igreja em Malta, me empurrou para aproveitar aquele visto que recebi. Tive uma conversa franca com o meu Diretor Espiritual e senti que apesar de estar fazendo bom trabalho com os meus colegas, o valor da vocação missionaria era mais alto.

Chegando ao Brasil, em setembro de 1984, encontrei uma situação também difícil: a Igreja no Brasil e na América Latina estava muito preocupada, pois a Santa Sé estava achando dificuldade em relação ao desenvolvimento da Teologia de Libertação. Num certo momento, até o teólogo Leonardo Boff foi chamado a Roma. Nos dias da volta de Leonardo para o Brasil, eu estava fazendo um curso bíblico com o teólogo Carlos Mesters, seu amigo. Leonardo chegou até Curitiba, onde acontecia o curso para contar o que houve lá em Roma. Carlos Mesters deu a Leonardo o uso da palavra. Ele nos disse que o representante da Santa Sé, escolhido para dialogar com ele, num certo momento, lhe mostrou um pacote de correspondência vindo do Brasil criticando sua fala e escrita. “Mas ao seu favor, não tinha chegado nada”, lhe disse o monsenhor romano. Dá para pensar.

Não sei se é exatamente por causa disso, mas logo depois deste encontro de Leonardo Boff em Roma, uma comissão de cardeais liderada por Dom Evaristo Arns, de São Paulo, foi ao Vaticano para dar uma versão mais completa do que estava acontecendo. Como resultado desse diálogo iniciado pelos cardeais brasileiros, a Santa Sé publicou mais um documento salientando os pontos positivos da Teologia da Libertação, dizendo que a Teologia da Libertação era "útil e necessária". Mas o estrago já estava feito e um grande número de católicos, vítimas dos meios de comunicação no Brasil, ficaram com a impressão de que a Teologia de Libertação havia sido totalmente condenada.

Tudo isto aconteceu quando eu estava chegando no Brasil. Deixei Malta no momento que a Igreja era "perseguida" e encontrei a Igreja no Brasil passando por outro calvário. Dois momentos igualmente sofridos, mesmo que por razões totalmente diferentes. Foi assim que, após tanta espera na minha vida, iniciei a minha vida missionária no Brasil!

Quero dizer algo que confiei somente a poucas pessoas. Eu estava decidido vir ao Brasil, mesmo num momento difícil para minha terra natal porque, na época, aquele interesse da parte de seminaristas e padres diocesanos nesta missão tinha parado por varias razões. Mas principalmente porque alguns colegas padres no Brasil deixaram o sacerdócio pra casar – a possibilidade do casamento para quem deixara o ministério presbiteral somente passou a existir com o sofrido Papa Paulo VI. E eu percebi que na minha terra natal estavam interpretando negativamente este fato: interpretavam que esta missão, profeticamente iniciada pelo Seminário no tempo do Concilio, não tinha dado certo. Eu queria com minha ida, no modo silencioso, dar o meu testemunho em favor dessa missão e da eclesiologia que havia surgido durante o Papado de Paulo VI.

Para concluir, referi-me ao Papa Paulo VI como "sofrido" porque cabia a ele administrar as reformas que diretamente ou indiretamente o Vaticano II fez surgir. E tempo de reformas, se é sofrido para todos, é sempre mais sofrido pra quem está na liderança. Pensando bem, é por causa disso que Papa Francisco sempre nos convida dizendo "rezem por mim".

SER PÁROCO NUMA CIDADE DE PERIFERIA

Na época o número de padres na Arquidiocese de Maringá era pequeno: uns vinte e seis. Mesmo assim os padres persuadiram Dom Jaime Luiz Coelho, então bispo diocesano, que havia a necessidade de um Coordenador da Pastoral em tempo integral. A escolha caiu sobre o Padre Vicente Costa, pároco no município de Sarandi, periferia da cidade de Maringá. A minha chegada para os padres era uma bênção, pois poderiam convencer Dom Jaime em relação à liberação do Pe Vicente, argumentando que a paróquia Nossa Senhora das Graças não ficaria sem pároco.

Que o Pe João praticamente não sabia uma palavra em português, que nunca trabalhou numa paróquia daquele tamanho, que as Cebs vêm funcionando há pouco tempo e por isso precisavam de uma boa assessoria: tudo isto era secundário. Quando tentei sugerir que seria bom que Padre Vicente ficasse pároco e eu vigário, fazendo todo o trabalho que fosse necessário, tendo ele assim tempo para trabalhar como coordenador: tudo em vão, não convenci ninguém. Sorte minha, mesmo que não acredito muito na sorte (considero, aliás, a vida como um Dom de Deus e um desafio), eu fui colocado na paróquia Nossa Senhora das Graças, a única paroquia no município de Sarandi.

Por estar situado ao lado do município de Maringá, Sarandi tornou-se um município com a vocação para um grande crescimento, fruto da imigração interna que tinha à época de pessoas vindas da zona rural construir a vida nas cidades, causada principalmente pela falta de reforma agrária. O povo ia perdendo suas pequenas propriedades rurais e o município de Sarandi, pela logística e com a proximidade de uma cidade grande, era uma opção para milhares de famílias.

O desafio era grande, mas o meu colega Pe Vicente Costa, hoje bispo em Jundiaí, estado de São Paulo, tinha feito a opção pela caminhada das Cebs, e deixou agentes de pastorais preparados. E reconheço que este foi o meu mérito: eu aceitei a caminhada como estava sendo praticada, mesmo que, ainda chegando da Europa, não entendia completamente tudo o que estava acontecendo. Desde o primeiro dia eu amei Sarandi como município e como paróquia planejada dentro da mística das Cebs. Acredito que foi isto que me salvou.

Para dar um exemplo, eu vinha de uma Igreja que se uma paróquia aceitava ter Conselho Paroquial, já era considerada uma exceção, apesar

do ensino do Vaticano II ser nesse sentido. Em minha terra, o pároco sabe tudo, e devia se virar sozinho. E eu, nesta nova realidade, tinha de acompanhar três Conselhos Comunitários das três grandes comunidades que compunham a paróquia – Centro, Panorama e Independência (além de três comunidades rurais: Vera Cruz, Vale Azul e KM 08); acompanhar o Conselho Paroquial quando todas as comunidades reuniam-se juntas; e acompanhar as coordenações de sete pastorais presentes nas três comunidades maiores e planejar uma Assembleia Anual, como era realizada com a duração de um dia todo de oração, estudos, trabalhos e convivência.

Um dia, os agentes de pastoral de uma das comunidades, me disseram que num determinado Domingo de cada mês, não precisava celebrar a Missa: "nós nos viramos celebrando culto da Palavra e da Eucaristia". Imagine eu, chegando da Europa, escutando isto – "Padre, não precisa celebrar a Missa". Eles estão tomando a igreja dos ministérios muito ao sério, eu pensei.

Durante dois anos eu aceitei tudo que veio da base. E só depois, quando já me sentia bem aceito, comecei a discutir tudo com eles de igual para igual. Comecei a perceber que o desenvolvimento dos ministérios, sempre fruto das Cebs, estava dando certo. Confesso que, quando assumi a paróquia em janeiro de 1985, eu estava receoso de que aquela paróquia tão bem planejada fracassaria em minhas mãos. Mas eu acreditei firmemente na caminhada logo que percebi que ela não era fruto do pensamento de um padre só, mas era fruto de uma eclesiologia que a Igreja no Brasil e na América Latina estava desenvolvendo. Com fé toquei o barco para frente.

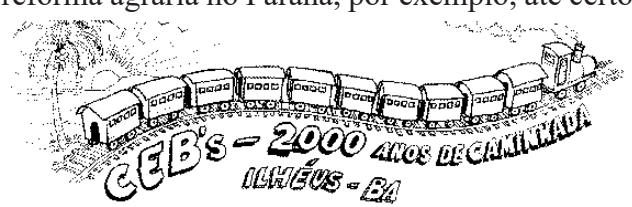
Experimentei uma Pastoral da Juventude com as coordenações escolhidas pela base. O meu trabalho consistia num encontro quinzenal com todas as coordenações, ajudando resolver pequenos problemas, dando apoio numa ou outra despesa que periodicamente estavam precisando, fixando calendário, definindo assessores para algum retiro ou tarde de formação que eles mesmos propunham e organizavam. Para mim foi uma experiência singular e maravilhosa. Uma Pastoral da Juventude viva e dinâmica. Lembro

bem, na primeira Romaria da Terra que aconteceu próxima a nós, na diocese de Apucarana, quando fomos com oito caminhões cheios de jovens – naquele tempo a legislação de trânsito era outra. Quanto a mim, sendo a primeira Romaria que participei, fiquei tão positivamente abismado com o que aconteceu, que me lembro dizendo aos jovens "se Marx estivesse aqui ele nunca escreveria que a religião é o ópio do povo!" Lembro-me de uma certa vez quando presenciei os jovens da nossa paróquia assistindo com lágrimas nos olhos a uma peça de teatro cuja trama mostrava um homem do banco anunciando a um casal que o banco ficaria com sua terra por causa das dívidas acumuladas.

E assim foi crescendo a conscientização. Lembro como se fosse hoje, em uma missa na véspera de uma Romaria da Terra, a equipe da liturgia, com um toque forte de jovens, colocando no chão a bandeira do MST e os fieis aceitando o gesto com naturalidade. Isso porque era fruto de uma caminhada, um passo após o outro. E não só isto! O coral dos jovens, liderado pelo Zé Luiz, me acompanhando na Missa da TV Globo num Domingo de manhã que, por estar próxima a realização de uma Romaria, escolheu para canto final uma canção tirada de um CD do mesmo MST! Eram acontecimentos que tinham certa naturalidade... Da mesma forma quando foi oferecido pela Pastoral da Criança da Paróquia Santa Terezinha, Comunidades Panorama e Independência, um almoço para mais de 300 militantes do movimento, que passavam por Sarandi e Maringá em uma marcha de conscientização. E olha que nessa época eu mesmo estava de férias em minha terra natal.

Tem um jeito para conscientizar uma comunidade paroquial sem criar divisões estúpidas e desnecessárias: saber dosar as coisas, baseando-se no ensino social da Igreja e não brigando com ninguém. E é isto que aconteceu nas paróquias de Sarandi por onde passei bem uns 20 anos – ou quase isso. Os jovens hoje adultos, como também os demais agentes de pastoral, confirmam o que estamos dizendo.

A conscientização da Igreja em relação particularmente aos problemas que afligem o povo no interior do Brasil é muito importante. Eu percebi que a reforma agrária no Paraná, por exemplo, até certo momento ia



bem devagar e ficou bem atrás do ritmo da reforma agrária no Rio Grande do Sul. Quando procurei saber o porquê, descobri que além do fato das primeiras lideranças do MST terem surgido naquele estado, as Romarias da Terra no Rio Grande do Sul começaram a ser celebradas há uns dez anos antes que a Igreja no Paraná. A meu ver, isto confirma a importância do testemunho da Igreja no interior do Brasil. No Nordeste, onde a Igreja na época tinha os bispos mais "agressivos"como Dom Helder e Dom Pires, para mencionar alguns, a CPT era mais ousada. Um conterrâneo meu, Pe Joao Maria Cauchi e os seus colegas, através a CPT de Paraíba, conseguiram ganhar terra para mais de 5000 famílias, ocupando terras, enfrentando os jagunços e a policia. A secretária da CPT um dia me disse que Pe João Maria tinha mais audiências marcadas do que Missas durante do mês.

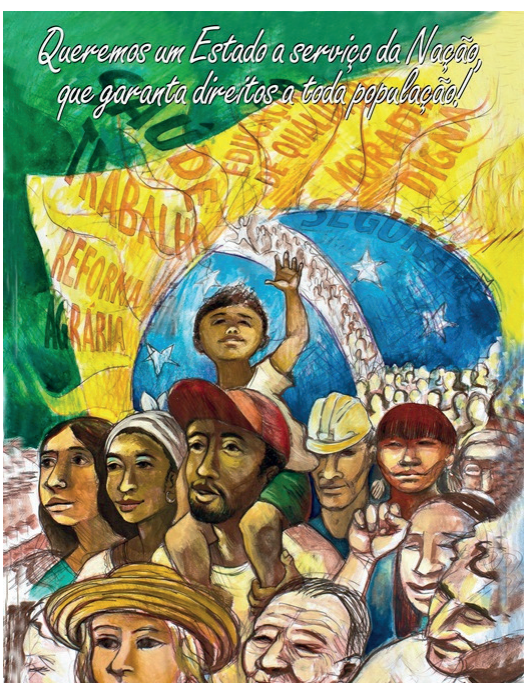
Num certo momento, exatamente na ocasião da ordenação presbiteral de Paulo Campos, demos um nome a cada setor das comunidades, para que assim as Cebs não ficassem conhecidos somente com o lugar onde se encontram - "CEB do Setor Um" ou "CEB do Setor Sete" - mas ficassem identificadas através de um nome forte na história de luta pelo povo brasileiro. Surgiram a "CEB Ita Ford", que fica no Setor seis, a "CEB Bispo Angelini" que fica no setor dois. E demos nomes de mártires que morreram durante a ditadura, padres, freiras e alguns leigos, por trabalharem em favor da Reforma Agrária ou por pertencer ao sindicato de sua cidade. Recentemente nas quatro paróquias de Sarandi estes nomes foram tirados e introduziram nomes dos Santos tradicionais: Santa Rita, São Pedro etc. A razão que foi dada era que assim cada comunidade tem uma festa de um Santo pra celebrar. Pode até ser. Mas poderiam ter deixado os nomes já encontrados – afinal, eram nomes de mártires por uma causa justa - e somente introduzir um Santo tradicional como padroeiro protetor. Nunca devemos tirar ou derrubar algo, se não for por uma razão muita importante! Se um sociólogo, um historiador ou um militante de um grupo social ficasse sabendo o que fizemos será que ia nos parabenizar? Duvido. Será que não poderíamos ver aquele gesto de nominar as Cebs com o mártir ou líder como um passo que respondia ao desejo de Vaticano II de ter uma Igreja não só "*ad intra*", mas também "*ad extra*"? Afinal, estes mártires e líderes eram gente nossa!

E assim foi com outras pastorais. Por exemplo, com a Pastoral da Liturgia, engajada na preparação de uma liturgia criativa segundo o tempo litúrgico, ou preparando a comunidade para uma celebração que estava se aproximando, como o Dia do Trabalhador, a Romaria da Terra, o Mês da Bíblia, Campanha da Fraternidade na Quaresma, Novena do Natal

e assim por diante. A paróquia, jovem ainda, tamanho de um município destinado a crescer, estava mesmo que devagar, tomando mais e mais a cara da Igreja das Conferências de Medellín e de Puebla, dando testemunho no município. Quero mencionar novamente o Culto Eucarístico e da Palavra, que acontecia mensalmente em cada CEB, motivado principalmente pelos grupos de casais, celebrado pelos Ministros Extraordinários da Comunhão Eucarística e da Palavra.

Era uma liturgia bonita, cheia de simbolismos refletindo o tempo litúrgico e sua temática. A meu ver, este tipo de liturgia está ficando muito difícil de ser encontrada. Esta sendo celebrada cada vez menos e menos. Por uma razão ou outra, a nossa liturgia perdeu aquele toque latino-americano e tropical, e se tornou muito "romana". Parece que temos medo da liturgia inculturada. E não acho que este recuo tenha vindo dos nossos leigos.

Recentemente, estava convidado para celebrar a missa numa empresa de transportes e o tema era "cuidado no trânsito". Eu, como sempre fui bem encima da hora e, quando cheguei, tudo já estava preparado pelos funcionários. Surpresa minha quando chegou a hora do ofertório e lá subiram os operários com símbolos que tem a ver com a vida do motorista, e levaram volante, buzina, a marmita que as esposas preparam com carinho para as seus esposos, até o sapato de um trabalhador. Fiquei comovido. Beijei as ofertas e coloquei inclusive o sapato sobre o altar!



Lembrei o quanto era bonita a nossa liturgia - e logo ali naquela empresa, na cerimônia preparada por leigos, que sem dúvida nenhuma eram reminiscentes das Cebs de suas paróquias, eles deram "um show" - sem ser um show - mas como deve ser a liturgia. É de pensar: o recuo veio de qual lado, de baixo ou de cima?

A paróquia era desde o início com Padre Vicente, bem servida

pelas Irmãs do Santo Nome de Maria, e eu sempre deixei a formação dos agentes de pastoral em suas mãos. As equipes da Pastoral da Saúde levavam os Ministros da Eucaristia aos doentes, chamando o padre onde necessitava, apoiando a compra dos remédios quando precisava. Sempre demos importância a projetos de promoção humana, como cursos de corte e costura, pintura, violão, aulas de reforço na educação dos adolescentes e outros pequenos projetos, como servindo sopa duas vezes por semana por 1200 pessoas e mil litros de leite de soja. Ganhamos a vaca mecânica das Irmãs do Santo Nome de Maria.

Os Pobres

Como vou dizer mais pra frente, numa cidade e paróquia onde tudo estava no início – seis anos de paróquia e dois anos de município, com Julio Bifon, um agente de pastoral na época, como primeiro prefeito – faltava muita coisa e tinha que enfrentar ainda o desafio das construções de salões comunitários, casas paroquiais e templos, num Brasil de hiperinflação! Mesmo assim nunca deixamos de fazer projetos de promoção humana e ajuda direta aos pobres. Dizia a eles: "a construção pode esperar, mas a ajuda para os pobres num país do terceiro mundo como era o Brasil na época, não pode esperar". E agentes de pastoral, como Dona Emanuelina, que manteve a fé e criou uma grande família com sucesso, achando força ainda para se dedicar aos pobres ficaram contentes. Além de uma turma de mulheres generosas e dedicadas que, como Dona Emerenciana, viúva, mãe de sete filhos e, cheia de fé, animou todo um trabalho em prol dos pobres da comunidade Independência. Com sã consciência posso dizer que na minha vida pastoral não deixei de investir na conscientização de pessoal. Mas isso não me impediu também de "assistir" os pobres que foram deixados totalmente ao lado pela nossa sociedade. É questão de equilíbrio. Alguém que passa fome mesmo é aquele que não sabia quando vai ter o próximo almoço decente. Na maioria dos casos os pobres são "feios", mas não nasceram "feios": se tornaram "feios" pela fome e suas consequências.

Um dia, de nossas paróquias de Sarandi, no tempo da quaresma, levamos os nossos marginalizados para uma missa na Catedral, que já há tempo vem ajudando com cestas básicas generosas os nossos pobres. Aquela Catedral, numa tarde, cheio de pobres assustou. Até houve quem comentasse que não é bom reunir os pobres. É bom sim, às vezes "expor" o problema humano que facilmente passa despercebido. Na verdade, como resultado, os agentes de pastoral da Catedral repararam que a generosidade dos fieis ficou

mais solida.

Recordo-me de um projeto muito original que foi implantado: a criação de pintinhos nas casas, e cada vinte pintinhos que cada família criava, com ração fornecida pela comunidade, a cada seis semanas, as famílias ficavam com quatro frangos para ajudar na alimentação em casa. Em Sarandi era tempo de fome mesmo. Os demais frangos eram vendidos na Comunidade, ficando assim um pouco de dinheiro para ajudar na construção da Casa das Cebs. Tentamos organizar hortas e outros projetos diretos em favor dos pobres, como criação de coelhos para abate, o que na verdade não deu muito certo porque a nossa criança considera o coelho como animal de estimação. Achavam um absurdo criar pra matar! Acredito que atitudes como estas ajudaram o pessoal a pensar, refletir e se conscientizar sobre o significado da opção preferencial pelos pobres. Acontereu que nesta epoca houve o Plano Cruzado no país que foi muito bom, até os grandes decidirem derrubar o Plano e começou a faltar tudo, inclusive carne no açogue. Entao por bem dois meses só o Padre tinha frango para vender! Então por um momento os ricos e os pobres se serviram do projeto. Aliás, juntamente com todo este trabalho – ajuda direta aos pobres –, nunca perdemos uma oportunidade de participar das formações que a diocese e a região realizavam, tais como encontros de estudo da Pastoral Operária (PO) e da Pastoral da Terra (CPT), para a conscientização dos agentes de pastoral, tornando-os assim instrumentos de conscientização no município. Falando sobre a Pastoral Operária, ainda no início de minha vida pastoral, lá na segunda metade dos anos oitenta, lembro que jovens ativos na pastoral da Juventude me confidenciavam que, por causa de sua participação na PO, estavam colocando em risco seus empregos e, aqueles que ainda eram desempregados, ao procurarem seu primeiro emprego, sentiam que não eram bem vistos pelos donos das firmas – mesmo em uma pequena firma da esquina.

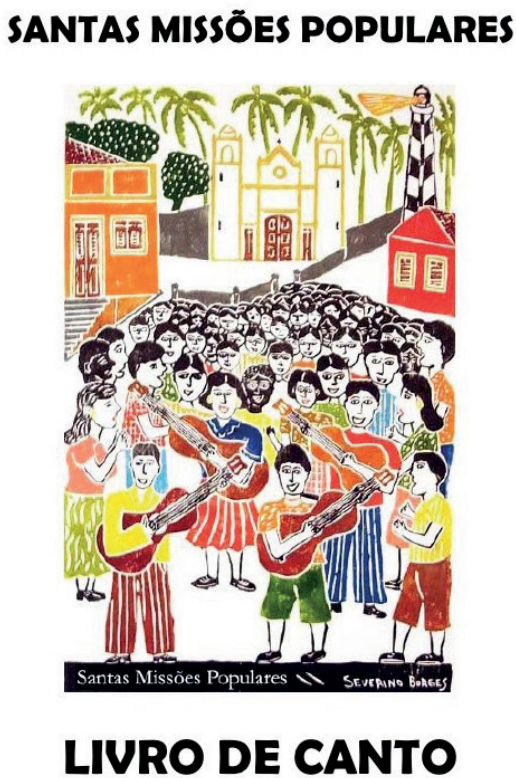
Dom Jaime

O nosso município, através da nossa paróquia, sempre esteve presente nas Romarias da Terra, seja de âmbito Estadual, seja nas Romarias do Trabalhador, em nível Arquidiocesano. Durante os anos recebemos a Romaria do Trabalhador três vezes.

Quero também dizer que a participação da nossa Arquidiocese

de Maringá nas Romarias Estaduais organizadas pela CPT era sempre generosa, pois várias vezes as romarias contaram com a participação de uns doze ou catorze padres da Arquidiocese, quando o número do clero não passava de vinte e seis padres ao todo. Dom Jaime, nosso arcebispo, apesar das controvérsias que às vezes surgiam por causa dessas romarias, sempre apoiou a participação.

Dom Jaime era considerado por muitos conservador, se não politicamente atrasado. Mas não é verdade. Ele não era neutro e por causa disso deu-nos um bom exemplo de um bispo que sempre procurou o que é certo. Eu entrei em contato com o MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) antes que eles chegassem em nossa diocese, e eu sempre fiquei preocupado em relação à atitude que nosso arcebispo teria, ele que era considerado conservador, com acesso livre às grandes cooperativas rurais e usineiros da região. Um dia, um grupo de sem terras ocupou uma fazenda na diocese, na cidade de Paranacity, cujos administradores plantavam cana. Um grupo de padres foi ao encontro de Dom Jaime, acompanhados com lideranças do MST no Paraná, e explicou o objetivo da ocupação.



Nesse tempo, o pároco Pe Zezinho marcou uma missa na festa da padroeira de Paranacity, e nos convidou, informando que nesta celebração teriam militantes do MST convidando os meus paroquianos para visitarem a ocupação. Eu, como aconteceu também noutras paróquias, fui com dois ônibus cheios de lideranças da paróquia. Lá fiquei bastante surpreso, ao ver no altar, presidindo a celebração, o nosso Arcebispo. Não só, entre as lideranças tinha Zé Rainha, pertencente à região de São Paulo, como convidado especial. No fim da Missa, fez até o uso da palavra. O medo que eu tinha sobre sua atitude numa eventual ocupação sumiu. (Algum

tempo depois, Zé Rainha foi preso e trazido para uma cadeia em Maringá. Dom Jaime fez com que ele fosse bem tratado enquanto estivesse preso, pedindo que o Cônego Geraldo Schneider cuidasse do assunto). Dom Jaime também aproveitou um programa que tinha de cinco minutos, ao vivo, no canal da Rede Globo paranaense e, lembro como hoje, que ele saiu em defesa da luta em favor da Reforma Agrária, defendendo a ação do MST.

Não só. Alguns anos depois, houve uma ocupação em Querência do Norte, que não faz parte da nossa diocese, mas é relativamente próxima – uns 250 quilômetros. Foi decidida realização de uma caminhada – umas das dezenas que o movimento fez pelo Brasil afora – de Querência até Maringá, por ser cidade polo da região. Dom Jaime foi devidamente informado e numa cidade na época bem hostil ao movimento, ele recebeu os camponeses na Catedral, onde houve uma Missa concelebrada, que muito ajudou na conscientização da Igreja de Maringá, bem como da Cidade Maringá. Num painel que eu fiz no altar mor da igreja *"Santa Terezinha do Menino Jesus",* que tem Jesus representando a Opção Preferencial e Evangélica Pelos Pobres, tem uma referência ao apoio que a Arquidiocese de Maringá, com seu Arcebispo, deu à Reforma Agrária na região *(ver painel pg 01 Opção Preferencial Pelos Pobres).*

Lembro-me de um curso sobre os direitos humanos que eu fiz em Roma antes de viajar ao Brasil, com o intuito de me preparar por esta minha missão. Um professor americano na última palestra do curso que demorou um semestre, disse-nos: "vocês que estão no terceiro mundo ou que irão ao terceiro mundo, podem fazer três coisas: encontrando um mendigo, sem dúvida colocarão a sua mão no bolso e tentarão ajudar aquele coitado. Está certa a vontade de ajudar, mas não será desse jeito que solucionarão o problema da fome". E continuou: "entre vocês há pessoas criativas – esta é para mim, eu pensei – e tendo jovens desempregados ao seu redor, tentarão encontrar trabalho para eles. Está bem, mas não é este o seu trabalho: dar emprego. *Mas a única coisa verdadeiramente necessária, e que é a mais difícil, é que juntos com a comunidade onde estarão, deverão começar uma caminhada de conscientização para que a Comunidade comece a enxergar o porque desta pobreza, identificando quais são as causas! Deverão levar o questionamento: Será que é porque Deus quer assim.* O professor concluiu a palestra, pegou a sua mala e foi pra Nova York, e eu peguei a minha mala e viajei pra Sarandi – claro, que exagerando um pouco... Evidente que foi um pensamento que muito me orientou na minha vida pastoral.

Meu Amigo Pedro

Sempre lembro o que meu amigo Pe Pedro, do Recife, casado, me dizia: "agora que você tomou a decisão de vir para cá, após 17 anos de padre em Malta, você deve pegar um caderno novo, uma caneta nova, e começar uma vida pastoral totalmente nova.... caso contrário você não fará um bom trabalho".

Sobre este meu amigo Pedro, quero aqui testemunhar que nós malteses que trabalhamos no Brasil, sempre concordamos que entre de todos nós, ele foi o que mais que assumiu com seriedade a opção preferencial pelos pobres. Ele mudou de Londrina, no Sul do Brasil, para trabalhar numa paróquia no Córrego do Jenipapo, em Recife, e profissionalizando-se como torneiro mecânico, com a aprovação de Dom Helder Câmara, fez a experiência do *"priest worker",* padre trabalhador, originária da França. Um dia Pedro confessou comigo, que Dom Fernandez, arcebispo de Londrina na época, vendo a sinceridade em seu projeto da vida, mandou-lhe um recado: que se ele quisesse voltar a Londrina para trabalhar como "padre trabalhador" ele o aceitaria de volta. Na verdade Pedro era um homem extraordinário. Mons. Bernard Gafa, um colega maltês, com quem Pedro trabalhou nos primeiros anos, testemunha que suas homilias eram muito pungentes e sempre teve o desejo de publicá-las.

E mais do que isto: quando ele casou-se com Gilvone Diniz, uma militante, ele ficou morando na mesma favela por bem dez anos. Passados estes dez anos ele se juntou com uma ONG que sempre se preocupou com a educação dos excluídos, literalmente embaixo das pontes, na Amazônia e depois em Ilhéus, na Bahia. Infelizmente aqui ele morreu afogado, junto com seu irmão Alfredo, vice-presidente da bolsa de valores de Malta, na tentativa de salvar a esposa Gilvone e o filho Roberto. Na lembrança de sua morte,

escreveram um pensamento que Pedro gostava de repetir: "*Se eu fechar a porta e a luta não continuar, eu não fiz nada*".

Quero testemunhar que Pedro, como Prof. Thomas, sempre se preocuparam muito comigo e com o meu progresso na vida pastoral. Professor Thomas Bonnici, cuja tese para o doutorado discutia a "Literatura Inglesa Pós-Colonial", um intelectual de primeira categoria, muito me ajudou para conhecer e entender melhor a história do Brasil, seja antiga, seja a mais recente, como também a história da Igreja. Chegando ao Brasil com a idade de 43 anos, isso foi fundamental, pois tinha uma grande lacuna neste sentido, por não ter crescido nem estudado aqui. Thomas muito me ajudou indicando cursos que eu deveria fazer e livros que deveria ler. Posso dizer que nos primeiros três anos, em parte por sua iniciativa e encorajamento, participei de uns 30 cursos e seminários em Maringá e na região. *Pedro e Thomas: devo muito aos dois.*

As Secretárias.

As paróquias no Brasil, por causa do número limitado de padres, têm o seu jeito de se organizarem. Na secretaria paroquial, além da presença do pároco em alguns horários para atender o povo, sempre tem uma secretária ou um secretário para atender ao povo o dia todo. Estas secretarias literalmente sustentam a paroquia.

O povo confia muito neles e nelas. Tanto é e verdade que eu sempre brincava que se soubesse como as paróquias funcionam, eu teria vindo pra cá não como padre, mas sim como um leigo secretário. Os secretários estão perto do povo da mesma forma quanto na minha terra natal o vice-pároco, aqui chamado de vigário. E quando uma paróquia acertava na secretária ou secretario, a paróquia andava e andava muito bem.

Um dia alguém me ensinou que o voluntariado, e as nossas paroquias dependem do voluntariado, precisam de alguém em tempo integral para auxiliar seu trabalho. Eu tive a sorte de achar como secretária Antoninha de Jesus Garcia, muito bem preparada para o trabalho já pelo Pe Vicente. E isto ajudou muito em meu trabalho. Você pode viajar para um encontro

ou para as férias, e pessoal não sentia sua falta. Isso porque a Antoninha sabia de tudo, e o mais importante, é que pessoal confiava cegamente nela – os agentes de pastoral no primeiro momento e também os paroquianos. Voltando após uma semana de formação ou das férias, por causa de sua generosidade e competência, a vida da paróquia tinha andado normalmente. Falei que os agentes de pastoral gostavam muito dela e cuidavam da paróquia juntos com ela.

O dinheiro nas paróquias era muito curto – em Sarandi de modo especial. Tudo estava no início e todos eram muito pobres. Aqueles que tiveram melhores condições da vida, era possível contá-los nos dedos. Um deles, João Pedro Volpato, um sitiante, durante as minhas férias, espontaneamente passava na secretaria e perguntava a Antoninha se o CAE – Conselho Administrativo e Econômico – porventura estava precisando um pouco de dinheiro para fechar as contas. Este seu gesto era fora de série. Mas são muitos os outros exemplos que confirmam que Antoninha era amada e respeitada.

Outra secretaria igualmente muito amada era a Fátima Lopes, da Comunidade Panorama, que infelizmente morreu muito jovem vítima do câncer. Ela também representava aquelas secretárias que temos espalhadas em centenas de comunidades, marcadas pela generosidade, competência e amor por suas paróquias. Ela era talentosa, sabia pintar e desenhar. Criativa mesmo. Ela me ajudou no desenho das janelas da igreja Santa Terezinha do Menino Jesus. Na verdade numa das janelas, ao lado do Santíssimo, tem uma dedicada a ela. Fátima foi sucedida por sua irmã Cristina a quem mesmo de cama, sofrendo com sua doença, ensinou todos os detalhes que uma secretária deveria saber.

Eu levei muita sorte nas secretárias e nos seus assistentes. Registro ainda a secretaria Regina Polizer na paróquia de São Silvestre, muito bem preparada pelo Pe Manoel. Eu sempre falei aos colegas padres que devemos o nosso mais sincero respeito pelas secretárias, porque elas e eles sustentam as paróquias. E digo mais: é muito difícil não encontrar respeito e dedicação nos funcionárias, cozinheiras e sacristãos de nossas paróquias.

Quero dizer que nunca gostei desse nome de CAE – Conselho de Assuntos Econômicos. Acho um pouco fora da realidade das nossas paróquias. Cresceu mais o meu desgosto com a nomenclatura, quando fiquei sabendo que esta nomenclatura também é usada no Senado Federal! Não tenho dúvida que quem introduziu esta nomenclatura pelo Brasil afora não estava pensando

disso. Um nome que melhor refletiria a realidade seria: Coordenação do Dízimo.

VOCAÇÕES

Toda vocação cresce numa comunidade. E nos ensinaram também que não tem sentido uma vocação não ligada a uma comunidade como nenhum movimento ou espiritualidade tem sentido se não é ligado à Igreja, através das paróquias. Estou satisfeito que a caminhada das Cebs em nosso município – nas quatro paróquias – tenha dado as vocações que precisava. Pode-se ate dizer que a caminhada das Cebs era verdadeiramente a caminhada da Igreja no Brasil, fazendo florescer as ordenações presbiterais, que se multiplicaram pelo Brasil afora.

Em Sarandi tivemos também as nossas vocações: eu mesmo tive a satisfação de participar de várias ordenações, numa cidade que até pouco tempo era um distrito sem vida própria, nem social nem eclesial. (Eram os Jesuítas de uma paróquia vizinha em Maringá, São José Operário, que deram a cobertura pastoral antes da criação da paróquia. O jesuíta Padre Jorge Scholl se tornou uma lenda na cidade, por suas andanças pelas ruas visitando as famílias. Também ficaram presentes na memória dos paroquianos mais antigos as religiosas da Congregação das Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria: a Irmã Antônia, Irmã Dolores, Irmã Ângela e Irmã Antona, somente para mencionar algumas).

O espírito sopra onde quer, e longe de mim dizer que é só a caminhada das Cebs que deu vocações. O que eu quero afirmar é que esta é sim uma caminhada mística, que deu frutos importantes também num aspecto muito difícil para Igreja no Brasil, como são as vocações ministeriais, sacerdotais e religiosas. A caminhada das Cebs, que Medellín e Puebla plantaram como a mais apropriada para o Brasil e América Latina, muito ajudou para a multiplicação dos ministérios. É verdade que as vocações que saíram dessa espiritualidade tinham suas limitações. Mas alguém pode dizer que as vocações surgidas de outras espiritualidades não tinham também as suas limitações?

Em seu começo, o Brasil, de tamanho continental, tinha

só seminário em Recife, Salvador, São Paulo e Curitiba. Com o tempo, a Igreja foi permitindo a abertura de mais seminários segundo as necessidades locais, inclusive em Maringá, a nossa arquidiocese. O primeiro reitor foi Monsenhor Orivaldo Robles, e lembro bem ele dizendo que na época não tinha textos de filosofia em português e que ele tinha de traduzir artigos, se não livros inteiros, do espanhol para disponibilizar aos estudantes. Trata-se de um tempo primitivo, se me permite usar este termo, que precisava de pessoas corajosas, de muito senso de sacrifício e dedicação da parte de quem tinha a responsabilidade de dar os primeiros passos. É bom que os nossos seminaristas fiquem sabendo disso, respeitem essa história, e percebem que eles chegaram na caminhada quando esta já estava bem mais amadurecida.

ADVENIAT

Dom Jaime, que construiu a diocese a partir do nada, não só pastoralmente que é o mais importante, mas também no que se refere à infraestrutura: igrejas, salões comunitários, centros pastorais, seminário e assim por diante. Ele teve muita ajuda do Cônego Geraldo Schneider que, sendo alemão, introduziu a diocese ao Adveniat e a outras entidades e pessoas alemãs, como também contou com o Padre Núnzio Reghenzi, italiano que pertencia a generosa Diocese de Brescia. Os seminaristas que passaram pelo seminário de Maringá nos anos oitenta e noventa, testemunham que a generosidade do padre Núnzio era sempre muito grande.

Falando dessa ajuda que a Igreja em Maringá e pelo Brasil recebeu de outros países durante todos estes anos, às vezes eu penso: será que não chegou a hora da Igreja no Brasil se tornar ela mesma benfeitora de outras igrejas que são pobres, no Brasil e fora do Brasil? A pastoral do dízimo, um grande achado da Caminhada das Cebs, que o povo entendeu e aprovou, resolveu em termos gerais a problemática da despesa do dia a dia de praticamente todas as paróquias no Brasil. E em várias regiões, como no Norte do Paraná onde eu trabalho, estão sobrando recursos pra enfrentar também o problema espinhoso das construções. Não dependemos mais do boi de um pequeno número de fazendeiros, salvas algumas exceções, para fechar as contas. Aconteceu uma grande revolução, e quero acreditar que não só no Norte do Paraná. *(ver painel Igrejas Irmãs pg 02)*

CONSTRUÇÕES

Sobre as construções quero colocar algumas reflexões:

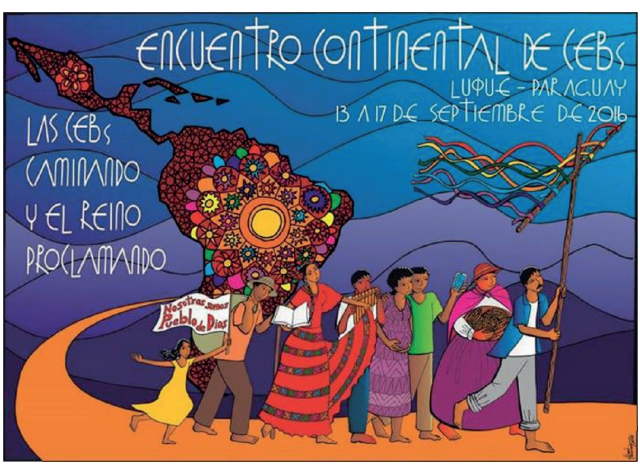
1. Encontrei no Brasil uma atitude que não conhecia. As comunidades se alegram que aquela igreja ou aquele salão foi construído num ano ou dois, no máximo. Não tinham a paciência necessária que as construções de tamanho médio ou grande normalmente precisam. O importante para a comunidade é colocar toda a comunidade em uma correria contra o tempo. E por causa dessa urgência em terminar a obra, não tinha preocupação se o dinheiro era fruto de uma campanha eleitoral de um ou outro candidato, em nível municipal, estadual ou federal. O que importava é conseguir o dinheiro. A caminhada das Cebs muito ajudou pra esclarecer as ideias, o que não poucas vezes aconteceu em meio a atritos.

2. Outra atitude que encontrei, e acredito ser também errada, é a mentalidade que mais parecia ser a de prefeituras tradicionais, do que de uma comunidade consciente.. Estou me referindo ao fato de quandotem mudanças na paróquia, não pensamos duas vezes para derrubar alguma construção existente para fazer uma nova. Quero frisar aqui que estou falando de exceções. Esta atitude me lembra quando um dia eu era administrador do seminário da minha terra natal e as autoridades condenaram o sistema elétrico do prédio (esta sim tratava-se de uma reforma abrangente). Num certo momento chamamos um artista pra dar alguns pareceres sobre a decoração da capela e do teatro. Lembro até hoje do seu parecer: “nós que estamos administrando obras feitas pelos outros, devemos em primeiro lugar respeitar o que os outros fizeram, porque sem dúvida nenhuma, eles pensaram muito antes de fazer esta ou aquela obra. Devemos respeitar suas ideias o quanto der”. Este parecer, que vale ouro, eu gostaria de partilhar. Mesmo porque quando derrubamos ou tiramos algo que já existe, provavelmente os benfeitores ou seus herdeiros ainda moram na mesma comunidade. E é muito triste para eles verem que a comunidade não está respeitando o trabalho e as doações, muitas vezes dados com muito carinho e sacrifício, e sem nenhuma razão verdadeiramente válida. A visão de nos ver destruindo o que os outros fizeram não é nada boa. Não temos o direito de trocar uma coisa bonita por outra coisa bonita, não devemos trocar algo que está funcionando bem por outro objeto que enfim, não vai melhorar em nada o que já existia. O povo é muito sensível neste sentido. Ele nem sempre protesta de viva voz, mas de modo silencioso o

povo sabe mostrar que não está concordando. O povo é sim muito sensível neste aspecto.

3. E o terceiro ponto que gostaria de colocar é a necessidade de distinguir entre despesa corrente e despesa capital. Esta distinção parece simples, mas não é. Quando uma comunidade está conseguindo através do dízimo alcançar o necessário para cobrir a despesa do dia a dia, já devemos ficar agradecidos. Um colega mais velho do que eu na caminhada, lembrava o tempo quando esperava a celebração de um casamento para que, com a contribuição dos noivos, pudesse encher o tanque do carro com gasolina. Muitas vezes nos deixamos levar pela mentalidade de que a obra tem que ser concluída logo, não tanto pela necessidade pastoral, mas até para satisfazer o nosso orgulho, e pedimos mais do que a comunidade pode oferecer, o que faz com que todos se cansem – especialmente os agentes de pastoral, pois são estes que enfrentam a "música" lá na base, ouvem as reclamações e ainda precisam manter o povo animado. Quanto à despesa capital, devemos pensar nela com mais calma. O que as famílias fazem para adquirirem a casa própria (uma despesa capital)? Elas financiam em dez, vinte, trinta anos. Tem várias dioceses, eu acho, que podem criar um sistema de crédito dentro da própria diocese, em vez de deixar as várias poupanças das paroquias nos bancos.

Esta última reflexão é muito importante, porque se observada, poderemos construir em tempo hábil, sem estressar a comunidade e, mais ainda, sobrará dinheiro para encampar ideias ousadas como projetos de promoção humana em nossas comunidades e – se for o caso – participar de projetos que a Caritas Brasileira poderá sugerir pra nós. Caso contrário, nunca vai sobrar dinheiro para os pobre.



HAITI

Para dar um exemplo claro onde podemos e devemos mostrar a nossa generosidade: a Igreja no Haiti. Alguns anos atrás este país, já muito pobre, sofreu um terremoto avassalador. Através da Caritas Brasileira, no auge da desgraça mandamos a quantia expressiva de uns sete milhões de reais ou um pouco mais - provavelmente foram enviadas outras contribuições que não estão incluídas na contabilidade da Caritas Brasileira. Mas eu, humildemente ouso perguntar, considerando que terremoto é terremoto, até países bem maiores e mais ricos como a Itália, demoram décadas para recuperar o estrago, será que não podemos ajudar mais? Digo que não devemos parar numa doação de uma vez só, mas que a nossa doação e contribuição se tornem uma contribuição continuada, diria por dez anos, talvez.

Não sou tão informado quanto gostaria ou deveria ser, mas a última doação que chamou minha atenção foi da OXFAM, organização inglesa reconhecida internacionalmente, que enviou ao Haiti mil banheiros! Veja a situação na qual este povo se encontra! As famílias precisam até da doação de um banheiro!

Nós da Igreja no Brasil, através da opção preferencial e evangélica pelos pobres ajudamos muito na conscientização do povo, nas reformas estruturais que aconteceram na última década – tais como a reforma agrária. Acredito que podemos e devemos agora ser mais ousados nas contribuições diretas e indiretas em calamidades como aquela que o povo pobre e vizinho do Haiti sofreu.

Temos condições de fazer isto de duas maneiras: uma com doações diretas das contribuições que estão já entrando através do dízimo, e outra, com a autoridade moral e confiança que o povo tem em nós, com o nosso bom exemplo, instigando a sociedade a usar sempre mais o canal da Caritas Brasileira, neste e em outros projetos concretos que sempre surgem, no Brasil e no exterior.

Vou arriscar ser mais concreto. Todo Brasil chorou a perda de Dona Zilda Arns, que morreu no terremoto, cumprindo sua missão no Haiti. Em sua memória, não poderíamos nos organizar para que com as contribuições diretas da Igreja no Brasil, e das contribuições dos demais que se juntam conosco, fazer com que nenhuma criança haitiana sofra com a fome e, como

um politico nacional dizia, "tenha garantido o café de manhã, o almoço meio-dia e o jantar a noite"? O que eu acho que está faltando não é tanto a nossa generosidade, mas sim que ainda não percebemos o quanto pode chegar nosso potencial!

Um amigo me ensinou que se você não tiver um objetivo claro e forte o tempo vai passar, você gastará naquilo que é secundário, e perderá a ocasião de ouro de dar um testemunho à luz do Evangelho.

Mais Ousadia

Haiti é um exemplo concreto. Podem surgir outros projetos. Sem dúvida, estamos fazendo muita coisa na região e pelo Brasil, tais como a ajuda que varias dioceses como a nossa estão dando a Amazônia, em pessoas e em contribuições, mas acredito, e espero que ninguém se ofenda, podemos ser mais ousados. A estatística internacional mostra que o Brasil não está aparecendo entre os mais generosos neste tipo de ajuda direta, quando sabemos, *e eu ti digo*, que o nosso povo é muito, muitíssimo generoso! Dei este testemunho mais de uma vez nos encontros em nossa arquidiocese. O que falta talvez é que devamos ser sempre mais luz e sal dentro do nosso país. O povo vai apoiar maciçamente e faremos com que, na estatística internacional, nosso país apareça no lugar que onde deve estar por sua grandeza. Possuímos uma estrutura institucional como a *Caritas Brasileira*, com sua experiência ampla e com as pessoas preparadas para organizar qualquer iniciativa. Sabemos que a responsabilidade maior é dos governos. Mas nós temos a nossa responsabilidade oriunda do Evangelho. O que humildemente estou chamando atenção não é por uma falta de generosidade, ferindo a virtude da caridade. Longe de mim! Mas chamo a atenção ao fato que talvez não estamos percebendo, deixe-me repetir, que o nosso potencial é enorme, gigantesco e bonito. Só falta sermos mais ousados. Não é por acaso que o Presidente da FAO (*Food and Agricultural Organisation*) é o brasileiro Dr. Graciano da Silva, mentor do projeto Fome Zero no Brasil. Será que este não é um sinal dos tempos?

Quero deixar bem claro que de acordo com o bispo de Jales, o Haiti necessita de bilhões em ajuda humanitária. "A estimativa oficial é de 230 mil mortos em decorrência do terremoto. Somente a Cáritas Brasileira conseguiu arrecadar, aproximadamente, sete milhões e 300 mil reais. O que pode parecer muito é ínfimo em relação ao que o país necessita, pois há escombros até hoje,

quatro meses após o dia do abalo sísmico, intactos", sublinhou.

Já o bispo da diocese haitiana de Le Cais, Dom Guire Ponlard, que está em Brasília para participar do 16º Congresso Eucarístico Nacional e foi convidado pela CNBB, juntamente com o padre haitiano Patrick Ariz, da diocese de Porto Príncipe, a participar da coletiva com a imprensa, destacou a "importante" ajuda que a Igreja brasileira está concedendo ao Haiti.

"A simpatia e o auxílio que o Brasil está proporcionando ao povo haitiano não há dinheiro que pague. Por isso, venho em nome de meu país, agradecer o empenho e as orações dos brasileiros, em especial daqueles que atuam ou atuaram em solo haitiano", frisou Dom Ponlard.

IX Intereclesial das Cebs, São Luís, Maranhão

"Vida e esperança nas Massas"

O intereclesial é uma grande celebração da caminhada, um momento sempre renovador das esperanças das Cebs. Quando chegam, os participantes se dividem para seguirem até as casas das famílias. Nas famílias, o pessoal encontrava irmãs e irmãos caribenhos, indígenas, afro-brasileiros e evangélicos. As pessoas da comunidade que os recebiam soltavam até rojões. Os fogos eram o prenúncio da alegria solidária dos que fazem comunhão. Foram recebidos também com frutas, pois, além de cansados, a fome e a sede não eram só de Justiça!

Assim são as Cebs: um povo cheio de histórias, um povo que faz histórias! Como quem trabalha duro, e precisa dar aquela paradinha que reanima, as Cebs se reencontram a cada Intereclesial.

Eu encontrei em minha papelada um folheto intitulado "IX Intereclesial das Cebs, São Luís/MA – 16 de Julho de 1997", e foi gostoso rele-lo. Nas palavras do assessor Jorge Atilio Silva Iulianelli: "Para quem recebe, é uma experiência inesquecível, que nunca será inteiramente compreendido: o mistério da solidariedade. Vivamos dessa novidade Pascal e Pentecostal da experiência das Cebs, presença do Ressuscitado e do Espírito, motivo de esperança viva na historia. É para isso que estamos aqui, para fazer história. Uma história que é maior que a nossa fraqueza, uma história cheia da alegria do espírito de Deus que sopra onde quer e como quer, uma alegria que se revela no Dom da acolhida."

A LITURGIA

A equipe da Liturgia se preocupou em fazer uma celebração com dimensão ecumênica e macro ecumênica, valorizando especialmente as presenças indígena e africana. Com a finalidade de criar um ambiente de fraternidade e amizade entre os participantes e ressaltar as diversas culturas, teve início a celebração. Representantes do povo indígena, do povo afro-brasileiro, dos evangélicos e o representante da Arquidiocese, na pessoa de Dom Paulo Ponte, foram convidados a contribuir com a celebração ecumênica. A dimensão pascal da celebração foi marcada pelo acendimento da fogueira do círio e das velas no belo rito de luz onde todos os presentes acenderam suas velas.

Lá vem o trem das Cebs fazendo a memória dos Intereclesiais precedentes. E lá os vagões iam se juntando no palco formando o grande e animado trem das Cebs. Entre cantos e salmos fez-se o anúncio do Evangelho em várias idiomas.

Com animação, espirito de fé, partilha e unidade, todos os presentes louvaram ao Senhor pelas maravilhas realizadas no seio das Cebs. De vários lados, do meio da multidão, mulheres trouxeram para o altar os alimentos colhidos da mãe terra, fruto de trabalho e suor de mulheres e homens. Bolos de macaxeira e de mandioca, castanha de caju e castanha do Pará, foram acolhidos com alegria e com cantos, sagrados por bênçãos afro, evangélica, indígena e católica. Era a hora da partilha. O Deus da Vida, o Deus da caminhada, O Deus das Cebs, dos indígenas e de todo povo fez sentir a sua presença nesse momento ecumênico!

COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE

CEB'S NOSSO JEITO DE SER IGREJA

Lá vem o trem das Cebs

Lá vem o trem das Cebs,

Caminhando com seu povo,

Escuta meu amigo,

Venha ver o que há de novo:/

As Cebs estão crescendo,

Se organizando em mutirão,

Conquistando seus direitos,

Lutam contra a exclusão.

Na defesa do pequeno,

Do pobre trabalhador,

Hoje toda a humanidade

Luta contra o opressor.

Como as Cebs têm surgido

Eu explico pra vocês,

Desde a morte de Jesus

O pobre nunca teve vez.

Com o passar do tempo

O povo se organizou

Resgatando sua cultura,

Isto é ceb sim sinhô.

Comunidade é força

Se lutarmos todos juntos

Contra esse tal sistema

Que aflige todo mundo.

Precisamos nos unir,

Acredite meu irmão,

Cebs são povo de Deus

Buscando libertação.

Nosso trem está partindo

Sobre os trilhos de Jesus.

Para o reino dos céus

É que este trem conduz.

Os trilhos são os mandamentos

Da justiça e do amor

Que libertam o oprimido

Das correntes do opressor.

Esse trem é o trem da vida

E não da morte, minha gente.

Vem entrando companheiros

Sem temer os acidentes.

Jesus Cristo é o maquinista,

Dirige com perfeição,

Vem você que esta fora

Para dentro do vagão.

Esse é o trem do povo

Que vive em comunidade,

Procurando construir

Uma nova sociedade.

Com força do espírito

Se reúne todo dia,

E celebra a palavra

E também a eucaristia.

Quem não entra nesse trem

Não sabe o que esta perdendo,

Quem viaja nesse trem,

Está sempre aprendendo.

Com o mestre Jesus Cristo

Cheio de sabedoria,

Nós somos conscientizados

Pra enfrentar o dia a dia.

ORAÇÃO PARA O IX INTERECLESIAL

Santíssima Trindade,

Pai, Filho e Espirito Santo;

Vós sois a melhor comunidade.

Na romaria de fé,

E de irmandade ecumênica

Do 9º Intereclesial das Cebs,

Vindos de todos os cantos do Brasil

E acompanhados por muitos irmãos e irmãs

Da Pátria Grande e do mundo,

Caminhamos para vós.

Numa ciranda de pobres, mas libertos,

Queremos proclamar

Os dons e os desafios do vosso Reino

Em São Luis do Maranhão,

Riba-mar, beira-horizonte;

No Maranhão de hospitalidade e da alegria.

Das grilagens, dos projetos e da mineração;

Terra de babaçu da resistência,

pátria de poetas e de mártires.

Contra os ídolos do lucro e da prepotência,

Queremos ser fermento da vida e da esperança

Nas massas empobrecidas e desnorteadas;

Reanimando a fé e a prática religiosa

Renovando a consciência e a participação políticas,

Reacendendo a coragem da organização popular.

Mulheres e homens, jovens e adultos

Pastores e fieis

Com todas as culturas do nosso povo

No coração, na boca e na dança,

Queremos ser fermento de Evangelho

Na família e no trabalho,

Na luta e na festa

Na igreja e na Sociedade.

Contamos com a presença vitoriosa

De Jesus Ressuscitado

E com a ternura de Maria, a Mãe.

Seja sempre vossa palavra nossa luz, seja nossa mesa a eucaristia,

Seja vosso Reino nossa causa na terra,

Como esperamos será um dia nossa glória no céu.

Amem, Axé, Aleluia

(Dom Pedro Casaldáliga)

A Revista VEJA

E aí entrou a revista Veja! Num artigo "de plantão" de 30 de Julho, logo após a conclusão do Intereclesial, escreveu: "O ecumenismo tem sido outra arma bastante usada para cativar novos adeptos. A oração oficial do encontro de São Luís, escrita pelo bispo Dom Pedro Casaldáliga, era encerrada com três saudações: amém, axé, aleluia! Na cerimônia de abertura, o Arcebispo da cidade, Dom Paulo Andrade Ponte, dividiu o altar coma uma mãe-de-santo, que benzeu os fieis, um pastor evangélico e um índio, que entoou um hino sagrado". E concluiu: "Estamos passando por um momento de transição, explicou Dom Luís Fernandes, bispo de Campina Grande. Vamos responder aos apelos que vêm da nova realidade em que vivemos".

Que a Veja se escandalize pelo fato da oração de Pedro Casaldáliga terminar com as palavras "amem, axé, aleluia (que horror!) não é nenhuma surpresa. A revista é conhecida por sua ignorância em relação ao que é religião, ao que é ecumenismo, ignorância que se estende aos seus posicionamentos contra qualquer documento que vindo, da CNBB, que se refira ao mundo do trabalho e ao problema da terra! Mas a surpresa mesmo foi a controvérsia que surgiu dentro da Igreja no Brasil, com alguns membros dizendo em alta voz que era intolerável e condenável que o que aconteceu em São Luís do Maranhão. Isto sim surpreendeu! Não sei dizer se o tumulto que surgiu era um exemplo de *post hoc propter hoc*, expressão latina utilizada no sentido de que os católicos que se escandalizaram na verdade foram levados a isso a partir da leitura que fizeram na *VEJA*. Seja o que for, estavam errados!

O Papa João Paulo II apresentando os valores que deviam ser trabalhados na proximidade do novo milénio, incluiu o Diálogo (os outros eram Anúncio, Serviço e Testemunho). E não tem como não aceitar que as Cebs, também em sua grande festa, sempre praticaram este Diálogo com as culturas e religiões que existem neste grande país! A CNBB sempre fez um esforço generoso pra praticar Puebla e Medellín! E a espiritualidade das Cebs é fruto desse esforço generoso. E se alguém na época criticou com veemência os Intereclesiais por causa da Teologia da Libertação, quero lembrar ao leitor que o mesmo Papa, numa carta que escreveu aos Bispos do Brasil em abril de 1985, disse que a Teologia da Libertação "é útil e necessária". Claro que ele chamou a nossa atenção pra cuidar de alguns aspectos, mas é só isso que

ele fez. Ele nunca condenou a Teologia da Libertação!

Estes católicos estavam errados sim, como estavam errados aqueles que sempre tomaram uma atitude mais agressiva do que de diálogo, após qualquer Intereclesial. Estou lembrando o tumulto que surgiu contra alguns leigos que participaram no Intereclesial de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, por causa de alguns comentários que fizeram.

Quando de sua reportagem, escrevi à VEJA dizendo que encontrei no Maranhão uma Igreja alegre, consciente, encarnada na vida do povo e no Brasil. Isto é comprovado pelos itens escolhidos pelos blocos de discussão: *catolicismo popular, religiões afro-brasileiras, pentecostalismo, excluídos e movimentos populares, cultura de massas e Jesus e as multidões!* Uma verdadeira espiritualidade característica das Cebs, com a participação de 2359 delegados, 57 bispos, 66 irmãos e irmãs das igrejas Evangélicas, 65 de outros países da América Latina e do Caribe, 53 representantes de 33 povos indígenas, 89 irmãos e irmãs solidários vindo do mundo inteiro! É uma espiritualidade que não tem vergonha do passado nem medo do futuro. Nunca na história da Igreja houve uma espiritualidade tão abrangente e encarnada! Um assessor falou: *"Nós não estamos em competição com ninguém. Nós temos a nossa caminhada".* Nas palavras de Paulo VI e João Paulo II as Cebs constituem *"sementes de esperança",* inclusive dentro da Igreja Católica. Em tempo, os bispos presentes nos lembraram: *"Cabe a nós, como pastores, a responsabilidade de cultivá-las!"*

Concluindo esta parte, um dia estava viajando com o coordenador Estadual do Paraná do MST, Roberto Baggio, e lhe disse que todos deviam aceitar que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra se tratava de um sucesso, pois ajudaram assentar umas duzentos e cinquenta mil famílias pelo Brasil afora! E perguntei como começou toda essa história e onde houve os primeiro encontros das primeiras lideranças. E me deu uma resposta curta e direta: tudo começou em nossos encontros das Cebs.

Um dia, quando senti que a pastoral no Brasil estava se afastando da caminhada das Cebs acreditando que estávamos perdendo as massas – como se isso fosse a Igreja que Jesus quis, ou seja, uma igreja *das* massas e não igreja que como sal e luz se torna vida e esperança *nas* massas – eu escrevi

uma carta num jornal no estrangeiro que "poderia até diminuir o entusiasmo para as Cebs, que isso não importaria muito, pois esta espiritualidade já deu muito ao Brasil, uma vez que foi a fonte do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) que deu dignidade a milhares de famílias, ao ganharem um pedaço de chão".

Pastoral Da Juventude

Logo após os bispos na Conferência Episcopal em Puebla fazerem o exercício metodológico do VER e do JULGAR a realidade da Juventude na América Latina, os participantes fizeram *uma opção preferencial pelos Jovens*, por reconhecerem neles um verdadeiro potencial no presente e no futuro da evangelização.

Ao realizarem esta opção apresentaram as diretrizes orientadoras necessárias para a "tarefa de evangelização e construção da civilização do amor". Assim tivemos uma pastoral da juventude devidamente integrada na pastoral de conjunto diocesana e assim nacional, observando estes critérios:

- sobre Jesus Cristo;

- sobre a Missão da igreja;

- sobre o homem.

A partir de então, foram realizados cursos de formação para as lideranças juvenis, para os assessores religiosos e leigos, desenvolvendo também uma estrutura mínima de organização, capaz de assegurar a unidade. Aos poucos, foi se acreditando cada vez mais no *protagonismo Juvenil,* já fruto do encontro eclesial de São Domingo.

Foi proposta uma ação pastoral que respondia à necessidade de amadurecimento afetivo dos jovens, acompanhando-os em sua formação humana e no crescimento da fé, abrindo espaço para que eles se comprometessem na pastoral da Igreja, e ao mesmo tempo, capacitando-os a conhecer e responder criticamente aos impactos culturais e sociais, ajudando-os a comprometer-se na transformação da sociedade.

Esta mística proposta pela pastoral da juventude é bem diferente de outra espiritualidade individualista que tenha enfoque só na oração e que deixa o mundo e o seu país para lá! Dava pra sentir que a pastoral estava dando certo, estava se aprofundando espiritual e criticamente, evangelizando outros jovens não só na vivência de sua fé, no sentido mais estreito da palavra, mas também no engajamento da tarefa de transformação de si mesmos "*em homens novos e mulheres novas, agentes de construção de uma nova sociedade, guiados pelos critérios evangélicos*".

Em um estudo muito bem elaborado pela Eliane Gonçalves e pelo Marcos Antunes Moleiro da Articulação Diocesana da PJ, em Maringá, quando preocupados com um certo mal estar que a realidade tem provocado na caminhada, foi colocada a pergunta: *onde estamos errando?*

A meu ver, não era questão de estar errando ou não. A caminhada proposta pela Igreja na América Latina e que os jovens estavam tentando viver, era muito desafiadora, e mexeu com o contraditório de uma Igreja até então preocupada em fazer o povo chegar para a Missa e isso já bastava. E desta realidade passamos para uma Pastoral da Juventude que nos pequenos grupos foram introduzidos ao ensino social da igreja, e convidados para se interessar e assumir os grandes problemas discutidas nas romarias da terra, através da *Comissão Pastoral da Terra (CPT)*, e do mundo do trabalho, através da *Pastoral Operária (PO).*

Estas discussões e cursos, era evidente, iam dar o que falar, especialmente em nossas paróquias do interior, que até hoje são consideradas mais conservadoras do que progressistas! Houve erros, claro. Mas no fundo,

lá no fundo, não eram erros, mas consequências de uma visão da Igreja, fruto da caminhada iniciada no Vaticano II, e que encontrou muitas dificuldades de mentalidade, de cultura, de preconceitos – justificados ou não!

E os jovens gostaram desses grandes nomes que surgiram na época: os irmãos Lorchraiders, Dom Helder Câmara, Dom Perez (conhecido como Dom Zumbi), Dom Casaldáliga, Cardeal Arns, os Mártires da América Latina, bem como de tantos políticos e movimentos sociais que surgiram pelo Brasil afora após o fim da ditadura militar. Eu sempre digo que, se vai falar de erros, os jovens tem o direito de errar! Somos nós, os velhos, que não podemos errar mais – porque já erramos em nossa juventude e tivemos a oportunidade de aprender!

Enfim, gostaria passar à nossa juventude, em quem acredito firmemente, aquilo que o meu diretor espiritual nos dizia quando era ainda seminarista: que *se Deus vai nos condenar, ele vai nos condenar não por aquilo que fizemos de errado, mas por aquilo que poderíamos ter feito e deixamos de fazer.* Pense bem!

Conheço jovens que ao passaram pela pastoral da juventude, fizeram bom trabalho, inclusive em cargos eletivos. Por causa de circunstâncias adversas acabaram sofrendo até derrotas. Que eles saibam que por causa da semente boa que plantaram, na hora que menos esperarem, a sociedade colherá o bom fruto de seu trabalho. Certamente eles ficarão para a história como os políticos que foram diferentes dos demais corruptos.

O Fórum Permanente Pela Inclusão Social

Na ocasião do Dia da Pátria, sete de setembro, batizado pelos movimentos sociais como O Grito dos Excluídos, em nossa cidade instituímos *"O Fórum Permanente Pela Inclusão Social"*, em parceria com os agentes de pastoral politicamente conscientes.

Naquele momento, as autoridades municipais consideraram que 26% dos cidadãos de Sarandi eram excluídos. O objetivo do *Fórum* era ter na cidade um *"tanque que pensa",* e surgiram várias ideias, entre elas, a necessidade de cursos de alfabetização e profissionalização, que ajudariam o pessoal a enfrentar o problema crônico do desemprego. *O Fórum* ajudou tirar todo preconceito contra a Pastoral da Terra (CPT) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e não deixou a população cair vítima da campanha de criminalização, instalada pelos meios de comunicação no Estado (no governo Jaime Lerner) e nacionalmente pelos notórios meios de comunicação! *Entre as iniciativas bonitas que frutificaram dessa conscientização foi a contestação, com bom êxito, da privatização da água!*

Posso dizer que teve um êxito na conscientização da cidade. Conseguimos levar várias famílias pra integrar o Movimento Sem Terra, primeiramente acampando em Tamarana que fica próxima de Londrina, e depois para Querência do Norte, uma distância de uns 400 quilômetros de um extremo a outro. O apoio do Pe Obelino, na época pároco da N.S das Graças (eu era pároco da Paróquia Santa Terezinha), era fundamental, pois assim as duas paróquias eram unidas na luta para a reforma agrária. Para citar um fato, um dia uma família de sua paróquia acampada em Tamarana, perdeu uma filha de treze anos num acidente. Pe Obelino foi rápido a Tamarana, distante 120 quilômetros aproximadamente, para dar à família toda a ajuda que precisava, ficando com eles por alguns dias, levando eles para onde precisavam. Senti-me seguro com Pe Obelino acompanhando também a caminhada. Assim unimos o Município.

Para divertir.

A paróquia tinha uma Kombi que nos serviu muito bem no transporte de materiais de construção. Havia um certo Luiz, pessoa bem chegada na caminhada, que era o nosso pedreiro no momento. Em um Domingo, um

grupo de camponeses precisa voltar para Tamarana. Luiz, sempre prestativo, aceitou levar o grupo com a Kombi. Na Missa da noite daquele mesmo dia, sua esposa chamou minha atenção dizendo que o Luiz ainda não tinha chegado. Eu respondi que não precisava ficar preocupada porque Tamarana não era tão perto assim de Sarandi e o acampamento ficava ainda mais uns 20 quilômetros mais para frente! O nosso povo é paciente e a esposa aceitou a explicação. Mas assim que entrei em casa, o telefone tocou! Era o próprio Luiz pedindo que eu informasse a Santina, sua esposa, de que ele dormiria por lá mesmo, uma vez que a Kombi pifou no meio da fazenda. E parecia que era sério o problema: ao mesmo tempo havia dado problema na parte elétrica, a Kombi ficou sem diesel e um pneu, ou dois, murcharam!

Eu disse a ele: "de jeito nenhum, eu irei aí com o nosso chevete". Informei a Santina, procurei um colega meu para me acompanhar e, não o encontrando, mesmo sozinho, eu cavaleiro, me mandei em viagem.

Nesta hora já estava escuro. Chegando em Londrina parei pra abastecer o carro. Saindo do Posto, o frentista me chamou porque percebeu que um pneu da frente era murcho. Ele prestativo, como todos os frentistas são, trocou o pneu pra mim, lhe dei uma gorjeta e me mandei para última parte e a mais difícil da viagem. Já eram dez da noite.

Eu não sou um motorista oriundo das estradas brasileiras. Eu tirei a minha carteira de motorista numa ilha onde de ponta a ponta não excede 25 quilômetros. Eu nunca dirigi nestas distâncias! Mas com fé em Deus e convicto de que Ele apoia a causa que eu estava apoiando, andei e andei, até que de repente vi uma placa dizendo "Ourinhos – 5 quilômetros"! Sabendo que Ourinhos fica no Estado de São Paulo me assustei! Já era uma hora da madrugada! E agora! Haja paciência, pensei, e fortalecido pela minha fé e na companhia de Senhora dos Itinerantes, consegui virar para retornar, não sem perigo!

O que poderia ter acontecido é que numa pista como aquela provavelmente deveria ter uma só placa indicando a entrada para Tamarana! E provavelmente eu estava indo colado atrás algumas carretas e perdi a indicação da entrada. Queria perguntar a alguém, mas naquele horário nenhuma pessoa viva! Com fé em Deus e dialogando com a Nossa Senhora (acho que ela já deveria ter passado uma experiência semelhante na fuga para o Egito), e sem dúvida nenhuma ela deveria ter ido com São Jose lá no céu onde eles estão, pra cuidar desse condutor!

Passando uma hora e lá estava a placa tão esperada indicando Tamarana! E logo mais cheguei até o acampamento: todos dormindo, menos fora de uns dois sem terras que faziam de guarda! Me identifiquei, era fácil, bastante conhecido, e foi chamar Luiz que já tinha desistido que alguém vai buscar – alias em quatro cinco horas de Sarandi você chega em Curitiba não Tamarana! Nunca ele ia pensar que eu cheguei em Ourinhos! Logo nós pegamos a estrada para Sarandi juntos com mais quatro sem terras vieram tirando sarro de mim durante toda a viagem! Num modo carinhoso, é claro!

Via Sacra

A reza da Via Sacra durante a Quaresma, inspirada pela Campanha da Fraternidade de cada ano, confirma que a mística das Cebs é uma mística originalmente aqui no Brasil. O leitor, que conhece a Via Sacra como é rezada nos países europeus, da mesma forma como era rezada também no Brasil antes de Medellín e Puebla, entende bem o que quero dizer. Nos países ocidentais, a Via Sacra sempre era concentrada no sofrimento de Jesus. Nada errado. Mas a mística das Cebs nos levou a meditar partindo do sofrimento de Jesus, lembrando do sofrimento que ainda existe no Corpo Místico de Jesus, que é o povo de

Deus peregrino nesta terra!

Enquanto escrevo, tenho nas mãos o livrinho da Campanha da Fraternidade de 1996, cujo tema era Justiça e Paz Se Abraçarão! Vou dar alguns exemplos da reflexão sugerida em algumas Estações da Via Sacra.

1ª Estação: Jesus é condenado á morte!

Reflexão: Jesus é submetido a um processo injusto de juízes complacentes com a injustiça e a opressão, que condenam a morte um inocente. Jesus sente a sua alma esmagada pela mentira, pela injuria e pela arbitrariedade.

Muitos lavradores, operários, crianças, religiosos, indígenas, mulheres e jovens abraçaram a sua cruz para seguir Jesus, anunciando a Boa Nova do Reino de Deus e sua Justiça, dando até a própria vida.

Senhor, fazei de nosso coração de pedra, um coração sensível ás injustiças praticada contra os mais fracos, os mais pobres e os mais desprotegidos.

2ª Estação: Jesus carrega sua cruz!

Reflexão

A CF nos convida a meditar sobre a pesada cruz colocada sobre os ombros da população. Massas inteiras vivem solitárias nas grandes cidades, mas "coroadas" de ilusões e caminhando sobre ruas feitas de pedras acumuladas pela injustiça sofrida no dia-a-dia. O peso dessa cruz sempre esteve nos ombros dos brasileiros.

Senhor vós que carregastes os pecados de todos nós, ajuda-nos a carregar as dores de nossos irmãos sobre os quais pesam "estruturas da morte" criadas pelas injustiças!

3º Estação: Jesus cai pela primeira vez

Com o crescimento das cidades, os números da pobreza também cresceram. Com as novas regras internas e externas do mercado, a renda nacional ficou menos distribuída, especialmente entre os pobres. O que tornou mais pesado a sua cruz e mais difícil a luta pela sua subsistência.

Senhor que vosso amor e misericórdia alivie o peso de vosso povo que, apesar de todas as cruzes acredita nas vossas promessas.

4º Estação; Jesus encontra com sua mãe.

Reflexão: O modelo econômico de corte neoliberal está tornando difícil a vida de todos os brasileiros, desfigurando as suas faces... Maria vive em todas as Marias que não conseguem mais encontrar seus filhos a não ser como vítimas de um pesadelo que não tem fim. O encontro de Jesus com sua mãe faz ressurgir a paz e a esperança quase perdidas.

Senhor, fazei que nossos cristãos leigos, alicerçados na fé, assumam a dimensão politica de sua fé na defesa da vida sendo um sinal de esperança no mundo. Ensina-nos a ver no rosto do outro o vosso rosto, assim como nos vistes na pessoa do João, no rosto de Maria que nos destes por mãe.

5º Estação: Simão Cirineu ajuda Jesus a carregar a cruz.

Reflexão: Temendo que Jesus morresse antes da crucificação, obrigaram um lavrador a carregar sua cruz. Mesmo na miséria, o povo sabe ser solidário quando está em jogo a vida. Nessa hora ninguém vê religião, raça, idade ou

partido. Só o egoísta, o indiferente, o explorador, os que abusam do poder, não conseguem se juntar sem levar vantagem. Representados no Cirineu, estão todos os excluídos que na solidariedade, optaram por defender a vida, mesmo quando ela se torna muito dura e quase impossível.

E assim vai: contemplando a Veronica enxugando o rosto de Jesus, contemplamos os resultados nefastos que a luta pelo poder tem causado nos rostos vitimados de nossos irmãos; contemplando Jesus consolando as mulheres de Jerusalém, somos lembrados da fé e fortaleza das nossas mães que nunca desanimam diante das tribulações, e rezamos pare que as lágrimas de suas faces reguem a terra onde justiça e paz se abraçarão; contemplando Jesus despojado das suas vestes, somos lembrados que quando se trata de violência contra direitos de homens e mulheres, as consequências são irreparáveis, como quando uma arvore que se desfolha por folha, galho por galho até chegar na selva do tronco; e quando contemplamos Jesus pregado na cruz, somos convidados pra iniciar uma sociedade nova, fundada nos valores da comunhão e participação da justiça e da paz na qual a riqueza não seja conseguida á custa da miséria que leva a morte lenta de crianças, mulheres e os mais desprotegidos; e em frente de Jesus morto na cruz, considerado como o martírio de Jesus que foi o sinal mais claro da manifestação do amor do Pai, somos convidados para que nós também promovamos a solidariedade entre os partes, nos convidando para que nas situações de maior desespero, criadas pela injustiça, é Jesus que nos salva das tempestades da vida; enfim, contemplando Jesus ressuscitado somos lembrados que a ressureição de Jesus é a vitória sobre a morte e todas ameaças contra a vida, que é mais forte do que a morte e do pecado de todos nós! Que a Paixão e Morte de Jesus não foram em vão! Sua Ressurreição nos devolveu a certeza que a "Justiça e a Paz se Abraçarão" a começar de hoje.

Canto Das Cebs

A Letra dos Hinos....

A letra, o texto dos hinos que cantamos, pensando bem, também é original e diferente dos hinos tradicionais com os quais estávamos acostumados cantar. Nunca na liturgia nós cantamos hinos tão inculturados na vida do povo sem perder o aspecto divino - ao contrário. Esta é, também, uma "revolução" que esta mística introduziu na liturgia.

Um amigo meu vindo da minha terra natal, bem estudado e intelectual, quando eu expliquei o que estávamos cantando se assustou - literalmente. Queria pensar mais e se consultar antes de aceitar que por ai deve ser a liturgia. A mística das Cebs era bem original dentro da igreja universal!!!

Nossa novena

: Nossa <u>novena*</u> será abençoada/

pois o Senhor vai derramar o seu amor/:

: Derrama Senhor, derrama Senhor/

Derrama sobre nós o teu amor.:

Ps: *em lugar de "novena" pode-se acrescentar outros momentos da vida comunitária e do povo.

O povo de Deus

O povo de Deus no deserto andava,* mas à sua frente alguém caminhava. * O povo de Deus era rico de nada, * só tinha esperança e o pó da estrada. * /:Também sou teu povo, Senhor, * e estou nessa estrada. * Somente a tua graça * me basta e mais nada.:/

O povo de Deus, também, vacilava, * às vezes, custava a crer no Amor. * O povo de Deus chorando rezava, * pedia perdão e recomeçava. * /:Também sou teu povo, Senhor, * e estou nessa estrada, * perdoa, se, às vezes, * não creio em mais nada.:/

O povo de Deus também teve fome * e tu lhe mandaste o pão lá do céu. * O povo de Deus, cantando deu graças, * provou teu amor, * teu amor que não passa. * /:Também sou teu povo, Senhor, * e estou nessa estrada, * tu és o alimento * na longa jornada.:/

O povo de Deus ao longe avistou * a terra querida que o amor preparou. * O povo de Deus sorria e cantava * e nos seus louvores, * teu poder proclamava. * /:Também sou teu povo, Senhor, * e estou nessa estrada. * Cada dia mais perto * da terra esperada.:/

Gente nova – Zé Vicente

Somos gente nova vivendo a união, * somos povo semente de nova nação, ê, ê! * Somos gente nova vivendo o amor, * somos comunidade, povo do Senhor, ê, ê!

Vou convidar meus irmãos trabalhadores: * operários, lavradores, biscateiros e outros mais. * E juntos vamos celebrar a confiança * nossa luta na esperança de ter terra, pão e paz. Ê, ê!

Vou convidar Conceição e Ana Maria, * a mulher que, noite e dia, luta e faz nascer o amor. * E reunidos no altar da liberdade * vamos cantar a verdade, vamos pisar sobre a dor. Ê, ê!

Vou convidar criançada e juventude, * tocadores me ajudem, vamos cantar por aí. * O nosso canto vai encher todo o país. * Velho vai dançar feliz, quem chorou vai ter que rir. Ê, ê!

Desempregados, pescadores desprezados * e os marginalizados, venham todos se ajuntar * à nossa marcha para a nova sociedade. * Quem nos ama de verdade, pode vir, tem um lugar. Ê, ê!

Seu nome é Jesus Cristo

Seu nome é Jesus Cristo e passa fome * e grita pela boca dos famintos * e a gente quando o vê passa adiante, * às vezes pra chegar depressa à igreja. * Seu nome é Jesus Cristo, e está sem casa * e dorme pelas beiras das calçadas * e a gente quando o vê apressa o passo * e diz que ele dormiu embriagado.

/:Entre nós está * e não o conhecemos, * entre nós está * e nós o desprezamos.:/

Seu nome é Jesus Cristo, e está doente * e vive atrás das grades da cadeia. * E nós tão raramente vamos vê-lo. * Sabemos que ele é um marginal. * Seu nome é Jesus Cristo, e anda sedento * por um mundo de amor e de justiça, * mas logo que contesta pela paz * a ordem o obriga a ser de guerra.

Seu nome é Jesus Cristo e é analfabeto * e vive mendigando um subemprego. * E a gente quando vê diz: *é um à-toa, * melhor que trabalhasse e não pedisse.* * Seu nome é Jesus Cristo e está banido * das rodas sociais e das Igrejas, * porque dele fizeram um rei potente, * enquanto que ele vive como um pobre.

Seu nome é Jesus Cristo, e é difamado, * e vive nos imundos meretrícios. * Mas muitos o expulsam da cidade, * com medo de estender a mão a ele. * Seu nome é Jesus Cristo, e é todo homem * que vive neste mundo ou quer viver, * pois pra ele não existem mais fronteiras; * só quer fazer de nós todos irmãos.

Importa viver Senhor – Fr Turra

Na mesa sagrada se faz unidade, * no pão que alimenta, que é pão do Senhor; * formamos família na fraternidade, * não há diferença de raça e de cor.

/:Importa viver, Senhor, unidos no amor, * na participação, vivendo em comunhão.:/

Chegar junto à mesa é comprometer-se, * é a Deus converter-se com sinceridade. * O grito dos fracos devemos ouvir * e em nome de Cristo amar e servir.

Enquanto na terra o pão for partido, * o homem nutrido se transformará,

* vivendo a esperança num mundo melhor. * Com Cristo lutando, o amor vencerá.

Se participamos da Eucaristia * é grande a alegria que Deus oferece. * Porém não podemos deixar esquecida * a dor, nesta vida, que o pobre padece.

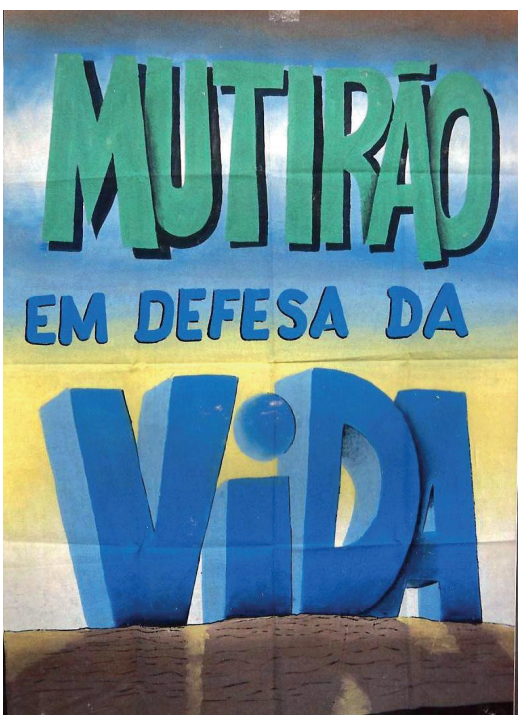
Assim, comungando da única vida, * a morte vencida será nossa sorte. * Se unidos buscarmos a libertação * teremos com Cristo a ressurreição.

Pão em todas as mesas – Zé Vicente

A mesa tão grande e vazia de amor e de paz, de paz! * E onde há luxo de alguns, alegria não há, jamais. * A mesa da Eucaristia nos quer ensinar, á, á, * que a ordem de Deus, nosso Pai, é o pão partilhar.

Pão em todas as mesas, * da Páscoa nova a certeza: * /:a festa haverá * e o povo a cantar, aleluia!:/

As forças da morte: a injustiça e a ganância de ter, de ter, * agindo naqueles que impedem ao pobre viver, viver, * sem terra, trabalho e comida, a vida não há, não há. * Quem deixa assim e não age, a festa não vai celebrar.



Irmãos, companheiros na luta, vamos dar as mãos, as mãos, * na grande corrente do amor, na feliz comunhão, irmãos; * unindo a peleja e a certeza vamos construir, aqui * na terra, o projeto de Deus; todo o povo a sorrir!

Bendito o ressuscitado, Jesus vencedor, ô, ô. * No pão partilhado, a presença ele nos deixou, deixou. * Bendita é a vida nascida de quem se arriscou, ô, ô, * na luta pra ver triunfar neste mundo o amor.

O Profeta

Antes que te formasses dentro do

seio de tua mãe, * antes que tu nascesses te conhecia e te consagrei. * Para ser meu profeta entre as nações eu te escolhi, * irás onde enviar-te e o que te mando proclamarás.

Tenho que gritar, tenho que arriscar, * ai de mim se não o faço! * Como escapar de ti, como calar, * se tua voz arde em meu peito?

Tenho que andar, tenho que lutar, * ai de mim se não o faço! * Como escapar de ti, como calar, * se tua voz arde em meu peito?

Não temas arriscar-te porque contigo eu estarei. * Não temas anunciar-me, em tua boca eu falarei. * Entrego-te o meu povo, vai arrancar e demolir. * Para edificares, destruirás e plantarás.

Deixa os teus irmãos, deixa teu pai e tua mãe, * deixa a tua casa, porque a terra gritando está. * Nada tragas contigo pois a teu lado eu estarei; * é hora de lutar, porque meu povo sofrendo está.

Mãe do Céu Morena – Pe Zezinho.

Mãe do Céu morena, Senhora da América latina
De olhar e caridade tão divina, de cor igual a cor de tantas raças

Virgem tão serena, Senhora destes povos tão sofridos
Patrona dos pequenos e oprimidos, derrama sobre nós as tuas graças

Derrama sobre os jovens tua luz, aos pobres vem mostrar o teu Jesus
Ao mundo inteiro traz o teu amor de mãe

Ensina quem tem tudo a partilhar, Ensina quem tem pouco a não cansar
E faz o nosso povo caminhar em paz

Derrama a esperança sobre nós, Ensina o povo a não calar a voz
Desperta o coração de quem não acordou

Ensina que a justiça é condição de construir um mundo mais irmão
E faz o nosso povo conhecer Jesus.

SEGUNDA PARTE
PENSADORES DA CAMINHADA

Iniciamos a apresentação de uma parte do pensamento de tantos teólogos e teólogas que se preocuparam em desenvolver a eclesiologia que o Vaticano II e Medellín indicaram. Como sabemos, a produção desses autores é enorme. Espero que estas entrevistas e artigos selecionados diminuam as saudades daqueles que já os conhecem e criem nos demais o desejo de conhecê-los, mais e melhor.

A mística das Cebs é latino-americana. Nos textos encontraremos posicionamentos e opiniões diferentes entre os autores. Todos escrevem com liberdade. Mas há algo em comum entre todos: o toque latino-americano.

1. GUSTAVO GUTIÉRREZ

Gigante da Teologia

Ele é um dos pais da Teologia da Libertação e, por isso, esteve por muito tempo na mira do Vaticano. Agora que Gustavo Gutiérrez foi recebido pelo Papa Francisco e a sua obra foi reavaliada, ele traça um balanço sereno do passado e delineia os desafios do futuro.

Vendo-o tão pequeno e enfraquecido, caminhando aos tropeços, apoiado em uma bengala nos claustros do *Seminário Arquidiocesano de Seveso, na província de Milão*, é difícil pensar que o padre *Gustavo Gutiérrez* está na origem causa de um movimento teológico que, ao longo das últimas quatro décadas, motivou a participação de milhares de cristãos nas lutas pela justiça social, perturbou o sono dos poderosos (a ponto de merecer estudos de centros conservadores dos *Estados Unidos* e conferências especiais dos

exércitos de todo o continente americano) e provocou polêmicas na própria instituição eclesiástica, principalmente pela sua suposta dependência do marxismo. Mas quando esse padre de 85 anos abre a boca, logo se entende que nos encontramos diante de um «gigante» do pensamento cristão.

A reportagem é *de Mauro Castagnaro*, publicada na revista mensal italiana **Jesus**, de outubro de 2013. A tradução é de *Moisés Sbardelotto*.

O "pai" da *Teologia da Libertação* veio à Itália para participar do *23º Congresso Nacional da Associação Teológica Italiana (ATI) e apresentar, com o arcebispo Gerhard Ludwig Müller, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, no Festival de Literatura de Mântua, o livro escrito a quatro mãos intitulado Dalla parte dei poveri [Do lado dos pobres].*

Justamente esse diálogo com *Dom Müller* e o encontro posterior, no dia 12 de setembro, com o *Papa Francisco em Santa Marta,* foram definidos como eventos «históricos», porque nas décadas passadas, ao invés, o órgão da *Cúria Romana* encarregado de vigiar a ortodoxia não tinha mostrado muita compreensão com relação aos teólogos da libertação, emitindo em 1984 e em 1986 duas Instruções, em geral bastante críticas, e censurando de várias formas e medidas alguns autores, como os *brasileiros Leonardo Boff e Ivone Gebara, ou o espanhol naturalizado salvadorenho Jon Sobrino.*

É a partir do tema da amizade que começa a longa conversa do *padre Gutiérrez com Dom Müller* na revista *"Jesus":*

"Eu o conheci em 1988", explica ele, "quando o padre *Josef Sayer*, à época missionário em Lima e, depois, diretor até o ano passado da Misereor (a agência da Conferência Episcopal Alemã que lida com a cooperação para o desenvolvimento), convidou um grupo de professores alemães para um seminário ao qual me pediu para participar. O *professor Müller*, que ensinava teologia dogmática em Munique, no fim do encontro, me disse que a discussão lhe havia lembrado a importância da prática, razão pela qual me propôs vir periodicamente ao Peru para dar uma mão como professor. Durante 15 anos, ele sempre passou de três a quatro semanas das suas férias anuais ensinando no seminário de Cuzco, cujos alunos eram índios com uma escolarização muito baixa, e dedicando os fins de semana ao trabalho

pastoral nas áreas rurais. Eu não vi muitos professores europeus passarem as suas férias assim! Naturalmente, quando ele se tornou bispo, ele só pôde voltar ao Peru apenas por períodos mais breves. Ao longo dos anos, a nossa amizade cresceu. Em suma, eu penso que ele é uma pessoa intelectualmente muito aberta que teve a simplicidade e a coragem de dizer que a perspectiva libertadora mudou o seu modo de conceber a teologia".

Eis a entrevista.

O senhor acredita que a avaliação positiva de Dom Muller se limite aos seus escritos ou também se estende à Teologia da Libertação como um todo?

Gustavo Gutiérrez Eu nunca lhe perguntei, e, com efeito, quando ele fala da teologia da libertação, ele logo me cita. Mas eu posso imaginar, sem me equivocar muito, que a sua avaliação não diga respeito apenas à minha reflexão, porque as posições de nós, teólogos da libertação, são essencialmente as mesmas, e eu nunca o ouvi criticar outro autor.

A Teologia da Libertação tentou reler a mensagem evangélica e a reflexão cristã "a partir do pobre". Nas últimas décadas, a partir do seu tronco,

nasceram filões teológicos que tentam fazer o mesmo, mas "a partir da mulher", "a partir do índio", "a partir do homossexual" etc... O que o senhor pensa?

Gustavo Gutiérrez Sempre me pareceu importante dispor de uma noção global, que para mim era a de «insignificante», porque é possível ser insignificante por falta de dinheiro, mas também pela cor da pele ou pelo fato de falar mal a língua Dominante em um país, como ocorre no Peru para a metade indígena da população. Quando eu falo dos «pobres», portanto, eu não me refiro apenas àqueles que têm uma renda baixa, mas também «a quem não conta, não tem peso social», quem é marginalizado ou esquecido.

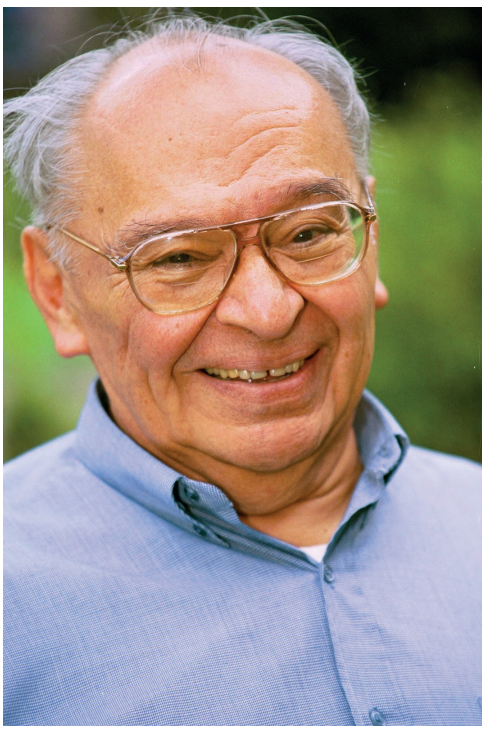
Já no livro Teologia da Libertação, eu falava também de etnias e culturas desprezadas, além, sobretudo a partir de 1975, da mulher, tanto que o documento final da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Puebla, no México, em 1979, retomou um texto meu que fala dela como "duplamente oprimida, enquanto pobre e enquanto mulher". Eu não aprofundei muito essa reflexão, porque sobretudo as teólogas fizeram isso, e não era necessário repetir o que elas dizem. *A teologia feminista deriva da experiência da mulher, e isso me parece importante, me interessa muito. Mas não é uma teologia só para as mulheres, porque ela tem uma dimensão universal.*

O Frei Betto frequentemente enfatiza que, na última década, na América Latina, subiram ao governo líderes ligados idealmente à "opção pelos pobres" e à Teologia da Libertação. Como o senhor avalia essa referência?

Eu desconfio muito dessas identificações. Certamente, o presidente do Equador, *Rafael Correa*, tem uma educação cristã, tendo estudado em Louvain com o padre François Houtart, conheceu o nosso mundo e fez referência a ele. Ao mesmo tempo, é um economista com as suas ideias. E o chefe de Estado de El Salvador, *Mauricio Funes*, mencionou muitas vezes *Dom Romero,* que, além disso, é um símbolo para todo o país. Os líderes políticos têm todo o direito de citar essas referências, porque isso significa que, para eles, são significativos, e isso me alegra.

A Igreja – eu falo da Igreja, porque as ideias que se atribuem à Teologia da

Libertação também estão presentes nos documentos do episcopado latino-americano – motivou, embora não sozinha, o interesse pela política pelos pobres, a justiça, os direitos humanos, e muitas pessoas se identificaram com a teologia da libertação, mas ela não é um clube ou um partido político no qual nos inscrevemos! Por isso, eu não acho que se possa dizer que um presidente da República esteja ligado a ela. Eu não tenho dúvidas – e isso me agrada – que a Igreja latino-americana nos últimos 40 anos influenciou muito a sociedade.



E, por outro lado, quanta repressão por parte dos governos foi motivada na luta contra a teologia da libertação! Portanto, ela está presente no ambiente político, para melhor ou para pior, mas há outros fatores que influem. Muitos anos atrás, um jornalista de Barcelona me pediu uma opinião sobre a revolução sandinista que tinha triunfado na Nicarágua, definindo-a de "obra de pessoas ligadas à Teologia da Libertação". Eu objetei dizendo que eu pensava que havia elementos mais importantes da teologia da libertação: se na Nicarágua houve uma revolução, isso se deve, acima de tudo, à violência e à injustiça da ditadura dos *Somoza.* Não devemos perder o senso de proporção! A Teologia da Libertação certamente motivou muitas pessoas, mas não se pode atribuir a ela todas as ações. Eu me alegro que ela tenha uma influência: faz-se teologia para mudar este mundo! Mas não é verdade que a América Latina mudou por seu mérito.

Há algum tempo o senhor está trabalhando sobre a questão do pluralismo religioso. Qual é a sua posição a respeito?

Gustavo Gutiérrez É um tema muito importante, sobre o qual eu estou refletindo há anos. Eu participei de vários encontros sobre o diálogo inter-religioso, mas nunca vi representantes das religiões animistas africanas, tão difundidas naquele continente, ou das indígenas da Amazônia, mas somente das "grandes religiões mundiais", ou seja, o Islã, o xintoísmo, o hinduísmo, o judaísmo, que tem relativamente poucos adeptos, mas é muito importante etc. Parece-me que isso não está certo se queremos construir uma hipótese científica sobre as religiões que seja convincente. O diálogo inter-religioso é muito interessante, mas para participar dele basta ter respeito pelos outros.

O problema real diz respeito à teologia das religiões, e se trata do estatuto de *Cristo* como salvador único e universal. Desagrada-me dizê-lo, mas eu penso que nenhuma teoria até agora elaborada pela comunidade teológica é satisfatória, e chama-me a atenção que *Paul Knitter*, que eu conheço bem e tem refletido e escrito sobre isso muito mais do que eu, no seu último livro, diz mais ou menos o mesmo, isto é, que o que produzimos até agora ainda são aproximações, e as hipóteses atuais só desfizeram um pouco a névoa.

Em particular, a *tripartição "exclusivismo – inclusivismo – pluralismo",* que até foi útil em um certo momento, me parece superada, até porque as posições existentes entre os teólogos não podem mais ser remetidas a essas três categorias. É preciso ter a modéstia de admitir que devemos aprofundar ainda o tema no plano teológico, o que, contudo, não é condição prévia para o diálogo com as outras religiões, indispensável para nos conhecermos. Sobre tudo isso eu também falei com o padre *Jacques Dupuis,* eu vi sofrer por causa das incompreensões por parte da Igreja. Dupuis morreu triste, depois de ter sido tratado muito mal...

Maltratado como o senhor...

Gustavo Gutiérrez Sim, eu também, em um certo momento. Mas depois aprendi que não é preciso perder o senso de humor, uma virtude que ajuda a não nos sentirmos o centro do mundo ou um exilado perene, a não nos levarmos muito a sério, e que impede que nos amarguremos. Eu gosto muito de rir e acredito que isso me ajudou nos momentos difíceis. É preciso seguir em frente, sem se sentir indispensável: até porque a reflexão teológica teria continuado mesmo sem mim. No entanto, eu nunca fui objeto de um processo,

mas sim de um diálogo, mesmo que eu tenha tomado conhecimento dele quando ele já tinha iniciado!

Com que espírito o senhor viveu aqueles momentos em que percebia a desconfiança da hierarquia contra o senhor?

Gustavo Gutiérrez É desagradável ouvir que você é definido como «alguém que se infiltrou na Igreja para destruí-la». Que alguém diga que não está de acordo é normal, mas aquela acusação era maluca! A controvérsia, além disso, tinha uma forte dimensão midiática no Peru; nela se envolviam bispos e personalidades políticas. Eu dialoguei muito, não convenci ninguém das minhas posições, mas talvez eles perceberam que aquilo que acreditavam sobre mim não era verdade. Em Roma, onde são mais cultos, eles entenderam mais e me perguntaram sobre o marxismo só na primeira vez. Depois se concentraram em questões mais propriamente teológicas.

Foi um caso que durou diversos anos, até que, em 2004, o cardeal *Joseph Ratzinger*, então prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, escreveu um breve texto para dizer que o diálogo tinha concluído de modo satisfatório: não tinham encontrado nada de errôneo. Foi um mau momento, não só para a relação com Roma, mas também para a situação no Peru. Mas eu sou teimoso e constantemente busquei que me explicassem o mérito das críticas, porque isso também serve para os outros, em vez de me submeter sem discutir ou então romper o diálogo.

A eleição do Papa Francisco e o seu desejo de "uma Igreja pobre para os pobres" levou muitos a falar de "revanche" da Teologia da Libertação. O que o senhor pensa? E quais seriam os desafios diante do novo Papa em sua opinião?

Gustavo Gutiérrez O Papa ama os pobres porque leu o Evangelho e o compreendeu. Pode até ser que ele conheça a teologia da libertação e, se ela o ajudou a aproveitar essa importante perspectiva cristã, melhor! Mas o desafio dos pobres está há muito tempo presente no horizonte da Igreja, senão não se entenderia o martírio que temos experimentado na América Latina, começando por bispos como *Enrique Angelelli, na Argentina, Óscar Romero, em El Salvador, e Juan Gerardi, na Guatemala.* Construir essa

«Igreja pobre para os pobres" é uma grande aposta.

E que consequências ela tem?

Gustavo Gutiérrez Dizer que a pobreza é um grande desafio para a Igreja implica em fazer mudanças. Por exemplo, deve-se afirmar com maior força em cada país a necessidade de que as necessidades dos pobres sejam a principal preocupação política, mesmo que sem propor programas concretos, porque isso cabe à sociedade civil e política. E o problema da pobreza não se reduz ao aspecto econômico, mas envolve, por exemplo, a diversidade cultural, como é evidente no Peru, onde a maioria da população tem raízes indígenas. As situações variam de país para país, e as propostas devem ser muito concretas. Estou convencido de que assumir a perspectiva dos últimos muda o comportamento dos cristãos. *Sempre se fala da América Latina* como de um «continente católico», mas essa imensa pobreza põe dúvida que ela o seja realmente, porque a nossa fé não se reduz a cumprir algumas obrigações religiosas, que têm pouco sentido se não são acompanhadas pela luta pela justiça. Todos os cristãos deveriam compartilhar o compromisso com a dignidade das pessoas, com os direitos humanos.

2. D. ALOÍSIO LORSCHEIDER UM PERFIL.

Entrevista especial com Pe Mário de França Miranda

Uma das mais importantes figuras da Igreja Católica brasileira é Dom Aloísio Lorscheider. Nascido em Estrela, município do interior do Rio Grande do Sul, em 1924, Dom Aloísio entrou, aos nove anos, para o Seminário de Taquari (RS). Foi ordenado sacerdote em 1948 e em 1962 foi nomeado Bispo de Santo Ângelo (RS) pelo Papa João XXIII. Com apenas 50 anos tornou-se o primeiro brasileiro eclesiástico candidato a Papa. É um homem conhecido por sua energia em relação às mazelas sociais do país, pois esteve sempre à frente da luta pelos direitos humanos. Durante a ditadura militar, lutou pela democratização do Brasil e pela Reforma Agrária. Em 1995, foi nomeado arcebispo da Aparecida do Norte.

Uma das pessoas que conviveu com Dom Aloísio foi o Padre Mário de França Miranda, que concedeu uma entrevista, por e-mail, à IHU On-Line. Durante a conversa, Pe Mário fala sobre sua amizade com Dom Aloísio, da convivência, do papel que Dom Aloísio representa para a Igreja e sobre as lutas que fizeram.

Mário de França Miranda, padre jesuíta, é graduado em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira. É mestre em Teologia, pela Faculdade de Teologia da Universidade de Innsbruck, na Áustria, e doutor, na mesma área, pela Universidade Gregoriana, na Itália. Atualmente, é professor de teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC - Rio.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Pe Mário, o senhor conviveu com Dom Aloísio por muito tempo de forma muito próxima. Para homenagear Dom Aloísio, que é tão importante para o Brasil, gostaríamos que falasse dessa amizade e proximidade.

Pe Mário de França Miranda - Conheci Dom Aloísio por ocasião do Sínodo da Igreja Católica sobre a Penitência no ano de 1983. Convivemos um mês no Colégio Pio Brasileiro de Roma, juntamente com outros bispos participantes. Eu estava lá como assessor da CNBB, devendo colaborar com todos os bispos do Brasil. Mas acabei trabalhando muito próximo a Dom Aloísio Lorscheider, pois seu vigor de pensamento e sua abertura teológica logo me cativaram. Elaboramos textos juntos, e aí fiquei fascinado com sua ampla visão do cristianismo: equilibrada, bem fundamentada, aliada a uma profunda humildade. Certa vez, eu lhe ditava um texto que havia escrito em português e, para meu espanto, olhando por cima da máquina de escrever, notei que ele já o batia em latim, e num ótimo latim! Anos depois colaborei, juntamente com outros teólogos, na Comissão de Doutrina da CNBB, a qual ele presidia. Foi também um tempo de graça, pois pude aprender muito com sua pessoa, simples, objetiva, culta, corajosa. Talvez seja a figura de bispo mais completa que encontrei em minha vida e que me lembra os grandes Padres da Igreja do primeiro milênio. Sem dúvida alguma, devo-lhe muito em minha vida sacerdotal, religiosa e acadêmica pelo exemplo que me deu. O que seríamos nós sem estes gigantes que nos precedem e que tanto reforçam nossa fé?

IHU On-Line – Quais são os aspectos na pessoa de Dom Aloísio que, em sua opinião, merecem mais destaque?

Pe Mário de França Miranda - Três palavras sintetizam o que quero expressar, embora não saiba se o conseguirei adequadamente: Evangelho, Igreja e Pobres. Vejamos a primeira delas: Dom Aloísio sempre me pareceu um cristão profundamente impregnado dos valores evangélicos, valores estes hauridos e assimilados através da espiritualidade de São Francisco de Assis. Daqui provém sua simplicidade, sua humildade, sua facilidade de trato com os mais simples, sua liberdade interior diante da fama, das honras e do poder que ele, de fato, tem na Igreja e na sociedade. Daqui também brota sua sensibilidade espontânea pelos valores evangélicos que o levam a

sintonizar logo com as pessoas que também os vivem.

A outra palavra é Igreja. Sempre vi nele um autêntico homem da Igreja, todo entregue, apesar de seus problemas de coração, às importantes tarefas de que foi encarregado. Não esqueçamos que Dom Aloísio foi o relator dos Sínodos durante o pontificado de Paulo VI, que lhe tinha grande confiança e estima. Mencionemos ainda sua colaboração intensa na CNBB e no CELAM como presidente destas instituições. Sua fidelidade e sua dedicação à Igreja não esmorecem, mesmo quando tem de sofrer por parte de alguns membros desta Igreja. Sabe calar-se, procurando sempre salvar a reputação alheia.

A terceira palavra que procura sintetizar muito do que abriga em seu coração é o termo "pobres". Sua sensibilidade humana e cristã diante do sofrimento alheio, sua coragem em denunciar as causas da injustiça, mesmo no difícil tempo da ditadura militar, sua atenção ao pequeno, ao anônimo, ao insignificante para o mundo, quebrando protocolos, arriscando sua reputação, dificultando seu relacionamento com autoridades do Vaticano, levando-o a se envolver em problemas sempre que o mais fraco estivesse em desvantagem, tudo isto reflete o que busco expressar, embora imperfeitamente com este vocábulo "pobres". Não podemos deixar de mencionar que seu amor aos mais pobres transformou o Santuário de Aparecida realmente numa Igreja dos pobres. Como arcebispo desta arquidiocese, soube criar uma infra-estrutura nesta basílica que possibilita aos peregrinos mais pobres se sentirem em casa, quando vão rezar à padroeira do Brasil, à Senhora Aparecida.

IHU On-Line – Qual é o papel que Dom Aloísio representa hoje para a Igreja Católica?

Pe Mário de França Miranda – Certamente, minha resposta será incompleta, pois nunca examinei com calma a história da Igreja Católica no Brasil no

período em que Dom Aloísio atuava na presidência da CNBB. De qualquer modo, foram anos difíceis para a Igreja, único porta-voz para os que estavam silenciados ou sofrendo violências e torturas. Havia nesta época, entre os jovens, muito mais idealismo e vontade de transformar a sociedade do que hoje encontramos. Independente da carga ideológica subjacente, presente em ambos os lados, muitos se arriscaram por reformas sociais que urgiam e eram sempre adiadas. Sabemos o que sofreram Dom Helder Câmara e outros bispos, padres, religiosos, religiosas, camponeses e estudantes, muitos com o sacrifício da própria vida.

Sem perder a calma, mas demonstrando coragem e lucidez, Dom Aloísio soube tomar a palavra quando se fazia necessário, sendo respeitado mesmo pelos detentores do poder. Foi um tempo áureo da Igreja do Brasil que impressionava outras Igrejas por suas tomadas de posição e seus documentos, muitos deles traduzidos em várias línguas. Por outro lado, embora sem provocar muito ruído da grande imprensa, Dom Aloísio sempre está atento à formação na fé, às diversas pastorais da Igreja, ao ecumenismo, à carência crônica de sacerdotes, à formação espiritual de religiosas, ao cuidado com seus presbíteros, sendo um autêntico pastor. Ele sempre participou de muitos retiros por todo esse Brasil, proferiu palestras teológicas em muitos institutos de formação e soube falar ao nosso povo simples com profundidade espiritual e grande simplicidade.

IHU On-Line - Dom Aloísio é muito querido pelo povo brasileiro, mas sempre foi alvo de polêmica dentro da igreja. Como o senhor vê as defesas que Dom Aloísio defendeu, como a ordenação dos padres casados e a reforma agrária?

Pe Mário de França Miranda - Certamente não, se entendemos por "figura polêmica" alguém que se destaca por atitudes radicais ou por afirmações extremadas. Ou, ainda, alguém dotado de um temperamento forte que atrai a mídia por seus pronunciamentos. Porém, não podemos negar que as tensões da Igreja com o poder militar, resultantes de sua postura diante das violências e das arbitrariedades, geravam certo mal-estar em parte da hierarquia. Pessoalmente, nada vejo de extraordinário neste fato, pois a Igreja Católica sempre manteve sua unidade numa certa diversidade. Basta que conheçamos sua história. É praticamente impossível que todos façam a mesma leitura da realidade, a partir de experiências passadas, contextos socioculturais e formação teológica das mais diversas. São normais as divergências em

pontos não centrais da fé católica, que refletem uma diversidade que só ajuda à Igreja a ser realmente católica, isto é, universal.

Também é normal que Dom Aloísio nem sempre tem sido entendido, nem tem suas opiniões acolhidas por parte da Cúria Romana. Mas sempre é muito respeitado por sua personalidade profundamente cristã e lucidamente crítica. Não esqueçamos que João Paulo I afirmou ter votado nele para Papa!

IHU On-Line – Para a CNBB de hoje, qual é o maior legado que Dom Aloísio deixou durante sua gestão?

Pe Mário de França Miranda - Veja, a Igreja não existe para si mesma, mas para levar ao mundo a salvação de Jesus Cristo. Toda ela deve estar a serviço do Reino, que é mais do que ela. Tudo o que ela tem de propriamente religioso e que deve ser reservado e transmitido às novas gerações (doutrina, ética, culto, instituições etc.) deve ser mediação para que a doação que Deus nos faz de si próprio no Filho e no Espírito Santo seja, de fato, acolhida pela humanidade, gerando, assim, uma sociedade fraterna, solidária, e justa. Ninguém se salva se não cuida de seu próximo, e ninguém obedece a Deus se não cuida do contexto social onde vive seu irmão. Aqui se encontra o sentido último da Doutrina Social da Igreja, aqui se acha a razão de fundo que leva a Igreja a se interessar pela sociedade onde se encontra. Dom Aloísio, bem como Dom Ivo e Dom Luciano, para só citar alguns mais conhecidos entre muitos outros bispos, sabe dialogar com a sociedade, entendê-la em suas dificuldades, valorizá-la em suas conquistas, denunciá-la em seus abusos, corrigi-la em seus erros. Neste tempo, a Igreja esteve sempre presente e atuante nos eventos que marcavam nossa história. É uma tarefa difícil que supõe competência, personalidade, liberdade cristã. Mas Dom Aloísio dá o exemplo de que ela é possível.

3. DOM JOSÉ MARIA PIRES

"Sou Negro de Corpo e Alma"

Assim declarou Dom Jose Maria Pires numa entrevista que ele deu em Janeiro 2015 na revista *Família Cristã* na qual ele falou sobre a sua infância – foi criado pela madrinha porque a família era grande e a mãe morreu cedo – o tempo de seminário, sua vida de padre e enfim, de bispo.

Dom José era conhecido popularmente por Dom Pele até que na oportunidade da celebração do centenário da Abolição da Escravatura, em 1988, foi rebatizado Dom Zumbi por Dom Pedro Casaldáliga. Ele nasceu em 1919, e aos 12 anos entrou no seminário menor, que incluía lições de português, latim, francês e ciências. As 22 anos terminou os estudos no seminário maior que incluía filosofia, historia da igreja, grego e hebraico. Em 1957, na idade de 38 anos, se tornou bispo!

Dom José participou das quatro sessões do Concilio Vaticano II, que segundo ele mudou completamente o estilo da igreja. Nas palavras de João XXIII "o Concílio não era pra proclamar novos dogmas, era para a gente realizar a Igreja unida. Os concílios antigos excomungaram, o Vaticano II era pra dizer a paz esteja com você!".

Ele fala *"eu sai da primeira sessão do Concilio e comecei a refletir quem é esse povão que frequenta a igreja. Então se a Igreja é povo e o povo que nós temos é simples e humilde, então é com este povo que a gente tem de trabalhar. Você não exclui os outros, mas a função tem de ser na Comunidade Eclesial de Base"*.

Desta conclusão dos bispos é que surgiu *O Pacto das Catacumbas,* "que reuniu um grupo de bispos que fizeram um compromisso de pobreza. Pobreza não é miséria, mas é que você se contenta com o necessário". Não era necessário ter uma cruz de ouro: então as cruzes que os bispos carregam

no peito foram substituídas por outras de madeira. "Depois, meu Deus, será que agente pode, trabalhando com os pobres, morar em um palácio?" pergunta Dom José. Ele deu como exemplo a radicalidade de Dom Helder Câmara, que deixou o palácio episcopal São José dos Manguinhos, para morar na sacristia da igreja das Três Fronteiras em Recife. "Não só porque você vai dar atenção aos pobres, mas porque você vai adotar um estilo de vida que seja realmente bem próximo aos pobres". Quando foi nomeado Arcebispo da Paraíba, em 1965, era tempo de ditadura. "No começo a gente acreditava na 'revolução'. Não houve nada de mais, nada de prisões. Os militares convenceram a Igreja, de modo doce, até que o amargo começou a surgir da boca dos presos e dos torturados."

Mas depois "prenderam padres, estudantes, agricultores, agente de pastoral. Havia injustiça e situações que você não aguenta, tem que falar tem que gritar. Ou você toma posição ou você está traindo o seu ministério", declarou o bispo. Na Paraíba surgiu o *Centro de Defesa dos Direitos Humanos* da Arquidiocese da Paraíba, o primeiro do Brasil. Dom Evaristo Arns foi à Paraíba para inaugurar o Centro que tinha o objetivo de ajudar os presos políticos e suas famílias.

A tomada de postura contra o regime não foi fácil e, por isso, sofreu retaliações dentro da Igreja, inclusive, os bispos do Sul não entendiam a coisa. Num desses encontros com os demais bispos, Dom Helder saiu chorando! Dom José, junto de Dom Paulo Evaristo Arns e Dom Tomas Balduino, coordenou a publicação do documento *Eu Ouvi os Clamores do Meu Povo* que denunciava as questões da ditadura. Eles foram de diocese em diocese mostrando o documento e denunciando a ditadura.

Na entrevista o Bispo declara que na sua vida inclusive sacerdotal sentiu várias vezes que era discriminado. E terminou com a fala de uma senhora certo dia: *"O Senhor é um bispo de alma branca!"* E ele respondeu, rapidamente: *"Eu me honro de ser negro. Sou negro no corpo e alma. Olha meu cabelo, meu nariz, meu coração – só podiam ser de negro!"*

4. RECORDANDO DOM HELDER CÂMARA

"Hoje sabemos bem que não é assim: Câmara, de fato, é enumerado entre aqueles que imprimiram uma virada decisiva à Igreja do nosso tempo.
Bastem estas últimas palavras para mostrar sua atualidade: 'Se Marx tivesse visto em torno de si uma Igreja encarnada, continuadora da encarnação de Cristo; se tivesse vivido com cristãos que amavam, de modo real e de fato, os homens como expressão por excelência do amor de Deus, se tivesse vivido nos dias do Vaticano II, que reassumiu tudo o que de melhor diz e ensina a teologia sobre as realidades terrestres, Marx não teria apresentado a religião como o ópio dos povos e a Igreja como alienada e alienante›», escreve Gerolamo Fazzini, jornalista, em artigo publicado na revista Popoli, 25-08-2014.

Eis o texto.

Morreu no dia 27 de agosto há 15 anos Hélder Câmara, um dos bispos latino-americanos mais amados, graças à sua paixão por uma Igreja pobre e dos pobres, à sua atenção pelas pessoas e à sua fé encarnada. O retrato de um pastor que pode ser certamente considerado um precursor do Papa Francisco.

"O bispo vermelho Câmara na via da beatificação", clamava Il Messaggero de 29 de maio passado. Um título que exalta como uma parte da opinião pública acolheu a notícia da iminente abertura do processo canônico que poderia conduzir aos altares Dom Hélder Câmara, arcebispo de Olinda-Recife.

Entre os protagonistas da história recente (não só eclesial) da América Latina, o próprio Câmara, por toda a sua vida, precisou fazer as contas com aquela

pesada etiqueta: "Quando dou de comer a um pobre, me chamam Santo – é uma de suas frases passadas à história – mas, quando pergunto por que os pobres não têm comida, então me chamam comunista".
Curioso: também o Papa Francisco, respondendo às perguntas de um grupo de jovens belgas, há poucos meses havia esclarecido: "Escutei que uma pessoa disse: com todo este falar dos pobres, este Papa é um comunista!

Não, esta é uma bandeira do Evangelho, a pobreza sem ideologia; os pobres estão no centro do Evangelho de Jesus".
Se há um motivo pelo qual valha a pena hoje, a 15 exatos anos da morte, reevocar a figura de Dom Hélder – nascido em 1909 e falecido aos 27 de agosto de 1999 -, é sua paixão pelos pobres, o seu extraordinário empenho para tornar a Igreja mais fiel àquela de Jesus: "Uma Igreja pobre para os pobres". Nisto se pode afirmar, sem temor de desmentidos, que Câmara antecipou o Papa Bergoglio.

O pequeno Bispo

A Igreja das Fronteiras, junto à qual ficava a residência de Câmara, é ainda hoje o coração pulsante de sua memória. Na praça fronteiriça uma estátua do "bispinho" (como era apelidado), te acolhe de braços abertos. Ao lado fica a sede do Instituto Dom Hélder Câmara. Aqui encontramos um dos membros, uma anciã, mas lúcida senhora, Bete Barbosa, que trata das publicações de Câmara: "Em muitos comportamentos e palavras do Papa Francisco – diz – encontramos acentos semelhantes àqueles de Dom Hélder. A começar pela atenção com as pessoas, por suas necessidades".
Faz-lhe eco Luis Tenderini, de 70 anos, italiano de origem, mas no Brasil há mais de 40 anos. Como longo braço direito de Câmara na diocese e fundador de Emaús Recife, por encorajamento do próprio Dom Hélder, se faz de guia precioso e conta: "Desde o primeiro encontro pessoal com ele, em julho de 1979, quando me convidou a colaborar na atividade pastoral, recordarei

sempre o gesto final: terminado o colóquio, me acompanhou ao portão de saída, esperando que eu dobrasse a esquina antes de reentrar. Mais tarde descobri que fazia a mesma coisa com todos que o visitassem".
Outro traço que associa decididamente o atual Papa e o "bispo vermelho" é o estilo de sobriedade extrema e a distância sideral daquela mundanidade que Bergoglio não cessa de indicar como um dos males da Igreja atual.
Hoje impressiona a decisão de Francisco de viver num modesto alojamento em Santa Marta, renunciando ao tradicional apartamento pontifício. Mas, Dom Câmara havia feito o mesmo, anos antes, decidindo morar em dois modestos locais adjacentes à Igreja das Fronteiras.
Também a tumba de Câmara fala de essencialidade: uma simples laje de mármore, sobre a qual estão incisos somente o nome e as datas de nascimento e morte, com uma pomba estilizada. Está colocada na catedral de Olinda, antiga cidade colonial a poucos quilômetros de Recife. Daquela igreja, hoje meta de peregrinos e turistas, se goza de uma vista espetacular sobre a cidade situada abaixo e sobre a inteira baía.
Mais ainda. O Papa Bergoglio fala dos pobres como da "carne de Cristo".
Câmara, por toda a sua vida, manifestou uma preocupação pelos últimos que, antes ainda de assumir os tons da denúncia social, se configurava como atenção às pessoas em gestos simples.
A propósito, eis um precioso testemunho de Marcelo Barros, abade beneditino e teólogo da libertação, colaborador de Dom Hélder por 12 anos: "Em cada irmão e irmã que encontrava ele via a presença divina – escreveu há tempo em Nigrizia -. Uma vez por semana nos reuníamos em sua casa. Enquanto falávamos, muitas pessoas batia à porta. Ele mesmo se levantava e as recebia. Às vezes demorava em escutar. Dizia: "Procuro recebê-los pessoalmente, porque não quero perder o privilégio de acolher o próprio Senhor".
Protagonista do Concílio É interessante observar como, da mesma forma como Oscar Romero, outro gigante da Igreja latino-americana, também Dom Câmara tenha percorrido um caminho pessoal de "conversão", antes de tomar as posições corajosas que conhecemos.
Nascido numa família numerosa, crescera num ambiente eclesial antes conservador. Ordenado sacerdote em 1931, se converte aos pobres quando, em 1952, se torna auxiliar do cardeal do Rio de Janeiro: é naquele período que o jovem e dinâmico bispo conquista na área o epíteto de "bispo das favelas".
O carisma de Dom Hélder se dilata rapidamente fora dos limites da cidade. Em 1952 ele está entre os promotores da Conferência episcopal brasileira,

da qual se torna secretário por 12 anos. Três anos depois, lança no Rio a convocação da primeira Conferência dos bispos latino-americanos, da qual nascerá o CELAM (Conselho Episcopal Latino-americano).

Em 1964 – ano do golpe que instaura o regime militar no Brasil – Câmara é nomeado arcebispo de Recife, capital de Pernambuco, no Nordeste, a região mais pobre do País. No dia do ingresso oficial, o novo arcebispo não quer ser acolhido dentro da catedral, mas na praça, no meio do povo. Nos anos subsequentes o empenho de Dom Hélder a serviço dos mais débeis continuará sem descanso, com tomadas de posição corajosas, que o tornarão famoso em todo o mundo. Uma frase retoma eficazmente o sentido profundamente evangélico de suas batalhas: "A revolução social da qual o mundo necessita não é um golpe de Estado, não é uma guerra. É uma transformação profunda e radical que supõe Graça divina".

Embora sem jamais tomar a palavra durante as sessões de trabalho, foi um dos protagonistas do Concílio Vaticano II, entre os inspiradores do famoso "Pacto das catacumbas": para entender o papel crucial basta ler suas circulares coletadas em Roma, duas da manhã (São Paulo 2011). Em 1970 o Sunday Times chegou a definir Dom Hélder "o homem mais influente da América Latina após Fidel Castro". O paradoxo é que o interessado não havia projetado uma "carreira" de profeta.

Antes, na idade de 34 anos, num momento de desconforto, havia escrito:

"Atravessarei a vida sem deixar nenhum sinal incisivo. Olharei de longe São Francisco Xavier, sem poder imitá-lo. Ainda de mais longe olharei para São Francisco de Assis. No meu funeral qualquer um dirá que não produzi tudo aquilo que poderia ter produzido".

Hoje sabemos bem que não é assim: Câmara, de fato, é enumerado entre aqueles que imprimiram uma virada decisiva à Igreja do nosso tempo. Bastem estas últimaspalavras para mostrarsua atualidade:

"Se Marx tivesse visto em torno de si uma Igreja encarnada , continuadora da encarnação de Cristo; se tivesse vivido com cristãos que amavam, de modo real e de fato, os homens como expressão por excelência do amor de Deus, se tivesse vivido nos dias do Vaticano II, que reassumiu tudo o que de melhor diz e ensina a teologia sobre as realidades terrestres, Marx não teria apresentado a religião como o ópio dos povos e a Igreja como alienada e alienante".

A canônica de Dom Hélder Câmara tornou-se hoje um museu. Mais ainda do que a Catedral de Olinda, onde se encontra a tumba, é ali que em cada

Domingo uma pequena multidão se reúne para ver o pequeno estúdio do bispinho, com a biblioteca (onde ainda se destacam volumes de Guitton, De Lubac, M. L. King, Frère Schutz,Garaudy) e o quarto, onde ainda está presa a coloridíssima rede que ele usava nos últimos tempos para dormir.
No andar superior foi armada há pouco tempo uma exposição permanente de objetos que contam a vida intensa deste personagem, entre as vozes mais autorizadas do mundo na denúncia das injustiças e do subdesenvolvimento. Atestam-no os numerosíssimos reconhecimentos internacionais, das medalhas à cidadanias honorárias, às láureas honoris causa de variadas instituições acadêmicas de todo o mundo, conservados no pequeno museu.

DOM HELDER CAMARA - CITAÇÕES

- Feliz de quem atravessa a vida inteira tendo mil razões para viver.
- As pessoas são pesadas demais para serem levadas nos ombros. Levo-as no coração.
- Feliz de quem entende que é preciso mudar muito pra ser sempre o mesmo.
- Não me dou a penitências. Com todo respeito que me merecem os santos, não sou homem de autoflagelações... Não há penitência melhor do que aquelas que Deus coloca em nosso caminho.
- O amor é o perfume das almas.
- Há criaturas como a cana: mesmo postas na moenda, esmagadas de todo, reduzidas a bagaço, só sabem dar doçura”
- Mais que comum dos dias, olhei o mais que pude os rostos dos pobres, gastos pela fome, esmagados pelas humilhações, e neles descobri teu rosto, Cristo Ressuscitado!
- Quando dou comida aos pobres, me chamam de santo. Quando pergunto porque eles são pobres, chamam-me de comunista.
- Se discordas de mim, tu me enriqueces.
- Ótimo que a tua mão ajude o vôo... Mas que ela jamais se atreva a tomar o lugar das asas...
- Deus nos ensinou a não aceitar facilidades, mas a encontrar Vida na dureza da Cruz.
- Um dos meus anseios de chegar ao infinito é a esperança de que, ao menos lá, as paralelas se encontrem.
- Quando os problemas se tornam absurdos, os desafios se tornam apaixonantes.
- O segredo de ser jovem é ter uma causa a que dedicar a vida

5. DOM PEDRO CASALDÁLIGA:

"O Problema é Ter Medo do Medo"

O bispo emérito de São Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga, conta nesta entrevista ao sítio Quem Tem Medo da Democracia? - QTMD - um pouco das suas vivências, falando sobre o contexto do Estado do Mato Grosso e do Brasil na atualidade. Fala também da importância das ações sociais que são desenvolvidas e do descaso com a Causa Indígena.

A entrevista é de Ana Helena Tavares e publicada por *Quem Tem Medo Da Democracia? (QTMD)*

A voz é baixa, o corpo já não permite lutar no *front*, mas a lucidez do catalão Dom Pedro Maria Casaldáliga, bispo emérito da *Prelazia de São Félix do Araguaia,* é capaz de constranger. Por várias vezes quase assassinado, devido à sua opção pela defesa dos pequenos e o conflito com os grandes, D. Pedro ainda recebe ameaças.

O QTMD viajou ao Araguaia para ver e ouvir de perto um pouco da história deste homem que optou por viver «descalço sobre a terra vermelha". "Descalço" quer dizer sem consumismo. E "sobre a terra vermelha", refere-se a uma terra ensopada de suor,… mas também ensopada de sangue,

definiu o próprio Casaldáliga.

Para ele, todos os partidos e governos têm três dívidas com o povo: A da Reforma Agrária – reforma que "não há, não há, não há…", a da Causa Indígena – "os índios sobram frente ao agronegócio" – e a dos Pequenos Projetos – "a obsessão pelos grandes projetos é marca do governo atual".

O bispo, que enfrentou a repressão do regime militar, lembrou que "Jesus enfrentou as forças do Império Romano", e falou sobre a *Comissão da Verdade,* lamentando a falta de punição aos torturadores: "A memória histórica tem que servir de lição", sublinhou.

"Eu cheguei em 1968 ao Rio de Janeiro (onde fiquei cerca de quatro meses). Saímos de Madrid com onze graus abaixo de zero e chegamos ao Rio de Janeiro com trinta e oito graus. Tinha aquelas tochas do aeroporto para a cidade. Umas tochas acesas… Eu ainda estou vendo… Aquele calor, com aquelas tochas… Passamos uma noite sem dormir."

"Há muitos Brasis"

"E depois, em Petrópolis, eu fiz um curso que tem a Igreja Católica no Brasil para missionários que vêm de fora. Para estudar a língua e ter uma noção de história do país, da Igreja no país. E foi providencial. Porque, na época da ditadura militar, se tivéssemos chegado diretamente, da maneira como nós chegamos, para São Félix do Araguaia, nós estaríamos perdidos. Completamente despistados, sem saber da situação verdadeira… As causas da situação. As migrações: por que motivo? A história do país. Que há muitos Brasis…".

Sete dias de caminhão

"Foram quase sete dias de caminhão de São Paulo até aqui (São Félix do Araguaia). Porque a estrada estava se abrindo, não tinha estrada. As pontes eram pequenas. Tinham muitos córregos… Agora, quando se faz o caminho de *Barra do Garças* para cá, não se tem nem ideia de como era a região."

"Cadê a mata do posto?"

"Está tudo desmatado. Os córregos todos profanados, alguns deles secos já perderam toda a vitalidade. Tinha mata… Se fala do Posto da Mata… Cadê a mata do posto?"

"Terra de ninguém"

D. Pedro Casaldáliga chegou ao Brasil em janeiro de 68, portanto antes do AI-5 (que foi em dezembro do mesmo ano), mas garante: «já era clima de ditadura tensa". E São Félix do Araguaia era, segundo ele, «um lugar onde o Estado não estava presente. Terra de ninguém."

"Conflito com a política oficial"

D. Pedro lembra que, em 68, "começavam a vir as grandes fazendas com os incentivos fiscais da *SUDAM*." E prossegue: "Automaticamente, para nós, a convivência com os pobres, pelo povo e pelos pequenos, significava entrar em conflito com o latifúndio. Entrar em conflito com a política oficial."

"Estavam de um lado os índios, os posseiros, os peões… Do outro, os fazendeiros, a polícia, o Exército, o governo, o Estado… Logo, quase bem do início, já percebemos que a luta seria essa. Se nos posicionávamos do lado do povo, entrávamos em conflito com a política oficial."

A Guerrilha

"Aqui não teve *guerrilha*. A guerrilha foi no sul do Pará e no norte de Goiás. Só que para a repressão nós éramos guerrilha. Porque não conseguiam entender que uns estrangeiros se enfronhassem nesse mundo onde não tinha comunicação de jeito nenhum. Infraestrutura nenhuma… E rapazes novos que deixassem os estudos, o emprego e viessem para cá para não ganhar nada praticamente, só podiam ser guerrilheiros ou respaldo da guerrilha. Por isso, tivemos a repressão em cima… Sempre."

"Diálogo de surdos"

"Foram presos muitos agentes de pastoral. Torturados. As presidências da CNBB foram muito solidárias conosco. E tivemos possibilidade de discutir com as autoridades por esse respaldo da CNBB. Só que era um diálogo de surdos."

"Veio, em 1972, o ministro da Justiça da época, *Alfredo Buzaid*, do governo Médici. Estive com ele. Discutimos… Ele prometia o que não queria dar. Se impressionou no máximo pelo início da Reforma Agrária. Pelos sucessos de Santa Terezinha dentro da região."

"Um grito!"

"E no dia da minha sagração, lançamos uma carta pastoral. "Uma igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social." E foi um grito! Porque escrevíamos dando nomes aos bois… Isso provocou mais presença da repressão."

"Ação Cívica e Social do Exército"

"Nós tivemos aqui na região quatro operações da *ACISO - Ação Cívica e Social do Exército,* que vinha para esses interiores arrancar dentes e consultar… Vinham de fato inspecionar. Porque abrangia a área estrita da Prelazia."

"Vasculhavam as nossas casas… Exigiam a prisão… Levavam os agentes de pastoral presos e torturados para o Quartel do Exército de Campo Grande. Porque tudo era suspeito… Havia um clima de terror nessas regiões todas."

"O povo foi torturado como cúmplice"

"Muitos anos depois, o povo se sentia livre para agir, para conversar. Em certas celebrações que tivemos, ainda havia uma reticência. Porque, além dos guerrilheiros que foram mortos, o povo foi torturado, maltratado como cúmplice… Os guerrilheiros tinham criado amizades, alguns eram médicos, professores."

"Os índios sobram frente ao agronegócio"

Quanto aos *índios*, "já era uma atitude que continuava a política toda da colonização… Os índios sobravam. E estamos no mesmo problema… Sobram frente ao agronegócio. Porque a política indígena, a cosmovisão indígena, a cultura indígena, a economia indígena… é contrária à política e à economia do agronegócio. Por isso, eu dizia que tivemos problema na defesa desses três grupos de pessoas Os povos indígenas, os posseiros e os peões."

"O problema é ter medo do medo"

"Detectamos o trabalho escravo. E o denunciamos… Foi aqui onde primeiro se denunciou o trabalho escravo." Perguntado se em algum momento teve medo de morrer, o bispo do Araguaia não hesitou:

"Vários! Ainda agora, por exemplo… Essa situação dos intrusos, os que comandam a intrusão. Acham que a culpa principal é minha por eu ter defendido esses índios."

"Mas (na ditadura) éramos todos ameaçados… Eu tenho uma significação por ser bispo. Lógico… Eu digo sempre que o problema não é ter medo… O problema é ter medo do medo, porque o medo é uma reação defensiva."

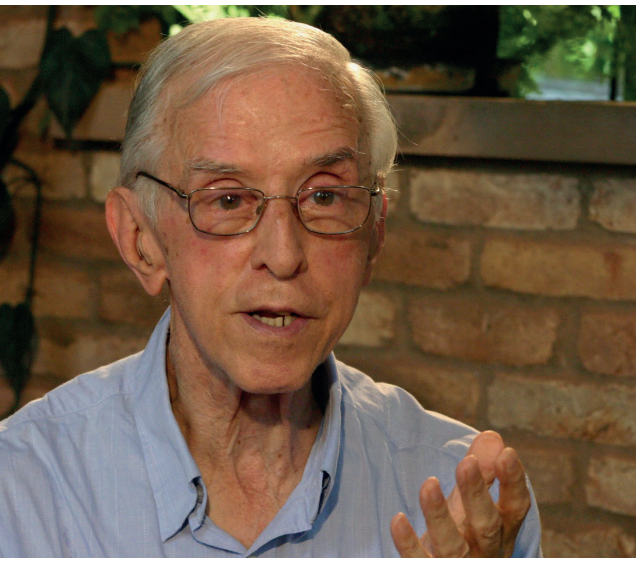
A morte do padre Burnier

Casaldáliga e o padre João Bosco Burnier, assassinado por um policial, estavam numa delegacia para defender mulheres torturadas. Aquela foi uma das quatro ocasiões em que o bispo foi quase expulso do Brasil.

"O povo de Ribeirão Cascalheira derrubou a cadeia e a delegacia. Disseram que eu estava comandando esta derrubada da cadeia… Cadeia funcionando… E que podiam pedir a minha expulsão. Eu tinha saído rapidamente para Goiânia, levando a denúncia da morte do Padre João Bosco (Burnier) e eu já não estava (em São Félix)."

As três dívidas dos governos com o povo

"Não há… Não há… Não há Reforma Agrária.", enfatiza Dom Pedro Casaldáliga. "A Reforma Agrária supõe Reforma Agrícola também. Uma política a favor da Agricultura Familiar. Um acompanhamento dos



assentamentos. Se tem feito alguns acordos… Mas não entram no que eu digo…"

"Eu digo que esses partidos, esses governos todos têm três dívidas: a da Reforma Agrária; a da Causa Indígena; e a dos Pequenos Projetos, de Agricultura Familiar, de Mini-Empresas… Têm essa dívida."

"E com o capitalismo neoliberal… Com a política da exportação… Se confirma que esses países da América Latina e o Brasil, particularmente… Estão destinados a serem exportadores de matéria prima. É uma política completamente contrária às necessidades do povo."

"O povo tenta fazer (a Reforma Agrária)… O MST e outras forças populares tentam gestos da Reforma Agrária. Mas a política oficial não é da Reforma Agrária. Insistindo: o que se pede é uma Reforma Agrária que seja uma Reforma Agrícola também. Porque terra é mais do que terra! Para o índio, sobretudo, é o habitat."

"O bispo Pedro é comunista"

"Nós éramos comunistas, aqui na região, na Prelazia. E se deram casos pitorescos. Numa ocasião (na ditadura militar), a polícia lá em Santa Terezinha dizendo que: *"O bispo Pedro é comunista"! Um dos camponeses falou: 'Eu não sei o que é comunista. Agora, se comunista é ser da comunidade, trabalhar para a comunidade, o bispo Pedro é comunista'".*

"Os primeiros socialistas se inspiraram no Evangelho"

"No problema da justiça e da igualdade, estamos na mesma. Por motivos filosóficos, históricos e de fé… Também se diz: "Estamos no mesmo barco." E, em certa medida, é verdade. Estamos no mesmo barco, mesmo que nós

acrescentemos o motivo da fé. A procura da justiça social, da fraternidade universal… Os primeiros socialistas se inspiraram no Evangelho."

"Dialético, marxista, humano"

"Por outra parte, se critica a Teologia da Libertação de ser marxista. Não é marxista. Porque existem categorias que são comuns… Dizer que os ricos cada vez mais ricos à custa dos pobres cada vez mais pobres… Isso é dialético! É marxista! É humano! Uma consideração humana da realidade dá esse resultado: que os ricos são cada vez mais ricos à custa dos pobres cada vez mais pobres."

Socialização: a prerrogativa para a paz

"Quando fomos investigados aqui (na ditadura militar)… A Polícia Federal me parou e perguntava sobre socialismo. Eu dizia: se querem falar de socialismo, vamos falar de socialização. Se não se socializa a terra… A terra do campo e a terra urbana. A saúde, a educação, a comunicação… Se não se socializa esses bens maiores, essenciais… Não haverá paz."

"Como Jesus optou…"

"Há um passado, um presente e um futuro (para a Teologia da Libertação). E, em todo caso, toda verdadeira teologia tem de ser Teologia da Libertação. A teologia cristã tem que optar pela igualdade fraterna da humanidade. Tem que optar pelos pobres, pelos pequenos, pelos marginalizados. Como Jesus optou."

"Enfrentando, se preciso, as forças do poder. Como Jesus enfrentou as forças do Império Romano. As forças de uma religião utilizada… As forças do latifúndio na Palestina. Então… Um cristão que queira ser cristão de verdade tem que fazer essas opções. Isso chamamos de Teologia da Libertação."

"A memória histórica tem que servir de lição."

Dom Pedro Casaldáliga concorda que se investiguem as violações dos direitos humanos que tenham ocorrido entre 1964 e 1988, como está fazendo a Comissão da Verdade. "Eu acho que é bom que se abranja também essa

outra área."

"Porque o perigo de torturar fisicamente e psicologicamente está nas mãos de todos os governos que sejam mais ou menos ditatoriais. A ditadura foi o momento alto dessa repressão… Desse abuso de poder. Mas devemos prevenir para qualquer outro momento."

O bispo, porém, discorda da falta de punição aos torturadores: "Deveriam ser punidos. A memória histórica tem que servir de lição. Não pode ser apenas evocar estaticamente uns heróis e uns torturadores. Vários países da América Latina têm dado o exemplo disso".

América Latina: "Pátria Grande"

Casaldáliga considera que a América Latina "está melhor hoje do que ontem. Porque temos governos mais ou menos de esquerda. Porque há uma maior consciência de que somos um continente."

"Uma "Pátria Grande", como diziam os libertadores. "A nossa América", diziam eles também. Eu digo sempre que a América Latina e o Caribe ou se salvam continentalmente todos ou não se salvam. Tem que ser uma comunidade de nações, porque temos uma característica especial."

"Paixão latino-americana"

"Já, em parte, se está conseguindo que a América Latina não seja tão abertamente o quintal dos Estados Unidos. Se está dando passos importantes. Quando se fala da Venezuela, eu digo que, com os erros de Hugo Chávez, tem umas contribuições significativas. Uma delas é essa paixão latino-americana."

"O Brasil é outra coisa"

"Custou o Brasil tomar consciência de que somos América Latina. Pelo idioma… Por certa atitude hegemônica… Que, às vezes, não é suficientemente controlada… O Brasil é outra coisa."

Não acredito, mas…

O bispo não acredita em novo golPe Ao menos, não nos moldes do que ocorreu em 64. “Nem aqui nem em outros lugares da América Latina. Mas há outros tipos de golpes… Por isso, é bom prevenir… Para que as ditaduras não sejam camufladas… Podem ser ditaduras militares, podem ser ditaduras civis também…”

Os “outros tipos de golpes”...

“O governo do Paraguai não é legítimo, o governo de Honduras não é legítimo. Evidente. São golpes de Estado, são ditaduras camufladas a serviço dos interesses do Império. (o grande capital) Que agora é menos expressivamente dos países… A globalização os tem metido a todos no mesmo saco.”

“O nosso DNA é ser raça humana”

“Por outra parte, há um cenário, uma nova consciência de sermos uma unidade. Somos a família humana. Agora não se pode prescindir do resto do mundo. Sempre temos dito que o pecado dos EUA é se considerar como ele só no mundo. E o resto é resto.”

“Agora com a globalização e suas mazelas, e seus abusos… Tem se aberto um espaço… Uma unidade. A característica primeira é de sermos humanos…”

“Eu digo que o nosso DNA é ser raça humana. Família humana. Existem (“raças”) como identidade. Mas, dentro dessa identidade, primeiro é o fato de ser humanos. E toda a verdadeira política se devia dedicar a humanizar a humanidade.”

“Capitalismo com rosto humano é impossível”

Perguntado se há possibilidade de haver uma verdadeira democracia dentro do capitalismo, o bispo do Araguaia foi enfático: “Não! O capitalismo é nefasto. E não tem solução… O capitalismo é o egoísmo coletivo. É a segregação da imensa maioria. É o lucro pelo lucro. É a utilização das pessoas e dos povos a serviço de um grupo de privilegiados. Quando se trata de um “capitalismo com rosto humano” se está pedindo o impossível. É impossível.”

"A democracia é uma palavra profanada."

Para D. Pedro Casaldáliga, *não há democracia verdadeira em lugar nenhum do mundo. "Porque se tem uma democracia formal... Uma democracia, entre aspas, política. Mas não se tem democracia econômica... Não se tem democracia étnica. Os povos indígenas, dentro destes Estados democráticos... São coibidos. São marginalizados. Se veem obrigados a reivindicar os direitos que são elementares para eles. A democracia é uma palavra profanada."*

Quem tem medo da democracia?

"Da verdadeira democracia… Têm medo todos àqueles que continuam defendendo privilégios para umas pessoas… Privilégios para uns poucos."

"Todos aqueles que fazem da propriedade privada um direito absoluto."

"Todos aqueles que não entendem que a propriedade tem uma hipoteca social."

"Todos aqueles que considerem que podem existir pessoas, governos e Estados que vivam de privilégio à custa da dominação e da exploração…"

"Não há liberdade de imprensa"

"A grande mídia é a mídia dos grandes. Com isso está dito tudo… Não há liberdade de imprensa. Eu tenho visto jornalistas chorando de raiva porque fizeram matéria e o editor tergiversou (distorceu) tudo praticamente… Colocando o título tal e tergiversa (distorce) tudo o que foi dito no texto. Sim. Sim. Tem tido casos assim."

Governo Dilma: "obsessão pelos grandes projetos"

"A crítica que eu faço é dessas três dívidas: A dívida da Reforma Agrária. A dívida da Causa Indígena. E a dívida dos pequenos projetos. Se faz os grandes projetos… Belo Monte. São Francisco. Hidrelétricas… Grandes projetos… O Brasil é destinado a ser uma grande fábrica a serviço deles."

"Um índio Carajá dizia uns anos atrás numa coletiva de imprensa na Europa: 'Eu acho que o nosso governo está mais interessado em engordar os porcos

de obra…' "Do que em cuidar do seu povo…" Engordar os porcos… Sem recolher a soja… Fazer da soja a grande exportação. Há uns atrás ele falava… Mas ainda devemos dizer que essa obsessão pelos grandes projetos… Define em grande parte o governo atual."

A política internacional vai bem

"Eu reconheço a história da Dilma. Reconheço as ações de solidariedade que ela está fazendo… A atitude que se tem adotado com respeito ao Paraguai… A atitude que se tem adotado com respeito à Venezuela… A atitude que se tem adotado quando se trata de defender o direito dos povos. Se Equador toma uma decisão, ela é acolhida ou respaldamos. Sim, a política internacional vai bem. Pela primeira vez se fez uma política, que buscava a independência com respeito aos EUA."

"Descalço sobre a terra vermelha"

Quando o QTMD? esteve em São Félix do Araguaia, estava sendo rodado um filme sobre D. Pedro Casaldáliga, baseado em livro homônimo. O homenageado se opunha, mas depois acabou permitindo.

"Eu me opunha de todo jeito. Porque eu tinha medo de duas coisas: que se partisse para o pedantismo… O culto da personalidade. E também que não se destacassem bastante as nossas causas. Por que estamos aqui? O que defendemos aqui? Por que temos assumido essas atitudes?"

"Isso de um modo comunitário. Porque não tem sido eu… Tem sido essas equipes de pastoral… Tem sido o movimento popular. O povo da região… Que tem lutado, que luta, para vingar seus direitos. Eu fiz questão de não interferir. Deixar liberdade absoluta. Sem censura. Criticamos a censura, eu não vou fazer censura agora…"

"Tem uma vantagem, acho, o filme… Ajudará a evocar uma memória que não estava viva, sobretudo, na juventude… Do governo daquela época. Poderão agora descobrir um passado, que afeta o presente e o futuro."

"'Descalço' quer dizer sem consumismo. Despojado, sem consumo. 'Sobre a terra vermelha'. Uma terra ensopada de suor,… Mas também ensopada de sangue. Sangue mártir.", finalizou o bispo. *(Esta entrevista foi concedida em 25 de outubro de 2012)*

CARTA ABERTA AOS NOSSOS MARTIRES

Escrevemos a todos vocês, mulheres e homens,

que deram a vida pela vida

ao longo da nossa América,

nas ruas e nas montanhas,

nas oficinas e nos campos,

nas escolas e nas igrejas,

sob a noite ou à luz do sol.

Por vocês, sobretudo,

Nossa América é

o continente da morte com esperança.

Escrevemos para vocês

em nome de todos os nossos Povos

e nossas Igrejas,

que a vocês devem a coragem de viverem,

defendendo sua identidade

e a vontade teimosa de seguirem anunciando o Reino,

contra o vento e a maré do anti-reino neoliberal

e apesar das corrupções de nossos governos

ou das involuções de nossa hierarquias

ou de todas as nossas próprias claudicações.

Cremos que enquanto houver martírio, haverá esperança.

Vocês lavaram as vestes de seus compromissos

no sangue do cordeiro.

E seu sangue no sangue d´Ele

Continua a lavar também nossos sonhos,

nossas fragilidades e nossos fracassos.

Enquanto houver martírio haverá conversão,

Enquanto houver martírio haverá eficácia.

O grão do milho morrendo se multiplica.

Escrevemos para vocês, contra proibição

dos poderes das ditaduras - militares, políticas, econômicas

e contra a desmemoriada covardia de nossas próprias Igrejas.

Bem que eles e elas quiseram impor

uma anistia que fosse amnésia

e uma reconciliação que seria claudicação.

Inutilmente.

Vocês sabem perdoar, mas querem viver.

Não permitiremos que se apague o grito supremo de

seu amor.

Não deixaremos que seu sangue seja infecundo.

Também não nos satisfaremos, superficiais ou irresponsáveis,

exibindo seus pôsteres

e cantando seus nomes numa romaria

ou chorando sua memória numa dramatização.

Assumiremos suas vidas e suas mortes

assumindo suas causas.

Essas causas concretas

pelas quais vocês deram a vida e a morte.

Essas causas, tão divinas e tão humanas,

que desdobram em conjuntura histórica

e em caridade eficaz

a causa maior do Reino,

pela qual deu a vida e a morte e pela qual ressuscitou

o Primogênito dentro os mortos,

Jesus de Nazaré, o Crucificado-Ressuscitado para sempre.

Recordaremos vocês, um por um, uma por uma,

e se não dizemos agora nenhum de seus claros nomes,

é para dizermos vocês, todos e todas,

num só golpe de voz,

de amor e de compromisso:

Nossos mártires!

Mulheres, homens, crianças, anciãos,

Indígenas, lavradores, operários, estudantes,

mães de família, advogados, professores\as,

prefeitos/prefeitas,

militantes e agentes de pastoral, artistas e comunicadores\as,

pastores, sacerdotes, catequistas, bispos.....

Nomes conhecidos e já incorporados ao nosso martiriológio

ou nomes anônimos, gravados, porem, no santoral de Deus.

Sentiremo-nos herança sua, povo testemunha, Igreja martirial,

diáconos em caminhada

por essa longa noite pascal do continente,

tão tenebrosa ainda, porém tão invencivelmente vitoriosa.

Não cederemos, não nos venderemos, não renunciaremos

a esse paradigma maior de suas vidas,

que foi paradigma do próprio Jesus

e que é o sonho do Deus vivo para todos os seus

filhos e filhas

de todos os mundos,

para o mundo único e pluralmente fraterno:

o Reino, o Reino, seu Reino!

Com São Romero da América e com todos vocês

e unidos á sua voz e ao compromisso comum

de todos os irmãos e irmãs de solidariedade

que nos acompanham,

declaramo-nos "felizes por correr,

como Jesus (como vocês)

os mesmos riscos,

por nos identificarmos com as causas dos despossuídos".

Neste mundo prostituído pelo mercado total

e pelo bem-estar egoísta,

juramos para vocês, com humildade e decisão:

"Longe de nós nos gloriamos

não sendo na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo"

e um suas cruzes, irmãs de Sua cruz!

Com Ele e com vocês

seguiremos cantando de Libertação.

Por Ele e por vocês

saberemos jubilosamente

que ressuscitaremos "mesmo nos custando a vida"

Dom Pedro Casaldaliga.

6. DOM ERWIN KRAUTLER

“Belo Monte Já ´é Uma Realidade”.

Nunca pensei que entrevistar D. **Erwin Kräutler** fosse uma tarefa tão fácil. Liguei para a Diocese, querendo saber onde o encontraria, e fui informado de que estava visitando comunidades. A sugestão da secretária foi que enviasse um e-mail. O que poderia parecer um balde de água fria em meu propósito, rapidamente se transformou numa grande surpresa. Duas horas depois, **D. Erwin** já havia lido a mensagem e se colocava à disposição. Responderia as perguntas por escrito, porque, onde estava, nem sempre se consegue falar bem no celular. Quando leu que sua renúncia gerou um grande fato jornalístico, se assustou e desejou saber “quais as razões”. Seria apenas uma rotina administrativa, prevista no artigo 401, parágrafo 1, do Código Canônico, se o renunciante em questão não se chamasse **Erwin Kräutler**. Ele possui histórico de vida tão raro quanto precioso, no campo social, entre os homens que se dispuseram a entregar (literalmente) a própria vida, seguindo a melhor tradição – da qual se fez digno herdeiro – dos apóstolos de Jesus, pela causa dos menos favorecidos.

E quando a notícia é a de que se afasta, oficialmente, de uma missão tão importante, surge outra interrogação tão grande, quanto a que se formou com o afastamento do cardeal *Paulo Evaristo Arns* da arquidiocese de São Paulo: o que vai ser daqueles cuja voz era ouvida apenas pelas palavras de

seu Bispo? A comparação não é desmedida. *D. Paulo* e *D. Erwin,* assim como outros grandes Bispos brasileiros, como *Hélder Câmara* e *Pedro Casaldáliga*, por exemplo, passaram a vida lutando, corajosamente, pelas causas que abraçaram, sem jamais haverem perdido a dimensão da fé.

A reportagem e a entrevista são de *João Carlos Pereira*, publicadas no jornal **O Liberal**, 30-12-2015, sob o título "D. Erwin Kräutler: minha grande família que escolhi é o povo do Xingu".

Eis a entrevista.

O Papa aceitou sua renúncia um ano e meio depois do envio oficial do pedido. Nesse tempo, o senhor esperava que a Santa Sé – o próprio Francisco – solicitassem que permanecesse no cargo? Isso aconteceu com os cardeais Ratzinger e Bergoglio, que apresentaram renúncia aos homens que vieram a suceder, no trono de Pedro.

Apresentei minha renúncia em carta ao **Papa Francisco** no dia 8 de julho de 2014 como o Direito da Igreja recomenda a um bispo que está completando 75 anos de idade. Poucas semanas depois veio a resposta. O Papa pediu-me que continuasse no cargo "*nunc por tunc*" (= "por enquanto") até que fosse nomeado o meu sucessor. Passou um ano e meio até que isso acontecesse.

Nesse período, o senhor continuou a trabalhar sem pensar no desligamento ou fez planos para quando chegasse o documento do Papa, aceitando seu pedido?

Continuei com minha agenda repleta de visitas programadas às comunidades e compromissos dentro e fora da Prelazia.

O que pretende fazer agora. D. Erwin? Ficará no Xingu, com Bispo Emérito, auxiliando seu sucessor, um franciscano que é professor de Teologia? Quais os seus planos?

Terei o privilégio de ser o consagrante principal na ordenação episcopal de **Frei João Muniz Alves** que será meu sucessor como Bispo-Prelado do Xingu. Ele precisará de um bom tempo para conhecer essa maior circunscrição eclesiástica do Brasil e assumir a sua missão de bispo numa realidade complexa e em parte também conflitiva. Não vou passar o cargo

para ele e sumir do mapa. Um novo bispo não entra pela porta da frente e o seu antecessor sai na mesma hora pela porta dos fundos. Seria um absurdo. Se ele me escolheu como consagrante principal certamente conta ainda com minha ajuda de irmão até conhecer de perto as regiões, paróquias e áreas de pastoral, as diversas dimensões da Prelazia e também os desafios da Igreja do Xingu. Sem dúvida, haverá um tempo razoável de transição, mas sem transtornos. Estarei simplesmente à disposição de meu sucessor. Aliás, fiquei muito feliz com a nomeação desse frade franciscano que nasceu em nosso estado vizinho, no Maranhão. *Laudato Sí* – Que Deus seja louvado!

Não faço planos. Sou secretário da *Comissão Episcopal para a Amazônia* presidida pelo Cardeal *Dom Cláudio Hummes* e assumi a função de coordenador da *REPAM (Rede Eclesial Pan-Amazônica)* no Brasil. Esses cargos continuam independentes da sucessão no *Xingu.* Além do mais recebi e recebo muitos convites para orientar retiros para Padres e Religiosas/os. Não me faltará trabalho e oportunidade de engajar-me nas diversas frentes de nossa Igreja. Aliás, nem consigo atender a todos os convites dentro e fora do país para falar sobre a Causa Indígena e a questão da Amazônia em diversos fóruns, seminários em nível nacional e internacional. Certamente não vou morrer de tédio, sem saber o que fazer. Deus me livre!

O Pará é sua terra adotiva, como Belém foi a terra que adotou, até o fim, D. Vicente Joaquim Zico, seu irmão no episcopado. Um homem com duas pátrias (ainda que naturalizado), como se sente agora, quando está, pelo menos oficialmente, dispensado da missão de dirigir uma Diocese?

Completei cinquenta anos de *Xingu*. Quando fui nomeado bispo, já vivia há quinze anos no Xingu. Sempre digo que sou "brasileiro nascido na Áustria". Não fui mandado para o *Xingu*. A escolha e decisão foi minha. Quando à meia noite de 24 a 25 de novembro de 1965 cheguei em *Belém* a bordo de num navio cargueiro, sabia que ia ficar.

Em 21 de dezembro de 1965 já estive em *Altamira*. Nunca me arrependi. Ninguém nega as raízes. Seria um absurdo, mas entendo-me hoje como xinguara. Identifico-me com essa região em que vivo há meio século e com seu povo. A maioria dos municípios do Xingu me outorgou o título de cidadão honorífico. Sou Doutor honoris causa pela Universidade Federal do Pará.

E tem mais: Aposto que exista alguém que conhece o Xingu e o seu povo tão bem como eu. Visitei as comunidades em toda parte, fui até as cabeceiras dos igarapés e os fundos das vicinais da Transamazônica. Andei pelo **Alto** e **Baixo Xingu**. Visitei aldeias indígenas e as comunidades mais distantes. 50 anos não são 50 dias! Com tudo isso, quem ainda ousaria duvidar que sou do Xingu.

Nunca me apresentei como "austríaco". Sempre digo que sou do *Xingu.* Nasci na Áustria, sim, mas vivi e vivo a minha vida aqui. Não tenho planos de voltar definitivamente à Áustria. É perigoso transplantar uma árvore velha. Se o fizer, ela vai murchar, perder as folhas e lentamente morrer.

Onde mora sua família? Seus amigos estão todos no Pará? A gente do Xingu, os índios, eles são sua família? Penso que o senhor pode dizer como Jesus: "minha mãe e meus irmãos são os que fazem a vontade de Deus". Onde estão os "seus", D. Erwin?

Tenho minha família em dois níveis. A biológica, é claro, e a família que escolhi. Meus pais, Deus já os recebeu nos prados eternos. Morreram idosos, ambos no mesmo ano. Mamãe foi primeiro aos 91 anos em janeiro de 2004, Papai seguiu aos 94 anos em maio daquele ano. Tenho irmãos e irmãs, sobrinhas, sobrinhos, cunhadas, cunhados e muitos primos e primas, inclusive no Brasil, já que meu tio, irmão da minha mãe, casou aqui. Somos uma família tradicional com muitas ramificações. A primeira informação sobre um antepassado com meu sobrenome e no lugar em que eu nasci, é do início do século XV.

Mas minha grande família que escolhi é o povo do Xingu. É minha gente. Esse povo me acolheu com muito carinho quando cheguei, com a idade de apenas 26 anos, Padre recém-ordenado, cheio de entusiasmo. Em todos esses anos senti sempre o carinho do povo do Xingu.

Quando fui ameaçado de morte por alguns mafiosos que não aceitaram o meu empenho intransigente em favor dos pobres, dos índios, os atingidos pela barragem, ou queriam vingar-se porque denunciei injustiças e violências e apontei ainda os criminosos que abusaram de meninas do colégio, o povo reagiu imediatamente e tomou partido em meu favor. Havia faixas dizendo: "Dom Erwin, nós te amamos!" Quantas "declarações de amor" recebi e continuo recebendo. Onde chego em visita a uma comunidade, o povo me

abraça, beija, quer pousar comigo para fotos. A turma jovem bate "selfies".

E no final da visita, sempre a mesma pergunta: "Quando vem de novo?". Quantas despedias com lágrimas! Alguém ainda dúvida, quem é minha família?

Sabe-se que o senhor é um homem de hábitos simples, que deu a vida pela causa que abraçou. É padre no melhor sentido do termo. O que não pode fazer, enquanto Bispo, que pretenda fazer agora?

Continuo bispo, só deixo de ser o titular da *Prelazia do Xingu*. Há coisas que há muito tempo queria fazer e não tive condições de fazê-lo. O arquivo da Prelazia precisa urgentemente de uma atenção especial. Acumularam-se muitos documentos e cartas. Sempre gostei de escrever, mas na maioria das vezes foi quase que "sob pressão". Queria ter tempo para contar tantas histórias vividas ao longo desse meio século.

Belo monte foi a causa em que, recentemente, mais se engajou. O mundo inteiro ouviu sua voz, protestando contra a construção da usina. Menos, ao que parece, o ex-presidente Lula e a presidente Dilma. Belo Monte é agenda proibida com a Presidente? Quando soube que não poderia tratar desse tema, o senhor desistiu do encontro. O que vale a pena conversar com ela?

Belo Monte já é uma realidade. Lutamos por décadas contra esse projeto e não conseguimos evitar a sua realização. Estive duas vezes com *Lula,* em 19 de março e 22 de julho de 2009. Naquelas audiências tive ainda esperança de poder reverter o quadro. Na segunda audiência éramos dez pessoas: indígenas, ribeirinhos, procuradores da República, *Dr. Célio Berman* da USP e a mulher mais empenhada na luta em favor da Amazônia e de seus povos que conheci em minha vida, a minha comadre *Antônia Melo.* Foi naquela oportunidade que o Lula me segurou no braço e falou aquela frase que virou até manchete: "Não vamos empurrar esse projeto goela abaixo de quem quer que seja!".

Falou ainda que *Belo Monte*, se for realizado seria totalmente diferente de outros empreendimentos deste tipo. Ele não pretendia repetir Balbina que chamou de "monumento à insanidade". Lembrou ainda a grande dívida que o Brasil tem com os atingidos de outras barragens e finalizou dizendo que Belo Monte só será feito "se for do agrado de todos". Naquela hora fiquei eufórico. Acreditei na sinceridade do presidente. Só mais tarde dei-me conta de que todas as palavras do presidente foram mera encenação. Falou o que o bispo queria ouvir.

Quando descobri que fui traído, fiquei com nojo! Como presidente do *Conselho Indigenista Missionário (CIMI)* tentei ainda um contato com a *Dilma.* Mas soube que, se *Belo Monte* constasse da pauta de assuntos a serem tratados com a presidente, ela mandaria cortar imediatamente, pois *Belo Monte* é fato consumado. Quem se prontificou a receber-me em audiência foi o Ministro da Secretaria-geral da Presidência da República, *Gilberto Carvalho.* Foi agendada a audiência. Mas poucos dias antes da data marcada, em um evento promovido pela Pastoral Social da CNBB, *Gilberto Carvalho* foi categórico em anunciar em alto e bom som que a construção de *Belo Monte* está decidida e essa decisão é irreversível. O que eu iria ainda fazer lá no gabinete desse homem? Pousar para uma foto ao lado de um sorridente ministro como prova do "diálogo" entre o governo e o bispo do Xingu? Não fui! Fui eu quem cancelou a audiência.

O ex-presidente Lula prometeu diálogo, respeito às pessoas e que a usina só sairia do papel se fosse do agrado de todos. Isso não aconteceu. Parece que tudo que ele prometeu foi para ser agradável ao senhor. Deve ter ficado uma grande mágoa por haver ser sido iludido por um presidente da República...

Soube depois da segunda audiência em 22 de julho de 2009 que a equipe que cerca o presidente já havia questionado a concessão de uma audiência ao bispo do Xingu, alegando tratar-se de "agenda negativa". Mas **Lula** manteve o que prometeu em 19 de março. Garantiu efusivamente a continuação daquilo que ele chamou de diálogo.

Foi marcado um outro encontro para outubro do mesmo ano. Passei no final de outubro de 2009 uma semana em Brasília aguardando ser chamado para um novo "diálogo". Cada dia recebi um telefonema do planalto dizendo que "hoje não dá, talvez amanhã".

Na sexta-feira *Gilberto Carvalho* me telefonou às 21:30 avisando que "lamentavelmente" não daria desta feita eu ser recebido pelo presidente pois ele partiria para Venezuela para encontrar-se com *Hugo Chávez*. Na minha ingenuidade ainda acreditei no "diálogo" até que finalmente descobri que fui gentilmente convidado a cair fora.

Belo Monte já é uma luta perdida. Como o senhor se sente, depois de haver alertado o planeta para os desastres ambientais que a construção da usina provocaria e, sobretudo, para os dramas humanos? Como o senhor vê o quadro, agora irreversível, das pessoas que vivem na região da usina? As casas, pelo menos, oferecem condições dignas de moradia?

Muitas vezes me perguntam, se eu não estava tremendamente frustrado e decidido de pendurar as chuteiras de uma vez, já que não fui, ou melhor, já que não fomos vitoriosos em nossa luta. Primeiro não me entendo como derrotado, de jeito nenhum. Como bispo cumpri minha missão. Quem se deixa orientar pelo Evangelho não faz depender o seu engajamento em favor dos irmãos e irmãs da certeza da vitória, já previamente garantida. Aliás, a execução de Jesus na forma mais cruel que a antiguidade conhecia é aparentemente um atestado insofismável do fracasso total e absoluto de sua missão. De fato, os sumos sacerdotes e anciãos acharam que com a morte de Jesus toda a sua mensagem fosse varrida de uma vez da face da terra. No entanto, da cruz saiu a maior revolução de todos os tempos, a revolução do amor. *É bem interessante também a palavra de Mahatma Gandhi: "A satisfação está no empenho, não no sucesso. Empenho total é sucesso total"*

As casas construídas para as famílias compulsoriamente desalojadas e arrancadas de sua terra são bonitinhas por fora e apertadas por dentro. São planejadas nos gabinetes de Brasília e não levam em conta a índole do povo paraense e amazônida e as peculiaridades climáticas da região. Mesmo que têm mais uns poucos metros quadrados inserem-se no estilo das gaiolas denominadas "*Minha Casa – Minha Vida*". São uma agressão à cultura habitacional do paraense, do amazônida, pois não levam em conta os costumes do povo que vive aqui. A tradicional hospitalidade amazônida que sempre acha mais um lugar em casa para atar a rede para um familiar, parente ou amigo, é brutalmente massacrada. Imagine-se só um casal com talvez dois filhos diante do pai ou da mãe que vivem no interior e vem a **Altamira** para se tratar e logicamente se dirigem à casa de seu filho ou

filha para hospedar-se. O filho, a filha terá que repetir a sentença do dono da pensão em Belém quando Maria e José procuraram abrigo: "Aqui não tem lugar!".

O senhor consegue dimensionar o tamanho do prejuízo que os povos indígenas tiveram, histórica e continuamente, na Amazônia, desde que aqui chegou, em 1965, como padre recém-ordenado?

Lamento que os povos indígenas que até agora viviam na *Volta Grande do Xingu* não têm condições de sobreviver em suas terras. Não sei se vão sobreviver fisicamente. Culturalmente sei que não! Os grandes projetos governamentais são todos anti-indígenas. Não levam em conta a presença, desde tempos imemoriais, destes povos. O sujeito da história é o projeto, não um povo.

Mas vivi nas décadas passadas também uma experiência muito positiva e gratificante. Desde que cheguei à Amazônia nutri uma afeição especial pelos povos indígenas. Nunca me esqueço da ducha fria que levei quando como padre recém-chegado perguntei pelos *Kayapó* e um cidadão me respondeu que deveria "largar de mão esses caboclos" e ainda acrescentou: "Se Deus quiser, daqui a vinte anos não sobrará um deles!"

Naquela hora jurei comigo mesmo que no que depender de mim lutaria sem trégua em favor dos povos indígenas, pela sua sobrevivência, sua cultura e pelo direito às suas terras ancestrais.

Já em 1983 fui pela primeira vez eleito presidente nacional do *Conselho Indigenista Missionário (Cimi)*. Exerci essa função por quatro mandatos. Uma das maiores vitórias que registro em minha vida foi a inscrição dos direitos indígenas na Constituição Federal de 1988. Foi fruto do empenho do Cimi e da Igreja Católica junto com os povos indígenas. Através de inúmeros encontros com os deputados constituintes, conversas e palestras, inclusive no Congresso, conseguimos finalmente uma votação favorável ao capítulo *"Dos Índios"* (Art. 231 e Art. 232). No dia 1º de junho de 1988, o plenário da *Assembleia Nacional Constituinte* aprovou a redação do capítulo específico sobre os direitos indígenas. No segundo e último turno de votação plenária, na sessão de 30 de agosto de 1988, de 453 votos, o capítulo sobre os índios obteve 437 votos favoráveis, 8 abstenções e 8 votos contrários.

Lastimo agora ter que constatar que através da *PEC 215/2000* a poderosa bancada ruralista no Congresso declarou guerra às conquistas de 1988, querendo alterar os parâmetros constitucionais.

Quando aqui chegou, há exatos meio século, a Igreja era governado pelo, agora, beato Paulo VI, que cuidava de dar vida às decisões do concílio convocado por seu predecessor, o agora São João XXIII. O Concílio não mudaria apenas o rito da missa, mas muita coisa deveria ser alterada. O que, se dependesse de sua forma de ver a vida, poderia ser mudado nas relações da Igreja com o mundo e da Igreja com seus padres e freiras? A manutenção do celibato é tema proibido ou deve ser revisto pelo Papa?

Não considero o tema *"celibato"* um tema proibido. É um fato que muitos bispos falam sobre o assunto e não apenas "à boca pequena". Concordo que se trata de um tema delicado que dá margem para muitas interpretações, às vezes até bastante equivocadas. Quero, porém, colocar os pingos nos is. A decisão por uma vida celibatária é decisão de um homem ou de uma mulher que opta livremente por esse estado de vida. Ninguém tem direito de forçar alguém a tomar essa decisão como ninguém pode obrigar um homem ou uma mulher a se casar. O celibato tem um valor imenso quando é assumido voluntariamente "por causa do Reino" (Mt 19,12).

Pessoalmente não poderia imaginar-me fazer o que fiz ou expor-me do jeito como tive que me expor, enfrentar circunstâncias adversas como tive que enfrentar e suportar até ameaças à minha vida se tivesse mulher e filhos. Pelo menos na hora das ameaças teria que tomar a decisão de sair da conjuntura hostil e lembrar-me da primeira responsabilidade como esposo e pai de família. A família sempre teria que ser a prioridade número um.

O celibato se torna "problema" quando é acoplado à Eucaristia que, segundo as atuais leis e normas da Igreja, pode só e exclusivamente ser presidida por um homem celibatário. *O Vaticano II* (1962-65) afirmou que "nenhuma comunidade cristã se edifica sem ter a sua raiz e o seu centro na celebração da santíssima Eucaristia, a partir da qual, portanto, deve começar toda a educação do espírito comunitário" (PO 6). A Constituição Dogmática "*Lumen gentium*" do mesmo Concilio fala da Eucaristia como "fonte" e "ponto culminante de todas a vida cristã" (LG 11). É portanto urgente que a Igreja cria estruturas para que os 70% das comunidades da Amazônia que só tem

acesso à Eucaristia duas ou três vezes ao ano possam ter acesso à celebração eucarística Dominical.

O "problema" não é o celibato em si que é uma graça, mas a exclusão de milhões da celebração eucarística Dominical por causa de estruturas perfeitamente modificáveis.

É verdade que o senhor pediu ao Papa permissão especial para ordenar homens casados, uma vez que há uma carência enorme de sacerdotes em sua Diocese, onde há 800 comunidades e apenas 27 padres. Qual foi a resposta da Santa Sé? Se é que houve resposta.

Nunca pedi ao Papa explicitamente uma "permissão especial para ordenar homens casados". Que eu tivesse feito um pedido nestes termos foi uma interpretação que apareceu em alguns jornais. Na realidade falei na audiência particular que o *Papa Francisco* me concedeu em 4 de abril de 2014 sobre as "comunidades sem eucaristia". O Papa falou então aquela frase que também virou manchete. Ele me disse que espera dos bispos "propostas corajosas". Voltando ao Brasil relatei na Assembleia Geral de 2014 em *Aparecida* aos bispos reunidos o que o Papa me havia dito. Em seguida a Presidência da CNBB constituiu uma comissão que está estudando e elaborando propostas "corajosas" que oportunamente podem ser submetidas ao *Papa Francisco*. Espero apenas que isso aconteça o quanto antes.

Na sua opinião, como deveria ser a ação da Igreja, hoje, numa terra continental como a Amazônia, onde algumas denominações ditas "evangélicas" avançam rápida e (desculpe o termo) predatoriamente sobre a consciência católica?

Minha experiência é que, quando alguém participa e se engaja em sua comunidade e a comunidade está funcionando realmente na sua dimensão samaritana e profética, se entendendo como a família das famílias em que

todas e todos tem vez e voz, e ainda tornando-se espaço para a meditação da Palavra de Deus e de oração e celebração é muito raro um membro se despedir e mudar para uma outra denominação.

Padres casados são uma solução paliativa um futuro inevitável para a Igreja?

Mais uma vez, não se trata de padres casados ou não. O cerne da questão é o acesso dos fiéis à Eucaristia.

O Papa Francisco tem conseguido fazer com que as pessoas pensem, pelo menos, na misericórdia de Deus para com as minorias, como os gays; ou para com mulheres que praticaram aborto. É a Igreja se abrindo ao mundo para acolher os que, até então, viviam à margem. O que o senhor pensa sobre isso? Como sua vivência entre povos indígenas e a gente simples do interior do Brasil, com poucos direitos à cidadania e à dignidade de vida, fez o senhor pensar esses temas?

A história do Bom Samaritano que Jesus contou (Lc 10, 25-37) é para mim o paradigma para entender o que significam compaixão e misericórdia. Compaixão é um estado emotivo, um sentimento afetuoso do tipo: "Coitadinho!" "Dá dó ver o pobrezinho!". Misericórdia é a compaixão traduzida em ação, em solidariedade, em amor que se doa sem nada esperar em troca. O detalhe está no original grego do Evangelho de São Lucas, onde a pergunta de Jesus não é "quem foi o próximo" como erroneamente quase todas as edições da Bíblia traduzem. Jesus pergunta: "quem tornou-se próximo?". Ser próximo é a constatação de alguém estar bem perto de outrem. Tornar-se próximo implica numa decisão conscientemente tomada de aproximar-se de outra pessoa, no caso da história do Evangelho, de quem foi assaltado e está necessitando de primeiros socorros. Não importa quem é, de onde vem, a que raça pertence, que religião professa. Basta que esteja sofrendo, basta que esteja precisando de nosso auxílio, de nosso apoio.

É essa vocação da Igreja, de cada cristão e cristã: tornar-se próximo. Em primeiro lugar nunca fica o julgamento ou uma possível condenação. A "aproximação" em termos de ajuda, carinho, compreensão tem sempre a primazia. Defendo a vida desde a concepção até o desenlace natural de uma pessoa. Mas defendo também que as **mulheres em situações de risco** sejam amparadas e tenham alternativas concretas para evitarem o pior, a morte provocada do neném debaixo de seu coração. Quando se fala em aborto, geralmente só se pensa na

mulher. Tantas vezes fica sozinha no seu dilema, entregue à própria sorte. Cadê o homem que engravidou a mulher? Está palitando os dentes em qualquer esquina da rua como se nada tivesse acontecido! Existe ainda, e muito, essa desgraça de machismo.

Quanto aos *indígenas*, a misericórdia se traduz em defesa de seus direitos constitucionais e numa sensibilidade toda especial para com os primeiros habitantes desta terra. Atitudes ultrajantes e racistas continuam a existir e são muitas vezes cultivadas no seio da família. Se para os pais os índios são "caboclos" e "selvagens" quem vai evitar que os filhos tenham a mesma compreensão? Grande parte do material didático de nossas escolas tem que ser revisado.

São João Paulo II foi duro com o ex-presidente Sarney, quando disse que a reforma agrária no Brasil não poderia fracassar, porque era uma questão de direitos humanos. O que fez a Igreja para que esse processo não parasse de vez?

Fico intrigado como a questão da "reforma agrária" desapareceu da pauta do governo. Foi durante anos a bandeira prioritária do PT que inclusive ajudou o **Lula** ganhar a eleição. De repente nem é mais assunto de pauta nos Encontros Nacionais do PT. É uma das grandes decepções que carrego comigo: um partido que assumiu compromisso com as causas dos menos favorecidos no Brasil, especialmente os trabalhadores no campo e os operários debandou para o outro lado, fazendo alianças com o latifúndio e o agronegócio. Parece-me que para garantir a governabilidade os políticos hoje estão prontos para fazer aliança até com o diabo.

Ainda bem que a Igreja Católica nunca abandonou essa causa. Sempre de novo a questão agrária estava na pauta de assuntos das Assembleias Gerais da CNBB. E a *Pastoral de Terra (CPT)* continua firme na defesa dos direitos dos agricultores e denuncia vigorosamente todo tipo de crimes no campo, desde a manutenção de empregados em regime de escravatura até os assassinatos brutais a mando do latifúndio. No caso da questão indígena o *CIMI* é hoje criminalizado por defender os direitos dos indígenas às suas terras ancestrais, ancorados na Constituição Federal em vigor. No *Mato Grosso do Sul* uma deputada estadual inventou uma CPI do CIMI que corre atualmente naquela Assembleia Estadual. Que inversão de valores!

O Papa Francisco – cuja simplicidade, na casa Santa Marta, onde teve um encontro privado com o Pontífice, que o deixou muito impressionado pela simplicidade – escreveu uma carta encíclica sobre ecologia. O senhor acha que ele continua pregando no deserto, como João Batista?

O encontro que tive com o Papa não ocorreu na *Casa Santa Marta,* mas na biblioteca do *Palácio Apostólico*. Passei quatro dias na *Casa Santa Marta* onde pude realmente apreciar a simplicidade do *Papa Francisco*. Vi como entrou à noite no refeitório e pegou o seu prato como qualquer hóspede para servir-se no buffet. Num outro dia vi-o chamar e aguardar o elevador, os guardas suíços em discreta distância.

Estou convicto de que a Encíclica *Laudato Sí* influenciou a 21ª Conferência do Clima **(***COP 21***)** realizada há poucas semanas em *Paris.* Aliás, esta encíclica também tornou-se um ponto alto em minha vida de bispo na Amazônia quando descobri que minhas sugestões a respeito da Amazônia e dos Povos Indígenas apresentadas naquela memorável audiência foram contempladas nos números *38 e 146.*

Pode ser que o Papa é ainda uma voz no deserto, mas ninguém nega que ela repercute e muito e não será mais calada.

O senhor ainda consegue acreditar num Brasil que não para de produzir notícias sobre a corrupção e a incompetência dos governos para agir em favor da vida dos que mais necessitam?

"A esperança é a última que morre" é um ditado popular. Continuamos a sonhar com um Brasil diferente. Aqui e acolá surgem fatos concretos. O "Lava-jato" já é um indicativo de mudança. Esses "cabra ruim" que lesaram o Brasil e os brasileiros hoje pelo menos são indiciados e quem nem em pesadelo sonhou com prisão está hoje vendo o sol quadrado. É pena que tudo anda tão devagar que às vezes se perde a confiança. Será que de novo tudo vai acabar em pizza? Como um presidente da Câmara de Deputados comprovadamente corrupto e mentiroso pode ser manter no poder? São perguntas que cada um de nós se faz.

Mas mesmo assim, mais uma vez: "A esperança é a última que morre"

Agora que já não é mais responsável por uma Diocese, pensa em dispensar a

proteção policial que o acompanha 24 horas por dia, até ir a um aniversário? Já se sente livre para ser livre ou a Amazônia, inclusive nesse sentido, continua a ser um lugar perigoso para pensar em Justiça Social como o senhor?

Não fui eu que pedi a proteção pessoal. Pelo contrário me opus e só aceitei diante da insistência de quem "sabia mais que eu" e me recomendou encarecidamente que aceitasse a decisão do governo. Assim cabe também à Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República com seu programa de Proteção dos Defensores de Direitos Humanos a encerrar a proteção especial.

Não vejo atualmente nenhuma razão de manter a proteção. Mas, como um superintendente da polícia me falou: "Quando tudo parece tranquilo, mesmo assim nunca se sabe o que essa gente está tramando"

Para finalizar, D. Erwin: o senhor conheceu outras irmãs (ou irmãos) com o trabalho e coragem semelhantes ao de Dorothy Stang em sua caminhada como padre ou como Bispo, que corram os mesmos riscos da missionária assassinada em 2005?

Conheci, sim, pessoalmente o *Dema, Ademir Alfeu Federicci,* casado com *Maria da Penha* e pai de quatro filhos assassinado na madrugada de 25 de agosto de 2001 em sua casa. Caiu morto aos pés de sua mulher. "Maria cuide de nossos filhos!" teriam sido suas últimas palavras. Morreu pela mesma causa que foi a razão do assassinato, uns anos mais tarde, de Irmã *Dorothy Mae Stang.*

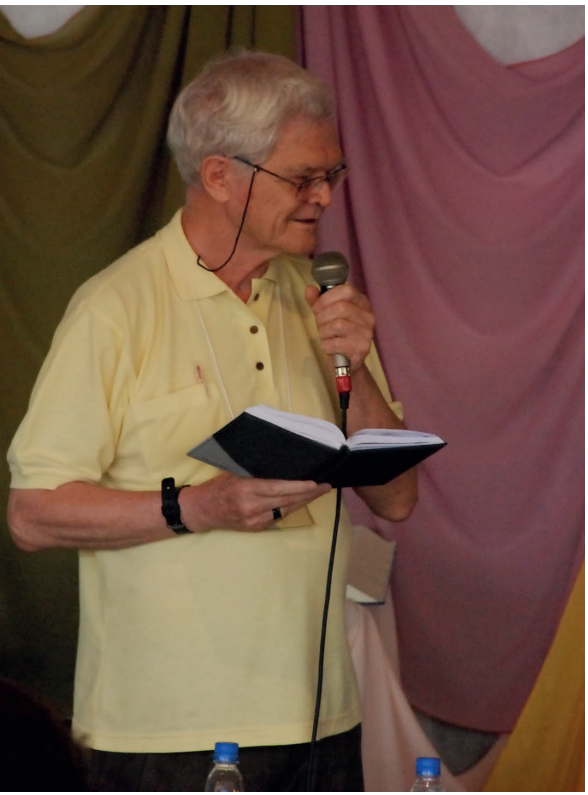
Irmão *Humberto Mattle* foi morto no corredor da Casa da Prelazia em que moro. O motivo verdadeiro de seu assassinato à queima-roupa ninguém sabe até hoje.

Já em 28 de abril de 1985 Irmã *Cleusa Rody Coelho* foi barbaramente executada. Conheci-a do Cimi. Dedicou a sua vida aos *Apurinã,* na Prelazia de Lábrea, AM. A autópsia revelou que foi espancada até a morte. Todas as suas costelas estavam quebradas, seu crânio fraturado.

Diante dessas e outras mortes bárbaras sempre lembro a palavra que se encontra na Primeira Carta de São João: "Nisto conhecemos o amor que Ele deu sua vida por nós. Também nós devemos dar nossas vidas pelos irmãos e as irmãs" (1 Jo 3,16).

7. FREI CARLOS MESTERS:

Flor Crescida na Sombra.



Eliseu Lopes, o conceituado autor, deixou esta bibliografia de Carlos Mesters:

"Ao se encontrar com Carlos Mesters pela primeira vez, em Maria de Itapuranga (GO), exclamou: 'Então o Sr. é que é o frei Carlos Mesters? Parece flor crescida na sombra: alto, esguio e pálido.' É isto o Frei Carlos. É flor crescida na sombra".

Nasceu numa cidadezinha ao sul da Holanda. Cresceu na acolhedora e cálida sombra de uma família biblicamente perfeita: sete irmãos. Na infância, viveu os anos sombrios da Segunda Guerra Mundial. Mas, pela localização geográfica, sua cidade ficou à sombra dos acontecimentos e não sofreu grandes transtornos.

Jacobus Gerardus Hubertus Mesters nasceu no dia 20 de outubro de 1931. Foi este o nome que recebeu na pia batismal. Vinte anos mais tarde, ao receber o hábito da Ordem Carmelita, já no Brasil, foi rebatizado de Carlos Frei Carlos Mesters.

Quando fala ao povo sobre a Bíblia, Frei Carlos recorre às vezes a algumas imagens familiares. A Bíblia é como um álbum de família. Numa desordem organizada, seguindo o ritmo da vida, oferece um espelho da família. Enfeixa e reúne, na sequência das páginas e até numa página só, o registro de cenas e fatos distantes no tempo. Anos e anos podem ser folheados num minuto. Vêm emendados, um no outro, acontecimentos com séculos de distância.

O Brasil como lar definifivo

Aos 17 anos, o jovem Jacobus Mesters escolheu o Brasil como campo de sua futura atividade missionária. No convento da Rua Martiniano de Carvalho, completou o curso de "Humanidades" e, em janeiro de 1951, com o hábito de carmelita, recebeu o sonoro nome de Frei Carlos.

Muito sabiamente, os carmelitas enviavam seus futuros missionários em plena juventude e ainda no período de formação, numa fase muito propícia à enculturação. Cursou a Filosofia em São Paulo e foi fazer a Teologia em Roma, no Colégio Internacional Santo Alberto, em 1954. Foi consagrado presbítero no dia 7 de julho de 1957. Formou-se em Teologia no Angelicum, a respeitada Faculdade Teológica dos Dominicanos, em 1958. Em ciências bíblicas, formou-se primeiro no Institutum Biblicum, dirigido pelos Jesuítas em Roma e, depois, na Escola Bíblica de Jerusalém, dos Dominicanos. Em 1962, voltou a Roma para defender sua tese junto à Pontifícia Comissão Bíblica. Em 1963, de volta ao Brasil, foi nomeado professor no Curso Teológico dos Carmelitas, em São Paulo.

Pelo testemunho de alguns de seus ex-alunos, a Exegese, até então considerada uma matéria árida e secundária, passou a merecer um grande interesse, graças às virtudes didáticas e, sobretudo, ao entusiasmo contagiante do jovem mestre. Seu desempenho como professor não passou despercebido: em 1967, foi convocado para dar aulas no Colégio Internacional Santo Alberto, em Roma.

É claro que este «brasileiro» não podia se conformar em ficar longe do Brasil. Em 1968, deu por encerrada sua colaboração em Roma e voltou, sendo transferido para Belo Horizonte (MG), onde o Convento do Carmo se destacava como um centro de irradiação, um lugar de acolhimento e um ponto de referência, naqueles tempos convulsos. Foi chamado para lecionar no Instituto Central de Teologia e Filosofia da Universidade Católica, que vivia uma fase de grande efervescência. Aliás, todo o mundo estudantil, em Belo Horizonte, estava em febre alta. Frei Carlos e seus companheiros participavam ativamente dos movimentos de resistência ao regime militar que se exacerbava.

Frei Carlos e o CEBI

O CEBI é como uma planta rasteira que se esparrama e, na sua aparente fragilidade, leva a força irresistível da vida. A semente dessa planta foi lançada, em Angra dos Reis, no final de 1978, através de dois cursos de caráter nacional. Em 1979 foi semeada regionalmente no Nordeste, no Centro-Oeste e no Sul. Para frei Carlos, seu único mérito é de ter sido o semeador no terreno fértil e já preparado das comunidades populares. Quem o acompanhou, nesses primórdios do CEBI, sabe da sua total e incansável dedicação. Começou uma fase de intensa produção, digamos, informal e espontânea, em que se desenvolveu e aprimorou aquele carisma de comunicador da Palavra que todos reconhecem nele. Ele próprio deve ter perdido a conta dos cursos que assessorou, dos textos que escreveu, das reuniões de que participou, das entrevistas e reportagens que deu. Como não se atribui nenhum direito de propriedade privada sobre o que sai de sua boca ou brota de sua pena, sua palavra, falada ou escrita, espalhou-se com a liberdade de uma "brisa leve", para usar uma imagem que lhe é cara, criando um clima novo na atmosfera bíblica.

Por fazer questão de sempre escrever de maneira clara e popular, Frei Carlos é acusado pela empáfia de alguns doutorados de não passar de um "vulgarizador" da Bíblia, sem quilate científico. Esquecem-se de que a obra da vida de Jerônimo, o patrono dos exegetas, foi a Vulgata e de que o grande ideal de Lutero foi o de vulgarizar a Bíblia. Dom Tomás Balduino revida: "criticam porque Frei Carlos não é um simples compilador nem se contenta em fazer autópsia bíblica."

Em 1988, quando o Estadão publicou, com estardalhaço, um longo artigo

feito de ataques contra Carlos Mesters e o CEBI, foi grande a repercussão. Repórteres de jornais e revistas iam ao CEBI ou telefonavam à cata de informações e queriam marcar entrevistas com frei Carlos. Na falta de notícia, publicavam especulações sobre supostos processos em andamento no Vaticano. Frei Carlos se esquivou da imprensa, mas preparou uma resposta contundente a todas as acusações para distribuir aos amigos e interessados.

É assim Frei Carlos: para defender o povo, não lhe faltam audácia nem vigor. Quanto às acusações que lhe são assacadas, simplesmente as ignora para não prejudicar seu trabalho com o povo. O povo, com quem se identifica, é que, neste caso, se sentiu atingido, como provam as inúmeras cartas e abaixo-assinados de repúdio aos ataques que recebeu então.

**Eliseu Lopes (in memorian) foi secretário executivo do CEBI por muitos anos. O presente texto encontra-se publicado em versão ampliada no livro Reflexos da Brisa Leve, publicado por ocasião do aniversário de 60 anos de Frei Carlos Mesters.*

Sua obra insere-na na corrente da teologia da libertação. É um grande incentivador da leitura popular da Bíblia através dos Círculos Bíblicos e das Comunidades Eclesiais de Base.

É membro fundador do Centro de Estudos Bíblicos - CEBI, que tem como objetivo de difundir a leitura da Bíblia nos meios populares através do método criado por Mesters, conhecido como triângulo hermenêutico, com três vértices em permanente interação: a realidade da pessoa, a realidade da comunidade e a realidade da sociedade.

É autor de quase cem livros sobre a Bíblia, próprios ou co-autoria

8. CARDEAL EVARISTO ARNS

"Periferia Ganhou Voz com Cardeal Arns"

Em 1973, três anos após se tornar arcebispo de São Paulo – a maior arquidiocese do mundo naquela época – Dom Paulo Evaristo Arns tomou uma atitude que até hoje soa como surpreendente no meio católico. Simplesmente vendeu por US$ 5 milhões o Palácio Episcopal Pio XII, o imponente imóvel no bairro do Paraíso usado como residência oficial da autoridade católica, e mudou-se para uma casa mais simples no Sumaré.

O comentário é do Ricardo Mendonça e publicado pelo jornal Folha de S. Paulo, 02-11-2013.

O mais radical, porém, viria depois. Com o dinheiro arrecadado, determinou a construção de 1.200 centros comunitários na periferia de São Paulo para criar ambientes mais informais para as reuniões das paróquias locais.

Foram nesses barracos de madeira, muitos feitos em mutirão, que os moradores, sempre incentivados pela igreja de Dom Paulo, passaram a se organizar para brigar por creches, escolas, transporte e postos de saúde, entre outras melhorias.

"Como a igreja atua em silêncio, pouca gente associou uma coisa a outra. Mas foi nesse instante que começaram a explodir reivindicações populares por toda São Paulo", diz o jornalista Ricardo Carvalho, repórter da Folha até o fim dos anos 70 e autor da recém-lançada biografia "O Cardeal da resistência - as muitas vidas de Dom Paulo Evaristo Arns" (314 páginas, editora Instituto Vladimir Herzog, R$ 49,90)

A transformação do palácio em centros comunitários são dois dos 65 capítulos "independentes" da obra.

Com a colaboração de Antonio Carlos Fester, Inês Caravaggi e Maria Angélica Rittes, Carvalho organizou a publicação de tal forma que o leitor pode começar a ler por qualquer capítulo.

Com 359 ilustrações, reproduções de cartas de amigos e parentes e muitos depoimentos exclusivos, o livro é uma seleção dos principais episódios vividos por Dom Paulo desde 1966, quando chegou a São Paulo como bispo-auxiliar da zona norte, até 1998, quando se aposentou e se tornou arcebispo emérito.

Em tom de homenagem, o livro, de forma nem sempre muito bem organizada, funciona como uma espécie de retrospectiva do agitadíssimo período de Dom Paulo no comando da arquidiocese.

Estão lá, entre outros episódios, a histórica celebração ecumênica da Catedral da Sé em 1975 em memória do jornalista Vladimir Herzog, morto dias antes nas dependências do DOI Codi do Exército; a invasão da PUC comandada pelo então secretário de Segurança, coronel Erasmo Dias, em 1977; e a operação planejada por Dom Paulo para entregar ao presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, uma lista com os nomes de desaparecidos políticos.

O livro também narra detalhes e bastidores de episódios ainda hoje pouco conhecidos relacionados a Dom Paulo.

Um deles foi a tentativa de suicídio do então seminarista Roberto Romano, hoje filósofo e professor da Universidade de Campinas. Romano foi preso na rodoviária de São Paulo no momento em que tentava embarcar para o Rio de Janeiro para um encontro com os pais de um frei que havia sido detido. Deprimido com as condições da prisão, ele tentou se matar cortando os pulsos. A pedido do autor, Romano escreveu um texto para o livro em que narra como acabou sendo salvo por Dom Paulo, que foi visitá-lo na cadeia.

Hoje, aos 92 anos, Dom Paulo vive recluso num convento em Taboão da Serra, na Grande São Paulo.

A luta secreta de D. Paulo Arns

No auge da violência promovida pelo governo militar, parte da Igreja e centenas de líderes religiosos no Brasil passaram a ser alvo da repressão. Documentos guardados há décadas em Genebra obtidos pelo Estado revelam como o cardeal d. Paulo Evaristo Arns liderou um lobby internacional, coletou fundos de forma sigilosa e manteve encontros com líderes no exterior para alertar sobre as violações aos direitos humanos no Brasil.

A reportagem é de Jamil Chade e publicada pelo jornal O Estado de S. Paulo, 19-06-2011.

A atuação do arcebispo de São Paulo mobilizou uma rede de informantes, financiadores e apoiadores secretos pelo mundo. Dentro do País, os documentos mostram que ele e seus aliados organizaram manifestações, incentivaram líderes operários e pagaram despesas das famílias dos grevistas no ABC em 1980.

Relatórios, testemunhos, cartas, informações de dissidentes e dezenas de acusações fazem parte de três caixas de documentos entregues ao Brasil na terça-feira, para que possam ser estudados e eventualmente, como espera a ONU, sirvam de base para processos contra autores de crimes contra a humanidade. Os documentos originais foram mantidos no Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra. O Estado teve acesso às mais de 3 mil páginas e, nos próximos dias, publicará parte do conteúdo que está nas caixas entregues à Justiça no Brasil.

A máquina de tortura instalada no Estado não havia poupado nem sacerdotes. Em dezembro de 1978, o Centro Ecumênico de Documentação e Informação, no Rio, coletaria vasto material sobre a repressão sofrida pela Igreja naquela década.

O texto de introdução do levantamento deixa claro que o material havia sido encomendado por d. Paulo, que já tentava organizar um dossiê que compilasse as violações aos direitos humanos e pudesse ser usado em algum momento pela Justiça.

Segundo o relatório, entre 1968 e 1978, 122 religiosos foram presos pelo regime militar. Havia 36 estrangeiros, 9 bispos, 84 sacerdotes, 13 seminaristas e 6 freiras. Outras 273 pessoas "engajadas no trabalho pastoral" tinham sido detidas. Dessas, 34 foram vítimas de torturas como choques elétricos, paus de arara e pressões psicológicas. "Há registros de pessoas que ficam inutilizadas física e/ou psicologicamente por motivo da tortura."

Entre os motivos mais frequentes de prisão estava o fato de proferirem homilias que desagradavam às autoridades, além de ajudarem a organizar manifestações operárias.

Até aquele momento, pelo menos sete pessoas haviam sido mortas como forma de pressão ao clero, tidas como "subversivas" ou suspeitas de passar informações a dissidentes. Foram registrados 18 casos de ameaça de morte e uma dezena de sequestros. A repressão também intimou 75 líderes religiosos a depor, para que denunciassem bispos e sacerdotes.

Reação

Na segunda metade dos anos 70, d. Paulo e líderes religiosos do exterior avaliaram que era hora de reagir nos bastidores para reunir apoio internacional e demonstrar a insatisfação popular nas ruas. Em 27 de setembro de 1977, o então encarregado de Direitos Humanos na América Latina do Conselho Mundial de Igrejas enviou de São Paulo uma carta a Genebra alertando para a «crescente tensão entre a Igreja e as autoridades». A correspondência foi classificada como «confidencial» e seu autor, Charles Harper, pediu que o documento "não fosse publicado".

A carta relata dois fatos fundamentais daqueles dias. O primeiro foi o ato que reuniu 6 mil pessoas na Igreja da Penha, em São Paulo. "Foi a primeira

vez que uma articulação tão lúcida, sob a iniciativa da Igreja no Brasil, foi feita desde 1964 em relação aos direitos humanos", disse Harper. O segundo relato trata da invasão da PUC, no qual Harper aponta para a apreensão de uma tonelada de "material e equipamento subversivo" e para a prisão de 1,5 mil alunos, "alguns em plena prova" nas salas de aula. Para ele, o ocorrido "deve ser visto como uma retaliação contra a Igreja".

O relato alerta para a pressão sobre d. Paulo, considerado alguém de "coragem, firmeza e sentido de timing". Para Harper, os movimentos de liberalização do regime eram acompanhados por uma hesitação dos militares, temerosos de terem de responder pela violência dos anos anteriores e pela corrupção. "Muitos acreditam que há um forte endurecimento das ações repressivas."

Harper sugere que o Conselho Mundial de Igrejas demonstre apoio às instituições religiosas no Brasil. Poucos dias depois, a entidade em Genebra enviaria telegramas para manifestar sua oposição à repressão e apoio à democracia.

Clandestinos

A relação entre o Conselho e d. Paulo ganharia novas dimensões. Dois anos após a invasão da PUC, o cardeal escreveu ao então secretário-geral do Conselho de Igrejas, Philip Potter, sob o alerta de que o "conteúdo dessa carta deve ser confidencial, dada suas implicações". Era o pedido por fundos internacionais clandestinos para a operação que culminaria na publicação, em 1985, de "Brasil: Nunca Mais". A pesquisa revelaria nomes de 444 torturadores, 242 centros de tortura no Brasil e, com os testemunhos de milhares de vítimas, apontaria a dimensão da repressão no País.

O projeto foi ideia do reverendo protestante Jaime Wright, cujo irmão, Paulo, havia sido morto pelo regime. Em vez de procurar sua igreja, o pastor optou por se aliar a d. Paulo. Mas o cardeal resistia em pedir dinheiro para a Igreja Católica no Brasil, temendo que a ala conservadora abafasse o projeto e o denunciasse. A solução era pedir dinheiro de forma ilegal, vindo da Suíça.

Era um projeto ambicioso. O grupo usaria uma brecha na lei para compilar os dados. Para se preparar para a Lei da Anistia, dissidentes e advogados

tiveram acesso por 24 horas a seus dossiês. Foi o suficiente para que o grupo detalhasse a repressão em 1 milhão de páginas coletadas.

“Por todo Brasil, em Cortes militares, há uma abundância de material que substanciam 15 anos de repressão, contidas em centenas de dossiês”, afirmou d. Paulo. Em outra carta, o cardeal chegou a citar o caráter “enciclopédico da tortura” no Brasil.

“Sentimos que as igrejas precisam tomar a iniciativa de garantir que, pela publicação desse material, tais coisas não ocorram de novo”, argumentou d. Paulo. “Pedimos, portanto, que o Conselho Mundial de Igrejas aceite a tarefa de levantar a grande maioria dos fundos necessários, de uma forma confidencial.»

Os arquivos guardaram tabelas detalhadas sobre os custos e as viagens dos pesquisadores. D. Paulo precisava de US$ 329,1 mil para completar seu projeto. O equipamento comprado seria doado para a PUC.

Quase um ano depois, em 23 de junho de 1980, o cardeal receberia uma carta de Potter com duas notícias importantes. A primeira era de uma doação às “ famílias dos operários em greve no ABC”. Mas era a segunda notícia que mais impactaria d. Paulo. O Conselho confirmava que havia conseguido “levantar a maior parte dos recursos necessários à realização do projeto especial”. Potter garantia que a pesquisa sobre a tortura no Brasil seria divulgada nas igrejas “em todo o mundo para sua reflexão”.

Depois de copiados, os processos eram enviados para São Paulo, onde eram transformados em microfilmes. De lá, seguiam escondidos para Genebra. Quem chegava à cidade suíça com as informações retornava ao Brasil com dinheiro para o projeto, escondido dentro do cinto.

Em 19 de fevereiro de 1983, d. Paulo fez questão de informar a Potter que o dinheiro “estava sendo gasto estritamente de acordo com os planos aprovados”. E afirmou: “Esse projeto terá efeitos duradouros.” E não só políticos. Mais que aliados, d. Paulo e Jaime Wright tornaram-se amigos, como mostra uma carta de 1996.

Para Charles Harper, que hoje vive na França, d. Paulo deu apoio moral e espaço físico para quem, dentro da Igreja, lutou contra a ditadura. O projeto valeu a adesão do Brasil nos anos 80 à Convenção da ONU contra Tortura. Para Harper, mesmo que os criminosos nunca tenham ido à Justiça, o trabalho de d. Paulo e do arquivo em Genebra fez com que a tortura no País e suas vítimas não sejam esquecidas.

9. CARDEAL CLÁUDIO HUMMES

O "Choque de Gestão"

D. **Cláudio Hummes**, arcebispo de são Paulo, nomeado na semana passada para prefeito da Congregação do Clero, concedeu uma longa entrevista no 5-11-2006, ao jornal *Folha de S. Paulo.*

Como foi substituir d. Paulo Evaristo Arns, que teve uma atuação marcante à frente da Arquidiocese de são Paulo?

Desde o início, disse que não vinha para ser outro d. Paulo, por mais que houvesse expectativas. Eu reconhecia o grande trabalho de d. Paulo. Com muito respeito, queria continuar aquilo que achava que deveria, mas também tomando a liberdade de trazer novas iniciativas.

Com d. Paulo, a igreja apoiou as Cebs, os progressistas. Hoje, percebe-se um equilíbrio entre eles e os movimentos mais conservadores, como a Renovação Carismática Católica. O sr. se preocupou em harmonizar essas forças?

Sim. Desde o começo. Não quero fazer comparações nem comentários sobre d. Paulo, que admiro muito e sempre admirei. Mas sempre achei que era muito importante dar espaço a todos dentro da igreja. Queria que todos se aceitassem. Como se diz no jargão, desde o extremo, digamos, mais conservador, até o outro, digamos, mais progressista.

O sr. sofreu alguma pressão para manter ou mudar a atuação da arquidiocese?

Não, embora a gente soubesse, claro, que havia desejos diferentes dentro da arquidiocese.

Qual avaliação o sr. faz dessa harmonização?

Depois de dois anos, os bispos-auxiliares que tinham trabalhado com d. Paulo receberam suas dioceses e eu pude escolher. Bem, escolher, não. Pude propor a escolha de novos auxiliares, porque quem escolhe é sempre o Papa. Mas pude propor nomes para os novos auxiliares. E essa equipe foi muito boa, muitos deles com ligações pastorais já antigas, com movimentos ou então com pastoral social. Senti que houve uma aceitação grande de que se desse chance a todos eles.

Os movimentos, por exemplo, têm dado um primeiro impulso missionário porque vêm com esse intuito de converter pessoas ou trazer católicos afastados para dentro da igreja. Eles têm nos ajudado a pensar sobre a evasão de católicos para outras igrejas.

Aqueles que tinham mais contato com as questões sociais também ajudaram. Porque tudo isso continua a funcionar, existe uma multidão de Cebs trabalhando. Continuamos como igreja junto dos pobres.

Além da abertura, o que mais o Sr criou na arquidiocese?

Criamos os *"seminários da caridade"* para tentar revisitar a sociedade toda, mas sobretudo a periferia pobre. Fizemos isso não apenas de uma forma amadorística, improvisada. Queríamos fazer uma aproximação mais científica, mais objetiva. Por isso procuramos parcerias com universidades, técnicos, sociólogos, com a prefeitura, para que eles nos dissessem como a igreja poderia contribuir mais. Esse seminário construiu mapas da pobreza em são Paulo, oito mapas que depois foram publicados em vários subsídios. Depois, foram levados às nossas comunidades para que elas analisassem tudo de novo, as suas obras sociais.

E os centros de apoio ao trabalhador?

Isso surgiu porque vimos que uma das grandes causas da pobreza era a falta de emprego. E isso estava um pouco dentro da minha história, desde o ABC. Decidimos então criar também um centro de atendimento ao trabalhador que fosse uma intermediação de mão-de-obra. Abrimos unidades na periferia para estarmos mais perto desses desempregados, mas tudo com uma estrutura tecnológica nova, modernizada.

Fizemos parceria com o governo federal para que ele arcasse com os custos, e nós, com o trabalho. Isso já foi no final do governo Fernando Henrique Cardoso, que nos acolheu muito bem. Depois o Lula se entusiasmou muito. O Banco do Brasil financiou os custos.

É muito novo esse uso da técnica científica na igreja?

É novo usar um trabalho científico que não seja apenas reunir a comunidade na periferia, perguntar o que pensam e depois tirar conclusões.

Isso que o Senhor está descrevendo é a proposta das Cebs?

Sim.

O Sr deu um "choque de gestão" nas Cebs?

Sim, a gente teve que fazer um pouco isso, o que certamente ajudou a avançar na contribuição à periferia.

O Sr acha que a igreja tem que se preocupar com eficiência?

Tem. A igreja deve ser eficiente no sentido de ter um juízo formado a partir de bases objetivas, científicas. Tem de levar em conta o progresso da ciência, das técnicas para solucionar os problemas. Isso aconteceu nos seminários aqui de são Paulo, como também na PUC. Toda a crise em torno da PUC aconteceu quando fomos torná-la mais moderna na sua administração, mas sem perder a sua excelência acadêmica, porque a PUC é uma grife acadêmica.

A PUC vai ganhar com uma administração mais moderna, mais eficiente, menos perdulária e menos dispersa. Essa preocupação de dar um instrumental mais científico, mais moderno, mais técnico, isso a igreja tem que vir assimilando, e ela está fazendo. Embora a gente não deva entender que os resultados na igreja sejam obtidos só com eficiência. Porque vida de fé e a adesão a Jesus Cristo é também um processo pessoal que você às vezes não atinge e nem deve pretender atingir com a eficiência científica e tecnológica.

O Papa Bento 16 diz que é preciso buscar a verdade, condenando o relativismo. Como o Sr conciliou essa postura com a abertura da arquidiocese para várias correntes?

Hoje, falta uma paixão pela verdade nas questões que são exatamente as questões mais profundas do ser humano, as questões mais fundamentais do sentido da existência. A igreja sempre diz isso: nós devemos progredir no conhecimento da verdade.

A igreja não para em um certo momento e se petrifica. A igreja fala de uma evolução dos dogmas. Quando novas coisas são vistas, elas devem ser integradas nessa verdade fundamental que já se conquistou.

Isso aconteceu no caso dos divorciados?

Hoje se sabe que muitos casamentos nunca existiram em termos católicos. O que estamos fazendo é encaminhar esses casais aos tribunais eclesiásticos para examinar caso a caso. Isso antigamente não existia. Agora, um casamento que foi válido no começo nunca poderá ser invalidado pela igreja. A igreja ajuda esses casais a entender que eles não estão fora da igreja, embora não possam comungar. Mas eles podem participar do restante.

Entre os motivos apontados para a ida do Sr ao Vaticano está a diminuição do número de homossexuais na arquidiocese. Essa foi uma preocupação do Sr quando virou arcebispo de são Paulo?

A orientação da igreja é que nós devemos fazer uma seleção rigorosa. A igreja respeita quem tem essa tendência porque isso, em geral, não depende de escolha. A igreja respeita isso e tudo mais, mas ela não aceita a prática do homossexualismo.

Tenho que ter isso claro quando faço a seleção para o seminário. Procuramos orientar os que têm tendência ao homossexualismo para que procurem outra vocação. Porque muitas vezes lá adiante haverá problemas de novo. Então, na verdade houve essa redução.

Que é a avaliação do Sr sobre o governo Lula?

Penso que o Lula não podia deixar de fazer uma consolidação da economia. Exatamente para não ficar um país excluído dessa grande globalização, por mais que isso também custasse um certo preço. Preço até mesmo social. E aí foi o nosso grande sofrimento das opções. Você tinha um preço imediato, social, mas que depois você podia ganhar de forma melhor. Claro que todos nós lamentávamos os custos, um desemprego grande.

Acho que agora Lula pode construir mais, depois de, como ele mesmo diz, ter feito a base mais sólida. Mas deve fazer com certa ousadia, com certa coragem. Ele deve construir algo mais que simplesmente uma assistência aos pobres, porque o povo quer trabalho, e dar trabalho é o maior desafio de Lula. O *Bolsa Família* é um programa que deve ser continuado enquanto houver pobres. Mas o que não pode é ser transformado em uma cultura assistencialista.

No auge dos escândalos de corrupção do governo, Lula lhe ligou para se aconselhar?

Nunca houve telefonema entre nós sobre essas questões. Mas tenho estado com ele algumas vezes, o tenho encorajado sim, claro. Ele sabe que uma

coisa é a igreja, e outra é o governo. Lula sempre disse isso. Eu discursei na assembleia de fundação da CUT, mas, na fundação do PT, não fui. Lula mesmo dizia para eu não ir porque o PT não quer a igreja como braço nem quer ser braço da igreja.

Como o Sr viu os escândalos do governo?

O Lula é um homem muito ético. Tudo indica que ele não participou diretamente do que houve. Essa é uma convicção que tenho por aquilo que eu conheço do Lula. Isso não significa que ele não deva responder por certas coisas, porque há responsabilidades comuns que vêm pelo cargo que ocupa. Todos nós ficamos extremamente chocados. Os problemas foram uma enorme decepção para mim.

Os adversários de Lula dizem que a sua votação mostra que o povo tolera a corrupção. O que o Sr acha dessa ideia? Está errada?

Não. A questão ética tem que ser trabalhada sempre, e se trabalha com exemplo, com discurso, teorizando a questão. Não creio que houve no Brasil, de repente, um retrocesso. Nós nos demos conta de que há um caminho a ser feito nessa questão de uma consciência ética maior. Houve abusos de alguns setores. Nós vimos os políticos dando um péssimo exemplo à sociedade. Isso é grave. Também esperamos que haja uma apuração plena de tudo isso. Que haja punição, porque a impunidade mostra que não se dá atenção à ética.

10. D. LUCIANO MENDES DE ALMEIDA

"De Roma conheci os subúrbios e as cadeias onde estava o povo pobre e sofrido".

Material tirado de entrevistas com Diego Omar da Silveira; com Fabrício R. Costa Oliveira; e Rodrigo Souza Ferreira.

"Dar auxílio a uma pessoa necessitada é sempre prova de amor fraterno. Temos, no entanto, que pedir a Deus que ilumine nossa responsabilidade política. Mais forte é a caridade de quem se empenha para elaborar e aperfeiçoar as leis do país de modo a assegurar decisões políticas adequadas, capazes de saciar as multidões de famintos e mendigos, de sem terra e sem casa, dos que não tem trabalho nem assistência médica" (*Dom Luciano Mendes de Almeida Jornal Pastoral, agosto de 2004)*.

Dom Luciano Mendes foi, sem dúvidas, um grande personagem na história da Igreja Católica nos últimos quarenta anos. Seu nome, sempre atrelado à opção marcante do Concílio Vaticano II de tornar a Igreja mais próxima da vivência cotidiana dos leigos, está diretamente ligado às transformações da Igreja em toda a América Latina e no Brasil. Filho de uma família profundamente envolvida com a intelectualidade católica, nasceu em 1930 na cidade do Rio de Janeiro. Ainda jovem entrou para a Companhia de Jesus onde fez seus estudos em filosofia (1951 - 53) e teologia (1955-58).

Numa entrevista revelou não ser um bom guia para aqueles que desejam percorrer o Vaticano: "de Roma conheci os subúrbios e as cadeias onde e stava o povo pobre e sofrido". Sagrado bispo em 2 de maio de 1976, trabalhou

ao lado de Dom Paulo Evaristo Arns, como bispo auxiliar na região Leste I da Arquidiocese de São Paulo. Mais uma vez a realidade com a qual conviveu foi a de mais absoluta pobreza. Ganhou expressão entre o episcopado brasileiro por um trabalho de destaque junto às populações da periferia que fez nascer a Pastoral do Menor. Nas palavras de Pe Julio Lancelloti "a própria história da Pastoral do Menor tem na sua certidão de nascimento o nome de Dom Luciano Mendes aliado à sua preocupação primeira: os adolescentes em conflito com a lei, os chamados infratores, dando assim, início à liberdade assistida, comunitária. Logo após, vieram os centros educacionais comunitários, o trabalho com meninos e meninas, as casas de apoio e tantas outras maneiras de construir cidadania com humanidade e participação.

Dom Luciano estabeleceu os alicerces da Pastoral do Menor fundamentando a mística e a espiritualidade que orientam toda a caminhada, a intuição e a conscientização de que Deus é Pai Misericordioso que sempre acolhe seus filhos e filhas, e a importância da criança e do adolescente na vida da família, da comunidade e da sociedade.

Em 1979, o arcebispo tornou-se secretário geral da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e oito anos mais tarde ascendeu à presidência do mesmo organismo. Conduziu a Igreja em momentos críticos e frágeis, como aqueles nos quais a sociedade civil brasileira buscava restabelecer a democracia, construir uma legislação, construir um Estado capaz de pactuar com uma participação cidadã.

Foi também membro permanente do Sínodo dos Bispos desde 1987, membro da Pontifícia Comissão de Justiça e Paz desde 1992 e vice presidente do CELAM (Conselho Episcopal LatinoAmericano) entre os anos de 1995 e 1998. Teve uma atuação marcante em diversas assembleias e conferências da CNBB e do CELAM, especialmente em Puebla e Santo Domingo. *Nesta ultima foi o presidente da comissão de redação e sobre sua participação, assim se manifestou o jornal La Croix: "Mendes, o homem de Santo Domingo (...) entre os bispos latinoamericanos poucos partiram de Santo Domingo sem dever a Dom Luciano uma gratidão muito forte. Porque o pastor é também um*

homem de síntese. Sua pena, reputada eficaz para colocar em forma as ideias foi ainda, mais uma vez, maravilhosa. Moderador da Comissão encarregada de redigir os textos da assembleia, ele foi o conciliador de tendências doutrinais e pastorais, algumas vezes até antagônicas".

Na Arquidiocese de Mariana, à qual chegou em 1988, viveu também essa missão de pastorear e conciliar. Podemos dizer que dezoito anos depois da chegada de Dom Luciano, a arquidiocese é outra, tão grande foram as transformações pelas quais passaram cada expressão religiosa do catolicismo marianense. Podemos ainda dizer que o arcebispo colocou a Igreja Católica de Mariana em pauta com os debates e vivências da Igreja em todo o Brasil. Mas o traço mais marcante é, inequivocamente, o carinho com que se ligou, seja na arquidiocese ou na CNBB, aos movimentos que buscaram transformar a realidade dos mais necessitados. Aspectos da vida e da luta de Dom Luciano Mendes estão nesta entrevista, mas nem tudo está aqui. A imensidão de seu trabalho e de suas idéias aparece um pouco em cada uma das três entrevistas, concedidas em tempos diversos e a três pesquisadores diferentes. Mais do que espaço para que todos conheçam o pensamento (ainda tão vivo) de Dom Luciano, que este seja um lugar onde fica presente nossa homenagem a esse grande homem e pastor.

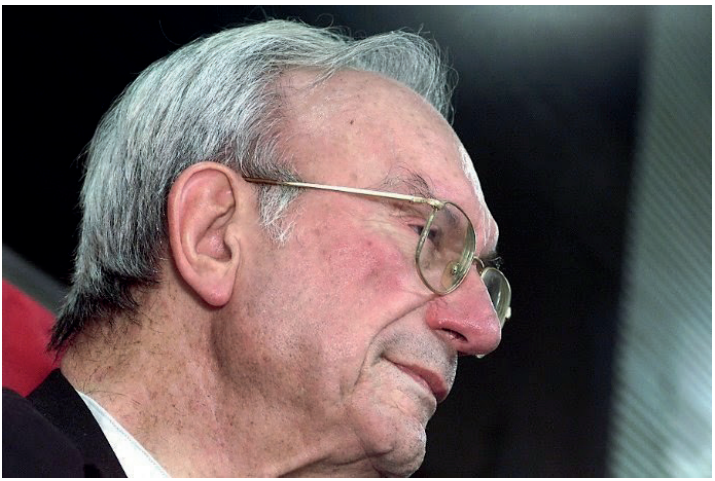
Numa outra entrevista concedida á IHU On Line , perguntado quais foram os momentos mais felizes e mais dramáticos na sua vida Dom Luciano Mendes de Almeida respondeu : " Minha vida toda é muito feliz. Uma das coisas que Deus me faz compreender é o valor da história e da consciência. O processo do Plano Divino de Salvação se faz em todos os momentos, tudo tem uma carga axiológica, um valor especial. Claro que há momentos de mais intensidade, tanto nas alegrias quanto nas tristezas, eu diria na vivência profunda da história. Poderia sublinhar alguns momentos felizes.

O primeiro é o contato com o sofrimento humano, perceber que a história é muito marcada por aspectos positivos e também negativos. Penetrar nesse sofrimento, comungar com esse sofrimento, partilhar esse sofrimento, creio que isso proporciona uma carga existencial muito grande.

Trabalhei cinco anos na prisão, na Itália, depois com as populações mais pobres na periferia de são Paulo, hoje com os ambientes rurais pobres de

Mariana. Eu creio que isso dinamiza muito a própria vida numa fase de experiência e comunhão existencial.

Outros momentos: eu tive oportunidade de passar por todos os países da América Central, nos anos de 1980, a serviço do CELAM, entrei em contato com a Guatemala, El Salvador, a Nicarágua, Honduras, o Panamá, mais tarde também com Cuba, e tudo isso me despertou muito a consciência da América Latina. É a situação de populações sofridas, esmagadas, incompreendidas, empobrecidas que também desperta uma grande vontade de trabalhar e ajudar. São populações, às vezes, indígenas e, às vezes, que passaram pela tristeza da escravidão *Poder comungar com essas realidades é um aspecto que me ensinou a perceber que Deus não tira as dificuldades, mas ajuda a superá-las.* Não se deve pedir um milagre porque o milagre é uma exceção dentro da normalidade da vida humana, mas pedir força para enfrentar essas situações, justamente em comunhão com as outras realidades em que tantos se encontram e são muito mais árduas do que aquela que uma pessoa isoladamente pode enfrentar.



Uma alegria maior, quase pontual, é a alegria de ver a recuperação de certas pessoas, seja da dependência química, da dependência de drogas, seja de um processo de conversão pessoal. Isso dá muita alegria para quem tem a missão de querer ajudar os outros a reencontrar a paz interior.

Essas são alegrias pontuais e um pouco desconhecidas, a alegria de ser um pequeno instrumento da paz de Deus”.

Sobre os momentos mais dramáticos que Dom Luciano viveu, ele respondeu:

"*Em primeiro lugar, os funerais de Dom Oscar Romero*, em El Salvador. Eu fui um dos três bispos presentes e vi a explosão da bomba, o tiroteio contra a população, as mortes na praça, vivendo um momento de grande dramaticidade, ajudando no enterro de Oscar Romero dentro da igreja, horas, e horas, e horas, junto com aquele povo que é tão sofrido.

Em segundo lugar, foi a guerrilha e a situação de conflito no Líbano, *onde estive em contato com doze grupos religiosos diferentes em 1987*. Era um momento de grande aflição para o Líbano, e ali, falando com os sunitas, com os xiitas, com os armênios, com os calDeus, fiquei muito impressionado com o sofrimento daquele povo, que buscava de novo a sua harmonia, o seu diálogo depois de tantos momentos de aflição.

Em terceiro lugar, me marcaram muito as injustiças com problemas de terra aqui no Brasil, especialmente o assassinato de padre Josimo, de padre João Bosco Burnier, de Ezequiel Ramim e a prisão dos padres Aristides e Francisco Goriou. Tudo isso eu acompanhei de perto e me marcaram muito a coragem desses irmãos na fé e a dureza das situações que tiveram de enfrentar e as consequências que esses fatos tiveram sobre a minha vida.

Em fim perguntado quem são as principais pessoas que marcaram sua vida, aquelas que lhe servem de inspiração, Dom Luciano respondeu:

"*Quem mais me impressionou em todas as situações de existência foi o cardeal Francisco Xavier Van Thuan, que ficou nove anos na prisão incomunicável, no Vietnã . Eu tive a oportunidade de tratar com ele várias vezes, foi a pessoa que mais bem me fez na vida e considero uma grande graça tê-lo conhecido"*

11. DOM MAURO MORELLI

"Francisco, Uma Bela Surpresa de Deus"!

"Por causa da convivência com os pobres, Francisco percebeu quais são as questões importantes. A prioridade dele é estar junto desse povo, dar atenção a ele, incentivar que levante e caminhe", diz o bispo emérito da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti.

Confira a entrevista.

"Francisco é um bispo que Deus colocou num submundo de periferia, por isso o apelo dele é voltar-se para este mundo", diz **Dom Mauro Morelli**, bispo emérito da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti, no Rio de Janeiro, em entrevista concedida à **IHU On-Line** pessoalmente. Para ele, o pontificado de **Francisco** acena para "algumas questões que precisam ser entendidas". Entre elas, enfatiza, "resgatar a dimensão humana, porque, do contrário, tudo perde o sentido. A grande demonstração dele é a humanidade no sentido de ser gente, comportar-se como gente, comover-se como gente. Esse é o grande foco de sua transformação".

Dom Mauro Morelli esteve presente no encontro do Papa com os bispos brasileiros durante a **Jornada Mundial da Juventude – JMJ**, e avalia que seu discurso sinalizou para a importância da "conversão pastoral", para a necessidade de "entender que os bispos são servidores desse povo, portanto, não estão em um andar superior". E acrescenta: "Conversão pastoral significa saber, aceitar e viver o pastoreio".

Mauro Morelli foi o fundador do Instituto Harpia Harpyia e um dos fundadores do Movimento pela Ética na Política. Fortaleceu a Ação da

Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida. Esteve à frente da criação do conceito de segurança alimentar como combate à fome e foi um dos articuladores do programa Mutirão de Combate à Desnutrição Materno-Infantil. Foi membro do Comitê Permanente de Nutrição da ONU, e atualmente é presidente do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável de Minas Gerais – CONSEA/MG.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como foi seu encontro com Papa Francisco durante a Jornada Mundial da Juventude - JMJ?

Dom Mauro Morelli – Minha participação na Jornada Mundial da Juventude – JMJ foi muito restrita por várias razões, inclusive por questões climáticas de chuva e frio. Participei da missa na Catedral e do encontro do Papa com os bispos do Brasil. Depois do almoço, cada bispo pode se aproximar brevemente dele para uma saudação, tendo o bom senso de perceber que éramos mais de 200. Ao saudá-lo disse-lhe três coisas. A primeira delas: "O senhor é uma surpresa de Deus". Ele é uma surpresa de Deus porque a Igreja passa por uma profunda crise, e alguém inserido no sistema seria incapaz de ter a liberdade de espírito de entender a crise, e ter coragem de dar passos novos. Por isso, os cardeais chamaram um bispo de longe, que trouxe uma provocação para a Igreja e para a humanidade. Há pouco tempo soube da afirmação de um membro da Cúria Romana que o Papa escolheu um grupo de cardeais para propor reformas, os quais nada entendem da Cúria. Ótimo que não entendam, porque se entendessem, ficariam impotentes e não fariam modificações. Uma segunda palavra em referência aos bispos eméritos em seu discurso aos bispos brasileiros, afirmando preservar a participação dos eméritos e dos idosos na Igreja para dialogar com os mais jovens, para ajudar a compreender e a entender o caminho. Afirmei com tristeza que sendo 160 bispos eméritos não integramos a **CNBB**. Em conversa com o cardeal **Peter Kodwo Appiah Turkson**, entendi que em Gana, seu país, os eméritos são membros da Conferência. No Brasil, o bispo emérito não é membro da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB. Se houver um Concilio Ecumênico, a maior reunião da Igreja, o bispo emérito tem participação com direito pleno. Na CNBB, contudo, é apenas um convidado.

A terceira coisa que disse ao Papa é que me dedico à questão da fome há muitos anos, como é do conhecimento do Cardeal Maradiaga. Depois espontaneamente peguei no braço dele dizendo: "Deus te abençoe", porque ele tem uma grande missão a realizar. Ele deve ter pensado que eu "estou fora do eixo". (risos)

IHU On-Line – Qual foi sua impressão do encontro com o Papa, e que mudanças vislumbra no pontificado?

Dom Mauro Morelli – Confesso a você que tenho um grau de identificação com o Papa Francisco, porque nosso itinerário de vida pastoral é bem semelhante. Nesse sentido, a experiência de enxergar o mundo a partir da realidade em que se está situado é fundamental e decisivo. Ele nunca ensaiou ser Papa. Dá-me a impressão de ser autentico, não faz show, é coerente, e cultiva os mesmos valores enquanto bispo em Buenos Aires.

Vivi algumas tensões na vida de bispo, porque uma coisa é entender o mundo a partir da Baixada Fluminense e, outra, entendê-lo do Sumaré. Veja, Francisco é um bispo que Deus colocou no submundo de periferia, por isso o apelo dele é voltar-se para a periferia. Fiquei contente vendo o Papa entrando na casa de família que mora na favela; dando atenção às pessoas, revelando-se muito humano. Tenho certeza de que para muitos que vivem em Roma, essa surpresa virou um susto. Disse recentemente que é uma pessoa indisciplinada e, portanto, ninguém em Roma está seguro, porque não se sabe como o Papa irá agir e aprontar.

Para o Papa Francisco é de primordial importância resgatar a dimensão humana, do contrário tudo perde o sentido. Sentir-se gente, comportar-se como gente e comover-se como gente. Eis o grande foco de seu entendimento da natureza do pastoreio na Igreja.

Condição humana

Pessoalmente penso que um Papa enfrenta dois problemas: o seu endeusamento na Igreja e a condição de chefe de Estado. O Papa Francisco parece recusar a assumir esses papéis. Na Igreja as coisas devem ser feitas dentro da condição humana, porque ninguém faz nada sozinho. Até o Deus

em que cremos é comunitário. Portanto, o Papa está dizendo que tudo na Igreja tem de ser trabalhado de forma participativa, corresponsável, colegiada e sinodal. Essa dimensão é o reconhecimento de que nenhum de nós esgota a verdade, e que ela é maior do que todos nós.

Ele já acenou que o sínodo deve ser mais valorizado e, portanto, não deveria ser apenas uma experiência consultiva. Acredito que no próximo sínodo ele participará e abençoará o consenso. Recentemente declarou que se sente enjaulado, expressando a vontade de viver com liberdade e não amarrado a estruturas e conveniências.

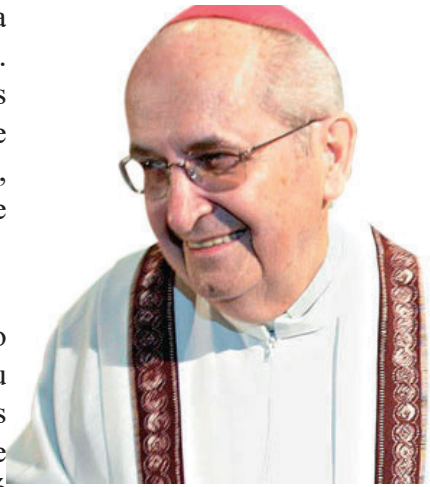
Reformas

Alguns falam que a Igreja deve vender tudo que tem e doar o dinheiro aos pobres. Essa é uma conversa um tanto desqualificada, porque não se resolve problema dos pobres vendendo museus. Além do mais, a Igreja tem a custódia de herança histórica, cultural e artística, que não pode ser jogada fora. Mesmo que o Papa quisesse se livrar disso, seria um processo lento para encontrar uma equação adequada. Trata-se de um assunto complexíssimo.

Particularmente penso que seria um grande passo se o Papa confiasse as atividades diplomáticas, problemas sociais e ambientais, junto à ONU e Governos à Secretaria de Estado, integrada por mulheres e homens escolhidos dentre os quadros das Comissões de Justiça e Paz, chefiada por um primeiro ministro; cabendo à Congregação dos Bispos em diálogo com as Conferências Episcopais as questões relacionadas ao processo de constituição e provisão de dioceses. Considero importante que a Igreja possa participar de organismos da **ONU** através de leigos e leigas eminentes na fé e no saber.

Cada Conferência Episcopal poderia ter uma comissão integrada por um delegado do Papa. Esse serviço deveria ser ligado à Congregação dos Bispos, e não à Secretaria de Estado. Hoje o núncio, que é o embaixador, tem em sua mão toda a relação com o poder político e com a Igreja. Ele quem faz os processos de constituição de dioceses e eleição de bispos, sem um bom conhecimento do país e da realidade. Considero princípio básico que Deus só pede para você fazer alguma coisa que ordinariamente está dentro da condição

humana. O Papa tem uma consciência da grandeza da missão e da limitação humana. Vejo que um equacionamento nessas duas direções seria fundamental. Obviamente que a descentralização do serviço, permite encontrar outros mecanismos de participação.



Nós chegamos, na Igreja, a um paralelismo semelhante ao dos governos, com um grau de burocracia que ninguém consegue mais operar. Estamos chegando a um impasse na capacidade de funcionar. Por isso, é importante que o Papa mantenha a sua humanidade. Esses dias ele falou que não pode ir para rua, quer dizer, a ponto chegamos se o pastor da Igreja de Roma não pode mais andar na rua?

IHU On-Line – Que interpretação fez do discurso do Papa aos bispos do Brasil? Como os bispos brasileiros reagiram às mensagens de Francisco?

Dom Mauro Morelli – O ponto fundamental afirmar que bispo é pastor. A conversão pastoral é justamente entender que os bispos são servidores desse povo, portanto, não estão em um andar superior. O Papa disse: "Sejam pastores, andem na frente das ovelhas para abrir caminho, no meio delas, para conseguir entendimento e, atrás, para ninguém ficar isolado". Então, conversão pastoral significa saber, aceitar e viver o pastoreio.

Francisco recomendou que nos livremos da psicologia de príncipes. O processo histórico fez do Papa um rei e, dos bispos, príncipes. No Brasil também construíram palácios para os bispos. Na diocese, a primeira vez que me chamaram de Vossa Excelência, eu disse: "Nunca mais me xinguem com esse nome". Toda criança que nasce no mundo é excelentíssima e reverendíssima. Quer dizer, é excelente e tem de ser reverenciada. Não é porque eu sou bispo que tenho de ser excelência. O Papa demonstra querer romper com essa cultura.

Obviamente, não podemos ignorar a história, mas o Papa pode mudá-

la. Francisco desmistificou o Papado, mostrando que o Papa também é gente. Além do mais, ele está dizendo que a Igreja está cheia de estruturas velhas e é preciso mudá-las.

Por causa da convivência com os pobres, Francisco percebeu quais são as questões importantes. E a prioridade dele é estar junto desse povo, dar-lhe atenção, incentivar que levante e caminhe. O Papa está dizendo para a Igreja: "Saia de si mesmo e vá para a periferia". Lembro das diretrizes de Dom Paulo Evaristo Arns. Unidos cada um caminhando numa direção, ou seja, a ordem era os bispos irem para fora, para a periferia; voltando à Catedral no dia de Corpus Christi, para simbolizar a unidade do povo de Deus. O Papa está clamando pela periferia. Sinto-me muito identificado com ele. Alegro-me pelas escolhas que faz, semelhantes às minhas.

Rogo a Deus para que o Papa tenha força e determinação. Penso que ele vai sofrer muito. Sua missão exige muito amor e doação. Ele não aceita ser enquadrado num molde e num estilo de vida que não corresponde ao Evangelho. Sempre digo que quanto mais humana a pessoa for, mais Evangélica será. A grandeza da vida em comunhão fraterna e solidária é o Reino de Deus.

12. PE ZEZINHO

Uma Entrevista com Pe Zezinho tirada do Jornal *OPovo*

O POVO - São 45 anos como sacerdote, comunicador e catequista. Houve um momento específico, claro, de seu chamado para ser padre?

Pe Zezinho - Eu queria ser padre desde os nove anos de idade. Meu pai era paralítico e quem dava assistência a minha família, que era pobre, eram os padres de um instituto de teologia a 100 metros da nossa casa. Acostumei-me como coroinha e vendo que eles cuidavam dos pobres e da vila de operários onde eu morava. Então, nasceu aos poucos a ideia de fazer o que eles faziam: cuidar de pobre e trabalhar em comunidades carentes.

O POVO – A paralisia de seu pai foi um acidente?

Pe Zezinho - Meu pai era tropeiro, conduzia gado de Minas para São Paulo, e também media terras. Um dia sofreu um acidente, rolou barranco abaixo e o cavalo passou por cima dele. Afetou a espinha. Depois, a paralisia foi progressiva, ficou imobilizado. Mas ele também era violeiro e mesmo assim conseguia mexer com a mão. Porque ele não se mexia e estava sempre em casa, eu tive mais tempo de desfrutar da presença do meu pai, até os meus dez anos de idade. Por um lado, (o acidente) foi providencial, porque eu convivi com ele e com suas histórias, e ao mesmo tempo eu vi a dor e o sofrimento que ele enfrentou com muita serenidade. Mais tarde minha mãe

veio a amputar as duas pernas devido à diabetes. *Eu vivi numa família onde se ensinava que ter problemas na vida não é o mesmo que ter uma vida infeliz. A nossa foi feliz apesar dos problemas.* Meu pai morreu quando eu fiz 11 anos. No comecinho de 1952. E dali por diante eu estava por conta dos padres que cuidavam da nossa família e foram eles que conseguiram benfeitores para pagar os meus estudos. E hoje eu retribuo para a minha congregação tudo o que ela fez por mim. E, certamente, não existiria o Padre Zezinho se uma congregação não tivesse acreditado nesse menino pobre.

O POVO – E, diante dessas questões, como passou a ser o sustento de vocês?

Pe Zezinho - Éramos seis, eu era o mais novo. Quatro trabalhavam numa fábrica de tecidos e o dinheiro deles mantinha a casa. Quando era muito difícil os vizinhos ajudavam e os padres desse instituto, chamado Conventinho, completavam. Nós passamos período pequeno de fome, mas depois nunca mais, porque a vizinhança deu assistência.

O POVO - E como foi recebida pelos seus pais a sua decisão de seguir a vida religiosa?

Pe Zezinho – Meu irmão mais velho foi primeiro para o seminário. Depois ele desistiu. Minha mãe era costureira dos padres e depois de um tempo foi também cozinheira. E é claro que para ela não era novidade a vida sacerdotal. Ela era muito devota do Coração de Jesus e recebeu com muita alegria (a decisão). Ela foi sábia dizendo: "olha, o teu irmão foi, mas não continuou, você veja o que quer". Eu disse: "vou arriscar". Fui e continuei.

O POVO - E essa questão musical, o senhor atribui parte dela, do seu interesse, a essa convivência ***com*** *o seu pai?*

Pe Zezinho – Sim, minha família era muito musical. De vez em quando os tios vinham visitar, contavam causos e cantavam toada mineira, moda de viola. Tem também um centro cultural lá até hoje. E ali havia muita música regional, música sertaneja. Eu também bebi daquela fonte. Mais tarde, quando fui para o seminário, recebi a influência da música italiana e

da música alemã. Então, eu já tinha a música mineira no sangue, a música paulista, porque morávamos em Taubaté, para onde eu fui com dois anos de idade, a música interiorana tipo Tonico e Tinoco, e mais tarde a influência estrangeira, as músicas populares da Itália e da Alemanha. Depois fui para os EUA e morei numa região de blues, era muito comum o "country". Lá também isso me influenciou. E depois tive chance de viajar pela Europa e de estudar alguns períodos. Lá eu bebi da música grega, da música portuguesa e me interessei muito pela música russa. Isso tudo foi formando em mim um conceito musical, que depois eu desenvolvi. As pessoas dizem que a minha música serve em qualquer país do mundo exatamente por essas influências.

O POVO - Quanto tempo foi essa sua passagem no Exterior?
Pe Zezinho – Eu morei cinco anos no Exterior. Quatro anos nos Estados Unidos e um na Itália. E depois viajei muito pelo mundo. Passava três meses na Argentina, no México, na Espanha. Logo nos meus primeiros dez anos de padre.

O POVO – E como foi ter de sair do País por causa da Ditadura?
Pe Zezinho - Eu fui ameaçado várias vezes, tive que me mudar para a Espanha e fiquei lá sete meses. Por ter falado naquele tempo o que eu falo agora. Uma vez eu ganhei ordem de prisão em Belo Horizonte, porque disse que estava com saudade do tempo em que a gente podia votar e que eu queria uma juventude que se rebelasse e lutasse pelos seus direitos de ser cidadã, e não uma juventude revoltada, porque revoltada vai e destrói tudo. Rebelde é idealista. Era para não engolir normas impostas. Eu queria um País que discutisse, que debatesse. Ganhei ordem de prisão, mas o Dom Paulo (Evaristo Arns) tomou minha defesa junto de Dom Eugênio, do Rio de Janeiro, e não fui preso. Mas logo depois fui para a Espanha. Meus superiores pediram para ir para lá, porque eu estava marcado. Na mesma época prenderam Frei Beto, a repressão estava violenta. Eu não sofri nem um décimo da perseguição que outros sofreram. Outros pregavam abertamente uma postura de esquerda e eu pregava uma postura social democrática. Eu sempre segui o nosso fundador, italiano que era advogado, e ele propunha o solidarismo, nem a república direitista e nem a socialista. Mas o sistema solidário em que o capital não esmagasse as pessoas e elas tivessem liberdade. Meu modelo não era e não

é Cuba. E também não era e não é os Estados Unidos. Aliás, assino embaixo do Martin Luther no último documento dele "O capitalismo é uma questão de amor". Eu assino por aquilo que eu vivi quatro anos nos Estados Unidos e eu sei do que o capitalismo é capaz. Ele massacra as pessoas com seu poder de compra. E no Congresso massacra as pessoas com seu poder de compra de deputados. Não somos ainda uma República que discute, nos deixamos levar pela pressão do momento e pela troca de partidos e igrejas pela vantagem. O Brasil vive isso há muito tempo: "vá com o vencedor", fique com o que está no primeiro lugar" e aí você será vitorioso. Acho que é vitorioso quem tem opinião e corre todos os riscos para dizer o que pensa.

O POVO - Na avaliação do senhor, hoje há menos interesse dos jovens em seguir a vida religiosa?

Pe Zezinho – Acho que está no mesmo nível. Não aumentou, nem diminuiu. Houve um período em que diminuiu, depois houve uma certa recuperação. A grande pergunta não é agora, a pergunta é: "e depois?". Porque precisa ver se os movimentos na Igreja vão durar. Porque a congregação mariana durou 300 anos, os vicentinos duraram quatro séculos e ainda existem; Jesuítas, franciscanos, estão com 400 ou 800 anos. Eram movimentos de espiritualidade que duravam séculos. Hoje nós temos que perguntar se os novos movimentos que trabalham muito a sensibilidade e o sentimento, mais que o conhecimento e a razão, vão durar muito. Porque, do contrário, fica fogo de palha que dura um tempo e depois cai e não tem sustentação. A catequese deve ser durável e progressiva. Uma coisa é uma música que eu fiz há 40 anos e é cantada até hoje. Outra coisa é uma música para consumo, marketing, que se canta meio ano e depois ninguém mais canta. Mas por que dura? Porque o conteúdo catequético dela é forte, está dentro de uma proposta de catequese

progressiva da Igreja. É nessa tecla que eu bato. Estudos da CNBB, estudos de evangelização e juventude, abordam também. É preciso colocar ideias perenes e não canonizar apenas o momento. Em outras palavras, tem que haver uma base cultural sólida para trabalhar com juventude e fazer música religiosa também.

O POVO - E os movimentos hoje seguem que linha?
Pe Zezinho - Trabalham muito o marketing. E o marketing, todo mundo sabe, é para consumo. Faz, terminou, faz outro, faz outro. Eu insisto muito nos meus livros e nas aulas de comunicação que dou há 30 anos que o substrato cultural de uma mensagem tem que ser muito forte e uma canção deve ser testada muitas vezes para aguentar. É como o edifício. Se você constrói com ferro, cimento e com solidez, ele dura 100 ou 200 anos. Se você faz com cimento de qualidade fraca é capaz de ele começar a soltar pedaços. É assim também na cultura. As coisas que tinham conteúdo sólido duraram. Até hoje todo mundo canta "não há, ó gente, oh, não, luar como esse do sertão". E um samba muito simples como "a estrela Dalva no céu desponta" (cantarola). É porque a melodia é durável, o conteúdo é durável e fácil de guardar. Agora, se você faz melodias difíceis de aprender elas não durarão.

O POVO - E como é seu trabalho de composição?

Pe Zezinho - Quando quero que o povo aprenda, eu faço estribilho curto (verso ou versos repetidos no final de cada estrofe), melodia fácil. "Estou pensando em Deus, estou pensando no amor", "Maria de Nazaré, Maria me cativou" (cantarola). Eu ponho estribilho fácil e melodia fácil para ser cantado por uma criança ou uma pessoa de 80 anos. Quando quero eu mesmo cantar a música, faço elaborado, sofisticado e então combino com o maestro como é que vai ser o arranjo para a multidão cantar ou para pequenos grupos cantarem. Mas a verdade é que as músicas sofisticadas o povo não canta e as músicas mais populares sempre o povo guarda e depois de 40 anos está cantando. Existe o discurso acessível e o discurso elaborado. De cada dez músicas que eu faço, oito são de discurso acessível, duas são de discurso elaborado porque eu quero colocar filosofia e teologia na mensagem. Mas aí o meu grupo canta.

O POVO - Mas o senhor vai fazendo isso aos poucos, ao longo do ano, ou existe um momento específico dentro dessa rotina de shows e livros?

Pe Zezinho - Eu edito em um gravador como esse seu aqui, no carro ou em viagem no avião. Canções que depois eu guardo no arquivo. Dito os artigos, passo para minhas sobrinhas ou auxiliares digitarem e tenho lá mais de três mil canções registradas e, de vez em quando, procuro uma delas e o tema a exigir. Tenho registrado mais de cinco mil artigos. Se precisar, está lá catalogado. E tenho no mínimo oito ou dez livros gravados e guardados. Na hora oportuna eu os lanço. Então, eu lancei mão dos recursos da técnica moderna de armazenar. Além do que se eu gosto muito de um livro eu dito aquele conteúdo, a parte que quero usar um dia, e digo que autor, que página e que conteúdo e fica tudo armazenado. Amanhã, quando eu precisar disso, sei onde achar.

*O POVO - Mas o senhor conta **com** essa equipe também para lhe auxiliar nessa parte tecnológica?*

Pe Zezinho - É, tem uma equipe que trabalha como arquivista se eu precisar. Tenho 14 pessoas que trabalham comigo entre digitação, preparação de shows, sites e blogs. Passo tudo para elas. Eu sou o cérebro. Eu penso, dito e eles tocam adiante. A correção final é feita cinco vezes num livro. E a canção testada seis meses antes de eu gravar. Por isso é que as pessoas elogiam o conteúdo das minhas músicas. É que eu submeto à crítica antes de lançar.

O POVO - Embora o senhor faça centenas de shows e seja sempre lembrado, o senhor não está na TV, não está tão exposto. Isso é uma escolha?

Pe Zezinho - Eu sou professor de comunicação e ensino aos meus alunos o que eu aprendi nas aulas com Baquero, que foi meu professor nos Estados Unidos, discípulo de Mcluhan. Se você vai a uma praia para se bronzear, você tem que ficar pouco tempo debaixo do sol. A moça que vai e fica das seis da manhã até seis da noite sai de lá com bolhas, e não bronzeada. Os holofotes funcionam como o sol. Se você se expõem demais você queima a sua imagem. Chega um momento em que as pessoas estão saturadas de ver seu rosto e não querem mais ver você nem sua mensagem. Quando você se

expõe pouco, as pessoas são curiosas e querem ver qual é o rosto que está por trás daquela canção que escutaram. Então, eu não permito que ponham meu rosto na capa de livros. Se você for agora a um shopping vai ver que todos os outros usam o rosto. Nos meus livros, você vai ver só o título. Mas não sou o único. Saramago fazia a mesma coisa. Ninguém sabe qual é a imagem do Shakespeare, ninguém sabe qual é o rosto verdadeiro de Jesus ou de Sócrates. Fizeram um rosto fictício, mas ninguém sabe. E isso é porque a mensagem é mais forte, tem que ser mais forte que o mensageiro.

O POVO - Mais especificamente na religião...

Pe Zezinho - A minha mensagem é bíblica e é da Igreja. Então, não vou pegar o meu rosto, porque tudo o que estou dizendo ali aprendi em algum lugar da Igreja. Eu ponho o meu nome como alguém que aprendeu, mas a centralidade do meu trabalho não está no meu rosto. Uma vez eu pus quando era novinho. Depois refleti e vi que nunca mais. Escolho muito cuidadosamente os programas de auditório que vou porque não me vejo cantando Oração pela família no Faustão com as moças vestidas daquela maneira atrás. Não me vejo cantando uma canção de espiritualidade no Programa do Gugu e também não me vejo cantando uma canção de família no Ratinho. Eles têm os personagens, mas não é o tipo de programa que serve de cenário para a minha canção.

O POVO - A audiência não justificaria...

Pe Zezinho - Não, a audiência não justifica ir à televisão. Se alguém descobrir o meu livro, a minha canção, e contar para o outro, o efeito é muito maior.

E depois de 45 anos cantando e indo pouquíssimo à televisão, apesar disso, posso dizer que sou conhecido por pelo menos 100 milhões de brasileiros. Isso quer dizer que comunidades católicas, hospitais, creches, asilos, orfanatos, paróquias, colégios são suficientes para divulgar uma mensagem católica. Nós estamos muito mais pulverizados e penetrados nas camadas da sociedade do que um aparelho de TV, porque, de um jeito ou de outro, uma canção que tem força chega a todas as comunidades, um conta para o outro. Nossos pais nos contaram histórias; foi assim que a bíblia chegou a todos. Eu acredito plenamente que se uma mensagem é forte alguém conta para o outro. Se ela não é, alguém consome e guarda. A ideia da catequese é essa, repercutir. Eu disse, alguém gostou, passa adiante. Se não gostou, morre ali. Por isso é preciso caprichar e fazer uma música sólida, que o sujeito diga "minha nossa, que letra forte". E aí ele vai querer cantar. Pode dar certo e pode não dar, mas é uma escolha que eu fiz. Com o excesso você corre o risco de cansar muito mais rapidamente o público e você se cansar. Fica parecendo a formiga que ao invés de levar um pedaço da folha, leva a folha inteira. Não vai chegar ao formigueiro.

O POVO - E os padres que fazem isso? Como o senhor vê?

Pe Zezinho - É que eu fiz um projeto tipo mangueira. Leva dez ou 15 anos, mas depois dá manga por muito tempo. E eles podem ter feito um projeto mais urgente. Quem quiser se tornar conhecido urgentemente deve fazer um contrato com a Globo ou com a Sony, e em dois anos será conhecido no País inteiro, porque eles providenciarão que você vá a todos os programas. A mesma oferta me foi feita, três vezes e eu disse não. Eu não saio das Paulinas e também não deixo a minha congregação. Continuarei sacerdote dehoniano. Se um dia gostarem de alguma coisa minha, façam um contrato com as Paulinas. O meu novo livro, que foi editado pela Editora Universo, eles dialogaram com as Paulinas, porque o título pertencia a elas. Também o meu novo DVD, de 45 anos, foi feito com as canções das Paulinas e a Sony pegou e distribuiu. A ideia é essa: eu não mudo de congregação, não mudo de igreja e não mudo de gravadora. Mas é opção minha. Quem é meu amigo é amigo para sempre. Eu não troco por questão de maior público, mas se alguém fizer isso eu não condeno. Depende do prazo que você se dá. Quem quer ser conhecido em 20 ou 30 anos tem um projeto, quem quer ser conhecido em dois anos tem outros.

O POVO - Alguns padres e bandas religiosas lhe têm como referência...

Pe Zezinho - Acho que o ícone é uma coisa boa pra você pendurar na parede. Eu acho que sou mais que um ícone. Sou um pesquisador, um estudioso, um batalhador de ideias e eu não paro nunca de ouvir, ler e pesquisar, de ir lá para ver como são as coisas. Eu diria que sou mais um mestre que vai do que um mestre que fica na cátedra e espera que o aluno venha a ele. Foi sempre assim e será sempre assim, pois eu vivo a mística da minha congregação: ir ao povo.

O POVO - A evangelização através da música é mais eficaz, mais direta?

Pe Zezinho - Nós não podemos canonizar a música. O bolo sem chantili é gostoso do mesmo jeito. Catequese sem música é muito boa, missa sem música é maravilhosa. Agora, a música é um chantili que acrescenta algum sabor especial ao bolo da vida e ela nunca pode ser mais importante do que a palavra falada ou escrita. A música não pode ser o referencial número um, porque ela tanto pode existir como não existir. Mas a palavra de Deus precisa existir. Se eu precisar escolher entre falar uma hora e cantar duas canções, eu vou cantar as duas canções e falar uma hora. Se alguém me disser cante 20 canções e fale dez minutos eu não aceito ir naquela comunidade. Eu não fui ordenado para cantar, fui ordenado para pregar a palavra de Deus e em nenhum momento o bispo me mandou cantar. A canção é algo que veio depois, até enfeita, mas ela não pode ser a razão central do meu sacerdócio. Já muitas vezes aconteceu de eu perder grandes oportunidades porque eu me neguei a ir só para cantar.

O POVO - Uma de suas músicas mais marcantes é Oração pela família. Como o senhor vê a família brasileira hoje? Falta diálogo?

Pe Zezinho - Eu fiz mais de 100 canções sobre a família das 1.700 que eu já gravei. E todas elas foram baseadas em documentos da Igreja. A Oração pela família é baseada na Familiaris Consortio de João Paulo II, de 1981. Em um retiro, eu preguei e no fim essa mensagem estava lá no quadro e eu musiquei. As ideias são de João Paulo II, mas a poesia e a melodia são minhas. Eu vejo que a família como o todo, e os jovens sofrem com a mídia e com o marketing moderno. Desde que a humanidade escolheu os números e a vendagem como objetivos principais da comunicação ficaram sacrificadas a qualidade

e a família. Os pais perderam a autoridade, a Igreja perdeu a autoridade, o Estado perdeu autoridade e a escola também. Os pais, que vivem todos os dias com os filhos, às vezes não conseguem dar uma mensagem para os filhos. Mas os filhos estão abertos à internet e à mídia. Quem vem de fora tem mais influência sobre eles do que quem vive com eles. Os pais precisam redescobrir a arte de dizer sim e não, e de dizer mais sim do que não. Os pais deviam ser um semáforo que fica mais tempo no verde, mas quando é amarelo é amarelo e quando é vermelho é vermelho mesmo. Os pais têm que aprender a proibir o suficiente e permitir muito mais, porém para isso precisa oferecer um amarelo que é um 'prepare-se', reflexão. Isso tem faltado, nós vivemos numa sociedade voltada para o indivíduo, superficial demais, imediatista demais e que se entregou totalmente ao marketing. Inclusive ao marketing da fé. Isso está dito de várias maneiras no estudo da CNBB, evangelização da juventude. E é lembrado por nós comunicadores. Hoje, acentuaram-se demais o efêmero, o emotivo, e esquecemos de ensinar o Brasil a pensar. Políticos votam às vezes sem pensar, o povo vota nos políticos sem pensar. As pessoas mudam de igreja sem pensar, aderem a um pregador simpático sem pensar e aceitam sem critério qualquer novidade. Canonizou-se a novidade e esquecendo a qualidade e o conteúdo. E o Evangelho só chegou até nós por conta do conteúdo. Toda vez que você se deixa levar pela onda do momento você é surfista, não é um catequista.

O POVO - Diante desse cenário, o senhor é otimista ou pessimista?

Pe Zezinho - Sempre foi difícil ser um bom cristão, sempre foi difícil ser um bom católico, e sempre foi fácil aderir à ideia do momento. Mas aquele que quer realmente dar um conteúdo faz como o bom professor universitário que lê os livros de antigamente, os de agora e oferece ao aluno uma síntese de hoje, de ontem e uma possível síntese de amanhã. A religião tem que fazer isso. Ela tem que saber oferecer dois mil anos de experiência e oferecer o hoje da Igreja, e o amanhã da Igreja. Nós temos que ter a capacidade de pregar com nexo, pregar com perspectiva e pregar o Cristo da fé e o Cristo histórico. A maioria das pessoas não tem noção do Cristo histórico, não tem noção de como a Igreja chegou, aonde chegou. Tem muito jesuísmo e pouco cristianismo. Tem muita "jesuologia", e pouca "cristologia". Nós precisamos, como cristão, católicos, evangélicos ou ortodoxos, mostrar o Jesus daquele tempo, como agiu na sociedade daquele tempo. Depois, como

aconteceu aos poucos, para cada pessoa, o Jesus de todos os tempos. E, finalmente, o que será daqui pra frente o anúncio de Jesus Cristo. Ninguém consegue fazer isso se não ler muito. E nós somos uma sociedade carente de livros, as igrejas também são carentes de livros. Entre uma estante cheia de livros e uma parede cheia de fotos ou instrumentos pendurados, as pessoas escolhem aquilo que é mais imediatista. Porque livro dói, provoca, machuca, cansa. Agora, a mensagem que você ouviu aprende e depois vai repetindo de cor, isso é rápido, isso é surfar. Eu trabalho para que a Igreja tenha a cada dia menos surfistas e mais catequistas. Catequista vai fundo, volta de lá quase sem fôlego, mas ele mergulhou fundo para buscar uma pedra preciosa. E mergulhar fundo é isto: o que a igreja quer me dizer? A maioria dos documentos da Igreja não é lida, a maioria dos livros de teologia fica numa estante e não chega ao povo. A Igreja fala muito bonito, mas não chega ao povo. Chega a parte que o pregador gosta de mostrar, mas os jovens continuam sem saber o que a Igreja disse, o que disse João Paulo II e o que disse o documento de Aparecida.

O POVO - O senhor acha que isso é uma falha de formação dos padres?

Pe Zezinho - Eu acho que isso é imediatismo. Nós queremos resultado. Não existem as igrejas que pregam o Cristo com resultado? Não há até a hora para o milagre? Domingo às três da tarde vá lá que vai acontecer milagre. Isso é imediatismo. Ou outros oferecem missa de cura e libertação. Por acaso todas as outras missas também não são de cura e libertação? Por que eu vou só naquele padre que diz que vai ter cura e libertação se a Igreja não permite que dê esses nomes para as missas? Toda missa é de cura e libertação. Deus é que vai decidir se cura e liberta alguém. Eu não posso dizer antes que ela vai ser disso. Vai ser missa de pedido, mas não de cura e libertação. Outros dizem assim "faça por mim uma oração de poder". Eu não conheço nenhuma. Só conheço oração de pedir. Quem tem poder é Deus. Eu tenho oração de pedir ao poder, não rezo oração de poder. Nem o Pai Nosso é, ele é de pedir. Quando a gente põe a Teologia no lugar certo é muito melhor, pois a pessoa reflete. Vejo muita gente abençoando e dizendo "que Deus possa te abençoar". Por acaso Deus não pode? Para que vou rezar para que Deus possa? Então, que Deus te abençoe agora. Certas ideias entram na Igreja e ficam grudadas que nem cupim no pasto, não saem mais e são ideias erradas. Você vai rezar para que Deus possa? Como? Por acaso

Deus não pode? Ou para que Deus queira te abençoar? Por acaso ele não quer? Temos que ter palavras com maior precisão. Ou outro me pergunta: "essa missa é de cura e libertação?". Não sei, você tem que perguntar para Deus. Só ele cura e liberta, eu vou só celebrar a missa. As pessoas inventam "slogans" e marketing e atrai, mas não é verdade. Pois é Deus quem decide.

O POVO - O senhor acha que a compreensão entre as igrejas está mais próxima hoje?

Pe Zezinho – É mais fácil dialogar com as igrejas históricas: luteranas, metodistas, batistas, adventistas. Já tem uma caminhada e é mais fácil conversar com estes pastores. É um pouco mais difícil dialogar com as igrejas neopentecostais, pois elas não conseguem entender que nós podemos estar certos. Elas acreditam e ensinam que elas é que são o novo da fé. Elencam a ideia de que você está errado. O verdadeiro diálogo ecumênico é aquele que chega e diz "pode falar, eu vou concordar e vou discordar, mas eu quero ouvir você". Hoje algumas igrejas não ouvem, só falam. Aquilo que o Papa Bento XVI diz: são as matracas da fé. Repetem, repetem, repetem. E se você for somar o que foi dito tem pouco. Temos que voltar para a Bíblia, voltar aos documentos das nossas igrejas, não só a nossa, e exigir de todo pregador que não pregue sua ideia, mas que pregue a ideia de toda uma igreja. Há um subjetivismo gigantesco e um individualismo muito grande nas pregações. Nós precisamos nos libertar de "slogans" perigosos, de marketing perigoso e fazer bom uso dos meios de comunicação sem nos escravizar a eles. Porque o "www" também escraviza, e a era digital também é escravizante. E você, às vezes, pode não ser escravo de ideias, mas é escravo de dedo. Nós temos que ter liberdade de entrar e sair da mídia, de entrar e sair de um púlpito e voltar a ser o cidadão comum depois que desceu do palco. Você vê pregadores rodeados de dez pessoas para protegê-los. Eles não conseguem se misturar com as pessoas. Viram semideuses da fé. Você não tem uma religião, você tem um surfista que venceu a última competição. Mas amanhã vai aparecer outro e ele cai fora. Igreja é mais que uma competição de esporte, de mídia ou de surfe. É solidez de conteúdo e isso você só encontra abrindo sua Bíblia e estudando, abrindo os livros de Teologia, porque tem gente mais culta e mais sábia do que nós que já estudou muitos anos a mais. E o que ele disse está em um livro que custa R$ 60 ou R$ 30. Se eu não tiver humildade de pegar aquele livro e ler eu não vou querer que o mundo acredite nas revelações. Jesus mandou desconfiar de quem disse que sabe onde Ele está. Jesus diz que

não devemos nos impressionar pela fé como espetáculo. “Senhor, senhor, em teu nome convertemos milhões”. Jesus diz que vai falar: “eu não conheço vocês”. Então, Jesus é contra a fé espetáculo, é contra a fé circense, contra a fé de palco e contra a fé baseada no marketing de artista. Ele é pela fé sólida, com raízes, que cresce devagar. Porque o reino de Deus é como uma semente que está crescendo. Nós não estamos nos dando tempo para a fé amadurecer nos jovens. A maioria das igrejas está cometendo esse pecado de queimar etapas. Há pregadores pensando que se pular para a próxima fase, não terminar a primeira, vai chegar longe. Experimente fazer um prédio de 20 andares sem solidificar andar por andar.

O POVO - Como o senhor avalia a inserção dos grupos evangélicos em demandas políticas?

Pe Zezinho - Nós devíamos fazer o mesmo. A Igreja Católica já fez muita política no passado e chegou aos parlamentos. Nós não devíamos desistir da política. Temos que preparar leigos e se possível até sacerdotes para ir lá representar o povo no parlamento. Eu sou a favor de fazer política. Eu não faço porque eu não tenho essa vocação, mas se alguém tem e o bispo permitir, acho que deve ir, pois é lá que se fazem as leis.

O POVO - É um espaço que a Igreja Católica não está ocupando...

Pe Zezinho - Nós temos que estar nas universidades, no meio científico, na literatura e temos que estar no Congresso. Afinal, somos a maioria dos brasileiros.

O POVO - Nos seus shows e nas suas pregações o senhor fala dessa questão eleitoral? O senhor aborda isso ***com*** *as pessoas?*
Pe Zezinho - Minha pregação é profundamente religiosa e profundamente política. Eu não consigo imaginar falar com a multidão e não falar de política. Eu falo de Deus, falo do próximo e falo do eu no meio dos outros. Tento pregar contra a ideia do “eu demais” e “Deus de menos”. Mas falo de política abertamente, porque não é possível construir uma sociedade sem religião e sem política. Eu prego as duas.

O POVO - Recentemente, o Supremo Tribunal Federal aprovou a possibilidade de aborto de anencéfalos. Como o senhor recebeu esta decisão?

Pe Zezinho - Eu conheço uma doceira que uma vez achou um abacate sem caroço e ela declarou que era abacate e fez uso dele. Estamos dizendo que o pêssego sem caroço não é pêssego. Ora, se viveu três meses, viveu. Então, estamos dando prazo para declarar que uma vida é humana. Catorze semanas, três meses. Nós não podemos decretar que deixa de ser um ser humano só porque tem apenas uma parte do cérebro. Para mim, um abacate sem caroço ainda é abacate. Meio defeituoso, mas é abacate. E um ser humano com cérebro defeituoso vai durar um, dois ou três meses, mas vai mamar e eu não sei se ele tem sentimento ou não. Não posso decidir, não estou lá dentro dele. Viva e deixe viver. Isso é fundamental e a Igreja faz muito bem em brigar pelo feto e pelo velhinho. Essa é uma lei Cavalo de Tróia. Hoje pode destruir um feto que é inútil, que não vai vingar. Amanhã vai matar um velho e desligar os aparelhos porque ele já não vai mesmo viver. Nessa lei

Cavalo de Tróia vai permitir que amanhã seja feita uma norma para que os velhinhos doentes terminais morram mais depressa.

O POVO - Como o senhor faz para alimentar a sua fé diante dessas adversidades?

Pe Zezinho - Oro, leio, ouço, vou lá.

O POVO - Que espaço o senhor acredita que o seu trabalho encontrou nesse mundo moderno que parece ter esquecido os valores cristãos?

Pe Zezinho - O mero fato de estar em evidência desde 1969, ser chamado para grandes congressos e encontros, significa que os bispos e os sacerdotes ainda acreditam que a minha mensagem repercute. Como eu vou só onde sou convidado é sinal de que a Igreja daquele lugar acha que o meu discurso está inserido. Eles veem meus programas de televisão e de rádio. E eu tento fazer um discurso verdadeiro, nunca falo de mim individualmente. Deus nunca me apareceu, nenhum anjo nunca me apareceu, Nossa Senhora nunca me apareceu, nunca recebi nenhuma revelação particular para dar para o

povo de Deus. O que eu prego está na Bíblia e nos documentos da Igreja. Não sou um vidente. No máximo posso ser um profetinha, mas Deus não me dá recado nenhum novo para o povo. Ele me dá os recados que deu para toda a Igreja. E se eu passar a minha vida tentando passar para o povo a palavra dos profetas, dos apóstolos e de todos os teólogos, bispos e Papas que me precederam, eu não vou dar conta. Então, por que vou dar a minha mensagem? A Igreja tem dois mil anos e eu só tenho 70 de idade e 45 de sacerdócio. Certamente não sei o suficiente para dar para esse povo. Então, dificilmente vou contar a minha vida. Não em um palco. Aqui falei um pouco de meu pai e de minha mãe porque você perguntou. Se não perguntar eu não falo.

O POVO - O que seria nos dias de hoje "pensar como Jesus pensou" (um trecho da música de Padre Zezinho)?

Pe Zezinho - Quem não pensa acaba dando o que pensar. E quem pensa que o pensamento dele é o mais importante para a sociedade pensou errado. A melhor maneira para um cristão é pensar como Jesus pensou e isso está nos evangelhos, está na interpretação da Igreja. Confúcio dizia que temos que aprender a lição do "não-eu". E depois de mim é tudo "não-eu", é o outro. Temos sete bilhões de habitantes e eu sou apenas um. Todos os demais são "o outro". Então, tenho que viver para o outro, porque se viver para mim é uma discrepância gigantesca. Educar para o outro. Quem fala bonito isso é o Rabino Hillao. Isso está no livro Os Judeus, o dinheiro e o mundo. O rabino dizia que há uma fase da vida em que a criança é *meu-meu-teu-teu*. Chega outra fase na adolescência que é meu-teu-teu-meu. É a cobrança, o namoro. Chega a outra fase em que ele fica ganancioso, que quer ser alguém. Então ele é meu-meu-meu-teu. E finalmente ele fica sábio e inverte tudo meu-teu-

teu-teu. Parece brincadeira, mas aí está resumido o que é o ser humano. A gente vai ficando avô, mais velho e não quer mais muitas coisas. Mas quando entra para o capitalismo é meu-meu-meu-teu, sobra um pouquinho para o outro. E foi o Platão que disse que a cidadania começa a fazer sentido quando o cidadão descobre o "não-meu". Ali você tem o cidadão.

O POVO - Como o senhor lida com o assédio dos fãs, das pessoas que lhe conhecem nas ruas?

Pe Zezinho - Eu construo uma imagem de cidadão comum. Eu não virei mito, nem ídolo. Eu tive a prudência de não assinar contrato com grandes televisões, porque a televisão é fábrica de ídolo e de mito. Você tem que vender o seu produto. Como eu nunca assinei com nenhuma televisão e vou pouco, eu sou mais uma referência do que um mito. Essa é uma verdade que eu tenho. As pessoas me encontram na rua como se fosse um velho amigo. Eu consegui preservar a minha imagem.

O POVO - O senhor sofreu alguma discriminação dentro da Igreja por essa sua escolha de evangelizar pela música?

Pe Zezinho - Sofri e sofro até hoje, mas Jesus também sofreu e sofre até hoje. Depois de dois mil anos Jesus é criticado e é amado. Se depois de dois mil anos o filho de Deus é mal amado e bem amado, eu não vou querer mais do que Ele. No começo eu era criticado e elogiado. Hoje, continuo sendo criticado e elogiado. Depois de um tempo eu percebi que sou mais aceito do que rejeitado, mas é porque eu perseverei.

FONTE: http://www.opovo.com.br/jornaldehoje/

13. PADRE ALBERTO ANTONIAZZI

Doaçao e Amor à Vida Até O Fim

Texto do Padre Antonio José de Almeida, da Diocese de Apucarana-Pr, publicado no Observatório da Evangelização, em 22 de dezembro de 2015.

O teólogo dos bispos

A primeira vez que o vi – já o conhecia de nome e de algum texto – foi aqui no Paraná, se não me engano, na Diocese de Ponta Grossa, por ocasião de um encontro de formadores, quando ele era presidente da OSIB – Organização dos Seminários e Institutos Filosófico-Teológicos do Brasil. Isso foi lá pelos idos dos 70. Encontrei-o depois em Belo Horizonte, durante um curso de atualização em filosofia moderna ou contemporânea. O padre Antoniazzi – muitos não o sabem – era doutor em filosofia pela Università Cattolica del Sacro Cuore, de Milão. Na verdade, Antoniazzi transitava tão bem pela Sagrada Escritura, pela teologia, pela história, pela sociologia, pela filosofia, que era fácil enganar-se quanto à sua formação acadêmica. Depois disso, encontramo-nos em diversas outras ocasiões, em diferentes lugares.

O que considero mais admirável no padre Antoniazzi foi o seu serviço à Igreja no Brasil através da CNBB, especialmente à frente do Instituto Nacional de Pastoral. Foram vinte anos – pouco mais, pouco menos, não sei – de uma assessoria fecundíssima. Penso nas Diretrizes da Ação Pastoral da Igreja no Brasil, transformadas, na década dos 90, em Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. Percorro mentalmente os inúmeros documentos que a CNBB publicou neste período sobre os mais diversos assuntos… Penso nos Projetos de Evangelização – o Rumo ao Novo Milênio e o Ser Igreja no Novo Milênio – com sua fundamentação multidisciplinar, suas propostas descortinadoras de amplos e novos horizontes, suas indicações de

ação que não se esgotavam em atividades, mas geravam novos dinamismos. Não me canso de contemplar a riqueza do material subsidiário a esses dois projetos, elaborado por pessoas da maior competência e sempre passado pelo crivo do padre Alberto Antoniazzi e do padre Manoel de Godoy. Ainda vejo os dois, sentados à mesa da minúscula salinha, na verdade, potente laboratório, do Projeto na CNBB, confabulando, discutindo, revendo, pondo por escrito suas intuições, costurando sugestões vindas de toda parte… E em tudo isso – textos de estudo, relatórios de pesquisas, diretrizes, documentos, projetos, subsídios – esteve sempre presente o padre Antoniazzi. Suas mãos (demorou anos para aderir ao computador), suas melhores energias, sua mente, seu coração.

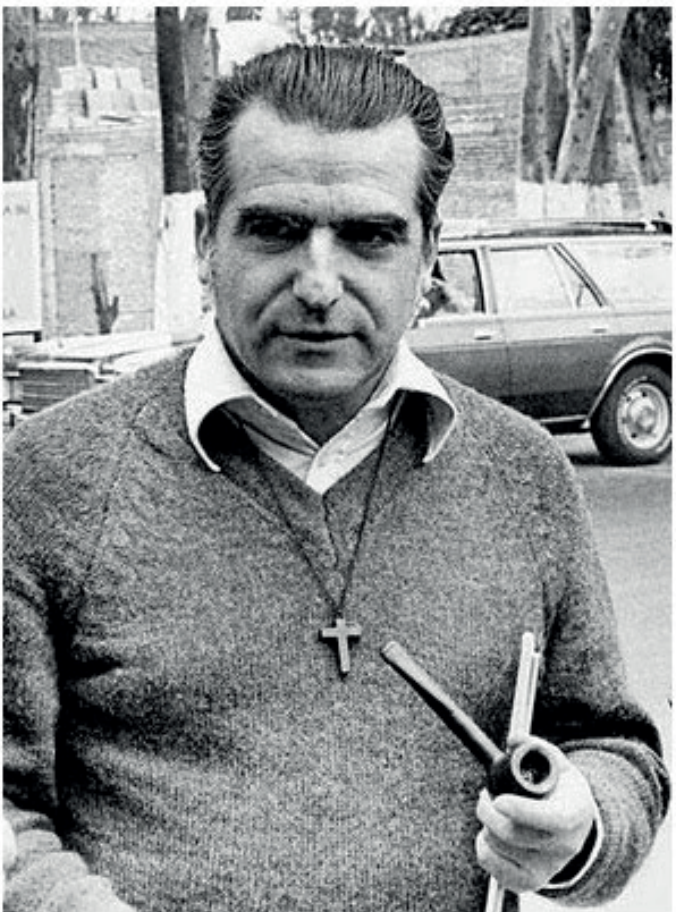
Nunca ouvi o padre Antoniazzi atribuir a si este ou aquele documento da CNBB – um parágrafo que fosse – para cuja redação seu papel fora, porém, decisivo. Ele trabalhava para uma conferência episcopal, ele trabalhava para a Igreja, deixando-se diminuir para que ela crescesse (cf. 3, 30). Antoniazzi sempre foi superior aos arabescos da estrutura ministerial da Igreja. Ele sabia que o ministério é muito mais essencial e, mesmo fundado sacramentalmente, totalmente funcional. A vida para ele era Dom, Dom recebido de Deus e dos irmãos, Dom devolvido a Deus e aos irmãos, em Cristo Jesus (cf. Rm 6, 10-11), morto pela mesquinhez dos homens, morto para o bem dos homens, ressuscitado em glória (cf. Cl 3, 4) para nunca mais morrer.

.

14. SEGUNDO GALILEA

"Na Mão Uma Valise, e no Coração Jesus"

No dia 27 de maio de 2010 morreu o padre Segundo Galilea, sacerdote e teólogo chileno. Há dois meses da morte publicamos uma recordação escrita por uma religiosa, que foi superiora geral das Missionárias do Sagrado Coração de Jesus, fundada pela madre Francesca Saverio Cabrini. A reportagem é de Maria Barbagallo, publicada no jornal L`Osservatore Romano, 27-07-2010. A tradução é de Benno Dischinger



No padre Segundo Galilea apreciávamos a clareza, a simplicidade e a profundidade das reflexões, unidas a uma rara sabedoria cristã e espiritual. Principalmente sua pobreza desarmava. Viajava com uma velha maleta na qual colocava pouquíssimos e desgastados objetos pessoais, alguns folhetos escritos a mão e um saquinho de plástico contendo seu cachimbo e um pouco de tabaco. Era esquivo a cumprimentos, a palavras inúteis, a longas conversações, a tagarelice, tanto que parecia quase insociável, mas depois, ao tratar com as pessoas, era cordial, acolhedor, sereno e bom.

Nos funerais do padre Galilea, Dom Fernando Tapia Miranda disse: "Se pudéssemos resumir sua vida numa frase deveríamos dizer que foi um

testemunho vivo da radicalidade do Evangelho. Não possuía nada próprio. Quando permanecia em Santiago, sempre era hospedado por alguém. Nos últimos anos ocupava uma pequena peça do nosso seminário pontifício. Jamais o vimos possuir um automóvel. Viajava com uma pequena valise de mão e seu inseparável cachimbo. Muitos anos antes de morrer, ele doara todo o dinheiro proveniente dos direitos de autor dos seus livros, do que obtivera por suas conferências, cursos e retiros, aos setores mais pobres de nossa arquidiocese".

Segundo Galilea nascera em Santiago do Chile aos 3 de abril de 1928. Fora ordenado sacerdote aos 22 de setembro de 1956, com a esperança de partir em missão. No início dos anos sessenta recebeu convite para trabalhar na preparação de missionários na cidade de Cuernavaca no México. Depois de alguns anos neste trabalho, o Conselho Episcopal Latino-Americano

CELAM -o convocou para tornar conhecido o Concílio Vaticano II num instituto de pastoral itinerante e deste instituto se tornou diretor em Medellín e Bogotá. Até 1975 ele percorreu longa e amplamente a América Latina, empenhado em propor reflexões, retiros, exercícios espirituais. Iniciou então um relatório com as Pontifícias obras missionárias e junto com outros sacerdotes organizou um instituto missionário para o exterior. Viajou muito às Filipinas e à Coreia do Sul. Mais tarde viveu por um período de tempo nos Estados Unidos, trabalhando com os migrantes e pondo-se em contato com gente de todas as nações. Seu desejo de ser missionário continuava a crescer até concretizar-se no pensamento de encontrar uma missão mais estável. A Providência se lhe manifestou quando encontrou em Nova York o arcebispo de Havana, Jaime Lucas Ortega y Alamino, por estarem alojados na mesma casa. Naquela ocasião o purpurado o exortou a ir trabalhar em Cuba. Todavia, antes de poder realizar seu desejo, passaram outros dez anos. Entrementes era chamado de toda parte para retiros, conferências e exercícios espirituais e escrevia livros muito apreciados por sua concisão, clareza e brevidade. Era convidado por congregações religiosas e por bispos para a formação dos sacerdotes. A Conferência dos Religiosos para a América Latina - CLAR - o convidava com frequência para os seus cursos de formação. As mais importantes revistas de teologia lhe solicitavam colaboração.

Em 1997 o arcebispo de Santiago do Chile lhe solicitou que fizesse parte do grupo de especialistas aos quais fora confiada a redação das conclusões do

nono sínodo diocesano. Este sínodo teve uma participação extraordinária de leigos que se tinham preparado desde 1994. Padre Segundo escreveu parte do capítulo sobre a espiritualidade cristã, onde sustentava: "Se quisermos uma Igreja mais missionária, mais coerente e testemunhal, mais participativa na comunhão, significa que queremos uma Igreja mais espiritual, mais orante e mais contemplativa, isto é, mais bela, que, como Jesus, seja o Evangelho do Pai pela força do Espírito".

De fato, padre Galilea teve imediatamente a lucidez necessária para dar-se conta que o empenho sócio-político dos cristãos pela libertação tinha necessidade de um sólido fundamento espiritual que ele desenvolveu por meio de sua atividade de mestre, pregador e padre espiritual. Mais de um o definiu como o "padre espiritual da América Latina".

Enquanto se encontrava por um breve período no seminário maior de Santiago, o cardeal Ortega o convidou a participar de um simpósio sobre a Igreja na América Latina, propedêutico ao sínodo continental do qual, em 1999, nasceu a exortação apostólica de João Paulo II *Ecclesia in America*.

Logo após o mesmo purpurado lhe propôs ser o diretor espiritual do seminário São Carlos de Cuba. Depois de ter dialogado sobre esta possibilidade com o arcebispo de Santiago do Chile, Francisco Javier Errázuriz Ossa, em março de 2000, padre Segundo partiu para Cuba. Disse então a um jornalista que o entrevistava: "Para chegar aqui, tive que fazê-lo por um tempo bastante longo e, na minha idade, poderia ser o último trabalho. É o primeiro trabalho cem por cento missionário. Esta é a mudança mais profunda e última de meu sacerdócio". Na mesma entrevista de 2001, padre Segundo escrevia: "É como casar-se aos sessenta anos, é a conclusão de um itinerário coerente e incoerente. Coerente porque sempre senti a vocação para "andar", a qual vem do Espírito Santo; desde que me tornei padre, jamais estive muito tempo no mesmo posto. Incoerente porque esta missão se apresenta no fim, quando já não o esperava mais. Talvez seja porque agora estou preparado. É como se tivesse tido muitas noivas e como se me casasse agora, aos sessenta anos".

Em Cuba o padre Segundo perdeu aquele pouco de saúde que ainda lhe restava. Já há tempo estava muito fatigado: as viagens, as conferências, as contínuas mudanças de lugar, de casa, de língua, de alimentação, de cultura o haviam consumido. *"Em Cuba se trabalha com poucos meios, se toma o muito e o pouco, se dá valor ao essencial"*.

O retorno a Santiago foi provavelmente ditado pelas necessidades da saúde, e assim, após anos de peregrinação sobre a terra, sempre como estrangeiro, mas sempre como amigo, na dedicação mais radical aos outros, padre Segundo Galilea faleceu na manhã de 27 de maio, dia consagrado a Jesus, eterno sacerdote.

O padre Galilea é definido um "teólogo da libertação" e verdadeiramente pertence àquele período histórico em que a teologia da libertação era a grande protagonista na América Latina e se difundia na mentalidade teológica da Igreja e no mundo. Mas, jamais foi extremista, nem jamais se deixou manipular por correntes progressistas ou por polêmicas estéreis e superficiais.

Padre Segundo viveu seu empenho na adesão fiel a Jesus Cristo e à Igreja e sua pregação incansável tinha em seu centro Jesus de Nazaré, a Igreja, a missão, a evangelização. Mesmo aceitando muitos aspectos da teologia da libertação, desejava que a mesma tivesse uma alma bem fundada na sequela de Jesus Cristo, único e verdadeiro salvador e libertador. E que o povo cristão se mantivesse estreitamente unido a Jesus Cristo com a oração e a contemplação. Esta era a sua mística: a adesão a Deus da vida que se revelou em Jesus de Nazaré. Seus escritos são densos de mística missionária, de adesão a Jesus, pobre e obediente, de tentativas de levar as pessoas de Igreja a refletir que não existe dinamismo missionário sem uma radical adesão a Jesus Cristo. Seu tema preferido era a "misericórdia de Deus" que se inclina sobre nós, sobre nossa miséria para elevar-nos até Ele. Daqui sua insistência na sequela de Jesus em obediência à Igreja que a respeito explica, segundo os tempos, uma modalidade sempre mais profunda. A preocupação do padre Segundo Galilea era que o empenho pelos pobres e os marginalizados não se limitasse ao aspecto – embora admirável – da assistência humana e que perdesse aquele espírito cristão que é próprio do ensinamento católico. Numa entrevista em que explicitamente lhe solicitavam se ele podia dizer-se um teólogo da libertação, respondeu: "A teologia da libertação foi carregada de política e ideologia, mas lhe faltou mística e esta tem sido a minha contribuição". Na mesma entrevista, à pergunta se a mensagem espiritual poderia encontrar seguidores num mundo tão materialista, respondeu: "A espiritualidade é um dos argumentos sobre os quais eu coloco minha reflexão naquilo que escrevo. Creio que a todo cristão isso interesse muito".

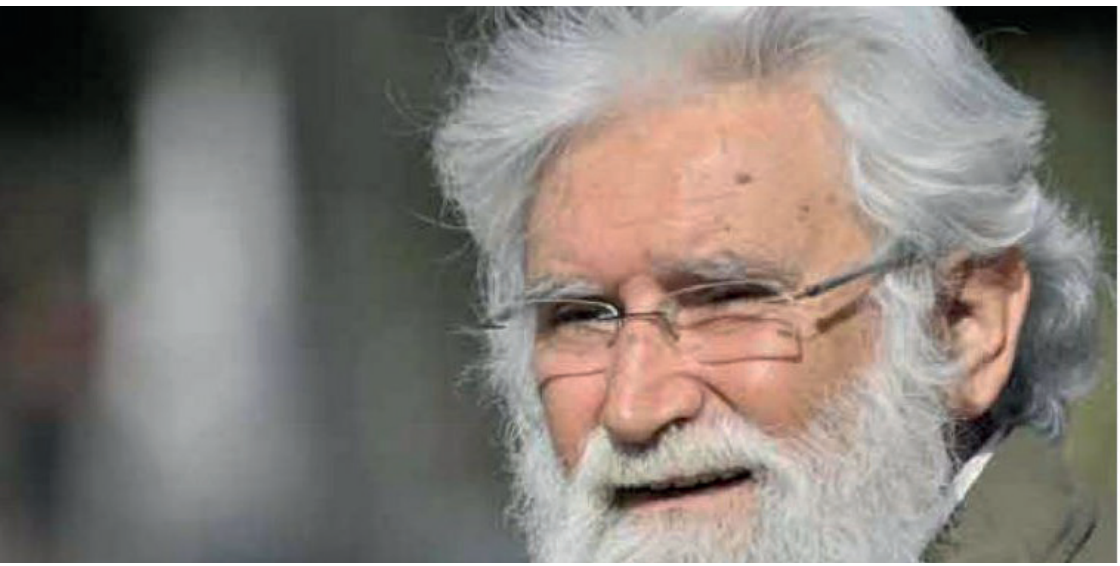
Sem a fé em Deus e em Jesus Cristo não pode existir verdadeira caridade:

"Não há caridade íntegra e universal sem fé. É verdade que há o amor e o humanitarismo em muitas pessoas que não tem fé, porque isto faz parte da natureza humana que é imagem de Deus, e o Espírito Santo, de outra parte, de qualquer modo age em todos. Mas este amor será sempre parcial e precário, terá sempre horizontes limitados. A abertura à fé para estas pessoas, de um lado pode significar a necessidade de manter a autenticidade de seu humanitarismo e de seu amor, e da outra parte a possibilidade de lançar-se para a plenitude e a potencialidade da caridade que existe no coração humano e que espera, para poder acender-se, a centelha que produz a conversão à fé".

Por trás do desafio de tantas instâncias pastorais que vinham da América Latina e, sobretudo, do impulso dado pelos documentos de Medellín e de Puebla, influenciando fortemente o estilo missionário de muitas congregações religiosas, padre Segundo se dedicou também a dar sua pincelada de espiritualidade, demonstrando com simplicidade e aderindo ao espírito do ensinamento da Igreja, coisa que se entendia por "inserção". Explicava de fato: "A "inserção" é um tema que está adquirindo sempre mais importância tanto na teologia como na pastoral, na vida religiosa e na espiritualidade do cristianismo contemporâneo. Ele tem sido motivado pela renovação missionária dos últimos quarenta anos e pelo desafio da crescente secularização e descristianização da sociedade, além das emergentes maiorias de pobres e marginalizados. Perante esta situação, a missão tem dado maior peso à dimensão do diálogo, do testemunho, do serviço solidário e da busca dos mais pobres e deserdados, "as ovelhas sem pastor" (Marcos 6,34). Tudo isso exige a inserção da comunidade apostólica nos diversos contextos, porque não se evangeliza nem se redime o que não é assumido em Cristo e não se compartilha como condição humana: "O que não é assumido não é remido", segundo um antigo princípio de santo Irineu sobre a Encarnação".

15. LEONARDO BOFF

"Realmente Não Existem Verdades Absolutas"



Para o Papa Francisco, não é relevante se Eugenio Scalfari é crente ou não, já que cada um tem sua própria história e o seu caminho, mas é importante a capacidade de estar aberto à escuta.

A opinião é do teólogo brasileiro Leonardo Boff, em artigo publicado no jornal La Repubblica, 27-09-2013.

Segundo o teólogo, o diálogo do Papa Francisco com os não-crentes: "pode realmente desenvolver e abrir uma nova época de modernidade ética que não olha só para a tecnologia, a ciência e a política, mas que também pode nos levar à superação da atitude de exclusão até aqui típica da Igreja Católica, da arrogância de quem considera que a sua Igreja é a única verdadeira herdeira da mensagem de Jesus".

"O Cristianismo é um fenômeno ocidental. Ele deve encontrar o seu espaço na nova fase da humanidade, na fase planetária. Só assim pode ser uma Igreja de todos e para todos", afirma Boff.

A tradução é de Moisés Sbardelotto.

Eis o texto.

Caro diretor, escrevendo uma carta a um jornal e respondendo às perguntas feitas através de um jornal por Eugenio Scalfari, o Papa Francisco fez um ato de extraordinária importância. Não só porque o fez de uma forma sem precedentes, mas também porque o fez como um homem que fala a outro homem, no contexto de um diálogo aberto a todos, que nos leva a nos colocar no mesmo nível que os outros.

E, de fato, Francisco, que, como sabemos, prefere a definição de bispo de Roma ao de Papa, respondeu a Eugenio Scalfari de modo cordial, com a inteligência calorosa do coração, ao invés da inteligência intelectual fria. A sua razão pode ser definida como uma «razão sensível», como se diz hoje na discussão filosófica na Europa, nos Estados Unidos e até mesmo entre nós, aquela que fala diretamente ao outro, ao seu profundo, e não se esconde atrás de doutrinas, dogmas, instituições.

Nesse sentido, para Francisco, não é relevante se Scalfari é ou não crente, porque cada um tem a sua própria história e o seu caminho, mas é importante a capacidade de estarmos abertos à escuta. Nas palavras do grande poeta espanhol Antonio Machado, "a tua verdade? Não, a Verdade. E vem comigo buscá-la. A tua, guarda-a contigo". Mais importante do que saber é nunca perder a capacidade de aprender. Esse é o sentido do diálogo.

Com a sua carta, Francisco mostrou que todos buscamos uma verdade mais plena e mais ampla, uma verdade que ainda não possuímos. Para encontrá-la, não servem os dogmas e as doutrinas, mas, no máximo, o pressuposto de que ainda existem respostas a se buscar, que existe um mistério, e que essa busca é uma força que nos coloca a todos no mesmo plano, os crentes, assim como os não-crentes, os fiéis de Igrejas diferentes, cada um dos quais tem o direito de trazer a sua visão do mundo.

Não é por acaso que cada fé conhece profundas dificuldades, e que uma em particular reúne todas: é a contradição terrível que atravessa crentes e ateus, a pergunta sobre como Deus pode permitir as grandes injustiças do mundo. É a pergunta que o Papa Bento XVI também se fez com desânimo em Auschwitz, despojando-se por um instante do seu papel de pontífice e falando somente como um homem, de coração aberto. É a pergunta: "Onde estava Deus quando isto acontecia?" Todos nós, cristãos, devemos aceitar que a resposta não existe, que a pergunta ainda está em aberto. Deus pode

ser o que a nossa razão não entende. Que a inteligência somente não pode responder a tudo, que o Gênesis, como dizia o filósofo da esperança, Ernst Bloch, não está no princípio, mas sim no término, que as coisas caminham em uma boa direção que compreenderemos apenas no fim. Só no fim podemos dizer verdadeiramente: "E tudo é bom", porque enquanto vivemos nem tudo é bom.

Verdades absolutas, verdades relativas? Eu prefiro responder com o bispo brasileiro do coração da Amazônia, poeta, profeta e pastor, Pedro Casaldáliga: "Só Deus e a fome são absolutos".

Por isso, eu mesmo tenho muita confiança no que Francisco poderá fazer e me sinto em diálogo com ele. Ele já fez uma importante reforma do Papado e fará uma da Cúria, e em muitos discursos indicou como todos os temas podem ser discutidos, uma afirmação impensável há pouco tempo. Temas como o celibato dos padres, o sacerdócio das mulheres ou a moral sexual e a homo afetividade eram simplesmente proibidos para bispos e teólogos, e agora não são mais.

Acredito que esse Papa é o primeiro a não querer um governo monárquico, o "poder" de que fala Scalfari, mas, ao invés, quer ficar o mais próximo possível ao Evangelho, obtendo dele os princípios de misericórdia e compreensão, mantendo a humanidade no centro.

Por isso também o seu diálogo com os não crentes pode realmente desenvolver e abrir uma nova época de modernidade ética que não olha só para a tecnologia, a ciência e a política, mas que também pode nos levar à superação da atitude de exclusão até aqui típica da Igreja Católica, da arrogância de quem considera que a sua Igreja é a única verdadeira herdeira da mensagem de Jesus.

Por isso, é importante nunca esquecer que Deus enviou o seu Filho ao mundo, e não somente aos crentes. E ele ilumina cada pessoa que vem a este mundo, como diz o Evangelho de São João.

Nesse sentido, como eu já escrevi a Francisco, é urgente um Concílio Vaticano III, aberto a todos os cristãos e não somente aos católicos, a todas as pessoas, até mesmo ateias, que possam nos ajudar a analisar as ameaças que pairam sobre o planeta e como enfrentá-las. As mulheres, em primeiro lugar, já que é a própria vida que está sendo ameaçada. O Cristianismo é um fenômeno ocidental. Ele deve encontrar o seu espaço na nova fase da

humanidade, na fase planetária. Só assim pode ser uma Igreja de todos e para todos.

Em Francisco, que já demonstrou isso na Argentina, eu não vejo a vontade

de conquistar e de fazer proselitismo, mas sim de testemunhar e de percorrer, como ele escreveu a Scalfari, um trecho do caminho juntos: o cristianismo é em movimento, como Jesus caminhava junto com os Apóstolos. E em tudo isso a dimensão ética e um senso dos direitos universais é mais importante do que pertencer ou não a uma Igreja, como no caso de Eugenio Scalfari.

Devemos olhar para a dimensão luminosa da história mais do que para as suas sombras, viver como irmãos e irmãs na mesma Casa Comum, na Mãe Terra, respeitando as diversas opções, sob um único grande arco-íris, sinal da transcendência do ser humano.

Um longo inverno acabou, espera-nos uma primavera com a sua dimensão alegre de flores e de frutos, uma primavera em que vale a pena ser humano, também na forma cristã dessa palavra.(27 de abril 2012)

"Com Francisco, diálogo continua embora a distância".

"Devemos elogiar o Ratzinger". Perdão? Você não é o ex-franciscano Leonardo Boff, adversário histórico do cardeal Joseph Ratzinger? Não foi você quem, quando ele foi eleito Papa, disse que com Bento XVI chegava "o inverno da Igreja"? Desenha-se um sorriso entre a barba branca de Boff e não se precisa de muita perspicácia para entender que na Igreja de Francisco estão se evaporando inclusive os conflitos teológicos nos quais o Vaticano se viu envolvido desde os anos 1970.

Claro, o escritor brasileiro faz uma homenagem ao Papa emérito, sobretudo, porque soube saber a hora certa para sair de cena. De qualquer maneira, suas palavras sobre Ratzinger são somente palavras de apreço. E não é a única surpresa que um dos protagonistas da Teologia da Libertação reserva, recostado em uma das poltronas do hotel, depois de ter participado da iniciativa "Torino Spiritualità". Não muito tempo atrás, teria sido difícil imaginar que um autor com o perfil de Leonardo Boff pudesse ser considerado "assessor" do Pontífice. No entanto, é justamente o que o Papa Francisco está fazendo com ele, segundo indica o próprio Boff: escrevem-se e conversam mediante uma amiga em comum da Argentina.

A entrevista é de Marco Bardazzi e publicada no sítio Vatican Insider, 15-09-2013. A tradução é de André Langer.

Eis a entrevista.

Você disse que Bento XVI merece ser elogiado. Por quê?

Quando leu o relatório sobre os escândalos na Igreja, entendeu que já não tinha a força física, psicológica nem espiritual para enfrentar um problema desta gravidade. Humilde e sinceramente, com coragem, na minha opinião, renunciou. Quis pensar mais na Igreja do que em si mesmo.

Vocês tiveram uma relação difícil no passado, sobretudo desde que o cardeal Ratzinger, em 1984, abriu um "processo" contra você...

Éramos amigos, é uma pessoa extremamente elegante, fina, nunca levanta a voz. Sempre mostrou um grande respeito para comigo. O problema é que, quando se converteu em prefeito, revelou-se muito "alemão". Eu pregava uma

Igreja que promove a liberdade na sociedade. Ratzinger entendeu isso como um discurso protestante. Dizia-me: "Assim fala Lutero". E eu respondia: "Pois bem, escutemo-lo: há 500 anos a Igreja não escuta Lutero com suficiente atenção".

Você agora deposita muitas esperanças no Papa Francisco? Por quê?

Porque antes de fazer a reforma da Cúria fez a reforma do Papado. Normalmente, alguém é eleito Papa e assume todos os ritos do poder. Ele fez todo o contrário, continuou sendo o que era e está acostumando a todos a mudar segundo sua tradição pessoal.

O que lhe sugere o nome que Bergoglio escolheu?

Muito mais que um nome, Francisco é um projeto de Igreja e de mundo. Uma Igreja na pobreza e humildade humana. A atenção que o Papa tem pelos pobres vem desta intuição, própria da América Latina. Devemos recordar que vem de outro tipo de Igreja e de teologia, ele é da tradição da teologia do povo argentina. Ele se define como um Papa peronista e justicialista.

Você pede a convocação de um Concílio Vaticano III para reformar a Igreja. Este Papa conseguirá fazer a mudança que você espera?

Ele é muito inteligente. Não quer presidir a Igreja monarquicamente, mas colegiadamente. Por este motivo, escolheu oito cardeais de todos os continentes que farão com ele a reforma da Cúria e que dirigirão a Igreja colegiadamente. Creio que chegou o momento, como escrevi a ele, porque ele me pediu uma opinião.

Conversa com o Papa? Como?

Temos uma amiga em comum na Argentina. Eles se falam todos os Domingos, se comunicam com frequência. Eu mando algumas coisas para ela e ele me pede outras.

O que você aconselhou ao Papa?

Por exemplo, que todas as Igrejas, sobretudo a católica, são ocidentais e serão cada vez mais acidentais. Caminhamos para uma nova fase da humanidade que será globalizada. A Igreja não encontrou um lugar neste processo, mas é hora de defini-lo com as outras Igrejas. As diferenças doutrinais são pequenas e inclusive as Igrejas Protestantes aceitam um Papa que não Domina, mas que se converte em referência simbólica do cristianismo, como fenômeno histórico e memória de Jesus.

Quando pensa em sua relação com a Igreja, nos confrontos, na saída da ordem franciscana, arrepende-se de algo?

Deixei a função institucional de sacerdote, mas não a de teólogo. Troquei de trincheira, mas não de luta. E no Brasil nunca tive conflitos com a Igreja. Sigo sendo teólogo nas comunidades de base. E eu celebro, faço batizados, casamentos, celebro todos os sacramentos quando não há sacerdote. Os bispos sabem disso e me dizem: "Continue". Me sinto bem neste papel de leigo. Afinal de contas, Jesus não era sacerdote.

16. FREI BETTO

"A Fé Não é Uma Ideologia e o Marxismo Não é Uma Fé."

Pensar a relação entre religião e política na América Latina, nos anos de 1960, implica entender que esta relação está baseada tanto em conflitos como em convergências, tanto em legitimidades como em oposições, tanto em lutas como em aproximações. Longe de se tratar de uma questão "época" poderíamos sustentar que: "Uma visão, a longo prazo, nos mostra que na experiência histórica particular da América Latina [...] o 'político' e o 'religioso' – para além dos esforços de se racionalizar, controlar e roteirizar esses dois espaços – aparecem como 'modalidades de ação' onde se sobrepõem crer, sonhar, criar promessas de futuro e, sobretudo, dar sentido". É inegável que parte dessa utopia socialista recebeu uma grande influência do cristianismo. Além disso, como sustenta Michael Löwy, o papel do fator religioso é determinante na hora de compreender o contexto de efervescência coletiva e o fenômeno das guerrilhas na América Latina.

A entrevista (10-2011) é de Paulo Margaria, publicada no sítio Nuevo Mundo – Mundos Nuevos, 29-03-2012. A tradução é do Cepat.

Com o objetivo de refletir sobre a experiência brasileira, desta época, é que frei Betto menciona, nesta entrevista, sua militância, a relação entre religião e política, o diálogo entre marxismo e cristianismo, e a luta armada como opção de luta política, fornecendo-nos algumas ferramentas para a compreensão da complexa relação entre religião e política.

Eis a entrevista.

Vamos começar falando de sua militância, na Ação Católica, como o início de sua militância na religião e na política. Você participava de um grupo em específico?

Comecei em 1959, na Ação Católica, que estava dividida em vários movimentos de acordo com a área de interesse, por exemplo, o A, E, I, O, U, a JAC, JEC, JIC, JOC e JUC. A JAC era a Juventude Agrária Católica, a JUC era a Juventude Universitária Católica, a JEC era a Juventude Estudantil Católica, formada por jovens secundários, da qual eu pertencia. Nesse momento, eu vivia em Belo Horizonte e Helder Câmara foi um grande incentivador da Ação Católica no Brasil, ele era bispo auxiliar do Rio de Janeiro.

Eu comecei no ano de 1959, e em 1962 fui eleito para integrar a equipe de coordenação nacional da JEC, em todo o Brasil. Fui viver no Rio de Janeiro e, durante três anos, morei junto com a equipe de coordenação nacional da JUC. Os Dominicanos de Belo Horizonte, que assessoravam a JEC, tinham uma cabeça aberta, progressista. Embora ainda não se falasse da Teologia da Libertação, já existia uma grande influência do padre Lebret, dos padres operários, que começavam a atuar na França, de Maritain, Mounier e de vários Dominicanos do Brasil, que haviam estudado na França, que absorveram um cristianismo mais aberto e progressista. Então, na JEC e na JUC, nós já tínhamos uma visão muito progressista, de vincular a atuação política com a fé cristã, de evangelizar e conscientizar as pessoas para mudar o mundo e a sociedade. Desta mística, derivou a fundação de uma organização de esquerda que se chamava "Ação Popular", que no início tinha uma implícita tonalidade cristã, porém, após o golpe militar de 1964, tomou um caminho marxista-leninista e, inclusive, dividiu-se, pois um setor abraçou o maoismo.

Em abril de 1964 houve o golpe militar e, em junho, pela primeira vez fui para a prisão, porque as duas equipes das coordenações nacionais, da JEC e da JUC, foram presas por 15 dias. No ano seguinte, posterior à experiência da prisão, ingressei nos Dominicanos. Em Belo Horizonte, eu passei um ano de noviciado e, em 1966, vim para São Paulo. Aqui, envolvi-me com Marighella, com a Ação Libertadora Nacional.

Como conheceu Marighella? Em que circunstâncias?

Vários estudantes Dominicanos, inclusive eu, estudavam na Universidade de São Paulo, e havia ali um movimento estudantil muito ardente, muito forte, de esquerda... Nos anos de 1960, houve uma divisão do Partido

Comunista Brasileiro, porque o partido não queria entrar na luta armada e, então, Marighella rompeu e criou seu próprio grupo. Um estudante, que também estava nesse grupo, se aproximou de frei Osvaldo - que hoje vive em Belo Horizonte – e lhe disse que um senhor, líder de seu grupo, queria contatar os Dominicanos e, então, Marighella veio a nosso convento. Isso está muito bem descrito em "Batismo de Sangue". Marighella apresentou-se com outro nome, "o professor Menezes". Em seguido, ao final, quando nos apresentou sua literatura, nós não tivemos dúvidas de que era o próprio Marighella e, então, começamos a formar um grupo Dominicano de apoio. Este foi o processo de aproximação e envolvimento com a luta armada.

O diálogo entre marxismo e cristianismo, que foi uma característica dos anos 1960 e inclusive de antes, foi bastante interessante e denso em termos filosóficos, teóricos e práticos. Como você viveu esse processo, essa tensão entre sua opção religiosa e sua opção política, em apoio à luta armada?

No Brasil ocorreu um fenômeno diferente do que aconteceu na Argentina e no Chile, porque nestes países muitos padres, quando descobriram a opção pelos pobres e o marxismo, saíram da Igreja. Aconteceu uma divisão entre padres e bispos, que eu trataria como um corte horizontal. Aqui, no Brasil, esse corte poderia ser considerado vertical, pois existiam cardeais de direita e cardeais de esquerda, por isso, aqui, nunca foram criadas as organizações Sacerdotes para o Terceiro Mundo ou Sacerdotes para o Socialismo. No Brasil, isso não aconteceu. As pessoas, que vinham de fora, ficavam admiradas pela forma como nós, de esquerda e na luta armada, continuávamos na Igreja. Não precisamos sair do espaço eclesiástico para lutar, porque dentro de nosso próprio espaço existia apoio à luta. O nosso superior apoiava nossa luta, sabia que nós estávamos envolvidos na luta armada.

Então, a partir de 1960, começou o diálogo entre cristianismo e marxismo. Eu mesmo, no ano de 1961, era vice-presidente da entidade estudantil de Belo Horizonte, e havíamos conseguido ganhar as eleições numa aliança com os comunistas, contra a direita. Então, as pessoas da Ação Católica tinham um perfil de esquerda progressista e isso nos aproximava mais dos comunistas do que da direita reacionária. Daí, começamos a estudar muito o marxismo, mas, desde o início, desenvolvendo uma visão muito clara, *com a ideia chave de que a fé não é uma ideologia e o marxismo não é uma fé.* Isso que não

foi chave em outras partes, criando uma enorme confusão, pois as pessoas acreditavam que abraçar o marxismo era abandonar a fé, não se podia ter fé e adotar o marxismo.

Para nós, o marxismo era um método de análise, não um dogma, não um catálogo de crenças. Na prisão, por exemplo, nós, os Dominicanos, dávamos aulas de marxismo aos comunistas porque, curiosamente, o melhor manual de marxismo que havia neste momento era de um padre jesuíta francês, chamado Jean-Yves Calvez, que escreveu dois tomos sobre o marxismo: no primeiro, apresenta o marxismo e no segundo critica o marxismo. O primeiro tomo é uma perfeita apresentação do marxismo, com uma linguagem muito acessível e muito fiel ao que é o pensamento de Marx e, então, nós utilizávamos esse livro para dar aulas de marxismo aos marxistas. Portanto, eu diria que o diálogo cristianismo-marxismo se deu na prática, porque não pode haver diálogo entre cristãos e marxistas, como não pode haver diálogo entre cristãos e mulçumanos, se não houver uma prática comum. Qualquer outro diálogo fora da prática é uma discussão bizantina, sem sentido.

Em certa medida, essa questão dogmática, que você se refere, foi não haver entendido o marxismo de maneira mais aberta e como um projeto ou método de análise. Acredito que é uma das razões da "derrota" das esquerdas, na América Latina, nos anos de 1960 e 1970. Quais as conclusões que você tira dessas experiências?

Naquele momento, eu acredito que a luta armada foi justificada. Em nenhum momento afirmei ou escrevi que tenha sido um equívoco, não. Foi a única possibilidade de luta que havia naquele determinado momento, em fins de 1960 e início dos anos 1970. No entanto, avaliamos mal o inimigo, subestimamos o inimigo, e foi a partir daí que fomos descobrindo outras formas de luta, sobretudo porque naquele momento nossa forma de lutar era

uma forma muito elitista, pois não tínhamos base popular. Éramos vanguarda de uma retaguarda que não existia, a não ser em nossa imaginação. Eu sempre afirmo o seguinte: tínhamos ideologia, tínhamos coragem – muita gente deu a sua vida -, tínhamos dinheiro das expropriações bancárias, tínhamos dedicação, porém não tínhamos um detalhe. Só que esse detalhe era os 90% de tudo, que era o apoio do povo e, por isso, fomos todos derrotados.

Porém, depois começamos a construir outros canais como o Partido dos Trabalhadores, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, a Central de Movimentos Populares e tudo isso; e começamos a fazer trabalho popular a partir das Comunidades Eclesiais de Base, dos movimentos populares sindicais. Aí, sim, construímos uma força política que levou Lula e Dilma à presidência da República e trouxe algumas mudanças não estruturais, mas significativas na história política do Brasil.

Nesse sentido, a Igreja no Brasil, nos anos de 1970, transforma-se num guarda-chuva que permite desenvolver a luta política?

Exatamente. No Brasil, no início, a Igreja apoiou o golpe militar, mas depois, quando a ditadura começa a perseguir a Igreja, ela assume uma defesa corporativa de seu corpo eclesiástico e vai se distanciando da ditadura e tornando-se cada vez mais crítica. O próprio Vaticano, com o Papa Paulo VI, passa a ser crítico. Passa a ter uma atitude muito crítica e a apoiar a nós que lutávamos contra a ditadura, inclusive, quando estávamos na prisão, manifestou-nos apoio por escrito e nos deu um rosário de presente. É claro, realmente é um processo em que a Igreja se torna um guarda-chuva para todos aqueles que lutavam pelos direitos humanos e contra a ditadura, que não tinha nenhum respeito pelos direitos.

Tem uma frase no seu livro "Cartas da prisão" que me chamou muito a atenção. Numa das cartas, você se questiona: santo ou terrorista? Em certa medida, a tensão entre religião e política implica limites difusos e, nesse sentido, o julgamento legal que lhe fazem está baseado em encíclicas. Que sentido tinha esse questionamento?

Para nós, era muito claro que não havia possibilidade de separar religião e política. O arcebispo da África do Sul, Desmond Tutu, disse que "não há nada mais político que afirmar que a religião não tem nada a ver com a política".

Não existe religião ou Igreja politicamente neutra, existe Igreja que está muito satisfeita com o sistema, como no caso da Argentina e dos bispos que apoiaram a ditadura. Ou você apoia ou faz oposição, não existe um termo médio. Existe um discurso que tenta justificar a separação, este é um primeiro dado.

Em relação a um segundo dado, eu sempre afirmo que nós, os cristãos, somos discípulos de um prisioneiro político: Jesus não morreu por uma enfermidade na cama, nem por um acidente com um camelo, numa esquina de Jerusalém, morreu como muitos companheiros na Argentina e Brasil. Ele foi encarcerado, torturado, levado a julgamento e condenado a pena de morte na cruz. Então, dizer que Jesus não se meteu na política é uma ingenuidade, sobretudo, porque naquele momento a divisão cartesiana entre religião e política, que existe hoje, não existia; quem tinha poder religioso, tinha poder político, quem tinha poder político, tinha poder religioso. Pois bem, é necessário saber compreender que a religião é uma dimensão diferente da esfera política, são dimensões complementares em nossa vida e na vida social, mas, eu não vou a uma missa para receber o programa de um partido político, como também não vou a uma reunião política para dizer "vamos fazer agora uma oração". É preciso fazer as modernas diferenciações, mas também é necessário ter a consciência de que não pode existir neutralidade. A religião sempre tem, implicitamente, uma clara posição política: a de legitimação do sistema de injustiça e opressão capitalista ou a de acusação, denúncia e não aceitação desta legitimação.

Sua experiência na prisão fez com que você se aproximasse muito mais da experiência religiosa...

Sim, muito mais. Porque a prisão é uma experiência de catacumba, como no caso dos mártires. Numa prisão, alguém se torna louco ou tem que mudar muitas coisas de sua vida. Para mim, a prisão foi um grande retiro espiritual, um momento de aprofundar bastante a minha vida de fé e a minha experiência religiosa. Neste sentido, foi uma escola e eu não lamento ter passado pela prisão, apesar de todo o sofrimento, é uma coisa que está muito incorporada em minha vida, não foi um hiato.

Como foi a experiência de convergência, nos anos 1970, dos grupos que se aproximaram da Igreja como uma maneira de seguir a militância política,

na medida em que a ditadura suspendeu os direitos políticos?

Foi uma experiência muito rica, porque o ponto de encontro não era a fé, mas a luta contra a ditadura, pela democracia e pelos direitos humanos. Todos os grupos de esquerda, marxistas, que estavam nesta linha, se aproximaram da Igreja, porque, como você disse, a Igreja funcionou como guarda-chuva. Muitas pessoas, que nunca professaram a fé cristã, que nunca se aproximaram da Igreja, participaram ativamente, inclusive na Comissão Justiça e Paz, da Arquidiocese de São Paulo. Dom Paulo Evaristo Arns abraçava a todas essas pessoas, sem pedir nenhuma certidão de batismo, nem nada. E aí foram sendo criadas muitas ferramentas de luta, a Comissão é uma delas, mas também surgiu o Clamor, que foi um grupo que também investigou a desaparecimento de crianças, durante a ditadura na Argentina e apoiou a elaboração do "Brasil Nunca Mais", um trabalho clandestino, e havia muito receio por isso, e que foi um livro muito impactante, pois não se baseou em notícias de jornais, mas todos os seus dados foram retirados de documentos oficiais e da justiça militar. Enfim, foram apoiadas, também, muitas iniciativas relacionadas com a luta.

Por que o estado brasileiro nunca investigou os crimes da ditadura?

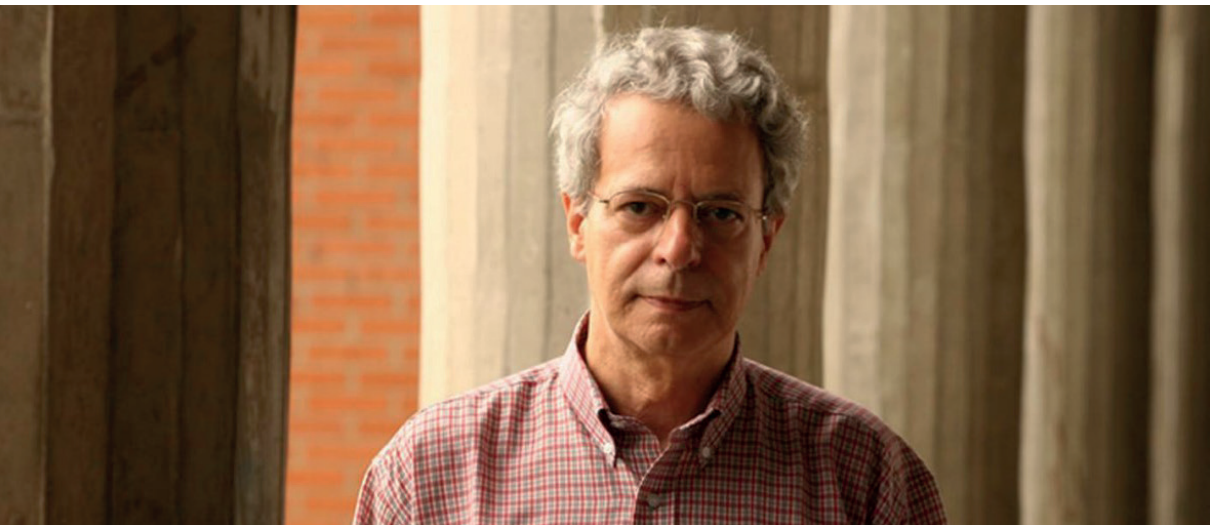
Porque ainda tem medo dos militares. Os militares são uma instituição muito forte e ainda não houve nenhum grupo político com a coragem de enfrentá-los. No entanto, houve pressão e, recentemente, está se formando uma Comissão da Verdade, que deveria ser da Verdade e da Justiça, porém não será feito Justiça porque foi criada, no Brasil, uma anistia esdrúxula, pois não se pode anistiar alguém que não foi acusado, nem julgado. Anistiar significa que você cometeu algo, que a lei reconhece como crime, e que, então, será anistiado. Porém, estas pessoas nunca foram acusadas, nem julgadas. Elas foram anistiadas, mas como uma operação jurídica. Existem pessoas da esquerda que apoiaram a anistia e isso é respeitável. Não há pressão suficiente para levar os militares a julgamento.

Por último, em geral, as ditaduras no Cone Sul tiveram o efeito de – em certa medida – romper o laço social e com isto, também, a possibilidade de assumir responsabilidades, de poder realizar um duelo. Como lutarmos para criar uma memória sobre este trauma? E, como prosseguir com a luta, numa perspectiva de esquerda, para que não se esqueça nunca mais, mas

também para que não aconteça mais?

Bom, duas coisas. Primeiro, existe muitos trabalhos no Brasil para manter viva esta memória, por exemplo, a novela "Amor e Revolução", que é muito dura com os militares. Existem, também, muitas peças de teatro e filmes sobre esta época, então acredito que existe um esforço para manter viva esta memória. Segundo, a reconstrução do laço também depende das pessoas, existem pessoas que não querem falar deste passado, outras que vivem deste passado e existem pessoas que, como eu, que fiz todas as minhas memórias sobre este tempo, já colocaram um ponto final para este período, não tendo mais nada para dizer. Eu escrevi três livros: "Batismo de Sangue", "Cartas da Prisão" e "Diário de Fernando". Cada um segue uma forma de lutar diferente, no meu caso sigo assessorando os movimentos sociais, tentando abrir espaços que fragilizem o sistema capitalista. Para mim, organizar a esperança é organizar as bases.

Com Conselhos Frei Betto Provoca a Militância de



Esquerda

Por Maura Silva

Frei Betto esteve na tarde dessa sexta-feira (24), em Irati para a 14ª Jornada de Agroecologia. O militante e escritor falou por cerca de uma hora para as mais de quatro mil pessoas que estavam no local. Frei Betto usou como base um texto de sua autoria intitulado de 10 Conselhos para os Militantes de Esquerda.

Abaixo seguem os conselhos dados por Frei Betto aos militantes da Jornada.

1- *Mantenha viva a indignação*: Criamos vícios de direita, perdemos o entusiasmo de ser criativos na luta. Mantenhamos viva a indignação: um militante não pode nunca perder seu senso crítico. Muitas vezes, por interesses pessoais, não se critica o outro. Será que estamos perdendo o poder de criticar de maneira construtiva? O poder não redime ninguém, o poder revela. Me lembro de uma vez ter ouvido um ditado que nunca mais esqueci: *"Se queres saber quem é Juanito, dê-lhe um carguito".* Então eu pergunto: Será que estamos repetindo nos nossos Movimentos o sistema burguês, de lideranças burras, que fazem críticas pelas costas? A crítica é importante para rever os passos da caminhada.

2 – *A cabeça pensa aonde os pés pisam*: Não dá para ser de esquerda sem "sujar" os sapatos lá onde o povo vive, luta, sofre, alegra-se e celebra suas

crenças e vitórias. Teoria sem prática é o jogo da direita. Os Nossos políticos se descolaram da base. Penso que se há um problema com os partidos de esquerda no Brasil, é ter eleitores e não ter militantes. Não se pode deixar de caminhar nas bases populares, mesmo que se vire presidente do país. É mantendo o vínculo com movimentos sociais que encontramos o gás que nos alimenta nessa luta.

3 – *Não se envergonhe de acreditar no socialismo*: Sempre me questionaram o seguinte: Você que é frade e se mete em política? Eu como cristão, sou discípulo de um preso político, Jesus foi preso, torturado e condenado por dois pesos do Estado, assim como Vladimir Herzog. Não podemos confundir os princípios com as experiências negativas, o modelo stalinista de socialismo fracassou, mas não o socialismo. A humanidade não tem futuro fora da partilha dos bens da terra. Todo mundo está de acordo que o Brasil precisa fazer ajustes fiscais, mas esses ajustes não podem ficar só no colo do trabalhador.

4 – *Seja crítico sem perder a autocrítica*: Seja crítico, sem perder a autocrítica. Temos facilidade a dirigir críticas ao governo. Como ninguém é juiz de si mesmo, é preciso que outro fale aonde estamos vacilando.

5 – *Saiba a diferença entre militante e "militonto":* É preciso que saibamos a diferença entre militante e militonto. Cada um de nós devemos saber onde está nossa trincheira. Entramos na luta por alguma porta. Vivemos numa sociedade burguesa, com a cabeça feita pela grande mídia. Exemplo disso é a nossa mídia que enfia na cabeça do brasileiro que alimento envenenado, cheio de agrotóxico e de elementos cancerígenos é bom.

6 – *Seja rigoroso na ética da militância*: Certa vez ouvi de Fidel, *"Frei Betto: Um revolucionário pode perder tudo, menos a moral. O patrimônio ético do militante é o que ele tem de mais importante"*. A direita não posa de ética, mas nós, a esquerda sim. Por isso, quando pisamos na bola, a cobrança é tão pesada. O verdadeiro militante é um servidor, disposto a dar a própria vida para que outros tenham vida. Não se sente humilhado por não estar no poder, ou orgulhoso ao estar. Ele não se confunde com a função que ocupa.

7 – *Alimente-se na tradição da esquerda*: Ande sempre com um livro ainda que você tenha certeza de que não tenha tempo de abri-lo. Precisamos de elementos para debater a atual esquerda, assim, não cometermos hoje os mesmos erros do passado.

8 – *Prefira o risco de errar com os pobres a ter a pretensão de acertar sem eles*: Os pobres agem por princípio de necessidade, a elite age por interesse. É importante que saibamos que não existe pessoa mais culta que a outra. Existem culturas distintas e socialmente complementares. O nosso povo é culto, só não sabe que é.

9. *Defenda sempre o oprimido, ainda que aparentemente ele não tenha razão*: Quando criticam as ocupações do MST, dizendo que são agressivas ou coisa parecida, sempre respondo lembrando a quem perguntou que agressivo é o colonialismo, a escravatura, a política para os imigrantes. O exagero que o pequeno faz não é nada diante das enormes atrocidades organizadas pelos grandes para Dominar o mundo.

10 – *Faça da espiritualidade um antídoto contra a alienação*: Não falo de fé. A espiritualidade pode ser religiosa ou não. É importante que cultivemos a nossa subjetividade. Falamos como militantes e vivemos como burgueses, acomodados ou na cômoda posição de juízes de quem luta. Os dons da vida são um mistério, a vida é toda centrada na experiência do amor, e o amor é um mistério. Não importa se uma pessoa é ateia ou à toa, tem é que ser revolucionária. E sem tem uma coisa da qual nós podermos ter certeza é a de que o amor é revolucionário.

17. MILTON SCHWANTES

"A Teologia e o Direito Dos Pobres"

Milton Schwantes é teólogo e pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Biblista, Schwantes é um dos principais nomes do método de leitura popular da Bíblia na América Latina e autor de diversos livros, alguns traduzidos em espanhol, alemão e inglês. Sofreu uma cirurgia para retirada de um tumor na hipófise (glândula localizada na parte central da base do crânio), e desde então vem se recuperando e retomando suas atividades

Como professor de pós-graduação na Área de Literatura e Religião no Mundo Bíblico, junto à Universidade Metodista de São Paulo. Casado com a psicóloga Rosileny Alves dos Santos Schwantes, o casal cuida de três filhas.

Em novembro de 2002, ainda sofrendo os efeitos da cirurgia, viajou a Marburg, Alemanha, para receber o título de Doutor Honoris Causa conferido pela Universidade local. Sua contribuição foi qualificada como "uma ponte entre a teologia européia e latino-americana"

Milton Schwantes completou 60 anos em abril e passou seu aniversário na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo, RS, onde recebeu a repórter da IHU On-Line (29 de novembro de 2006) para conversar sobre sua trajetória pessoal e intelectual. Doutor em Teologia, com especialização em Antigo Testamento, pela Faculdade de Teologia da Universidade de Heidelberg, Alemanha, é professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e

na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, em São Bernardo do Campo (SP). A entrevista está marcada pelo clima de alegria e otimismo do pastor e o esforço pessoal para trazer com dificuldade, lembranças, experiências ideias.

IHU On-Line- O senhor pode falar um pouco da sua trajetória de vida?

Milton Schwantes - Nasci em Tapera, no Rio Grande do Sul. Meus pais eram agricultores em Lagoa dos Três Cantos. Tinham uma pequena gleba de terra e plantavam de tudo. Lagoa dos Três Cantos era uma pequena vila em meio às colônias de pequenos agricultores, todos evangélicos.

A rigor não existia Igreja Católica lá. Havia um ou outro católico no meio. Trabalhei um pouco na roça como agricultor, quando pequeno, mas, como era o último da família, fui o que menos recebeu influência da roça diretamente. Saí da roça antes dos 10 anos. Minha mãe procurou emprego na cidade, pois meus irmãos já haviam ido estudar como era a orientação do meu pai.

IHU On-Line – E sua trajetória intelectual?

Milton Schwantes - Estudei no Pré-Teológico, em São Leopoldo, que era uma formação anterior à teologia. Aprendia-se grego e latim além das outras disciplinas do atual Ensino Médio. Depois fui estudar Teologia, formando-me em meados de 1970. A Igreja, que tem muito contato com a Europa, me encaminhou para um estudo de pós-graduação na Alemanha em Heidelberg. Estudei de 1971 a 1974 e terminei o doutorado em Antigo Testamento, com um professor que foi muito especial, Hans Walter Wolff. Voltei em 1974 e assumi uma paróquia em Santa Catarina, numa cidadezinha chamada Cunha Porã. Era uma cidade também evangélica do tipo dessas colonizações que alocavam católicos e evangélicos em povoados diferentes. No caso, Cunha Porã fora inicialmente prevista para evangélicos. Aí havia uma igreja evangélica bem numerosa, algo como mil e duzentas famílias, mais do que cinco mil pessoas. Eu acompanhava várias comunidades, 26 no total. Foi um trabalho muito bonito. Fiquei lá até 1978. Depois trabalhei nove anos aqui no Morro do Espelho, em São Leopoldo, de 1978 a 1987, na Faculdade de Teologia, na formação de pastores e pastoras, isso até 1988, quando me transferi para São Paulo. Lá atuei como pastor na comunidade luterana de Guarulhos e fui e sou professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. É o que faço até hoje.

IHU On-Line - A sua tese doutoral foi sobre "O direito dos pobres"

Milton Schwantes - Sim, o título em português será este, mas ainda não consegui publicar a tese no Brasil. Está em alemão, Das Recht der Armen, tendo sido publicada por uma editora de Frankfurt. A tese aborda o sentido social do conceito pobre. O que é sociologicamente o pobre e em que sentido ele tem direito? O que quer dizer, neste caso, direito? Direito, no caso da cultura semita, significa aquilo que corresponde a alguém que tem necessidade de obter coisas da sociedade. Este seria o significado político do termo hebraico que costumamos traduzir por direito. O pobre tem, pois, o direito também de receber comida e uma terra da sociedade. O direito é o de obter da sociedade o apoio na necessidade e na crise, em meio aos parentes e à comunidade. Igualmente quis saber quem são exatamente os pobres. O termo pobre é usado no Antigo Testamento e na Bíblia de modo diferente do que nós o usamos. Nós damos aos pobres o sentido de carentes. *A Bíblia o entende como quem tem o direito de reivindicar os direitos sociais garantidos. Na tradição bíblica um pobre não pede (não é pedinte), mas exige sua parcela da sociedade.*

IHU On-Line - Como foi a sua descoberta da teologia da libertação?

Milton Schwantes - Quando estudei na Faculdade de Teologia, no que hoje é a Escola Superior de Teologia, ainda tínhamos muita aula em alemão. Na década de 1960, os professores vinham da Alemanha e não se entendiam muito bem com nossa língua, nem aprendiam muito português. A nós, alunos e alunas, cabia aprender alemão e inglês. A dependência da nossa teologia, até então, foi mais ou menos completa; as bibliotecas estavam cheias de livros em línguas estrangeiras. A teologia era importada, sua língua também. A nacionalização da teologia foi um dos temas muito importantes dos anos 1960. Sim, esse processo foi muito importante para a nossa geração. Não foram poucos os conflitos, em especial com professores que davam aulas em

alemão. Tais insistências com o português não só eram um dos temas de nós, estudantes de teologia, a própria Igreja passava rapidamente ao português, porque as comunidades evangélicas se tornavam mais e mais urbanas, nos anos 1960 e 1970. Eram tempos de grande crise interna. A pobreza aumentava, principalmente na periferia dos centros urbanos. A Igreja corria o risco de perder o contato com o seu povo da periferia. Tivemos que reestruturar-nos. Uma igreja de imigrantes nas colônias e roças tornava-se urbana e periférica. Logo, o português tornava-se urgente dentro das comunidades e paróquias. E, simultaneamente, requeria-se, de nós, estudantes, uma teologia mais social, mais contextual. A teologia europeia clássica e em língua estrangeira era percebida como deslocada, e como descolada de nossas comunidades eclesiais. Buscávamos naqueles dias por novas águas. A teologia da libertação foi vivida, por nós, como fonte de água fresca. Correspondia a um anseio que vivíamos, naqueles dias, no País, ocupado por militares desde 1964, e por teologias importadas em línguas estrangeiras. A teologia da revolução, formulada já nos anos 1950 e aprofundada nos anos 1960 por Richard Shaull, um teólogo norte-americano que atuou entre outros no seminário teológico presbiteriano de Campinas (SP), era muito lida entre nós, protestantes. *Nos anos 1960, antes e durante o Concílio Vaticano II, o mundo protestante teve uma teologia que não se tornou muito conhecida pelos católicos. Nós a chamamos de "teologia da revolução"*. O conceito vinha deste teólogo e ético, Richard Shaull, professor em Campinas. Ele influenciou, com sua corrente inovadora, o movimento de jovens estudantes de teologia. Afinal, os acontecimentos revolucionários em Cuba, em 1959, punham na ordem do dia o tema da transformação social rápida na América Latina, seja para solucionar a grave crise de integração dos camponeses nas cidades, seja de distribuição de terra e renda. A "teologia da revolução" tematizava a participação cristã nestas transformações. No Brasil, o golpe de 1964 desmantelou mais e mais essa teologia, que representava os setores mais dinâmicos dos protestantes nos anos 1950 e 1960.

IHU On- Line – Como a "teologia da libertação" ajudou ou ajuda na interpretação da Bíblia?

Milton Schwantes – A "teologia da libertação" situa-se para mim na continuidade da "teologia da revolução". Encontrava-me em estudos doutorais em Heidelberg, quando Gustavo Gutiérrez publicou sua obra. E, dizendo-o de modo abreviado, a magnífica obra da teologia da libertação

inicialmente tende a apresentar uma dificuldade que já se podia observar na teologia da revolução: ambas enfocam principalmente os quadros da própria igreja, seus colaboradores mais diretos, bispos, padres, pastores, irmãs e irmãos de congregações. Inicialmente também a teologia da libertação é de quadros e não do povo. Sim, o livro de nosso querido Gustavo Gutiérrez é uma reflexão para os bispos e teólogos, e, a rigor, não tanto para o povo. Cita muitos autores europeus e franceses, situando-se ainda em parte, no âmbito da teologia "importada". *A reflexão popular ainda não iniciou, de verdade e com força. A reflexão é antes sobre o povo, mas não popular. Assim, o livro da Teologia da libertação é tão espetacular quanto frágil. Penso que grande passo inovador e exemplar, culturalmente revolucionário é a segunda grande obra de Gustavo Gutiérrez: Teologia a partir dos pobres (1978).*

Essa reflexão completa a primeira e coloca a nova teologia em seu devido foco: os pobres como sujeitos teológicos. Este enfoque implica numa maravilhosa conversão: a igreja precisa ouvir os pobres, mulheres, crianças e homens, para poder teologizar. Sem escuta não há libertação. Na teologia da libertação, em seu sentido profundo, a Igreja é aprendiz do caminho dos empobrecidos. Estes, os últimos, são de verdade os primeiros. Entendo, pois, que nesta sua versão a partir de 1978, a teologia toda dá uma virada, encontra seu eixo, sua tarefa própria, a de ser seguidora de Jesus nos caminhos das manjedouras e das cruzes, das vidas sofridas e destruídas de nossos países. Quem tem vida são as "vidas secas". Dá-se uma virada radical e definitiva na vida teológica latino-americana. Passa a experimentar-se que os pobres são eixo de tudo. Antes a Igreja modernizada e mundanizada, a do *aggiornamento,* era o eixo de tudo. Em 1978, Gustavo Gutiérrez alcançou formular a grande inovação que é o que de verdade impacta: não se trata de modernizar a Igreja, mas de retornar às manjedouras. Penso que estas luzes, que a teologia nos foi dizendo naqueles anos, continuam sendo nossas luzes. E o ciclo da teologia da libertação não está concluído, pois das luzes da manjedoura da pobreza de Belém e do crucificado emerge a profundeza da vida. O desafio permanece. E este está delineado em Teologia a partir dos pobres. Os cânticos nascidos deste desvendamento teológico, desta coragem de ver a verdade Cristo lógica carregam nossa vida de fé. Dia a dia, Jesus nos arranca da morte para que, com alegria, vivamos com nosso próximo, pobre e destituído da vida em nossa América Latina. *Nas terras latino-americanas, não se pode viver sem ser militante de uma fé centrada nos pobres.*

IHU On-Line – Haveria uma crise da Igreja hoje?

Milton Schwantes A crise se refere, a meu ver, à tarefa pastoral. Sem coração pelo social, a pastoral esfarela-se, esmigalha, despedaça-se. Movimento eclesial nenhum faz jus às terras brasileiras, se não tiver uma intuição social clara. Eis a crise das paróquias. Nelas, assim me parece, tende a esquecer-se de animar pessoas para a presença maciça nas periferias. Os pobres, aquele cinturão de empobrecidos que faz aumentar os cinturões ao redor das cidades, continua sendo prioridade. Nas periferias, não pode faltar mão-de-obra pastoral

IHU On-Line – Quais as perspectivas do diálogo inter- religioso?

Milton Schwantes – *Não me agrada muito o termo "diálogo inter-religioso", quando se pretende diferenciá-lo de ecumenismo. Ecumênico seriam as aproximações entre igrejas e tradições cristãs, enquanto "diálogo inter-religioso" seria a atividade ecumênica com não-cristãos*. Pode-se acentuar tais diferenças por questões práticas, mas em seguida há que voltar a insistir em que em Deus todos e tudo se encontra. Aí não há departamentos. Logo, sou dos que têm criticado essa linguagem, em que o ecumênico reúne igrejas cristãs e em que o inter-religioso convoca pessoas religiosas de boa índole. Penso que o diálogo entre as igrejas sempre é uma forma do diálogo inter-religioso, não cria uma outra categoria. Prefiro designar também todo diálogo inter-religioso de ecumênico. Ambos têm a mesma qualidade. Afinal, no diálogo, seja ele ecumênico ou inter-religioso, queremos experimentar Deus, em sua compaixão com a humanidade e sua criação. Temos diversas experiências deste encontro com Deus, mas todas elas se complementam O protestante e o católico se complementam ao buscarem o convívio ecumênico. Ambos se alteram! E ambos também encontram a si mesmos no outro. Ora, o encontro ecumênico com os muçulmanos nos permite dar novos passos de mutua admiração e alteração no que se chamaria de atividade inter-religiosa. Mas, por igual se poderá designar este encontro cristão-muçulmano de ecumênico, por ser da qualidade humana e teológica equiparável ao de atividades intra cristãs. Não há aí uma grande diferença. No convívio, as distâncias criam novos espaços. A mãe-de-santo é tão profundamente dedicada ao encontro com Deus como nós o somos com o mesmo Deus, considerando que o Deus da Vida não existe em duas espécies, como Deus e não-Deus. Ele só subsiste como Deus "exodal", do

qual estamos igualmente próximos e desesperadamente distantes. Outro dia escrevi um pequeno ensaio sobre este problema. Pensei-o com base em uma cena do metrô. Lá não tem setor ecumênico, ou setor inter-religioso. No metrô só há um lugar, simultaneamente excludente e coeso. Nele, o metrô nos torna um.

IHU On-Line - O senhor está num estado delicado de saúde. Como está enfrentando este momento, tendo uma história de vida cheia de fé?

Milton Schwantes - Para mim, está tudo bem. Dou risada. E muita. Fiquei com muitas sequelas, com as quais agora vivo, mas não posso dizer que vida sob as condições de limites e restrições seja vida ruim. É vida boa, porque não canso de receber uma mãozinha, seja para atravessar uma rua ou entrar em um ônibus. Tenho experimentado muita graça descobri muitas pessoas que vivem com limites como os que experimento. Importa que os vivamos na alegria da fé em Jesus, na alegria da vida, doada por Deus.

IHU On-Line - O senhor completou 60 anos. Quais suas perspectivas profissionais e de vida?

Milton Schwantes – Andei limitando minha atuação. Ao menos, era este o meu desejo. Mas as tarefas continuam sendo muitas. Com grande alegria dou aulas. Convivo com alunos e alunas e trato de mostrar que teologia é gratuidade, graça. Trabalho Universidade Metodista de São Paulo e gosto muito de dar aula. Tenho muitos orientandas e orientandos no mestrado e no doutorado. Vejo com grande felicidade que aumentam os sinais ecumênicos.

IHU On-Line – Na vida pessoal, há alguma coisa que o senhor queira fazer?

Milton Schwantes – Gostaria de ir a Israel, Palestina e Jordânia com meus alunos e minhas alunas. Mas, isso ainda não deu certo. Espero que o plano dê certo em 2007. Depois tenho muita alegria em viver com minha esposa. A Rosi é mesmo um encanto de pessoa. É bom demais conviver com ela. Graça gratuita! As meninas vão fazendo suas experiências na vida. De algumas aprendo; para outras prefiro preparar-me com bom humor. Afinal, cada qual precisa ter o direito de equivocar-se. Bater a cabeça é algo como um direito natural. De todo modo, somos uma bela comunidade, de muita risada.

18. JON SOBRINHO

A Passagem de Deus pela América Latina.

«Como será a passagem de Deus pela América Latina e com quem passará, está por se ver, e em suma é coisa de Deus. Mas é coisa nossa desejá-la, trabalhar para isso, e aprender de como aconteceu no passado em torno de Medellín", escreve Jon Sobrino, em artigo publicado no sítio espanhol Eclesalia, 23-02-2012. A tradução é do Cepat.

Jon Sobrino é teólogo espanhol radicado em El Salvador, sobrevivente da chacina que, em novembro de 1989, dizimou a vida de seis Jesuítas e duas funcionárias da Universidade Centro-Americana (UCA). É autor de vários livros, entre os quais, *Fora dos pobres não há salvação (Paulinas, 2008), Cristologia a partir da América Latina (Vozes, 1983); Jesus, o Libertador: a história de Jesus de Nazaré (Vozes, 1994).*

Eis o artigo escrito por Jon Sobrino.

Os dez anos que se passaram entre Medellín (1968) e Puebla (1979) foram únicos na época moderna da Igreja católica na América Latina. Depois começou um declive ao qual Aparecida (2007) quis colocar um freio, embora até agora reste muito a ser feito.

Ao fazer este juízo, não nos fixamos na Igreja assim como é analisada pelos sociólogos, mas na "passagem de Deus". Sem dúvida, é mais difícil calibrar, mas toca a dimensão mais profunda da Igreja, e a serviço de que deve estar. Em suma, qual a sua contribuição para os seres humanos e para o mundo

como um todo. E, obviamente, é preciso se perguntar "que Deus" é que passa pela história em um dado momento.

Medellín

Foi um salto qualitativo. Irromperam os pobres, e neles irrompeu Deus. Foi um fato fundante que penetrou na fé de muitos e configurou a Igreja.

Surpreendentemente, para a assembleia dos bispos a prioridade não era a Igreja em si mesma, mas o mundo de pobres e vítimas, isto é, a criação de Deus. Suas primeiras palavras proclamam a realidade do continente: "uma pobreza em massa fruto da injustiça". Os bispos agiram, sobretudo, como *seres humanos*, e deixaram falar a realidade que *clamava ao céu*. São os clamores que Deus escutou no êxodo que o fizeram sair de si mesmo e entrar decididamente na história. De igual modo, com Medellín Deus entrou na história latino-americana.

A partir desta irrupção dos pobres, e de Deus neles, Medellín pensou o que é ser Igreja, qual é a sua identidade e missão fundamental, e qual deve ser seu modo de estar em um mundo de pobres. A resposta foi "uma Igreja dos pobres", semelhante à ilusão que teve João XXIII e o Cardeal Lercaro de Bologna, Italia. No Concílio não prosperou, em Medellín sim. A Igreja sentiu compaixão pelos oprimidos e decidiu trabalhar por sua libertação. Por muitos, com maior ou menor consciência explícita, foi acolhida como bênção. Por outros, foi percebida, com razão, como grave perigo.

Cedo o poder reagiu. Em 1968, Nelson Rockefeller escreveu um relatório sobre o que estava acontecendo, e essa Igreja, nova e perigosa, tinha que ser fragilizada e freada, e o mesmo aconteceu no início da Administração Reagan. Oligarquias com o capital, exércitos, esquadrões da morte, desencadearam uma perseguição contra a Igreja, desconhecida na história da América Latina. A perseguição, e o manter-se firme nela, deixou claro o novo e evangélico que estava acontecendo: a Igreja de Medellín estava com o povo pobre e perseguido, e correu sua própria sorte. Milhares foram assassinados, entre eles meia dúzia de bispos, dezenas de sacerdotes, religiosos e religiosas, e uma multidão de leigos, mulheres e homens. Com limitações, erros e pecados, era uma Igreja muito mais casta que meretriz,

muito mais evangélica que mundana.

Na Igreja católica, Paulo VI propiciou e animou esta nova Igreja, mas altos personagens da cúria romana, e de outras cúrias locais, a desqualificaram, trataram mal e injustamente os seus representantes, inclusive bispos, e construíram uma Igreja alternativa, diferente e mesmo contrária, mais devocional, intimista, de movimentos, submissos aos defensores da hierarquia. E o que havia que evitar era que a Igreja voltasse a entrar em conflito com os poderosos. A Igreja popular, nascida em torno de Medellín, crente e lúcida, de comunidades de base, que vivia a pobreza do continente, sofreu a dupla perseguição do mundo opressor, e, com alguma frequência, da própria Igreja.

Uma Igreja assim foi testemunha e seguidora de Jesus de Nazaré. Encarnada, defensora e companheira dos pobres, carregava a cruz e com frequência morria nela. Anunciou uma Boa Nova como Jesus na sinagoga de Nazaré. Teve seus "doze apóstolos", os Padres da Igreja latino-americana com Dom Hélder Câmara um dos pioneiros, com Enrique Angelelli, Dom Sergio Mendez Arceo, Leonidas Proaño, com Dom Romero, pastor e mártir do continente, e outros. Chegou a ser *ekklesia*, na qual mulheres e varões, religiosas e leigos, latino-americanos e vindos de fora, chegaram a formar corpo eclesial, uma grande comunidade de vida e missão. Entre os de casa e os de longe se gerou uma solidariedade nunca vista: se fortaleciam mutuamente. Cresceu a esperança e a alegria. E do amor dos mártires nasceu uma brisa de ressurreição, alheia a toda alienação, que remetia novamente à história para viver nela como ressuscitados.

Nessa Igreja soprava o Espírito, o espírito de Jesus e o espírito dos pobres. Esse espírito inspirava oração, liturgia, música, arte. E também inspirava homilias proféticas, cartas pastorais lúcidas, textos teológicos de casa, não textos simplesmente importados que não passaram pelo crisol de Medellín.

No centro de tudo estava o evangelho de Jesus. *Lucas 4, 16: "Eu vim para anunciar a boa nova aos pobres, para libertar os presos". Mateus 25, 36-41: "Tive fome e destes de comer". João 15, 13: "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos irmãos". E Jesus de Nazaré, o crucificado ressuscitado, Atos dos Apóstolos 2, 23-24: "Aquele que vocês mataram*

Deus o devolveu à vida".

E agora?

Pesquisas, estudos sociológicos e antropológicos, econômicos e políticos, oferecem dados e explicações sobre a Igreja católica e outras Igrejas cristãs. Dizem-nos se aumentamos ou diminuímos em número e em influxo na sociedade. Desde essa perspectiva nada tenho a acrescentar. E estritamente falando, também não é a minha maior preocupação qual será o futuro do que chamamos "Igreja", embora nela tenha vivido e vivo, e me acostumei a pertencer à família.

O que me interessa, e me alegra, é que "Deus passe por este mundo". E a razão é simples. O mundo está "gravemente enfermo", dizia Ellacuría, "enfermo de morte", disse Jean Ziegler. Isto é, necessita de salvação e cura. Por isso, como crente e como ser humano, desejo que "Deus passe por este mundo", pois essa passagem sempre traz salvação às pessoas e ao mundo em seu conjunto. Tivemos a sorte de sentir essa passagem de Deus com Medellín, com Dom Romero, com muitas comunidades populares. Com muitas pessoas boas, simples em sua maioria. Com uma plêiade de mártires. E também, embora isso só se possa sentir "em um difícil ato de fé", como dizia Ellacuría ao explicar a salvação trazida pelo servo sofredor de Isaías, com o povo crucificado.

Como estamos atualmente? Seria cometer um grave erro cair em simplismos em coisas tão sérias. Seria injusto não ver o bom que, de muitas formas, existe nas Igrejas. E seria arrogante não tentar descobri-lo, embora às vezes

se esconda atrás de uma crosta que não remete claramente a Jesus de Nazaré. Em todo o caso, a passagem de "Deus" sempre será mistério inescrutável, e só na ponta dos pés e com máximo respeito a todos os seres humanos podemos falar sobre isso. Mas com todas estas cautelas algo se pode dizer. Mencionaremos as realidades dos fiéis e suas comunidades, mas temos em mente sobretudo as instâncias, altas em hierarquia, historicamente muito responsáveis pelo que acontece, e às quais não se pode pedir conta com eficácia. Com simplicidade dou minha visão pessoal.

De diversas formas abunda o pentecostalismo, como forma de Igreja diferente dos problemas reais de vida e morte das maiorias, embora traga coragem e consolo aos pobres, o que não é desdenhar quando não têm onde se agarrar para que sua vida tenha sentido – diferente é a situação de classes mais acomodadas. Prolifera um grande número de movimentos, dezenas deles, proliferam os meios de comunicação das Igrejas, emissoras de rádio e televisão, excessivamente submissos a ideais e normas que provêm de cúrias, sem dar sensação de liberdade para tomar eles mesmos em suas mãos um evangelho que anuncia a boa nova para os pobres, em forma de justiça, e sem suspeitar da necessidade de um estudo, reflexivo, minimamente científico, da Palavra de Deus, e em geral da teologia propiciada pelo Vaticano II e Medellín. Proliferam devoções de todo tipo, as de antes e as de agora. Jesus de Nazaré, que passou fazendo o bem e morreu crucificado, é deixado de lado com facilidade a favor do menino Jesus, seja de Atocha, de Praga, o Deus menino, dito com grande respeito. Com facilidade se dilui o Jesus vigoroso da Galileia, do Jordão, o profeta de denúncias do templo de Jerusalém, a favor de devoções, baseadas em aparições com um transfundo sentimental e excessivamente melífluo. Para dizer com simplicidade, a divina providência pode atrair mais que o Pai de Jesus, o Filho que é Jesus de Nazaré, o Espírito Santo, que é Senhor e dador de vida, e Pai dos pobres, como se canta no hino do Pentecostes.

Em seu conjunto custa hoje encontrar na Igreja a liberdade dos filhos e filhas de Deus, a liberdade diante do poder, que não por ser sagrado deixa de ser poder. Nota-se excessivo servilismo e submissão em relação a tudo o que seja hierarquia, o que chega a se converter em medo paralisante. Desde as instâncias de poder eclesial aponta o triunfalismo, e o que chamei de a pastoral da apoteose, de multidões, midiática. Em muitos seminários a discussão e

a arte de pensar são substituídas pela memorização. Nas reuniões do clero, pelo que sabemos, as perguntas, a discussão e o debate são substituídas pelo silêncio. As cartas pastorais dos anos 1970 e 1980 – verdadeiro orgulho das Igrejas, que reverdecem em ocasiões, na Guatemala, por exemplo – são substituídas por breves mensagens, recatadas e comedidas, com argumentos tomados das últimas encíclicas do Papa. O centro institucional já não parece estar na América Latina, mas na distante Roma. Tudo isto é dito com respeito.

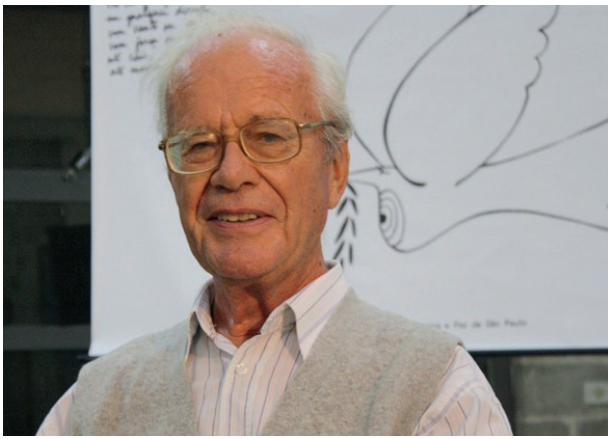
Como será a passagem de Deus pela América Latina e com quem passará, está por se ver, e em suma é coisa de Deus. Mas é coisa nossa desejá-la, trabalhar para isso, e aprender de como aconteceu no passado em torno de Medellín.

Bom é saber e analisar os vaivéns dos adeptos e o influxo das Igrejas na sociedade. Pelo que dizem os dados, em ambas as coisas a Igreja católica vai mal. Mas é preciso ter mais presente as raízes de cuja seiva viveu a passagem de Deus. E regá-la humildemente, com águas vivas.

O que acontecerá à nossa Igreja, e a todas as Igrejas, está por se ver. Meu desejo é que, aconteça o que acontecer no exterior, se coloque a serviço da passagem de Deus por este mundo, o Deus de Jesus, compassivo, profeta e crucificado. E o Deus dador de esperança.

Estas são perguntas que podemos sempre fazer. Mas talvez seja bom fazê-las no começo da quaresma. Este tempo exige de nós fortaleza para caminhar para Jerusalém. E nos oferece esperança de nos encontrar ali com o Jesus crucificado e ressuscitado.

19. PADRE JOSÉ COMBLIN



"Quem Merece Incenso é o Povo"

Uma Vida na América Latina a Serviço da Libertação.

IHU recebeu a visita do Pe José Comblin. Ele palestrou sobre a originalidade histórica da Conferência de Medellín durante o evento De Medellín a Aparecida: marcos, trajetórias e perspectivas da Igreja Latino-Americana.

A IHU On-Line aproveitou a sua vinda e conversou pessoalmente com ele sobre sua trajetória, sua vida e sobre alguns aspectos prática teológica, hoje. Muito franco, ele afirma que não haverá outra geração como a *de Medellín*. "Uma geração como aquela que fez Medellín só acontece uma vez na história. Quando diversos países se encontram com a mesma perspectiva, é milagroso! É muito difícil se imaginar que isso possa se reproduzir novamente". Um pouco da sua história pode ser lida nesta entrevista. Um pouco apenas, visto que a história de quem dedicou praticamente uma vida toda à América Latina, como é seu caso, é bastante longa e profunda.

IHU On-Line – Como o senhor veio para o Brasil?

José Comblin – Eu vim a pedido do *Papa Pio XII*, que tinha um temor tremendo do *comunismo.* Ele fez um apelo, na década de 1950, a todos os episcopados do mundo para mandar sacerdotes à América Latina com o intuito de salvar o continente do *comunismo,* porque estava convencido de que este ia invadir toda a América Latina. Aí, então, todas as dioceses

foram avisadas pelos seus respectivos bispos de que o Papa tinha pedido isso. O meu bispo deu a entender que não gostava muito da idéia, mas, já que era um pedido do Papa, se houvesse algum candidato ele iria examinar. Aí me apresentei porque já estava cansado de ficar lá (na Bélgica) e procurava uma oportunidade para sair do país. Quase todos que saíram de lá para lutar contra o comunismo viraram comunistas (*risos*). Porque, chegando aqui, logo se viu que quem tinha preocupação social era visto como comunista. Então, foi isso. Havia muitos "comunistas" e por isso havia a impressão de que o país iria se transformar. Agora, comunista mesmo, do partido...

Trabalhei por quatro anos em *Campinas* e um dia estava trabalhando com os operários de lá e perguntei se havia comunismo no país e eles me responderam que sim. Então, eu disse que ainda não tinha visto e me falaram: "Sim, tem muitos comunistas em Campinas, mas a metade é da polícia que está infiltrada". Era, de fato, um número insignificante diante do temor do Papa. *Getúlio Vargas* tinha acabado com o comunismo.

Antes de vir, sabia que precisava vir para a América Latina e que era necessário escolher entre a língua espanhola e o português. Escolhi o português, mas é claro que eu não sabia nada do Brasil. Ninguém, aliás, conhecia o país. Então, com dois colegas, respondemos ao pedido do arcebispo de Campinas. Ele queria três sacerdotes que fossem doutores, mas nunca explicou o motivo e para quê. Ficamos lá quatro anos e ele nunca disse o que queria. Depois de quatro anos, eu falei: "Eu tenho a impressão de estar sobrando; o senhor permite que a gente vá buscar outros desafios?". E ele nos respondeu: "Ah! Pois não, pois não". Eu só soube a explicação 30 anos depois. O bispo não estava satisfeito com o reitor da Universidade Católica. O reitor administrava a universidade como um negócio e não tinha lá nenhuma pessoa para substituí-lo e aí foi pedir lá fora. O reitor logo entendeu e criou todo um movimento de resistência e queria defender sua posição. Então, o bispo viu que o reitor tinha uma força social muito grande e, depois de quatro anos, ele nos liberou e cada um foi procurar outro trabalho.

IHU On-Line – E, hoje, olhando para trás, como o senhor analisa a sua vida na América Latina?

José Comblin – Isso foi a salvação, porque eu, há 60 anos, estava muito consciente do movimento de descristianização da Europa, que hoje já está quase completo. Os sinais já eram claros naquele tempo. A Igreja estava no governo da maioria dos países, havia uma democracia cristã, escolas poderosas, organizações, sindicatos... Mas faltava fé! Como passar a vida toda assistindo uma decadência? Primeiro, eu procurei ir para a África, mas não foi possível e, em seguida, veio *Pio XII* com essa campanha e aproveitei. Foi muito interessante. Toda etapa entre 1960 e 1985 foi uma aventura muito grande, uma época muito interessante.

IHU On-Line – E como foi seu retorno para o Brasil depois do exílio?

José Comblin – Houve dois retornos. Em 1962, eu recebi um convite da Faculdade de Teologia da Universidade do Chile. Como não tinha nada definido no Brasil, aceitei o convite deles e assinei um contrato de três anos. Nas férias, eu vinha passear pelo Brasil e aí *Dom Hélder* me convidou. Ele já estava no Recife. Ali fiquei sete anos. Em 1972, aconteceu a expulsão do Brasil e voltei para o Chile que estava sob o governo de Allende. Pensei que naquele país poderiam acontecer coisas interessantes. Só que um ano depois aconteceu o golpe Fiquei lá até 1980 e fui expulso do Chile também. Nessa época, as portas do Brasil voltaram a se abrir para mim e com isso voltei. *Dom Hélder* já estava no final do seu mandato e procuramos *Dom José Maria Pires*, arcebispo da Paraíba, que tinha a mesma inspiração, mas era bem mais jovem. Dom *José Maria Pires* nos acolheu e acolheu todos os projetos que a gente tinha.

IHU On-Line – Pode nos contar um pouco sobre o seu trabalho teórico antes de vir para o Brasil?

José Comblin – Antes de vir para o Brasil, não fiz muita coisa de Teologia. Depois dos estudos, fui enviado a uma paróquia onde fiquei oito anos. Fiz alguns cursinhos sem significado importante, algumas assistências... Nada de importante.

IHU On-Line – Como o senhor analisa hoje a presença da Igreja em sua vida e a sua presença na evolução da Igreja Católica?

José Comblin – Parte dessa resposta você precisa perguntar aos outros o que eles acham. Para mim, foi muito interessante. Eu aproveitei muito. Eu pude conviver com *Dom Hélder* por muitos anos, assim como com Dom *Leônidas Proaño,* no Equador, com *Manuel Larraín,* no Chile... Com todos os grandes da Igreja latino-americana. Conheci os grandes bispos de Medellín pessoalmente, colaborando muito, porque andei muito pela América Latina. Depois veio um novo pontificado e aí a coisa mudou. Mas, como eu digo sempre, uma geração como aquela que fez Medellín só acontece uma vez na história. Quando diversos países se encontram com a mesma perspectiva, é milagroso! É muito difícil se imaginar que isso possa se reproduzir novamente. Daqui a mil anos, talvez. Foi uma situação privilegiada para mim.

IHU On-Line – Como o senhor avalia a evolução da Igreja e das religiões?

José Comblin – Depois da aventura do Concílio, chegou *João Paulo II*, o Papa polonês. Sabendo que era polonês, já se podia prever tudo o que iria acontecer depois. Polonês é autoritário. Na Polônia, nunca houve experiência democrática: o chefe é o chefe, simplesmente. Ele era assim. Era muito gentil e amável, mas autoritário. Os novos bispos nomeados pelo Papa eram piores do que os que estavam antes. Isso ainda continua. Alguns se salvam, claro. A impressão que se tem é que primeiro se escolhe aqueles que têm obediência à Santa Sé. Essa é a primeira condição. A segunda é não ter pensamento nem iniciativa, para não se comprometer. Criou-se uma ideologia e um tipo de religião para poucos. Muita gente escapa, mas globalmente é a hierarquia que fala. Às vezes, alguém levanta a palavra, como Dom *Luiz Cappio*. A

primeira vez que ele fez o jejum veio uma carta de Roma obrigando-o a deixar dele, isso porque o Lula mandou um embaixador à Roma, porque ele não conseguiu fazer com que Dom Luiz cessasse o jejum. Durante o segundo jejum, Roma foi mais prudente, mas ele me contou que recebeu uma carta que recomendava a desistência. Ele me disse que como era uma recomendação, e não ordem, não tinha por que aceitar a recomendação, até que houve o incidente do desmaio e ele finalmente deixou do jejum.

IHU On-Line – Como o senhor analisa o trabalho teológico atual?

José Comblin – Faltou outra geração da Teologia. Agora todos têm mais de 70 anos e depois disso um ou outro se destacou. Coincide com o fato de que todos os seminaristas que estudam fora vão para Roma. Precisamos de uma nova geração que não queira estudar em Roma, mas até agora isso ainda não aconteceu. No Terceiro Mundo, apareceram, depois da crise sacerdotal posterior ao Concílio, seminaristas com um nível intelectual muito fraco. Na medida em que o nível intelectual é fraco, eles são mais autoritários e se agarram no direito canônico. Mas, hoje, os evangelizadores são os movimentos, pois *João Paulo II* sempre desconfiou dos religiosos. No entanto, esses movimentos são burgueses. De qualquer modo, o mundo sempre muda...

No entanto, se hoje a Igreja não se move é porque a sociedade não se move. O que acontece na América Latina são sinais positivos, porque a influência que os Estados Unidos têm sobre ela não conseguiu derrubar *Chávez e Correa*. Vamos ver o que acontece na Bolívia! Agora, depende do *Lula*, porque se grandes países aceitam a divisão da Bolívia isso se dará tranquilamente, mas, se o Brasil e Argentina se opõem, o projeto de divisão não andará. De qualquer maneira, só a eleição de um índio mostra que a sociedade latino-americana também está mudando.

20. DOM TOMÁS BALDUINO

Noventa Anos de Transformações na Igreja.

"Num país como o nosso, que tem tantos recursos e onde muitas igrejas são florescentes de templos invejáveis em tamanho, conforto etc., pastorais de fronteira estão empobrecidas", declara bispo emérito de Goiás.

Dom Tomás Balduíno, bispo emérito de Goiás, pertence a uma geração de bispos brasileiros que identifica na missão da Igreja uma transformação social. Ele esteve à frente da criação da *Comissão Pastoral da Terra – CPT e do Conselho Indigenista Missionário – Cimi.*

Na entrevista a seguir, concedida por telefone à **IHU On-Line**, Dom Tomás recorda sua trajetória na Igreja e enfatiza que a "CPT aconteceu num momento de muita animação, decisão, caminhada e energia a favor dos pobres. Foi fruto do **Concílio Vaticano II** e de **Medellín**". Para ele, tanto a CPT quanto o Cimi "trouxeram para dentro da Igreja uma abertura, porque a convivência com esses povos trazia, na pessoa dos agentes de pastoral das CPTs, para o interior da Igreja a preocupação com a situação deles". E conclui: "Houve um crescimento dentro da própria instituição eclesiástica".

Poucos dias antes de completar 90 anos de idade, **Dom Tomás Balduíno** conversou com a **IHU On-Line** e diz se sentir "livre". "Não tenho mais o governo de uma diocese, mas se eu pastoreio, eu pertenço ao Colégio Episcopal. Então, tenho na Igreja a atuação referente à missão de pastor".

Depois de ter presenciado momentos difíceis na Igreja, como o período militar, **Dom Tomás** gosta de pensar o futuro da Igreja numa perspectiva de "esperança". "O futuro próximo é a continuidade. Agora, o futuro mais remoto a Deus pertence. Eu acho que tem muito elemento dentro da Igreja no sentido de uma renovação. Será que isso terá acesso ao governo mundial da Igreja na pessoa do Papa? Não sei", conclui.

Dom Tomás Balduíno nasceu em 31 de dezembro de 1922. É teólogo católico, bispo emérito de Goiás e assessor da Comissão Pastoral da Terra. Pertence à Ordem Dominicana.

IHU On-Line – Quando e por que decidiu seguir a vida religiosa e entrar na Ordem Dominicana?

Dom Tomás Balduíno – Desde menino eu já tinha vontade de ser padre. Talvez por influência familiar dos tios padres por parte da minha mãe, ou de um tio padre por parte do meu pai. Na cidade onde morava, **Formosa**-GO, havia uma comunidade de religiosos Dominicanos franceses. Admirava estes monges pela vida missionária deles, pelo sacrifício de rodar boa parte do estado de Goiás a cavalo. Então, me engajei na Igreja, e quando era adolescente fui encaminhado para o seminário, depois para o noviciado em Uberaba. Mais tarde estudei em São Paulo e cursei Filosofia; na França, mais tarde, estudei Teologia, porque faltam professores no Brasil. Nessa época tivemos uma influência interessante dos precursores do Concílio Vaticano II. Fui ordenado padre na França e, ao voltar ao Brasil, depois de um certo tempo de lecionar nas faculdades de Filosofia, meu provincial me designou para a missão indigenista.

Esse foi o início de uma nova etapa. Não que eu escolhesse, mas fui levado a isso pelas circunstâncias, porque eu era o superior da missão, e a partir de um certo momento, na década de 1960, fui procurado pelos lavradores que estavam sendo pressionados pelos proprietários da terra no estado do Pará. Acabei me envolvendo com esse mundo. Depois também trabalhei com os povos indígenas. Tive mais contato com o povo **Xikrin**, do Alto do Itacaiúnas; aprendi a língua convivendo com eles.

Injustiça social

O que me marcou profundamente foi a questão da injustiça social no sentido de o governo do estado do Pará vender terras sem levar em conta a população que estava dentro daquele território. Houve conflitos e eu participei deles no início, porque depois fui transferido para Goiás, como bispo diocesano, onde fiquei durante 31 anos. Lá me deparei novamente com a questão da terra, porque é uma região de muito latifúndio, de Dominação da elite dos caiados. Nesse tempo que vivi em Goiás, ajudei a inaugurar duas fundações importantes para a Igreja e para a sociedade: o **Conselho Indigenista Missionário – Cimi**, que foi substituindo pouco a pouco as antigas missões de caráter paternalista; e a Comissão Pastoral da Terra, que surgiu graças a Medellín e ao Concílio Vaticano II, nos anos de1972 e 1973. O Cimi surgiu como opção pelos pobres, *mas considerando os pobres como sujeitos, autores e destinatários de sua própria caminhada, como protagonistas de sua própria luta*.

Quer dizer, mudou, naquele tempo, completamente a postura da Igreja com relação aos povos indígenas e com relação aos camponeses. As experiências que se tinham eram de criar organizações, confrarias de operários, trabalhadores rurais ligados religiosamente à Igreja. Na posição da Comissão Pastoral da Terra (CPT), que nasceu em 1975, houve uma revolução Copernicana, assim como houve no Universo Indígena, uma Pastoral Indigenista de respeitar a condição de sujeito dos trabalhadores rurais e não objeto de nossa ação caritativa.

IHU On-Line – O senhor foi co-fundador do Conselho Indigenista Missionário em 1972 e seu segundo presidente. Como avalia a questão indígena no país 40 anos depois?

Dom Tomás Balduíno – Houve avanço no sentido das organizações indígenas. O próprio *Conselho Indigenista Missionário* tem numa nova política de tratamento aos povos indígenas. Em vez de querer confiná-los em um determinado lugar pastoral, como era antigamente, sugeriu uma proposta – que no início nos chocou e depois se viu que era o "ovo de Colombo" – de favorecer assembleias de chefes de tribos diferentes. Tínhamos receio, porque eram tribos muitas vezes hostis entre si, mas constatamos que eles atenderam ao convite para se reunirem. Passamos a reunir *chefes indígenas em assembleias,*e eles saíam convictos de que o inimigo do índio nunca era outro índio, e que precisavam recuperar sua cultura e, consequentemente, as terras. Para isso, eles começaram a se organizar em diversas articulações, associações regionais e nacionais. Assim, do lado dos índios houve avanço e eles continuam avançando.

O retrocesso foi do lado do governo que, aliado aos grupos capitalistas do agro e hidronegócio, se negou a demarcar as terras indígenas e enfraqueceu o próprio organismo da **Funai**, sucateando, de outro lado, o **Incra**. A mesma falta de vontade para com os povos indígenas é a falta de vontade para com os camponeses em relação à reforma agrária.

IHU On-Line – Como começou seu trabalho na Comissão Pastoral da Terra – CPT? Em que contexto histórico e político ela surgiu e como vê sua atuação nos dias de hoje?

Dom Tomás Balduíno – A CPT aconteceu num momento de muita animação, decisão, caminhada e energia a favor dos pobres. Foi fruto do Concílio Vaticano II e de Medellín. Havia um clima geral de entusiasmo dentro da própria igreja, na diocese, sobretudo nas congregações religiosas. Portanto, a CPT nasceu com a aceitação da Igreja , e tanto ela quanto o Cimi são pastorais de fronteira, diferentemente das outras pastorais litúrgicas, ecumênicas, bíblicas, de formação catequética ou presbiteral de seminaristas. A CPT e o Cimi trouxeram para dentro da Igreja uma abertura, porque a convivência com esses povos trazia, na pessoa dos agentes de pastoral das CPTs, para o interior da Igreja a preocupação com a situação deles. Houve um crescimento dentro da própria instituição eclesiástica.

Mas essas pastorais mudaram no governo de **João Paulo II**. Houve um retrocesso dentro da Igreja, no sentido de desconfiança com relação a este mundo externo, essas pastorais, a própria Teologia da Libertação, que é fruto dessas duas pastorais. Então, a Igreja acompanhou um pouco, nesse movimento pendular, o fechamento das pastorais. A CPT chega a ser proibida em determinadas dioceses e isso mostra um pouco o clima que nós vivemos hoje.

Com relação ao seu trabalho, foi um trabalho samaritano, eu diria. O que fez o samaritano? Ele se inclinou diante do caído. Mas Ele não criou uma instituição para recolher aquele caído e outros caídos; o levantou e no dia seguinte aquele caído já podia levantar outro caído. A CPT criou vários instrumentos. Quer dizer, na evolução da pastoral, percebeu que direitos humanos, terra e água são três prioridades. Para ajudar o pessoal da terra, ela criou um corpo de advogados, porque ela luta contra o latifúndio, contra o próprio Judiciário, contra todas as forças da elite para garantir o *status quo*, ao passo que os camponeses vinham trazer uma transformação, por exemplo, contra o latifúndio. Eles ocupavam a terra e o que fazia a CPT diante de toda a aula de legalidade da propriedade? Ela simplesmente apoiava as ocupações de terras numa nova perspectiva que, aliás, é constitucional de prioridade à função social da terra. Isso não era muito bem aceito, nem dentro da Igreja nem dentro da sociedade. O próprio poder Judiciário era muito preso às normas antigas de direitos absolutos à propriedade privada. Isso foi sendo quebrado. A CPT, em um tempo mais remoto, ajudou com agrônomos, porque muitas vezes o pessoal recuperava a terra, mas não sabia mais trabalhar.

IHU On-Line – Quais são as dificuldades de manter a CPT no Brasil e também dentro dos atuais rumos que a Igreja vem seguindo?

Dom Tomás Balduíno – Com relação à manutenção, a CPT está "ralada", sem recurso. Ela sofre disso, porque desde o início foi apoiada com recursos externos da Europa. Mas devido à crise econômica e à diminuição no contingente católico, os recursos diminuíram. Outro fenômeno é que essas entidades entraram em convênio com o governo, e passaram a se deparar com exigências capitalistas. Então, a CPT está com esse **desafio para**

resolver. Não se trata do fim ou da dissolução da CPT por faltas de recursos. Mas num país como o nosso, que tem tantos recursos e onde muitas igrejas são florescentes de templos invejáveis em tamanho, conforto etc., pastorais de fronteira estão empobrecidas.

IHU On-Line – Como o senhor se tornou bispo? Que aspecto destaca da sua atuação como bispo de Goiás?

Dom Tomás Balduíno – Eu era prelado – um padre com direitos de bispo – numa prelazia, que é uma área confiada a uma ordem religiosa. Fui parar em Goiás porque sou goiano. O povo cuidadosamente foi atrás do núncio e disse: "Nós queremos um bispo goiano!". Ele olhou assim, no elenco deles, e me achou lá no sul do Pará. Eu fui então nomeado o bispo de Goiás, o bispo diocesano por pedido do povo. Muitos se arrependeram. (Risos)

IHU On-Line – Será?

Dom Tomás Balduíno – Eles queriam um goiano, mas de outro tipo.

IHU On-Line – Por quê?

Dom Tomás Balduíno – No meu episcopado, iniciado em 1967, propus fazer uma caminhada na linha do Concílio do Vaticano II. Foi interessante, porque era um momento de muito entusiasmo na Igreja como um todo, e eu comecei a receber voluntários de diversas partes do país, que iam para lá colaborar com esse trabalho. Temos um hospital na diocese, e médicos que tinham um futuro promissor em outras áreas deixaram suas carreiras para vir trabalhar aqui. Com isso, houve um fortalecimento da caminhada. Desde o início valorizamos a participação popular na Igreja, não a Igreja Clerical, reservada aos padres, aos religiosos, mas a Igreja Comunhão e Participação.

Iniciei meu episcopado no final de 1967, e no início de 1968 tivemos a convocação da Primeira Assembleia Diocesana. A maioria dos membros da Assembleia já era de leigos e pessoas das comunidades eclesiais de base. Então, você vê o que isso significa como revolução, como transformação. Claro que houve problemas, sobretudo em Goiás, onde há muita tradição das celebrações tradicionais. Eu esclareci que assumiria aquela pastoral do jeito

que o povo queria.

Bispos

Como era um momento propício dentro da Igreja, nos ligamos a bispos de outras dioceses, como Dom Pedro Casaldáliga, Dom Antônio Fragoso, Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Fernando Gomes dos Santos. Além das assembleias da CNBB, nós tínhamos um grupo informal de bispos, que tinha muita liberdade de sentar e chamar a assessoria, coisa que era muito difícil naquele tempo na assembleia dos bispos. Esse grupo informal se reunia com muita cautela, porque tudo era vigiado naquele tempo. Facilmente a polícia e o DOPS entravam em alguma reunião. Então, fazíamos as reuniões às sombras das assembleias da CNBB, que eram muito respeitadas. Isso ajudou a cada um de nós na nossa diocese, e ajudou a própria CNBB, até na escolha de seus presidentes. Não pensem que a aparição de *Dom Aloísio Lorscheider, Ivo Lorscheider c*aiu do céu; foi trabalho desse grupo.

IHU On-Line – Quais as dificuldades de atuar no período da ditadura? A Igreja esteve bastante dividida nesse período.

Dom Tomás Balduíno – Houve até apoio ao Golpe, "porque nos livrou do comunismo sem derramamento de sangue", diziam os próprios bispos. O sistema ditatorial tem muita tensão com a Igreja; um coronel inclusive declarou: *"Nós conseguimos barrar os estudantes, silenciar a imprensa, está faltando só o púlpito das igrejas".* Nós sabíamos da resistência militar às nossas propostas, porque eram propostas não apenas de aprimoramento da pastoral interna da Igreja, mas de apoio às organizações populares. Segundo *José de Souza Martins,* o Golpe Militar de 1964 foi dado não exclusivamente, mas principalmente, para quebrar a espinha dorsal das organizações camponesas. Os militares achavam que através delas o comunismo internacional entraria no Brasil.

IHU On-Line – Como o senhor se sente hoje sendo bispo emérito depois de toda a sua atuação na Igreja?

Dom Tomás Balduíno – Me sinto muito livre. O bispo tem um grande espaço em que pode atuar dentro da Igreja. Isso é tradição, desde Santo Agostinho, Santo Ambrósio, Santo Irineu. Há bispos que eu reconheço, são

tímidos, que, aliás, foram ordenados porque são mais piedosos, às vezes, medíocres. Então, depois de emérito, podemos dizer: *"Ah, o bispo agora é general de pijama e não tem mais problemas"*. Não tenho mais o governo de uma diocese, mas se eu pastoreio, eu pertenço ao Colégio Episcopal, sou membro do Concílio Ecumênico. Então, tenho na Igreja a atuação referente à missão de pastor.

Sou conselheiro da **CPT** nacional, e assessor do **Cimi**. Então, sou convidado a participar das assembleias, dos encontros, de maneira que estou presente. Quando mudei de Goiás e vim morar na casa de Dominicano, trouxe minhas caixas, meus pertences de serviços, de utilidades, livros etc. Levei quatro meses para começar a abrir aquilo. Eu era chamado para todo o canto. Por isso muitas vezes eu digo, lembrando a palavra de Mandela*: "Eu preciso aposentar da aposentadoria"*. Mas, por outro lado, isso me estimula.

IHU On-Line – Como o senhor avalia a situação de Dom Pedro Casaldáliga? E de outros bispos, como Dom Erwin, que também são ameaçados de morte pelo trabalho que desenvolvem?

Dom Tomás Balduíno – O Pedro para mim é um ícone. Ele me considera como padrinho, porque no dia em que ele ia responder a carta desistindo de ser bispo, conversou comigo e mudou de ideia. Ele me chamou no quarto e mostrou aquela carta. Eu falei na cara dele: "*Olha, Pedro, eu não entendo você! Você aceitou ser prelado, pastor dessa Igreja como presbítero, e na hora de receber o sacramento, a consagração desse pastoreio, você recusa?*". Aí ele pensou um pouco mais, reuniu o pessoal, conversou e a resposta foi favorável. Por causa desse incidente, ele me considera como padrinho. Eu o considero como um verdadeiro irmão e exemplo para a minha vida. É um homem de uma vida extraordinária, uma profunda vida espiritual, mística, um profeta e também um poeta da melhor estirPe

Pedro ultimamente deu apoio à entrada dos Xavantes na antiga fazenda Suiá-Missu, que estava ocupada por inúmeros fazendões. Mas graças a Deus o Judiciário deu ganho de causa aos Xavantes. Dom Pedro deu apoio, estímulo, e sempre cutucou o governo para não retroceder. O processo está caminhando firmemente. O que fizeram então? Ameaçaram Dom Pedro: "Esse aqui tem poucos dias para ser eliminado". Então, Pedro está refugiado.

IHU On-Line – Que perspectiva vislumbra para a Igreja brasileira a partir de agora?

Dom Tomás Balduíno – A Igreja depende 99,9% do Papa. Então, o Concílio e o Pós-Concílio aconteceram graças primeiro a um Papa, um homem extraordinário que foi colocado ali como transição. Ele revirou a igreja de pernas para o ar. O **Concílio Vaticano II** foi uma coisa notada não só nas Igrejas, mas também no mundo não cristão. Depois PauloVI aplicou pacientemente o Concílio Vaticano II, e o Papa João Paulo II trouxe outra perspectiva. Então, quando muda o Papa, muda tudo. Não tudo, porque a Igreja é plural. Mesmo com toda a perspectiva de unidade, ela é plural.

O futuro próximo é a continuidade. Agora, o futuro mais remoto a Deus pertence. Eu acho que tem muito elemento dentro da Igreja no sentido de uma renovação. Será que isso terá acesso ao governo mundial da Igreja na pessoa do Papa? Não sei. O futuro a Deus pertence. Mas tem potencial. E o potencial, a meu ver, aponta para outro rumo, não na linha da hierarquia, do clero, do masculino. Mas na linha do leigo e na valorização da mulher.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algo?

Dom Tomás Balduíno – Acho importante, com relação a esse conjunto que eu falei, a perspectiva de esperança diante de uma situação de muito sofrimento, de angústia e tristeza.

Sucedeu uma coisa na região da Serra da Mesa onde estão os Avá-Canoeiro: nasceu uma criança chamada Pantio. Fazia 22 anos que não nascia nenhuma criança naquela etnia, que é um grupo destinado à extinção. E, de repente, nasce o Pantio, uma linda criança. Isso tem um sabor de Natal, você não acha? Uma estrela que aponta um caminho bonito, um caminho de esperança, um caminho da boa nova, como aconteceu para os magos. Isso que eu queria colocar aqui como perspectiva. De onde se esperava a morte nasceu a vida. E essa vida não é só para os povos indígenas, não é só para o grupo Avá-Canoeiro, mas para todos nós, para o mundo todo. Amém!

21. DOM LADISLAU BIERNASKI

O Bispo dos Trabalhadores e das Trabalhadoras

Depoimentos

O movimento social do Paraná recebeu com muita alegria a notícia da nomeação de Dom Ladislau Biernarski para a diocese de São José dos Pinhais (PR). A diocese criada foi desmembrada da Arquidiocese de Curitiba, da qual Dom Ladislau era bispo auxiliar desde 1979, e reúne 14 municípios, com uma população de aproximadamente 750.000 habitantes.

Dom **Ladislau Biernarski** é reconhecido, respeitado e admirado pelo conjunto do movimento social paranaense por sua postura decidida e firme na defesa dos direitos dos mais pobres. Nos grandes momentos de tensão e de conflito envolvendo os movimentos sociais, Dom Ladislau nunca se furtou em ficar do lado dos trabalhadores e trabalhadoras e manifestar o seu apoio. No Paraná, Dom Ladislau sempre acompanhou as pastorais sociais, particularmente aPastoral Operária, a Comissão Pastoral da Terra e a Pastoral Carcerária. Foi ainda Vice-Presidente Nacional da Comissão Pastoral da Terra (1997-2003).

Embora não se diga publicamente, a nomeação de Dom Ladislau, como bispo titular de uma diocese, é vista pelo movimento social paranaense como um reconhecimento tardio à sua ação pastoral. Ë recorrente a análise entre as lideranças dos movimentos sociais e das pastorais no Estado, que Dom Ladislau teria sido preterido em outras nomeações em função de suas

posições políticas. Nas manifestações organizadas pelas pastorais sociais e pelos movimentos como, romarias, passeatas e atos públicos, Dom Ladislau sempre se fez presente quando chamado, assim como nas negociações com as autoridades do mundo da política. Quase sempre com o seu chapéu de palha protegendo a sua pele branca que não esconde sua ascendência polonesa, Dom Ladislau já foi chamado de "bispo da Reforma Agrária" por *João Pedro Stédile* e de "bispo dos pobres" pelo governador *Roberto Requião* (PMDB-PR).Segundo o advogado *Darci Frigo,* coordenador da *Terra de Direitos* e ex-secretario executivo da CPT-PR, "D. Ladislau tem sido um defensor presente e atuante, nos momentos mais decisivos no Brasil e no Paraná. Sempre deixou clara sua opção preferencial pelos pobres, e, como filho de camponeses e sintonizado com a teologia da libertação, sempre acolheu os trabalhadores rurais sem terra como um verdadeiro advogado da Reforma Agrária".

Para *Roberto Baggio do MST do Paraná*, Dom Ladislau "é um aliado na luta pela Reforma Agrária e mais do que um bispo é um companheiro dos camponeses". Baggio destaca que Dom Ladislau sempre levou sua palavra de apoio aos sem terra nos momentos mais difíceis. Dom Ladislau integrou uma equipe de bispos das Igrejas Anglicana, Católica e Metodista que ao lado pastores sinodais da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e membros do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic), redigiram em março desse ano o documento *Os Pobres Possuirão a Terra*, após os 25 anos do documento *Igreja e Problemas da Terra.*

Outra organização que sempre teve o apoio incondicional por parte de Dom Ladislau é o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT. Ele é um dos signatários da fundação da entidade em 1990 e ao longo desses anos todos acompanhou as atividades do CEPAT e as apoiou, como quando da criação da Escola de Formação Fé e Política, em 1996, numa parceria com o Regional Sul II da CNBB. Dom Ladislau sempre foi um entusiasta da Escola e a cada ano indicava participantes. Mais de uma vez manifestou a importância da formação para os cristãos que atuam na política. Assinante do boletim CEPAT Informa, Dom Ladislau sempre se interessou pelo acompanhamento da conjuntura e dos temas relacionados aos desafios do mundo do trabalho.

Segundo o advogado Darci Frigo, coordenador da Terra de Direitos e ex-secretario executivo da CPT-PR, "D. Ladislau tem sido um defensor presente e atuante, nos momentos mais decisivos no Brasil e no Paraná. Sempre deixou clara sua opção preferencial pelos pobres, e, como filho de camponeses e sintonizado com a teologia da libertação, sempre acolheu os trabalhadores rurais sem terra como um verdadeiro advogado da Reforma Agrária".

Pe Jaime é membro do clero da diocese de São José dos Pinhais e acompanha a Comissão Pastoral da Terra (CPT) do Paraná. Atua também junto às Pastorais e Movimentos Sociais.

Muitas lideranças sociais marcaram presença. Fizeram-se presentes também Dom Tomás Balduíno, bispo emérito de Goiás e ex-presidente da CPT nacional, e Dom Enemésio Angelo Lazzaris, bispo de Balsas e vice-presidente da CPT nacional.

Costumo dizer nas celebrações de exéquias que a melhor maneira de cultivar a memória de quem partiu é continuando seus exemplos e projetos, palavras, gestos e atitudes que nos marcaram. Destaco o que aprendemos com Dom Ladislau Biernaski.

Seu jeito de viver simples e na pobreza de bens materiais faz destacar ainda mais sua riqueza imaterial, o cultivo dos valores que não passam, dos tesouros e alegrias do Reino, que são os que importam e que nada e ninguém poderá de nós tirar. É mais um exemplo de que podemos ser felizes com pouca coisa. Preciso lembrar continuamente a mim mesmo que o clero deve ser o primeiro na Igreja a viver o conselho evangélico da pobreza.

Sempre nos repetia o ensinamento de São Vicente de Paulo: "Os pobres são nossos senhores e mestres". Como bom vicentino, mostrou carinho e respeito aos(às) empobrecidos(as) e ficava irrequieto quando, por algum motivo, não se podia atender alguém necessitado(a) que aparecia em seu portão, e indignado quando algum dos irmãos menores de Jesus (Mt 25, 40) era humilhado, manipulado ou não reconhecido em sua sabedoria.

Seu senso crítico era notório, sempre questionando as coisas, não aceitando tudo que lhe vinha ao ouvido. Isso fez com que seu amor aos(às) empobrecidos(as) não se reduzisse a ações paliativas e convocasse o povo cristão a superar o assistencialismo.

Sua incansável luta, até estes últimos tempos de múltiplas tarefas e de doença, junto às Pastorais Sociais e Movimentos Sociais, nunca será por nós esquecida. Esteve por muitos anos com a Comissão Pastoral da Terra, nos níveis estadual e nacional, insistindo na viabilidade da reforma agrária e da agroecologia, fazendo-se presente com a solidariedade de um pastor onde estavam os(as) camponeses(as) e nas nossas Romarias. Também dedicou-se àPastoral Operária, Pastoral do Menor, à Pastoral Carcerária e ajudou a organizar a Cáritas e as Pastorais Sociais no nível do Regional Sul II (PR).

Não apenas o fundador e inspirador dos vicentinos habitava nele, mas também um Francisco de Assis, porque amava, a exemplo do jovial e alegre cantor das belezas do Criador, os animais e as plantas, dedicando-se às flores e à sua horta, com leguminosas, cereais, tubérculos, verduras, frutas e plantas medicinais.

Morando por um ano na mesma casa, até abril de 2007, pude saborear também de seu bom humor, e, frequentemente, trocávamos piadinhas...

Mais recentemente, quando assistia ao programa em que Dom Ladislau era um dos entrevistados sobre a vida de Dom Hélder Câmara, fiquei pensando: esses bispos são dons de Deus para nós e para toda a gente sofredora que alimenta a esperança de "novos céus e nova terra, em que habita a justiça" (2 Pd 3, 13). Comblin chamava os bispos da primavera conciliar na América Latina de "Santos Padres da América Latina", insistindo em que aí se incluíam não apenas os que deixaram escritos ou foram mártires, mas, de cada país, dezenas de bons pastores. E não esqueçamos das mulheres que reluzem na profecia.

A vida dele estava ali: podia parecer minúsculo diante de outros profetas mais conhecidos, que a fecundidade do Reino produziu, mas abrigará em seus ramos a muitos e muitas que farão a beleza de uma nova história, pois essa utopia, que era dele e é nossa, que, antes de tudo, era de Jesus, estará sempre à nossa frente para que não paremos de caminhar confiantes. Agora sinto que **Dom**

Ladislau é mais uma destas pessoas-sementes, que continuarão dando fruto.

22. JOÃO BATISTA LIBÂNIO

Um Discípulo da Realidade

IHU On-Line – Na ocasião em que celebramos os 80 anos de João Batista Libânio, qual o seu testemunho sobre a importância desse grande pensador e teólogo brasileiro?

Luiz Carlos Susin –

Permitam-me uma digressão no mar das memórias: conheci Libânio ao lado de Leonardo Boff quando percorreram o Brasil incentivados por Dom Aloísio para ajudar a renovação conciliar das Congregações religiosas e eram convidados para conferências públicas de grande impacto. Se Leonardo tem origens gaúchas amenizadas pela cordialidade franciscana, Libânio tem origem mineira disciplinada pela formação jesuítica.

IHU On-Line – Que inspirações teológicas e pastorais emergem de Libânio?

Luiz Carlos Susin – Libânio escreveu em muitas direções. Soube colocar sua competência e sua capacidade de estudo a serviço de sua assessoria, tanto acadêmica como pastoral. Por isso foi tão variado, tão colorido, em suas produções. Versou sobre praticamente toda a teologia sistemática, embora a teologia fundamental tenha sido o lugar em que, ao menos me parece, ele tem dado asas ao diálogo com outras áreas do conhecimento, com autores contemporâneos. Ele tem servido a vida religiosa escrevendo para Convergência, tem servido as comunidades eclesiais de base (Cebs) com inumeráveis assessorias. Cortou o Brasil em toda direção, assim como a América Latina e o oceano para dar conta de conferências, cursos, reuniões. Portanto, Libânio não foi propriamente um especialista e nem um generalista, mas um articulador atento e bem fundamentado da teologia com a pastoral.

Essa articulação, a sua metodologia, a sua atenção de mestre, valem mais do que os seus ricos conteúdos. Ele se antecipou e fez hermenêutica do tempo em muitas ocasiões, graças a esta disponibilidade e atenção que o tornou um discípulo da realidade onde se encontra o caminho da verdade e um mestre como irmão que toma pela mão ou dá um empurrãozinho para frente.

IHU On-Line – Como Libânio tem contribuído para a teologia cultivada na América Latina?

Luiz Carlos Susin – Evidentemente, Libânio é um dos "fathers" da Teologia da Libertação . Mas dizer isso é pouco, pois quando se começa a pensar nos nomes e nos rostos dos grandes elaboradores da Teologia da Libertação, cada um emerge com idiossincrasia própria, é um conjunto tão colorido como é a América Latina. Mesmo como Jesuítas, Libânio, Juan Luís Segundo ou Sobrino são teólogos muito diversos, apenas para citar alguns. Graças a teólogos como Libânio outros continentes começaram a olhar para a América Latina e ler seus autores como quem tem algo sério e novo para dizer. Um exemplo está em James Alison , brilhante teólogo inglês que veio estudar em Belo Horizonte para seguir de perto mestres como Libânio. Mas a originalidade da teologia elaborada em conexão com a pastoral em meios populares simples e pobres tornou-se, em Libânio, uma impressionante fidelidade revelando, assim, a coerência que é constitutiva da Teologia da Libertação: o conhecimento da realidade, a interpretação das fontes e a vida pastoral inserida em meios populares, ou seja, as mediações sócio analíticas, hermenêuticas e práticas. Isso é maciço em Libânio.

IHU On-Line – Como o senhor analisa o encontro de Libânio com a Teologia da Libertação?

Luiz Carlos Susin – Neste ponto creio que o próprio Libânio teria ainda alguma revelação a nos dizer, mas convém acrescentar que ele trabalhou desde o começo de sua trajetória de teólogo intensamente em equipe, em troca de experiências e de ideias. A interação entre teólogos da libertação se fez comumente face a face e não apenas mediada por escritos, e Libânio participou de todo o arco de seu desenvolvimento em grande interação com os demais. Por outro lado, os alunos são sempre um aguilhão, obrigam a pensar e a comunicar, e a sala de aula foi parte essencial da casa de Libânio. Em termos de Teologia da Libertação, uma teologia que se obriga a ser

profética também para dentro da Igreja, Libânio não teve maiores problemas com a hierarquia. E, no entanto, em suas análises eclesiais nunca deixou de dizer o que devia dizer ainda que fossem observações duras. Mas sempre disse de forma mineira, ou seja, afetuosamente e com a simplicidade direta dos meninos.

IHU On-Line – Qual o lugar do rosto do empobrecido em Libânio?

Luiz Carlos Susin – De suas análises eclesiais se aprende o que sempre foi essencial para toda a Teologia da Libertação: o pobre é um lugar teológico privilegiado e um sujeito eclesial escandaloso. Como sujeito social, como cidadão, nós encontramos nas suas análises sobre a cidade o lugar doloroso dos pobres. Mas, sem dúvida, o mistério está em encontrar junto ao pobre a revelação do "Deus-conosco", na nossa carne, identificado com os pequeninos. Esta lição é de toda a teologia latino-americana e é também de Libânio.

IHU On-Line – A partir de Libânio, que perspectivas se abrem para a caminhada eclesial latino-americana?

Luiz Carlos Susin – Costuma-se dizer que a juventude é a idade das intuições; depois vem a idade das fundamentações, das reflexões e finalmen-

te a idade das sistematizações. Libânio, em todo esse percurso, ensinou o quanto se ganha mantendo um pensamento flexível, disponível para muitas direções, contanto que permaneçam os pontos firmes das intuições básicas. Em termos eclesiais, seus esquemas de abordagem da realidade, sua leitura, as conclusões que provieram de suas agudas observações estão aí testemunhando uma Igreja que é possível ser samaritana, ministerial, misericordiosa, equilibrada. Antes de ensinar libertação, Libânio é eclesialmente livre, sem fanatismo, bom de conversa com todo mundo. Isso ajuda muito na caminhada eclesial.

IHU On-Line – Qual a importância do pensamento e da teologia de Libânio para o futuro da Igreja, tendo em conta a diversidade religiosa e o mundo plural?

Luiz Carlos Susin – Uma palavra-chave da teologia de Libânio, que ressoa em cada página, é "abertura", e isso supõe alguém que não pretende ser dono da verdade, mas se mantém despojado e humilde no caminho da verdade e, portanto, um bom companheiro para acolher e valorizar a diversidade e o pluralismo que, hoje, são palavras-chave para um mundo de maior convivência e liberdade. O sentido de humor de Libânio o deixa afinado para esta sinfonia que por está ainda em fase de afinação dos outros instrumentos.

23. ARTURO PAOLI

O Privilégio à Caridade: As Grandes Novidades da Evangelii Gaudium.

A intenção de Francisco é dar o privilégio à caridade mais do que à ortodoxia. A atenção atual da Igreja não é dada à verdade, mas sim à caridade, ao amor.

Publicamos aqui o artigo de **Arturo Paoli**, sacerdote da *Fraternidade dos Pequenos Irmãos de Jesus,* que viveu durante muitos anos como missionário no Brasil. O texto foi publicado na revista *Oreundici*, de fevereiro de 2014. A tradução é de *Moisés Sbardelotto*

Eis o texto.

A missão fundamental dos pontífices é a de nos guiar ao reto caminho da fé, porque, evidentemente, não podemos nos chamar de cristãos se não conhecemos e não seguimos o caminho aderente à verdade do Evangelho. A característica essencial da doutrina do *Papa Francisco* é a de ser muito

simples e de não ser guiado por grandes pensadores, mas, acima de tudo, de reconhecer que «não podemos pretender que todos os povos dos vários continentes, ao exprimir a fé cristã, imitem as modalidades adotadas pelos povos europeus em um determinado momento da história, porque a fé não se pode confinar dentro dos limites de compreensão e expressão duma cultura. É indiscutível que uma única cultura não esgota o mistério da redenção de Cristo» (*Evangelii Gaudium*, n. 118).

Essa expressão pode dar origem a polêmicas e a dúvidas. A escolha do *Papa Francisco* está apoiada em Cristo que ama o homem pecador e quer persuadi-lo de que, para a sua paz, deve seguir o amor por todos os irmãos, especialmente os mais pobres, os mais sofredores e os mais ignorados na sociedade.

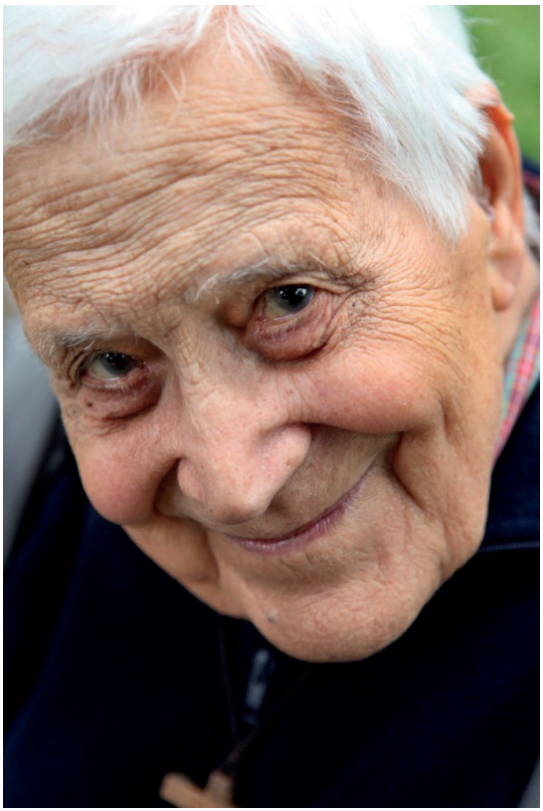
A sua verdade se defende em outro artigo da ***Evangelii Gaudium***. A citação *de Francisco de Assis e da Bem-aventurada Teresa de Calcutá* nos explica que o Papa Francisco quer fundamentar a sua missão não na racionalidade, mas sobretudo no amor: «Quem ousaria encerrar num templo e silenciar a mensagem de São Francisco de Assis e da Bem-aventurada Teresa de Calcutá? Eles não o poderiam aceitar. Uma fé autêntica – que nunca é cômoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela» (n. 183).

Pode parecer estranho que o Papa Francisco, homem muito culto de pensamento, assuma essa atitude tão clara e direta, simples e eloquente.

A sua opção preferencial é a dos mais abandonados da terra. A sua finalidade é de seguir "esse caminho luminoso de vida e sabedoria". Evidentemente, essa mudança de orientação ocorre na época em que a queda repentina e prepotente dos seguidores de uma prática católica não poderá ser recuperada com o chamado a uma fidelidade à doutrina da fé com argumentos racionalistas, mas apenas descobrindo realmente que a relação entre ricos e pobres aumenta diariamente a sua divisão de maneira preocupante.

Jesus nos ensinou o "serviço humilde e generoso, à justiça, à misericórdia para com o pobre. Jesus ensinou-nos este caminho de reconhecimento do

outro, com as suas palavras e com os seus gestos. Para quê ofuscar o que é tão claro?" (n. 194). Em suma, essas palavras nos dizem claramente que a intenção de Francisco é dar o privilégio à caridade mais do que à ortodoxia.



A fé da Igreja não pode ser retórica no momento histórico em que vivemos: "Duas grandes questões que me parecem fundamentais neste momento da história. Desenvolvê-las-ei com uma certa amplitude, porque considero que irão determinar o futuro da humanidade. A primeira é a inclusão social dos pobres; e a segunda, a questão da paz e do diálogo social" (n. 186).

Esse pontífice escreve, fala, age com base nas "exortações bíblicas que convidam, com tanta determinação, ao amor fraterno, ao serviço humilde e generoso, à justiça, à misericórdia para com o pobre" (n. 194). Fala uma pessoa que viveu com os olhos abertos e com uma sensibilidade descoberta em meio "sem terra, sem teto, sem pão, sem saúde – lesadas em seus direitos. Vendo a sua miséria, ouvindo os seus clamores e conhecendo o seu sofrimento, escandaliza-nos o fato de saber que existe alimento suficiente para todos e que a fome se deve à má repartição dos bens e da renda. O problema se agrava com a prática generalizada do desperdício" (n. 158).

A escolha do nome *Francisco* certamente não é retórica. É apropriada conscientemente a um pontífice que não é professor acadêmico, mas sim uma pessoa que vive em meio às periferias pobres e não pode se fechar nos Palácios Vaticanos ditando princípios muito claros, mas absolutamente não

em harmonia com a realidade que incumbe.

Vem-me à mente um episódio antigo, mas sempre atual. Na guerra mundial de 1915, alguns oficiais levaram armas ao Vaticano e pediram que o Papa as abençoasse. Sem comentários, Bento XV respondeu que o Papa não pode abençoar as armas, mas apenas apelar à esperança da paz.

Uma passagem citada pelo Papa me deu muita alegria: "Desejamos assumir, a cada dia, as alegrias e esperanças, as angústias e tristezas do povo brasileiro, especialmente das populações das periferias urbanas e das zonas rurais – sem terra, sem teto, sem pão, sem saúde" (n. 158). Da minha vida fora da Itália, eu vivi a parte mais longa no Brasil e estou muito feliz que o Papa destaque a fidelidade dos bispos brasileiros que buscam chamar a atenção do seu país certamente rico para as condições miseráveis do povo pobre.

Acredito que os primeiros efeitos de ter dado a preferência aos pobres por parte do Papa Francisco e ter conseguido expressar de muitos modos a sua preferência pelos últimos são de ter posto a Igreja nessa preferência, e ele não vai mais voltar atrás. A atenção atual da Igreja não é dada à verdade, mas sim à caridade, ao amor.

O pai realmente pai certamente não ignora a verdade, mas busca de todos os modos a sua opção preferencial pelos seus filhos vítimas de injustiças flagrantes. A resposta rápida e visível que a juventude brasileira deu à visita do pontífice me comoveu profundamente. Se todos os bispos pusessem a Igreja na preferência pelos pobres e pelos excluídos, isso mudaria radicalmente a face da terra.

24. MARCELO BARROS

"Nós Somos Chamados a Ser Monges"

Aos 66 anos, o monge beneditino Marcelo Barros não para. Depois de participar do Seminário sobre questões climáticas e a vida no planeta em Porto Alegre, foi para Argentina, onde aceitou conceder à IHU On-Line a entrevista a seguir por e-mail. Logo depois seguiu para Brasília e São Paulo e em meio a essa nova viagem respondeu nossas questões sobre a relação entre espiritualidade e o cuidado com a vida do planeta. *"A Ecologia não é somente a ciência da interligação entre todos os seres vivos e todo o Universo, mas é também a descoberta desta amorosidade que permeia tudo e está presente em tudo",*explicou.

Marcelo Barros é monge beneditino, biblista e escritor. É assessor do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e das Comunidades Eclesiais de Base. É membro da Comissão da Coordenação Latino-americana da Associação Ecumênica de Teólogos/as do Terceiro Mundo (ASETT). Dedica-se, especialmente, ao macro ecumenismo e às relações com as religiões afrodescendentes e indígenas. Seu mais recente livro é *O Amor fecunda o Universo* (Rio de Janeiro: Ed. Agir, 2009), o qual tem como coautor Frei Betto.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como trazer a problemática do clima para dentro das

igrejas, da espiritualidade e da vida da sociedade?

Marcelo Barros – As igrejas cristãs e quase todas as religiões se expressam pela liturgia, pelo ato de se reunir e celebrar. E estas celebrações são atos de comunhão. É importante que se explicite mais profundamente a dimensão ecológica e cósmica desta comunhão. Para dar um exemplo, em todas as celebrações eucarísticas, a Igreja Católica e a Igreja Anglicana e outras cantam: "*Santo, Santo, Santo é o Deus do universo. O céu e a terra estão cheios de tua glória*". Mas ninguém explicita o que significa concretamente confessar que a terra e os céus estão cheios da glória, isto é, da presença divina. Então, é tudo uma questão de educação e de sensibilidade que devemos intensificar.

IHU On-Line – E por que isso não foi feito até agora?

Marcelo Barros – As igrejas vieram de culturas antigas nas quais as comunidades judaicas e cristãs viviam em meio a povos que adoravam a natureza. Por isso, tanto a Bíblia como a teologia que surgiu evitou, o quanto possível, salientar esta presença divina nos elementos naturais e sublinharam mais a presença e a intervenção divina na história. Mas nunca negaram isso. O salmo 19 começa dizendo: "Os céus proclamam a presença divina (a glória de Deus)". E o salmo 08 é fruto de uma contemplação da natureza em uma noite de luar. Hoje, o diálogo com as religiões indígenas e afrodescendentes que adoram o Mistério divino presente na Terra, na Água e em todos os elementos do Universo podem nos ensinar muito sobre esta espiritualidade ecológica.

IHU On-Line – Como o senhor relaciona a questão da ecologia e da espiritualidade?

Marcelo Barros – A Espiritualidade mais profunda é a busca da intimidade com o Mistério divino. Onde podemos buscar esta presença divina? Em nós mesmos, uns nos outros, na natureza (diz a Bíblia: na criação que continua e é sempre atual) e na história. Então, a Ecologia não é somente a ciência da interligação entre todos os seres vivos e todo o Universo, mas é também a descoberta desta amorosidade que permeia tudo e está presente em tudo. Então, é importante a ciência ecológica, a técnica ecológica, a política eco

social, mas a raiz de tudo isso deve ser uma cultura, ou chamemos claramente, uma espiritualidade ecológica. Não se trata em si de uma espiritualidade religiosa. Pode ser e todas as religiões deveriam desenvolvê-la e explicitá-la mais. Entretanto, pode ser também simplesmente humana e laical: uma cultura de cuidado e amorosidade com todo ser vivo e com o Universo ao qual temos consciência de pertencer.

IHU On-Line – De que outras formas as igrejas podem se envolver com a questão do meio ambiente?

Marcelo Barros – Há dez anos, Bartolomeu I *[patriarca de Constantinopla e primaz das Igrejas ortodoxas]* instituiu o dia 1º de setembro como "festa litúrgica da Espiritualidade Ecológica". Como a liturgia é o memorial dos atos divinos, no dia 1 de setembro, as igrejas orientais são chamadas a reavivar e atualizar o ato de amor divino pelo qual o Universo foi criado. E assim como celebramos a Páscoa como memorial da ressurreição do Cristo, no dia 1º de setembro celebramos a permanente ressurreição de toda criação como ato do Espírito Divino. Penso que as Igrejas todas deveriam incluir a Ecologia na catequese, na sua ética e na sua teologia.

Há anos, em um programa de televisão, um pastor neopentecostal deu um chute em uma imagem de Nossa Senhora. Bispos, padres e fiéis católicos reagiram fortemente em todo o Brasil. Houve manifestações de desagravo e a reação foi tal que o pastor teve de se retratar. Todos os dias, há pessoas que não só chutam uma imagem feita de madeira ou barro, mas destroem a imagem divina inscrita na natureza. A cada ano queimam quase 30% da floresta amazônica, jogam venenos nos campos, poluem os rios e o ar. Até aqui, a maioria das igrejas não percebeu que este tipo de crime é uma blasfêmia e um atentado contra a obra divina muito maior e mais perigoso do que chutar uma imagem que representa uma santa que amamos. No sentido contrário, quando o governo Lula decidiu pela transposição do rio São Francisco, Dom Luis Cappio e muitos companheiros e companheiras das pastorais populares entraram em jejum de solidariedade e comunhão com o rio. Isso foi uma profecia importante para todas as igrejas e para o mundo inteiro.

IHU On-Line – O que é preciso fazer para que governos rompam com a lógica do sistema capitalista?

Marcelo Barros – Os governos representam a população. Se nós criarmos uma consciência coletiva de que este sistema é iníquo e assassino das pessoas e da natureza, é impossível que os governos continuem investindo neste sistema. Quando em 2001, o Fórum Social Mundial começou protestando contra o neoliberalismo e proclamando que "outro mundo é possível", quase todos os governos do continente latino-americano defendiam abertamente o neoliberalismo. Hoje, depois da crise sistêmica do capitalismo, quase nenhum governo defende mais claramente o neoliberalismo e os que defendem, o disfarçam. Ao mesmo tempo, na América Latina, estão surgindo novas formas de socialismo mais indígenas e democratas que mostram que, de fato, outra lógica e organização sociais são possíveis e urgentes.

IHU On-Line – O que é a teologia eco-feminista? O que podemos aprender com ela?

Marcelo Barros – Antes estávamos falando do capitalismo. O sistema que há séculos oprime a natureza é o mesmo que oprime a mulher. A cultura de Dominação que ensina o ser humano não a conviver respeitosamente, mas a explorar a natureza é a mesma cultura patriarcal que sempre defendeu uma espécie de superioridade do homem sobre a mulher. Então a luta contra a Dominação da natureza está ligada à luta pela libertação da mulher. Isso é o Eco-Feminismo e é uma conquista da teologia para todos nós, homens e mulheres. No Brasil, nossa irmã e companheira Ivone Gebara foi a primeira teóloga brasileira que chamou a atenção disso em seu belo livro *Teologia Ecofeminista* (São Paulo: Editora Olho d´Agua, 1990).

IHU On-Line – As mulheres protegem a biodiversidade mais do que os homens?

Marcelo Barros – Parece artificial dizer que sim. O que podemos dizer é que a sensibilidade feminina pode levar a isso. Por exemplo, há pesquisas históricas que mostram que as culturas matriarcais (governadas por mulheres) fizeram muito menos guerra do que as patriarcais (Dominadas por homens)

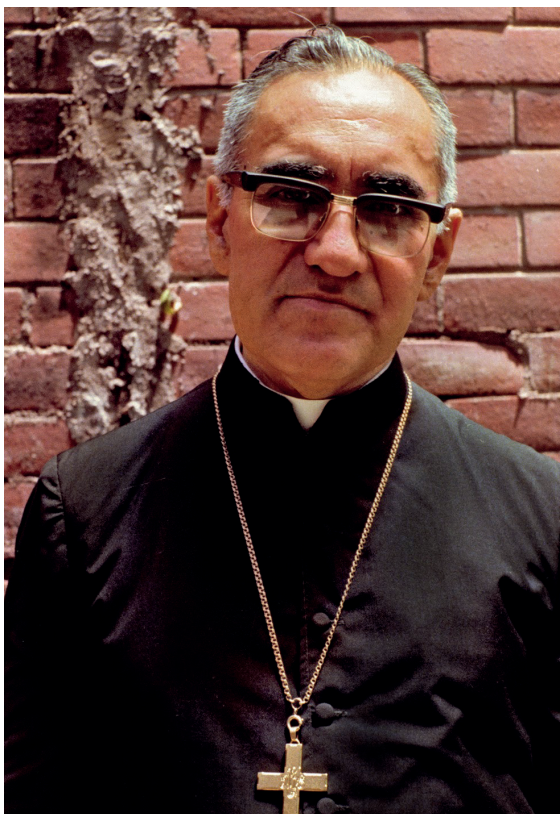
e todos sabemos que desde a antiguidade e, principalmente, hoje, as guerras são elementos fortíssimos de destruição da biodiversidade. O que precisamos é de mulheres que não entrem simplesmente no mesmo sistema patriarcal e, sim, contribuam com a humanidade com o jeito de ser próprio da mulher. Na Inglaterra imperialista, uma mulher como Margaret Thatcher, apesar de ser mulher, não contribuiu com a transformação do sistema. Ao contrário, aprofundou-o. Mas as mulheres do MST que, há alguns anos, no Rio Grande do Sul, ocuparam um laboratório de sementes transgênica de uma empresa multinacional e destruíram as sementes fizeram um ato profético de defesa da biodiversidade.

IHU On-Line – A formação de um monge privilegia esse outro olhar mais atento para o meio ambiente?

Marcelo Barros – Monge vem de uma palavra grega (monos) que significa uno ou unificado. Então ser monge é caminhar para a unificação interior e isso se faz em geral pela busca da unidade com os outros, tanto irmãos da humanidade, como os outros seres vivos em uma fraternidade universal. Raimon Panikkar, nosso irmão teólogo catalão, há pouco falecido, ensinava que esta dimensão de monge está presente em todo ser humano. De alguma maneira, toda pessoa busca esta unificação interior. Toda pessoa tem algo de monge ou monja. Hoje, é a Ecologia que chama a atenção para esta interligação e unidade que existe entre todos os seres do universo. Então há uma relação muito profunda entre a arte de ser monge e a espiritualidade ecológica.

Na Idade Média, Francisco de Assis viveu profundamente isso. Na Rússia do século XIX, o santo monge Serafim de Sarov vivia na floresta. Quando encontrava um animal que fosse um urso ou um pássaro, se inclinava diante dele e dizia: “De fato, Jesus ressuscitou e estou vendo um sinal disso!”. Então, eu digo: Todos nós somos chamados a ser monges no sentido de buscar esta unidade do nosso ser interior e na relação de amor e unidade com todos os seres humanos e com a natureza. O trabalho do IHU é um testemunho deste tipo de espiritualidade monástica e ecológica em seu sentido mais profundo: transformador e de desenvolver uma cultura de amor e de cuidado universal.

25 - OSCAR ROMERO
MÁRTIR DA AMÉRICA LATINA: J.O. Beozzo



O Pe. JOSE OSCAR BEOZZO é conhecido como um dos mais sérios historiadores e teólogos brasieiros. Aqui ele traça o perfil do arcebispo de San Salvador, Dom Oscar Arnulfo Romero, assassinado enquanto erguia o cálice consagrado. Inicialmente, era tido como um bispo conservador, mas foi mudando ao assistir às matanças indiscrimadas que as forças de repressão de seu pais faziam contra o povo, os camponeses e os próprios membros das comunidades eclesiais de base e mesmo contra religiosas e padres como o Pe. Rutilio Grande. Transformou-se no grande defensor dos direitos humanos e dos direitos dos pobres que, segundo a Bíblia, são direitos de Deus. Como estes não têm ninguem para os defender, Deus mesmo os toma sob sua guarda e se coloca do lado deles. Conheci pessoalmente a Dom Romero, durante os dias da grande assembléia dos bispos latino-americanos (CELAM) em Puebla na Colômbia em 1979. Lembro-me que, chamando-me de lado, quase como numa súplica, me pediu:"Padre Boff, ajude-nos a fazer uma teologia da vida, pois no meu país a morte é absolutamente banal; cada dia se mata muita e muita gente inocente". Ele sucumbiu à esta banalidade da morte. Morreu por causa da justiça, um dos bens maiores do Reino de Deus. Não morreu por razões da política local. Mas por causa de sua coragem de denunciar, no seu programa de rádio Dominical, os torturadores e assassinos de tantos pobres e camponeses. O Papa Francisco que vem do caldo cultural desta Igreja que se compromete com os invisíveis e com as vítimas da violência repressiva, entendeu o significado de sua vida. Abriu as portas para a siua beatificação e

posterior canonização. Dom Romero é um exemplo de profunda santidade pessoal, santidade política (a que busca o bem de todos, especialmente dos deserdados), de um pastor que teve a coragem de dar a sua vida por seus irmãos e irmãs perseguidos:

Nessa terça-feira, 03 de março, o Papa Francisco declarou que Mons. Oscar Romero, arcebispo de El Salvador, sofreu martírio por "ódio contra a fé" e que não foi assassinado simplesmente por razões políticas.

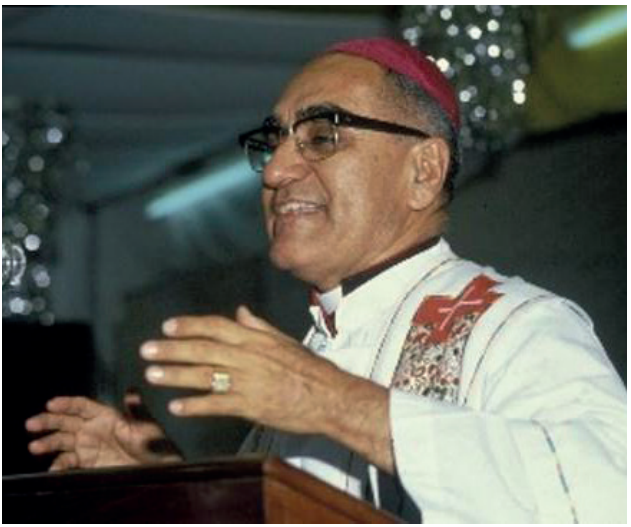
A palavra do Papa, quase 35 anos depois que o arcebispo foi baleado e morto, a 24 de março de 1980, enquanto celebrava a missa na capela do Hospital da Divina Providência em São Salvador, abre o caminho para sua rápida beatificação e canonização.

O processo encontrava-se bloqueado em Roma por aqueles que classificavam sua morte como resultado de suas opções políticas e não por causa do seu profético e evangélico testemunho em favor dos pobres e pequenos. O Papa já dera um primeiro passo nessa direção quando logo após sua eleição, a 21 de abril de 2013, ordenara a reabertura de seu processo na Congregação das Causas dos Santos.

Para centenas de milhares de comunidades cristãs do continente, Oscar Romero foi desde o dia do seu martírio considerado santo e invocado como São Romero da América Latina, num profundo e certeiro reconhecimento do "sensus fidelium"de sua santidade e do sentido de sua morte: seu empenho em favor da paz, sua luta contra a pobreza e a injustiça e sobretudo a declarada oposição à infame guerra de "baixa intensidade". A guerra, no pequeno El Salvador, na época, com pouco mais de 5 milhões de habitantes deixou mais de 70.000 mortos e 1,5 milhão de refugiados, a maior parte exilados nos Estados Unidos.

Mercedes Sosa, na conhecida canção latino-americana, "Solo le pido a Dios", canta com paixão:

Sólo le pido a Dios
Que la guerra no me sea indiferente
Es un monstruo grande y pisa fuerte
Toda la pobre inocencia de la gente
E prossegue nas outras estrofes:
Sólo le pido a Dios
Que el dolor no me sea indiferente
Sólo le pido a Dios
Que lo injusto no me sea indiferente



Sólo le pido a Dios
Que el futuro no me sea indiferente
Romero não foi indiferente nem à dor da pobre gente, nem à guerra, nem à injustiça, nem à falta de futuro e esperança que se abatia sobre seu povo.
O bispo poeta de São Felix do Araguaia, Dom Pedro Casaldaliga, no dia seguinte ao assassinato de Oscar Romero, associou prontamente sua morte ao martírio e ao sangue derramado pelo próprio Cristo na cruz, para terminar invocando-o, sem nenhuma hesitação:
"San Romero de América, pastor y mártir nuestro".
Reproduzo na sequência a significativa página do seu diário, "En Rebelde Fidelidad" do mês de março de 1980:
Día 25
Ayer murió, matado, Monseñor Oscar Romero, el buen pastor de El Salvador. Mientras celebraba la eucaristía. Su sangre se ha mezclado para siempre con la sangre gloriosa de Jesús y con la sangre, todavía profanada, de tantos salvadoreños, de tantos latinoamericanos.
Romero, flor de una paz que parece imposible en esa Centroamérica sufrida. La impresión que se tiene, sin posible duda, es que lo ha matado el Imperio. Su muerte es una muerte a sueldo, a divisa, a dólar. Era demasiado poderosa y libre su voz y había que apagarla. El lo sabía y estaba preparado para este sacrificio.
Ha sido en la víspera de la Anunciación. El ángel del Señor se ha anticipado para anunciar, con esta muerte, la llegada de un tiempo de vida para El Salvador, para América Central, para todo el Continente.
San Romero de América, pastor y mártir nuestro.
Clara lección para todos los pastores…
No es posible que el Dios de los pobres no recoja esta oblación".
Outras Igrejas não esperaram este tardio reconhecimento romano para incluir Oscar Romero no seu próprio calendário litúrgico, como mártir, exem-

plo de vida e santidade e inspiração para seus fieis. Assim, a Igreja Anglicana da Inglaterra arrolou Romero como mártir, no calendário do seu "Common Worship". O mesmo aconteceu com a Igreja Luterana da Alemanha.
Quando Bento XVI a 17 de setembro de 2010, adentrou, como primeiro Papa a fazê-lo, o imponente portal oeste da Abadia de Westminster de Londres, teve que passar por sob a estátua de Oscar Romero perfilada ao lado do pastor batista Martin Luther King, de Ghandi e de outros mártires do século XX, ali representados.
Artistas renomados e artesões populares não tardaram a retratar Romero como santo. Adolfo Perez Esquivel, o prêmio Nobel da Paz (1980), ao pintar a Via Sacra latino-americana e o grande painel do "novo céu e a nova terra" para a Campanha quaresmal da Igreja da Alemanha, retratou o Cristo Ressuscitado caminhando à frente da multidão daqueles que lavaram suas vestes no sangue do cordeiro, capitaneados por Oscar Romero e por Enrique Angelleli, o bispo mártir de La Rioja na Argentina seguidos pelo cortejo de leigos e leigas, sacerdotes e religiosas, que derramaram seu sangue pela fé e pela justiça na América Latina, nos anos de chumbo das ditaduras militares.
O artista da libertação Cerezo Barredo ao pintar em 1986, o painel por detrás do altar da Igreja dos Mártires da Caminhada em Ribeirão Cascalheira, local do martírio do Pe. Penido Burnier, SJ, o coloca ao lado de Romero e do Ressuscitado e junto com os lavradores assassinados pelo latifúndio, de suas mulheres torturadas pela polícia e de tantos outros mártires anônimos da Igreja latino-americana. Noutro painel de Romero, Cerezo reproduz as palavras proféticas do arcebispo, pouco antes do seu assassinato: "Se me matam, ressuscitarei no povo salvadorenho".
Cláudio Pastro, que vem ilustrando a Basílica de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil e sede da V Conferência do Episcopado Latino-americano, em 2007, incluiu no painel de azulejo azul e branco que cobre o coro da entrada principal do templo, ao lado dos mártires dos tempos passados, os de hoje, entre os quais o índio Márçal Guarani, o arcebispo Romero e a Ir. Dorothy Stang, missionária norte-americana assassinada 12 de fevereiro de 2005 na Amazônia brasileira. Irmã Dorothy foi morta por pistoleiros, por defender pequenos lavradores de um projeto de agricultura sustentável, contra a devastação das grandes madeireiras. Estas, sob o olhar complacente quando não conivente das autoridades, abatem as árvores para alimentar o lucrativo comércio da exportação ilegal de madeira para a Europa.
Os artistas e o sentimento e piedade popular se antecipam no reconheci-

mento de novas formas de santidade que vão da luta em favor da vida dos pequenos e injustiçados, da denúncia da ganância do capital e dos impérios, até a defesa intransigente da água, da terra, das florestas, como bens comuns necessários à vida e não apenas "mercadorias" a mais, a serviço do lucro.

Quando o jovem bispo de Ivrea, Betazzi, então bispo auxiliar de Bologna, interveio no Vaticano II, sob nutrido aplauso da Aula conciliar, para pedir a canonização imediata de João XXIII pelos padres conciliares, estava querendo consagrar todo um programa, um projeto e um sonho de nova Igreja e nova humanidade. Nesse sentido, comentou o Cardeal Lercaro, que essa proposta da imediata canonização de João XXIII pelo Concílio representava a acolhida das decisões conciliares na vida da Igreja. A proclamação da santidade de João XXIII não era apenas a de "uma santidade exemplar (igual a de outros santos), e sim de uma santidade programática de uma nova época da Igreja, individualizada no santo pastor, doutor e profeta reconhecido como seu antecipador".

A santidade de Romero é também uma santidade programática que remete à evangélica opção preferencial pelos pobres, a uma fé atuante no mundo e à profecia como inarredável tarefa dos pastores e de todos os batizados, num continente nominalmente cristão, que convive em aparente indiferença, com as seculares desigualdades e injustiças que marcam nossas sociedades dos tempos coloniais até hoje.

26. ZILDA ARNS

"Sou Absolutamente Contra o Aborto"

IHU Online

Para Zilda Arns, médica pediatra e sanitarista, "tentar solucionar os milhares de abortos clandestinos realizados a cada ano no País com a legalização do aborto é uma ação paliativa, que apontaria o fracasso da sociedade nas áreas da saúde, da educação e da cidadania e, em especial, daqueles que são responsáveis pela legislação no país". Ela vê o embrião como um ser humano completo em fase de crescimento "tanto quanto um bebê, uma criança ou um adolescente". Irmã do cardeal D. Paulo Evaristo Arns, arcebispo emérito de São Paulo, Zilda é também fundadora e coordenadora nacional da Pastoral da Criança e da Pastoral da Pessoa Idosa, organismos de ação social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Viúva desde 1978, mãe de cinco filhos e avó de nove netos, vem recebendo diversas menções especiais e títulos de cidadã honorária no país. Da mesma forma, a Pastoral da Criança já recebeu diversos prêmios pelo trabalho que vem sendo desenvolvido desde a sua fundação. Formada em Medicina, aprofundou-se em Saúde Pública visando a salvar crianças pobres da mortalidade infantil, da desnutrição e da violência em seu contexto familiar e comunitário. Compreendendo que a educação revelou-se a melhor forma de combater a maior parte das doenças de fácil prevenção e a marginalidade das crianças, para otimizar a sua ação, desenvolveu uma metodologia própria de multiplicação do conhecimento e da solidariedade entre as famílias mais pobres.

IHU On-Line – Em que a senhora fundamenta sua posição radicalmente contrária ao aborto?

Zilda Arns – Sou absolutamente contra o aborto. Em primeiro lugar, sou a favor da vida,

e fundamento meu ponto de vista não somente na fé cristã, mas também na ciência e em aspectos éticos e jurídicos. Já está comprovado cientificamente que o feto é um ser humano completo, desde a sua concepção e, por isso, tem direito à vida, como defende o artigo quinto da Constituição Brasileira e o artigo segundo do Código Civil. Cabe ao Estado o dever de tutelar e proteger a vida do embrião ou do feto de qualquer ameaça, sob pena de violação dos direitos humanos.

Sou médica pediatra e sanitarista, com mais de 47 anos de experiência em saúde pública. Além disso, estou nos últimos 24 anos à frente da Pastoral da Criança (instituição que acompanha 1,9 milhão de crianças com menos de seis anos, em 42 mil comunidades pobres do país). Por isso, tenho a convicção de que medidas educativas e preventivas são as únicas soluções para o problema das gestações não desejadas. Tentar solucionar problemas, como a gravidez indesejada na adolescência, ou atos violentos, como estupros e os milhares de abortos clandestinos realizados a cada ano no País, com a legalização do aborto, é uma ação paliativa, que apontaria o fracasso da sociedade nas áreas da saúde, da educação e da cidadania e, em especial, daqueles que são responsáveis pela legislação no país. Não se pode consertar um crime com outro ainda maior, tirando a vida de um ser humano indefeso. É preciso investir na educação de qualidade, nas famílias e nas escolas.

É preciso, antes de tudo, refletir. Será que nos países em que esse e outros abortos são permitidos, os jovens e as mulheres estão mais conscientes e têm menos problemas? Esta e outras questões estão relacionadas na carta que enviei, no final de 1997, ao Congresso Nacional como apelo da Pastoral da Criança em defesa da Vida, e artigos publicados em revistas e jornais nos últimos anos. Antes de qualquer coisa, é preciso diminuir a desigualdade social e dar mais oportunidades, principalmente às mulheres mais pobres.

IHU On-Line – Como podemos formular a questão do estatuto do embrião, considerando sua implicação na questão do aborto?

Zilda Arns – O embrião é um SER HUMANO completo em fase de crescimento tanto quanto um bebê, uma criança ou um adolescente. Com a evolução das ciências da reprodução humana, mais especialmente nas últimas duas décadas, não há a menor dúvida de que a vida do SER HUMANO se inicia no momento da concepção. Não se trata de um amontoado de células. Quando se dá o encontro gamético, produz-se a primeira unidade da vida, que contém toda herança genética e todos os requisitos para caracterizar a vida. As novas tecnologias como o ultra-som, o monitoramento do coração do feto, a fetoscopia e a histeroscopia, para acompanhar o que se passa no interior do útero, comprovam ainda que o feto resiste e se defende dos agentes externos, que porventura querem lhe tirar a vida. Para quem se interessar, pode confirmar essas informações assistindo ao vídeo Grito Silencioso, que mostra as reações do feto em um processo de aborto induzido, realizado

em um país onde a prática é permitida.

IHU On-Line – Como se caracteriza a abordagem ética do aborto?

Zilda Arns – Existe um princípio de injustiça nessa prática. Mais uma vez, ao invés de consertar o tecido social roto, querem jogar sobre a mulher o pesado fardo da injustiça social, oferecendo-lhe a oportunidade de abortar o filho que veio abrigar-se em seu ventre, filho esse que não planejou ou que foi concebido como conseqüência de um ato violento. Pesquisas da Organização Mundial da Saúde (OMS), publicadas em 1994, comprovam que crianças mal tratadas, oprimidas, violentadas em seu primeiro ano de vida têm forte tendência a se tornarem violentas e criminosas. Portanto, há de se cuidar do ser humano, desde a gestação, e dar prioridade a atender às crianças pequenas, menores de seis anos, e, mais especificamente, às crianças menores de um ano, somando as forças das famílias, da sociedade e dos governos, para que o tecido social seja forte e preservado. A ética e a moral não são exclusivas da religião. Devem servir de guia para toda a sociedade, incluindo a ciência e a técnica. Não faltam cientistas, juristas e legisladores que, no exercício de seus mandatos e profissões, têm como objetivo maior a defesa e a promoção da vida, a serviço do bem comum.

IHU On-Line – O aborto é um problema que precisa de uma solução, ou ele pode ser uma solução?

Zilda Arns – Felizmente, muitas pessoas comprometidas com o bem-estar das mulheres optam por vestir a camisa da erradicação da pobreza, da miséria e da ignorância que as oprime, principalmente nos países mais pobres. Para gerar desenvolvimento e, por conseqüência, boas condições de saúde e de vida, é preciso investir em educação de qualidade e criar políticas públicas de assistência materno-infantil, de orientação aos adolescentes, às mulheres e às famílias, a fim de que elas tenham melhores oportunidades de estudo e de desenvolverem-se no futuro. A prática de abortos seria um retrocesso da saúde pública, que, ao invés de investir na qualidade de vida da população, passaria a reproduzir uma cultura de incentivo à morte, à violência.

IHU On-Line – Uma lei a favor pode ser a única resposta ao problema do aborto?

Zilda Arns – Sob o ponto de vista de políticas de saúde, seria muito mais humano e econômico à nação investir em qualidade de vida e melhor assistência à saúde do que investir contra o ser humano indefeso. Não se pode eliminar a pobreza por meio da eliminação dos pobres, assim como não se pode eliminar a violência de uma gravidez indesejada mediante outra forma de violência, como é o aborto. Tenho certeza de que nossos deputados e senadores não se deixarão seduzir pela cultura da morte e da corrupção e lutarão pelo respeito à vida e por melhor qualidade de vida para todos. Afinal, o Código Civil, no artigo segundo, afirma: "A personalidade civil do homem começa no nascimento com vida; mas a lei põe a salvo desde a concepção os direitos do nascituro".

IHU On-Line – Como lidar com a mentalidade abortista, tão presente na sociedade, que banaliza a questão do aborto?

Zilda Arns – Feministas famosas, realmente comprometidas com o bem-estar das mulheres, com o evento das novas tecnologias e conhecedoras profundas do sofrimento humano, deixaram a bandeira do aborto e optaram pela bandeira da erradicação da pobreza, da miséria, da ignorância que oprime as mulheres, principalmente nos países em desenvolvimento. Lembro-me de médicos, tais como o Dr. Bernard N. Nathanson, M.D. co-fundador da Liga Nacional pelos Direitos ao Aborto nos Estados Unidos, e diretor da maior clínica abortista do mundo, responsável por mais de 75 mil casos desse tipo, converteu-se em defensor da vida, devido a um conhecimento mais profundo do ser humano, pelos avanços da ciência e dos aparelhos de tecnologia avançada. Dr. Nathanson convenceu-se da existência da vida humana desde o momento da concepção. Ele advertiu ainda sobre as estatísticas falsas de morte de mulheres em conseqüência de abortos clandestinos. A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) confirma não existir nenhuma pesquisa sobre esse assunto no Brasil, apesar de muitas vezes serem divulgados falsos dados remetendo ao nome da organização.

IHU On-Line – Podemos conciliar a autonomia e a liberdade da mulher com a vida e a defesa do embrião?

Zilda Arns – Trata-se de um princípio de convivência de dois seres humanos. O "outro" é o limite de nossa liberdade. Se a mulher tem direitos e deveres, eles não podem interferir ou impedir o direito à vida de outro ser humano, ou seja, o fato de ela ser gestante de um embrião não lhe possibilita qualquer ação que possa prejudicar a vida dele.

IHU On-Line – O que a senhora pensa sobre o plebiscito da descriminalização do aborto?

Zilda Arns – Hoje estou convencida de que o aborto não é matéria para entrar num

plebiscito, porque não se pode votar pela vida ou morte de um ser humano inocente e sem defesas.

Zilda Arns: Para Zilda Arns, a proposta de reduzir a maioridade penal não resolve questão da criminalidade. "Com a redução, os traficantes vão recrutar jovens aos 14, 13 anos", diz ela. Entretanto ela defende uma revisão do Estatuto da Criança e do Adolescente que permita maior tempo de internação aos adolescentes envolvidos em infrações graves. Acompanhe sua entrevista à Folha de S.Paulo, 16-02-2007.

Como a senhora vê a redução da maioridade penal?

Não resolve. Existem criminosos e criminosos. Alguns têm uma tara por violência, e deixar solto é um perigo. Outros podem se beneficiar do convívio com as famílias. Com a redução, os traficantes vão recrutar jovens aos 14, 13 anos.

Elevar o tempo de internação é uma alternativa?

Se houver avaliação de que não estão em condições de sair após três anos, e se estiverem numa escola de crime, não pode realmente soltar. Deve haver uma avaliação com psiquiatra especializado em criminologia.

Só funciona se houver avaliação psiquiátrica?

Claro, não adianta fazer leis e leis se o sistema não funciona. Tem que ver quanto tempo [de internação] a mais. Não posso dizer que pode ser após seis anos. Tem que ter uma avaliação aos três anos e acompanhar. O resultado tem sido mau: mais de 70% voltam ao crime.

A longa internação não colabora com esse alto índice de reincidência?

É multicausal. Por exemplo: se sai e continua o problema psicológico ou psiquiátrico presente. Se não sabe fazer e não aprendeu nada. Se sai sem emprego. Se os pais não o sustentam. Se é rejeitado pela sociedade. Nestes casos, o que vai fazer para comer? Entra novamente no crime. É preciso abrir per spectivas de nova vida para estes meninos.

E a necessidade de puni-los pelas infrações?

Tem que analisar pelo crime que cometem. É diferente se um menino rouba porque os pais o obrigam a ficar na rua para trazer dinheiro para casa ou se mata, estupra, se faz tanta coisa.

Como na morte do João Hélio?

Esse aí com certeza depois dos três anos não estará preparado para voltar para a sociedade.

27. IVONE GEBARA

Seu sobrenome ecoa a revolução na América Latina. Ivone Gebara é brasileira, freira e feminista. Pertence à Congregação das Irmãs de Nossa Senhora - Cônegas de Santo Agostinho - e há décadas vive no Nordeste do Brasil, numa vida de "inclusão" no meio popular. Atualmente reside em Camaragibe, na periferia de Recife. De dentro da Igreja procura mudá-la. Dedica-se, fundamentalmente a partir de uma teologia feminista, desconstruir o direito natural, patriarcal e machista que a hierarquia católica pretende impor. Devido as suas posições, especialmente em favor da despenalização e legalização do aborto, recebeu severos castigos impostos pelo Vaticano. Porém, Ivone não se cala.

Ela nasceu em 1944. É doutora em Filosofia pela Universidade Católica de São Paulo e em Ciências Religiosas pela Universidade Católica de Lovaina (Bélgica). Durante 17 anos, lecionou no Instituto de Teologia de Recife, até a sua dissolução ordenada pelo Vaticano, em 1999, como uma forma de silenciá-la. Desde então, dedica o seu tempo, principalmente, para escrever, dar cursos e conferências sobre a hermenêutica feminista, novas referências antropológicas e a ética e os fundamentos filosóficos e teológicos do discurso religioso.

É autora de mais de 30 livros e de dezenas de artigos e ensaios, entre eles: "Trindade: palavra sobre coisas velhas e novas. Uma perspectiva ecofeminista" (1994), "Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião" (1997), "Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal" (2000), "Mulheres de mobilidade escravas: as mulheres do nordeste, uma vida melhor e feminismo" (2000), "As águas do meu poço. Reflexões sobre experiências de liberdade" (2005); "O que é teologia?" (2006), "O que é teologia feminista?" (2007), "O que é cristianismo?" (2008) e "Compartilhar

os pães e os peixes. O cristianismo, a teologia e teologia feminista" (2008).
A entrevista é de Mariana Carbajal, publicada no jornal Página/12, 23-07-2012.
A tradução é do Cepat. Eis a entrevista.
Por que quis ser freira?
É uma longa história. Eu sempre havia estudado em colégio de freiras, mas nunca tinha desejado ser freira. Porém, de repente, nos anos 1960, entrei na universidade para estudar filosofia e me encontrei com algumas freiras que estavam bastante vinculadas politicamente e que trabalhavam com populações pobres, e comecei a pensar isso para mim como uma alternativa de vida. Não tinha isso muito claro, mas parecia uma vida mais livre do que a vida familiar e com parceiro. Soa estranho que tenho ido para um convento em busca de liberdade...
É que nunca me senti cerceada. Algumas vezes ia para conferências na Universidade de São Paulo, que era um foco de luta antiditadura, e tinha a chave da casa das freiras. Minha história foi a de busca por liberdade. Não suporto que me impeçam de pensar. É um direito pensar diferente. E isso tem sido a chave de minha vida, com todos os tropeços e as contradições, porque as vezes não se enxerga claro, e se trilha um caminho e depois não é por ali.

Realmente soa contraditório que uma mulher busque liberdade dentro de uma estrutura patriarcal, machista e conservadora como a Igreja Católica. Como você entende isto?
Sim, bastante contraditório. Entrei na vida religiosa em 1967, quando tinha 22 anos. Era o momento das grandes mudanças da Igreja Católica, exatamente depois do Concílio Vaticano II. As congregações religiosas eram convidadas a "aggiornarse" [atualizar-se]. Foi o tempo em que deixamos as instituições para viver entre os pobres. E essa tem sido uma característica da vida das mulheres: sair das instituições e viver nas comunidades populares. Para mim era uma vida cheia de desafios. Queria mudar o mundo desde quando era estudante. Sempre me pareceu uma injustiça que houvesse gente tão rica e gente tão pobre. Pensava que algo poderia ser feito. A vida das freiras me pareceu "um" caminho, não "o" caminho, que se ajustava um pouco com a minha tradição familiar, onde era muito protegida e resguardada.

Sua família era muito religiosa?

Não. Venho de uma família de imigrantes sírio-libaneses, com todos os medos que os imigrantes possuem, sobretudo, com as meninas, levando-os a não permitir que elas saiam sozinhas. Sou filha da primeira geração no Brasil. Lutei muito para frequentar a universidade. Meus pais não queriam. Não pelo fato de não quererem que eu estudasse, mas porque pensavam que o mundo podia ser perigoso para mim. Essas coisas nunca me entraram. Sempre fui rebelde. Sempre fui uma brigona dentro das estruturas familiares.

Com esse espírito tão rebelde, não se sentiu limitada no convento?
Não posso dizer que não tinham coisas que me limitavam. Claro, houve, como em todas as formas de vida. Contudo, uma característica em minha congregação é a de que é preciso respeitar a liberdade das pessoas. Isto é muito forte. E, às vezes, chega a ser bastante contraditório.

Qual é a sua congregação?
Irmãs de Nossa Senhora, uma congregação de origem francesa, apenas de mulheres. Estamos em muitos países: França, Bélgica, Holanda, Inglaterra, Vietnã, Hong Kong e na América Latina, no Brasil e México.

Como é o vínculo das congregações de mulheres com o Vaticano?
Oficialmente há um vínculo de dependência, no sentido de que a organização das congregações é aprovada pelo Vaticano. Algumas mulheres tem se submetido, mas nós procuramos fazer o que acreditávamos que era nossa interpretação do Evangelho. Sempre brigamos, inclusive com o Vaticano, discutindo nossos textos.

Sua congregação é feminista?
Não. Há pouquíssimas freiras feministas na congregação. Não sei se posso nomear, comigo, mais que quatro.

Como começou a incorporar a consciência de gênero?
Eu pertencia à Teologia da Libertação. Sempre trabalhei na perspectiva da libertação dos pobres, dos movimentos sociais e políticos. O foco era mudar o mundo a partir dos pobres. Eu sabia que existia o feminismo, conhecia algo do feminismo norte-americano, brasileiro e argentino. Porém, na Teologia da Libertação, sobretudo os homens mais eminentes, diziam que o feminismo era coisa da América do Norte, que o feminismo na América Latina era importado. Como militante da Teologia da Libertação, trabalhava no Instituto de Teologia de Recife, dando palestras. Sempre existia uma desconfiança em relação ao feminismo. Até que meu caminho e o do feminismo se cruzaram de muitas formas.

Uma primeira delas foi com uma mulher de um bairro popular, local em que eu ia dar aulas para homens operários sobre a Bíblia. Eu ia uma vez por mês na casa de um deles, onde se reuniam de oito a dez operários. Estudávamos a Bíblia numa perspectiva social, para fundamentar as greves, as reivindicações trabalhistas. Eu sempre fazia a leitura da Bíblia que confirmava os direitos dos trabalhadores. A esposa do dono da casa nunca participava das conversas, ficava na cozinha ou nos trazia café. Até que um dia fui visitar apenas ela e lhe perguntei por que não participava das nossas conversas. Ela me disse que precisava cuidar de suas crianças, que tinha que fazer o café. Discutimos. Até que, quase irritada, disse-me: "Quer saber o motivo pelo qual não vou? Porque você fala como um homem". Eu tentei defender-me. Ela me perguntou: "Você conhece os problemas econômicos que nós, mulheres de operários, temos?" Não. "Você sabia que a sexta-feira é o pior dia para nós, porque o salário do trabalhador sai no sábado e na sexta quase não há comida?" Não, eu dizia. "Você sabe o tipo de trabalho que fazemos para aproveitar o salário do esposo?" Não. "Você sabe as dificuldades sexuais que temos com nossos esposos?" Não. "Entende porque não quero participar de suas conversas, porque não fala a partir de nós", disse-me. Essa mulher me abriu os olhos. Eu não me dava conta de que abria os olhos para minha condição de mulher na Igreja.

E como chegou ao feminismo?
Comecei a ler as teólogas feministas norte-americanas como Mary Daly. Li sua obra "Para além do Deus Pai". Quase morri porque ela criticava quase tudo o que eu acreditava. Tomava-me as entranhas, comecei a pensar... Li Dorothe Sölle, uma alemã que falava da cumplicidade das Igrejas cristãs com o nazismo e da relação entre a figura de Deus pai e o general. Assim que entrei no convento, tinha vivido de perto a repressão. Ensinava filosofia numa escola pública e eram tempos de ditadura militar. Fui detida junto com uma de minhas amigas, que era professora de química, mas às duas da manhã, a polícia me deixou sair e ela ficou detida. Minha amiga pertencia a um grupo político. Eles a torturaram e, finalmente, quando ela saiu, ao ver aos torturadores na rua, acabou adoecendo e morreu.

Esse artigo sobre o nazismo abriu-me as portas para pensar a ditadura do Brasil e, também, como a religião se misturava em tudo isso. As manifestações nas praças públicas, da "Tradição, Família e Propriedade", com rosários nas mãos – não sei se aqui (na Argentina) também fizeram isso – para defender as pessoas do comunismo e apoiar aos militares. Também lia muitas norte-americanas. Isso começou a me iluminar. A chave foi que um dia encontrei-me com duas feministas, em São Paulo, e uma delas me disse: "Vocês trabalham teologia, mas quais são os conteúdos?" Sobre Jesus Cristo e outras coisas, disse-lhe. E ela me perguntou que mudança isso provocava na vida das mulheres, se eu trabalhava a questão da sexualidade, se havia enfrentado o tema do aborto. "Não", disse-lhe. E me dei conta de que não conhecia nada das mulheres. Esse foi o começo. Aproximei-me de grupos feministas de Recife, como o "SOS corpo, democracia e cidadania". Decidimos programar três encontros entre feministas liberais e teólogas, em Recife, São Paulo e Rio. A partir desse momento, fiz minha opção pelo feminismo, por volta de 1992.

O que a levou a se envolver com a defesa da despenalização do aborto, um dos pecados mais graves para a Igreja Católica?
Foram muitas eventualidades. As grandes mudanças em minha vida vieram por acaso. Eu apoiava a causa por saber de mulheres que tinham feito abortos em meu bairro e também entre as feministas. Apoiava como pessoa, mas não tinha as coisas muito claras. Até que um dia uma das feministas de São Paulo me telefona, em Recife, e pergunta se eu podia conceder uma

entrevista para a revista "Veja" sobre a Igreja Católica e a formação de padres, e eu aceitei. Dei a entrevista. Ao final, o jornalista me pergunta, em "off the record" [privadamente], se eu conhecia casos de mulheres que tinham realizado abortos. Justamente naquele momento, tinha ocorrido o fato de que uma menina, que eu conhecia do bairro, que já tinha cinco filhos e havia se apaixonado por um homem que trabalhava numa estação de serviço, voltou a ficar grávida após passarem uma noite juntos. Ela tinha problemas mentais e tinha feito o aborto com misoprostol. Comentei com ele. Nesse caso, o jornalista me disse que não existia pecado. Eu digo: "Claro, não é um pecado". Então, rompendo o "off the record" [confidência], o jornalista publica a entrevista na revista dizendo que uma freira católica era contra a hipocrisia da Igreja e a favor do aborto. O fato incomodou-me.

Era a primeira vez que você se manifestava publicamente a favor do aborto?
Sim. Foi uma bagunça total. O assunto repercutiu na imprensa nacional e internacional. Publicaram uma foto minha, com um crucifixo e a Virgem, para fazer sensacionalismo com o assunto. Isso foi em 1994 ou 1995. O bispo de minha diocese me pediu uma retratação pública. Eu não aceitei. Disse-lhe que sabia das dores das mulheres. De imediato veio-me uma grande coragem. Porém, chegou até a mim uma segunda carta, outra vez pedindo uma retratação pública, queriam que eu acusasse o jornalista de mentiroso. Neguei-me. Na terceira carta me avisaram que enviariam um parecer ao Vaticano, para abrir um processo contra mim. O Vaticano reagiu e tive que fazer muitas coisas.

Qual foi o castigo?
Primeiro, quiseram me tirar da minha congregação. Entretanto, não conseguiram porque as autoridades de minha congregação não apoiavam o aborto, mas me apoiavam. Propuseram-me outra alternativa: sair do Brasil e voltar a fazer estudos de teologia. Eu já tinha uma licenciatura e um doutorado em filosofia. Obrigaram-me a estudar novamente. Na carta do Vaticano, diziam que eu era uma pessoa muito ingênua, que não havia me fundamentado a partir dos pontos que a Igreja negava, e por minha ingenuidade me mandavam para estudar, para aprender novamente a doutrina católica. Queriam que eu fosse para Europa. Como eu já tinha estudado na Bélgica, decidimos que fosse lá. As pessoas têm sido muito boas comigo. Não tive nenhum problema. Fiz outro doutorado. A contradição é

essa: você é condenada e depois até se esquecem de que foi condenada e dão-lhe um doutorado em nome do Papa João Paulo II. É quase engraçado.

Com quais argumentos defende a despenalização do aborto numa estrutura como a da Igreja Católica, que condena tão duramente essa prática, inclusive, quando se trata de uma gravidez produto de um estupro ou quando a vida da mulher corre risco?

Nem em caso de fetos anencéfalos a Igreja o permite. É algo espantoso. Existe uma forma de fazer teologia metafísica que naturaliza a maternidade, que a torna dependente de um ser supra-histórico. Eu faço a desconstrução desse tipo de pensamento. Em minha militância pela causa das mulheres, não somente do aborto, trabalho na teologia feminista. E eles não aceitam. Eu também sofri um segundo processo por meu pensamento. Tive que responder três páginas de perguntas: se acredito na Trindade, se acredito que o Papa é infalível, coisas desse tipo.

O que faço é a desconstrução do discurso religioso justificador da superioridade masculina. Justificador, também, da concepção de que existe uma supra-história que nos conduz. Desconstruo o que é a natureza. Inclusive, um bispo justifica que se deve levar adiante uma gravidez de um feto anencéfalo porque Deus quer assim, o que é de um primitivismo até chocante. Uma pessoa mais simples não diz um absurdo como esse. Meu trabalho é desconstruir isso e também a Bíblia como a palavra de Deus. Eu digo: não é a palavra, é uma palavra humana, onde se coloca uma pessoa pela qual lhe é atribuído, dependendo dos textos, uma característica. Algumas vezes Deus é vingador, às vezes é bom, às vezes manda matar profetas.

Procuro entrar pela linha do humanismo, onde a dor do outro me toca, provoca-me. Deus é mais um verbo. Quero "Deusar", quero sentir sua dor e quero que sinta minha dor. Não há uma lei do alto que diga "não faça abortos" ou "não mates". O fato é que de muitas maneiras nos matamos, inclusive, afirmando que não mate. A vida social é uma vida de vida e morte. Meu principal trabalho é a desconstrução do pensamento, da filosofia, da teologia que mantém estas posições contra as escolhas das mulheres, contra os corpos femininos, contra as dores femininas. E isto incomoda muito, porque eles dizem que, segundo Santo Tomás, a alma masculina vem primeira, para

novamente demonstrar a superioridade masculina, ou sustentam que a partir do início da união do óvulo e o espermatozoide, a alma está criada por Deus. E agora adotam a ciência do DNA para justificar suas posições.

O que responde para essas argumentações?
Digo coisas muito simples. O óvulo é uma possibilidade de se tornar um ser humano, mas para poder se tornar um ser humano, necessita de sociabilidade, de vida. A Igrejavaloriza muito mais a vida do feto do que a das mulheres e, então, minha pergunta é por que a vida das mulheres tem menos valor. Falam da inocência. E eu digo: "O que é a inocência? Por que se fala da inocência do feto e não da inocência da mulher que foi estuprada?" Não são argumentos que convencem a todas as mulheres católicas, mas se posso fazer um processo de formação, existem luzes que se acendem. Algumas vezes me dizem: "Aquele do alto quer isto". E eu digo: "Esse daqui, você, tem que decidir". O que faço é sempre trazer a responsabilidade não para o sacerdote, o bispo, Deus, a Virgem. Eu digo: "Quem decide é você". Também faço a reconstrução de algumas coisas do cristianismo. O cristianismo fala da encarnação. Eles acreditam que apenas Jesusencarna. Não é assim. Há muitas correntes. O divino está em carne humana. Também aí argumento. E digo para as mulheres que é preciso mudar essa crença. O divino habita em cada uma. É por aí, um pouco, que faço a reconstrução da teologia e das filosofias que mantém esta postura.

E na sua congregação, você é apoiada?
Apoiam-me como pessoa. Fazemos uma distinção. Eu estou muito presente quando necessitam de mim, caso alguém esteja enferma, quando me pedem um texto para um retiro, para algumas anciãs. Também em meu bairro, no Recife, com a gente simples que vem me dizer que fez uma promessa. Eu escuto. Contudo, também tenho o outro lado, o intelectual, de "des-construtora" das teorias Dominadoras das pessoas, não apenas das mulheres, Dominam também os pobres. Sinto pena em ver a quantidade deigrejas neopentecostais, na televisão, que tomam o dinheiro das pessoas para fazer milagres e tirar o diabo das pessoas: isso não é religião, é mercado, negócio.

Por que vozes como a sua são tão isoladas dentro da Igreja Católica?
É que não nos dão nenhum espaço. O Vaticano fechou o Instituto de Teologia de Recife, onde eu trabalhava, porque diziam que éramos comunistas e não

era uma instituição séria para a formação do clero. Depois do fechamento, e por defender a legalização do aborto, não tenho lugar na instituição como professora, embora com dois títulos de doutorado, com mais de 30 livros publicados e muitíssimos artigos, porque causo preocupação. E também existe outro problema que é muito sério: muito menos temos lugar nas paróquias, nos lugares onde as pessoas estão. Perto de minha casa, existe um convento de freiras de clausura e elas me convidavam para que fosse falar, para contar como as coisas estavam lá fora, e o bispo – não o atual, o anterior – telefonou para elas e disse que eu era uma mulher muito perigosa, que não me convidassem mais. Os espaços de reprodução deste pensamento são absolutamente escassos.

Tem pensado em sair da Igreja?
Não. Por coerência com certo feminismo e com o cristianismo. Porque sair significa também desvincular-se das mulheres, as que mais sofrem, todas são crentes. Acredito que as feministas não têm trabalhado suficientemente as cadeias religiosas dos meios populares, que são cadeias que consolam e oprimem ao mesmo tempo. Não se pode ser feminista ignorando a pertença religiosa das mulheres; se elas não são católicas, são da Assembleia de Deus ou da Igreja Universal, ou do canDomblé ou do espiritismo. E em cada um destes lugares há uma Dominação dos corpos femininos. A religião é um componente importantíssimo na construção da cultura latino-americana, a tal ponto que aqui, na Argentina, a ligação entre Igreja e Estado é muito forte. No Brasil, oficialmente, temos a separação, mas na cultura não. A presidenta Dilma tem sido tão pressionada, na cultura, que já não diz mais sua posição a favor da despenalização do aborto. Retratou-se. É necessário mudar a Igreja a partir de dentro.

26. IRMÃ DOROTHY

Entrevista especial com Felício Pontes Júnior

Há mais de seis anos, antes de ser assassinada por fazendeiros em Anapu, no Pará, a Ir. Dorothy Stang já temia pelas consequências que a Hidrelétrica de Belo Monte provocaria naquela região caso fosse aprovada. "Ela temia pelo impacto socioambiental e pelo dinheiro público que seria jogado fora em uma hidrelétrica que vai ficar parada em torno de quatro meses por ano sem gerar um quilowatt de energia", contou o procurador do Ministério Público Federal Felício Pontes Júnior, em entrevista, por telefone, à IHU On-Line.

Após o homicídio da religiosa, Pontes Júnior não deixou de lutar pelas principais causas defendidas por Dorothy, inclusive contra Belo Monte. Na entrevista, o procurador critica fortemente o Ibama, que concedeu licenciamento para o início das obras no rio Xingu. "O Ibama será o grande responsável por uma degradação sem precedentes na nossa história." Pontes Júnior também segue acompanhando de perto a evolução do Projeto de Desenvolvimento Sustentável Esperança, iniciado por Dorothy. "É o verdadeiro projeto de reforma agrária para a Amazônia."

Felício Pontes Junior é procurador da República junto ao Ministério Público Federal em Belém com atuação na área indígena, ambiental e ribeirinha, e é mestre em Teoria do Estado e Direito Constitucional pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Seis anos após a morte de Dorothy Stang, como o

senhor analisa a situação de Anapu hoje?

Felício Pontes Júnior – A população está organizada. Seis anos foram o suficiente para que se criasse uma organização muito forte. Há uma consciência de que o único desenvolvimento possível para a Amazônia, com relação à reforma agrária, é o que consegue conciliar o aumento econômico daquela população com a preservação do meio ambiente. É exatamente isso que o projeto da Ir. Dorothy previa. No último ano, o Pará se tornou o maior produtor de cacau do Brasil, exatamente por conta da contribuição das plantações de dentro do Projeto de Desenvolvimento Sustentável – PDS Esperança – da Ir. Dorothy. Para que haja plantação de cacau, você precisa ter a floresta em pé, o cacau precisa de sombra. Isso auxiliou muito no projeto que a Dorothy sonhava. Ela mesma levava as sementes de cacau para a floresta a fim de que os colonos pudessem plantar.

Ainda há uma pressão muito grande dos madeireiros em cima daquela área. Até a morte da Irmã, os madeireiros tentavam atacar aquela área da floresta com papéis, títulos falsos. Depois, a estratégia mudou. Agora eles tentam infiltrar no assentamento trabalhadores de madeireiras como se fossem assentados, colonos da reforma agrária. Essas pessoas estavam tirando madeira dali, o último conflito ocorreu inclusive por causa disso. Aconteceu uma grande revolta, bloqueando estradas de acesso ao projeto PDS Esperança, parando até a Transamazônica.

IHU On-Line – Que mudanças ocorreram nestes seis anos?

Felício Pontes Júnior – É visível a mudança econômica na vida das pessoas que acreditaram no PDS Esperança. Vemos colonos da reforma agrária que chegaram lá sem ter "nem um facão amolado", como eles mesmos dizem, e hoje estão motorizados. Têm veículos de carga, embora pequenos e usados, e motocicletas. Isso é uma prova evidente do desenvolvimento econômico que está acontecendo naquela região, graças ao projeto. O PDS está localizado a 50 quilômetros da sede da cidade de Anapu. O que se vê nestes 50 quilômetros é um rastro de miséria deixado por projetos de pecuária que não deram certo. As pessoas que se voltaram para o gado não conseguiram desenvolvimento econômico. O PDS Esperança é o verdadeiro projeto de reforma agrária para a Amazônia. Por isso é alvo de tanta cobiça

por parte de fazendeiros e madeireiros.

IHU On-Line – O que a Ir. Dorothy Stang diria dos atuais desdobramentos em torno do licenciamento de Belo Monte?

Felício Pontes Júnior – Tive a oportunidade de conviver intensamente com a Ir. Dorothy durante os últimos cinco anos da vida dela. Essa era uma grande preocupação dela – temia que o Projeto Esperança fosse por água abaixo se Belo Monte acontecesse. Ela temia que não houvesse planejamento e estrutura suficientes para abrigar as pessoas que viriam para a região, principalmente em Anapu, Altamira e Vitória do Xingu, as cidades mais afetadas.

Naquela oportunidade nós já tínhamos a informação de que Belo Monte não se sustentava do ponto de vista econômico. Quem conhece o rio Xingu, e Dorothy o conhecia muito bem, sabe que a vazão do Xingu é uma coisa impressionante entre a seca e a cheia. No período de cheia ela vai atingir 30 mil metros cúbicos de água por segundo, mas no período da seca é de apenas mil metros cúbicos por segundo. Isso demonstra que a propaganda do governo, que dizia que teríamos 11.000 megawatts de energia, é uma mentira. Inclusive na entrevista do presidente da EPE na semana passada ele confessou que teremos, no máximo, 4000 megawatts de energia. Depois de dez anos de conflito eles admitem que é uma hidrelétrica de porte médio, no que tange a geração de energia, e não de grande porte, como era propagado, embora os efeitos danosos sejam imensos.

Tudo isso já havia sido denunciado por Dorothy Stang. Ela temia por estas duas coisas: pelo impacto socioambiental na região e pelo dinheiro público que seria jogado fora em uma hidrelétrica que vai ficar parada em torno de quatro meses por ano sem gerar um quilowatt de energia.

IHU On-Line – Como o senhor analisa a atuação do Ibama no caso de Belo Monte?

Felício Pontes Júnior – Pelo impacto desse licenciamento indevido, hoje podemos dizer que o Ibama é o maior violador das normas

ambientais na Amazônia. É o que vai causar maior impacto sobre a região com esse licenciamento fajuto. Quando você percebe que existe a previsão de mais de 60 barragens nos rios da Amazônia, ou seja, em praticamente todos, não há outra afirmação a fazer. Há vários projetos grandes e prejudiciais na região amazônica, mas nenhum deles se compara a esses licenciamentos de hidrelétricas.

O Ibama será o grande responsável por uma degradação sem precedentes na nossa história. Barrando os rios à maneira como está sendo feita, inventando licenças parciais e que não existem, o Ibama está tentando jogar com o governo federal, fazendo com que o fato esteja consumado. Para que quando as ações judiciais cheguem ao fim, a barragem esteja praticamente pronta. Será que algum juiz vai ter coragem de dizer: "Então vamos destruir a barragem?" Infelizmente, o Ibama se mostrou um órgão extremamente conivente com todas as barbaridades e atentados às leis que estão sendo cometidos pelo governo federal aqui na Amazônia.

IHU On-Line – O que aconteceu na última audiência em Anapu, que diminuiu o clima de tensão do povo do PDS Esperança?

Felício Pontes Júnior – Nessa audiência o povo do projeto teve um grande resultado que foi um compromisso, tanto do Incra como da Força Nacional, de estarem presentes na região de maneira permanente. O escritório do Incra em Anapu volta a funcionar de maneira muito mais estruturada e recebemos a promessa de que as forças de segurança estarão na região durante todo o ano. Essa foi uma grande conquista dos trabalhadores do PDS Esperança na audiência pública.

IHU On-Line – Como é a vida nesse projeto hoje?

Felício Pontes Júnior – Temos uma comunidade cada vez mais forte. A prova disso é a fundação recente de um sindicato de trabalhadores da agricultura familiar, pois não se sentiam representados pelo sindicato antigo. Mais ainda, do ponto de vista econômico, eles viram agora a necessidade de formar uma cooperativa. Quando se organiza um sindicato e uma cooperativa, mostra que está havendo um fortalecimento nos laços de trabalho, de

amizade. Ir. Dorothy recebeu aquelas pessoas que eram excluídas, gente de todo o Brasil, expulsos de suas terras por grandes projetos, latifúndios. E essas pessoas tiveram de se agrupar, morar juntas sem nem se conhecerem, formar uma comunidade nova. Esse vínculo que não existia começa a se tornar extremamente forte.

IHU On-Line – O que falta para o povo que era atendido pela Ir. Dorothy?

Felício Pontes Júnior – A estrutura que o Incra dá aos assentamentos ainda não chegou de forma efetiva àquela região. Embora o órgão tenha se esforçado bastante, ainda não foi suficiente. Não temos, por exemplo, todas as casas do crédito habitação construídas, nem todos os recursos do crédito de fomento concedidos aos moradores. Muito foi construído somente com o suor e com o braço das pessoas que estão lá, com um apoio do governo que ainda não é integral, mas que já foi significativo se compararmos com outros assentamentos na Amazônia. Passo a passo, porém, todos estão percebendo que o assentamento tem progredido, mesmo que, a meu ver e ao do Ministério Público Federal, esse processo poderia ter sido mais rápido. Mas é visível a cada ano a melhora na qualidade de vida das pessoas que estão lá.

IHU On-Line – E quais os próximos desafios para os integrantes do projeto?

Felício Pontes Júnior – A preocupação do MPF naquela região é a presença da polícia. É isso que os assentados da reforma agrária pedem – que a polícia esteja presente e que não seja comprometida com fazendeiros e madeireiros da região. Tem de ser isenta. A polícia e Força Nacional precisam habitar Anapu, pois é um ano de consolidação do projeto. Além dos assentados, quem pede a presença da polícia lá é a Comissão Pastoral da Terra. É uma prova de que não temem, de que estão trabalhando dentro da legalidade. Se a gente conseguir que as forças de segurança estejam presentes naquela região, teremos uma superprodução de cacau, que tem um melhor preço, e de outras frutas que também foram plantadas lá. Isso fará com que alavanque ainda mais o desenvolvimento das pessoas que vivem

naquela região, principalmente no PDS Esperança.

IHU On-Line – Qual sua opinião sobre a postura do Judiciário no processo de julgamento dos assassinos da Ir. Dorothy Stang?

Felício Pontes Júnior – A mobilização da imprensa nacional e internacional e dos movimentos sociais na Amazônia possibilitou que os cinco envolvidos no caso de Dorothy Stang fossem julgados e condenados. O que causa uma estranheza muito grande é que o principal deles, o que planejou a morte e contratou os demais, esteja solto até hoje, embora condenado a 30 anos de cadeia. Ele está solto exatamente por conta de uma decisão do Tribunal de Justiça do Estado do Pará, que concedeu o direito de apelar em liberdade. Isso mostra que Judiciário ainda está muito longe do ideal de justiça que a população deseja. Vejo o judiciário extremamente distante, desassociado da sociedade.

O mesmo acontece em relação a Belo Monte. Temos vencido ações judiciais no Pará, mas são suspensas no Tribunal Regional Federal de Brasília, que também tem uma postura extremamente distante da realidade. É um poder Judiciário extremamente político. Quando lemos algumas dessas decisões, percebemos que as pessoas que estão decidindo não têm noção do que pensa e o que quer a sociedade brasileira, principalmente a sociedade amazônica. Um judiciário que está fora da realidade brasileira, que se sente acima da realidade, é extremamente perigoso para o país, tanto é que Belo Monte recebeu o licenciamento mesmo com dez ações judiciais propostas, muitas favoráveis, mas suspensas. Porém, nós continuaremos fazendo a nossa parte, não vamos desistir. O que faz com que cada um de nós durma tranquilo aqui na Amazônia é o fato de não sermos omissos perante tanta injustiça.

27 - 13º INTERECLESIAL:

A Sinolidade de Base

No início de janeiro, as Cebs realizaram seu **13º Encontro Intereclesial**, em *Juazeiro do Norte, na Diocese de Crato(CE)*. Arriscaria-me afirmar, com pouca margem de erro, que estavam presentes ali 4 mil delegados(as) (leigos, leigas, jovens, religiosas e padres) representando aproximadamente 85% das dioceses do Brasil. Além do mais, contamos com a presença de 72 bispos (entre arcebispos, bispos, auxiliares e eméritos) vindos de todos os Regionais da CNBB.

De fato, o Intereclesial, e este em especial, confirma bem uma das grandes contribuições do Concílio Vaticano II: a colegialidade entre as Igrejas locais e uma espécie de sinodalidade "de base". E para confirmar ainda mais esta colegialidade, muitos bispos que não puderam participar, fizeram questão de celebrar missas de envio, acompanhar seus delegados(as) ao aeroporto ou rodoviária, ou então enviaram Cartas, como fez o presidente da CNBB, Dom Raymundo Damasceno Assis. E uma destas cartas foi, sem dúvida, muito especial: a do Bispo de Roma, Papa Francisco.

Pela primeira vez na história dos Intereclesiais, uma carta vinda do bispo de Roma. E em sua mensagem, Francisco confirma a caminhada das Cebs citando o nº 178 do Documento de Aparecida, além de corroborar com sua eclesiologia missionária afirmando que "todos devemos ser romeiros, no campo e na cidade, levando a alegria do Evangelho a cada homem e a cada mulher" e "anunciando e testemunhando com os pobres a profecia dos 'novos céus e da nova terra'".

Também cita o nº 29 de sua *Exortação Evangelii Gaudium,* mas alguns viram nesta citação o ponto fraco da mensagem, como que o Papa quisesse paroquializar as *Cebs* e não vendo-a como uma "célula de estruturação eclesial" como diz *Medellín*. De fato, seria esperar demais que um Papa valorizasse mais uma estrutura não-canônica que a canônica como é a paróquia. Agora, este nº 29 não pode ser lido isoladamente. Ele deve ser lido no conjunto de orientações que a *Evangelii Gaudium* dá sobre a "conversão pastoral" das estruturas eclesiais (entre elas a paróquia) para poder colocar a Igreja e seus agentes em uma atitude de "saída" (nº 27). Neste sentido, as *Cebs* podem ajudar muito neste processo, mas para isso não podem se

isolar da realidade paroquial por mais problemática que ainda seja.

Por outro lado, também precisamos vincular esta carta com o pronunciamento feito por Francisco aos membros do *CELAM* no Rio de Janeiro durante a *JMJ.* Ali, ele colocava como antídoto contra a tentação de todo clericalismo aquelas estruturas participativas que há muitos anos têm sido fundamentais na ação pastoral no Brasil: os *Grupos Bíblicos, as próprias Cebs e os Conselhos Pastorais*. Se se quer uma conversão das paróquias, elas deveriam se organizar neste tripé. É neste outro sentido mais lato que devemos ler a mensagem do Papa. Ele acredita na *Cebs* como espaço de "crescimento da maturidade laical".

De certa forma, este *Intereclesial* acabou também por ir ao encontro de uma visão que o Papa Francisco tem dos leigos: o católico como povo. Existe em nosso continente, segundo ele, uma forma de liberdade laical através das experiências do povo, aquela autonomia dos leigos e leigas "que se expressa fundamentalmente na piedade popular". E foi o que se viu em *Juazeiro do Norte*. O povo das *Cebs* não só debateu e celebrou suas lutas proféticas, a serviço da vida e por justiça no campo e na cidade, mas também se fez romaria ao espaço sagrado da "piedade popular": dos beatos e das beatas, dos benditos e das rezas, *de Pe Cícero, de Zé Lourenço e de Maria de Araújo*.

Na encíclica laudato si (ls) - louvado sejas: sobre o cuidado da casa comum, divulgada em

junho de 2015, o Papa Francisco faz questionamentos profundos para todos nós, para a humanidade, e convida-nos a ter coragem. "o que está acontecendo na nossa casa?" (ls, cap. I); "que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão a crescer?" E "com que finalidade passamos por este mundo? Para que viemos a esta vida? Para que trabalhamos e lutamos? Que necessidade tem de nós esta terra?" (ls, 160), são alguns desses questionamentos. O Papa insiste e menciona "a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta de um novo estilo de vida" (ls, 16). Estas perguntas, questionamentos e denúncias são profundamente indígenas. Os povos indígenas vêm questionando há 500 anos toda a depredação e violência contra a mãe terra, imposta pelo ocidente com seu modelo econômico e de desenvolvimento severamente destruidor. Na luta pelo cuidado da casa comum, todos os povos filhos da mãe terra são chamados a somar. Os povos indígenas são mestres e sábios nesta reciprocidade e solidariedade cuidadosa com a casa comum, mãe terra, e com todos os seres que nela habitam. Os povos indígenas são sementes de solução e fontes de esperança para a humanidade e o planeta

Caminhos de vida sementes milenares.

É fundamental ressaltar a resistência, as conquistas, as sementes milenares, os conhecimentos e sabedorias ancestrais e as fontes de esperança que, historicamente, os povos originários vêm trazendo à humanidade, como contribuição concreta e factível, conclamando para que a sociedade não indígena enxergue os outros mundos possíveis, já existentes, que precisam, urgente e necessariamente, serem expandidos. Desde os idos tempos da invasão de abya yala, américa ameríndia, ainda na paixão, como lembra Dom Pedro Casaldáliga, na missa da terra sem males, os mais de mil povos nativos que aqui viviam, sempre estiveram na resistência e lutaram para que seus projetos de vida contribuíssem para a construção da justiça e solidariedade, a partir da diversidade. Neste momento de profunda crise sistêmica mais uma vez as sementes milenares de valores e formas de vida ancestrais são oferecidas à humanidade para a superação dessas crises. Fontes de esperança Dom Pedro Casaldáliga afirma que "quanto mais difíceis os tempos, mais forte deve ser a esperança". Os povos indígenas são hoje fontes de esperança para uma humanidade sedenta de novos paradigmas de vida em harmonia com a mãe terra. Eles não são teoria social, eles são experiências históricas, vivências milenares de modos de vida profundamente sábios, respeitosos e em equilíbrio com a mãe terra, de bem viver e bem conviver com todos seus seres, de cuidado amoroso da nossa casa comum. Nesse sentido, os bispos reunidos em aparecida em 2007 declararam: "a igreja valoriza especialmente os indígenas por seu respeito à natureza e pelo amor à mãe terra como fonte de alimento, casa comum e altar do compartilhar humano" (dap 472). E o Papa Francisco, recentemente, também tem ressaltado que os povos indígenas são fontes de vida e esperança para a humanidade e o planeta (ls, 146): "neste sentido, é indispensável prestar uma atenção

especial às comunidades aborígenes com as suas tradições culturais. Não são apenas uma minoria entre outras, mas devem tornar-se os principais interlocutores, especialmente quando se avança com grandes projetos que afetam os seus espaços. Com efeito, para eles, a terra não é um bem econômico, mas dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descansam, um espaço sagrado com o qual precisam interagir para manter a sua identidade e os seus valores. Eles, quando permanecem nos seus territórios, são quem melhor os cuida. Em várias partes do mundo, porém, são objeto de pressões para que abandonem suas terras e as deixem livres para projetos extrativos e agropecuários que não prestam atenção à degradação da natureza e da cultura". E, com os povos indígenas, o Papa Francisco nos convida (ls, 144): "caminhemos cantando; que as nossas lutas e a nossa preocupação por este planeta não nos tirem a alegria da esperança" são quem melhor os cuida. Em várias partes do mundo, porém, são objeto de pressões para que abandonem suas terras e as deixem livres para projetos extrativos e agropecuários que não prestam atenção à degradação da natureza.

Espiritualidade e harmonia com a natureza.

Uma das características essenciais dos povos indígenas é a integralidade da vida em harmonia com a natureza, com os espíritos. Quando o meio ambiente e as florestas são destruídos, as águas são poluídas e a rica biodiversidade que garante a vida na casa comum é exterminada, os sistemas de vida das populações originárias são inviabilizados, causando a morte e o etnocídio desses povos. Na semana dos povos indígenas deste ano procuramos entender um pouco mais sobre os diversos desafi os que enfrentam os povos indígenas, depois de mais de cinco séculos de resistência, na atual conjuntura brasileira e dentro do contexto global que vive a humanidade e o planeta, nossa casa comum. Infelizmente, é evidente a incapacidade da sociedade não indígena de viver a reciprocidade e o cuidado com todos os seres, a solidariedade e o respeito à diversidade.

29 - RENAP - Testemunho de Teresa Gricelda Cofré

A Rede Nacional de Advogados e Advogadas Populares - RENAP celbrou 20 anos de trabalho Resultado desse entendimento, uns 200 advogados e advogadas se organizaram na maior e mais antiga organização do campo jurídico popular brasileiro.

A rede teve o inicio em 1995 em Maringá, por meio de um grupo de advogados ligados à caminhada das Comunidades Eclesiais de Base, que através da Comissão Pastoral da Terra e do Movimento Sem Terra, fizeram frente a uma ofensiva de delegados, promotores e juízes que, orquestradamente, enquadravam as ações de reivindicação de terra como crime.

Estou incluindo aqui um breve testemunho,de Teresa Gricelda Cofré Rodrigues, integrante desse grupo de Advogados do Paraná publicado na Folha de São Paulo da época, sobre a ação da justiça em relação ao MST no Paraná, na década de 90.

Denúncias e inquéritos instaurados em desfavor dos Sem Terra fizeram com que os trabalhadores passassem a entender que luta jurídica era estratégica para a luta política.

Resultado desse entendimento, uns 200 advogados e advogadas comemoraram, em novembro 2016, os 20 anos da RENAP, a maior e mais antiga organização do campo jurídico popular brasileiro.

A rede teve o inicio em 1995 em Maringá, por meio de um grupo de advogados ligados à caminhada das Comunidades Eclesiais de Base, através da Comissão Pastoral da Terra e do Movimento Sem Terra, para fazer frente a uma ofensiva de delegados, promotores e juízes que, orquestradamente, enquadravam

as ações de reivindicação de terra como crime.

Estou incluindo aqui um breve testemunho, publicado na Folha de São Paulo da época, sobre a ação da justiça em relação ao MST no Paraná, na década de 90. Texto de Teresa Gricelda Cofré Rodrigues, integrante desse grupo de Advogados do Paraná – RENAP.

A década de 90 foi marcada pela intolerância ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra por parte do Poder Público, no Estado do Paraná. Truculência do Poder Executivo, por meio do grupo Águia da Policia Militar, comandada pelo major Waldir Copetti Neves, que se especializou na repressão aos trabalhadores sem terra, agindo sistematicamente na perseguição do MST. O Major Neves, em monografia "MST e suas ações no Paraná", trabalho de conclusão de curso de Estudos de Política Estratégica, da Escola Superior de Guerra, em 1999, afirma que o MST estaria preparando uma estratégia para tomar o poder, buscando uma desestruturação no campo com o objetivo de desestabilizar o país. Assim, em nome da defesa do estado, se justificava, desde a infi1traação de agentes entre os sem-terra, escutas telefônicas ilegais, até violentas operações de despejo. Para isso, a polícia militar paranaense fazia treinamento em Israel com o objetivo de aprender técnicas ante terrorismo, cujas práticas eram repassadas à corporação direcionada ao combate dos acampados. Era o que provavam imagens de vídeos entregues por um soldado da polícia militar, hoje sob custodia do programa de proteção a testemunhas.

A desfaçatez do Governo de Estado ficou evidenciada principalmente na região noroeste do Estado, nas brutais operações de desocupação de propriedades rurais, chegando ao ponto da polícia militar, em grande número e fortemente armada, cercar e isolar o pacato município de Querência do Norte, impedindo o acesso de advogados, jornalistas, representantes de entidades de defesa de direitos humanos, ate dos próprios moradores, enquanto praticava todo sorte de violações de direitos fundamentais, no cumprimento de duvidosas liminares de reintegração de posse.

A parcialidade do Judiciário, na ação da juíza Elizabeth Khater, da comarca de Loanda, que concedeu inúmeras liminares de reintegração de posse, despachadas em poucos minutos, desde que as tensas ações eram protocoladas no cartório civil, carecendo de qualquer fundamentação ou manifestação

do representante do Ministério Público assim como, decretação de prisões preventivas das lideranças do movimento, também infundadas.

A atuação parcial da magistratura ficou patente quando comemorando as operações de despejo junto com os policiais e proprietários de terras confundiu um jornalista com um policial e manifestou a ele sua satisfação com o "trabalho" realizado, o que rendeu uma nota na Folha de São Paulo, principal jornal de circulação nacional.

Grande omissão coube ao Legislativo, que tendo como competência a fiscalização do Executivo, além do poder de investigação através de comissões parlamentares de inquérito, nunca se manifestou sobre as sistemáticas violações dos direitos dos trabalhadores rurais cometidas durante o governo Jaime Lerner, fartamente noticiadas e denunciadas. Ao invés disso, em 2004, os parlamentares instauraram CPI da reforma agrária no Paraná que, a pretexto da preocupação com a reforma agrária no Estado, tinha por objetivo subliminar a criminalização do Movimento Sem-terra, como se depreende do seu ácido relatório final.

Em 2007, um deputado propôs fosse concedido título de cidadã honorária a juíza Elizabeth Khater, pelos relevantes serviços prestados ao povo paranaense, cuja honraria foi aprovada e sancionada pelo Governador e entregue à homenageada em cerimônia da Assembleia Legislativa, em Loanda.

Em junho de 1999, no Jornal Nacional da Rede Globo, de grande audiência em todo o país, foram divulgados trechos dessas gravações, descontextualizadas, de forma que quem visse a matéria pensasse que os sem-terra eram um bando de criminosos, já que colocaram conversas ingênuas e até engraçadas sobre a juíza Khater pela qual, obviamente, ninguém tinha simpatia, desvirtuando totalmente o sentido dos diálogos.

Foi um choque para quem viu aquilo e de alguma maneira estava envolvido. Um sentimento de desalento e de impotência ao constatar como Poder Público usava de todos os meios para tentar criminalizar os trabalhadores rurais que, com tanto sacrifício haviam conseguido, ao serem assentados em Querência do Norte, se organizar em uma Cooperativa Agrária, legitimamente constituída para produzir e comercializar seus produtos.

30. A Integra da Carta Do Presidente Lula a CNBB

O Relacionamento Entre Estado e Igreja.

RIO - Confira abaixo a íntegra da carta do presidente Luiz Inácio Lula da Silva enviada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que abriu nesta quarta-feira sua 48ª Assembleia Geral.

"Brasília, 30 de abril de 2010

"A S. Excia. Revma.

"Dom Geraldo Lyrio

"DD. Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

"Meu Prezado Dom Geraldo,

"Neste momento em que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil realiza em Brasília sua Assembleia Geral, tomo a liberdade de lhe enviar minha fraterna saudação, com o pedido de que esta mensagem seja comunicada aos Eminentes Senhores Cardeais, aos Senhores Arcebispos, Bispos, Sacerdotes, Religiosos e Religiosas, bem como a todos que compõem e participam desta

grande Assembleia.

“Antes de mais nada, quero cumprimentar a direção da CNBB pela iniciativa de realizar em Brasília, que comemora seus cinqüenta anos, tanto sua Assembleia Geral como o XVI Congresso Eucarístico Nacional. Esses dois eventos, além de honrarem e dignificarem a comemoração dos cinqüenta anos da Capital do País, certamente, por sua densidade espiritual, nos ajudarão na superação da grave crise política e ética que se abate tristemente sobre esta Cidade.

“Como o Senhor deve se lembrar, tive a honra de visitar, em meu primeiro ano de Governo, a Assembleia Geral da CNBB que se realizava em Itaici; agora, esta Assembleia que se inicia coincide com meu último ano de Governo. Neste momento, Dom Geraldo, minha primeira palavra é de agradecimento pelo diálogo e pela convivência franca e fraterna que tivemos ao longo desses quase 8 anos. O apoio da Igreja Católica em suas instâncias nacional, regionais e locais foi fundamental para que pudéssemos realizar e implementar as políticas sociais nestes dois mandatos. Tenho consciência de quanto são importantes os convênios com as entidades religiosas para que as políticas sociais aconteçam de fato em todo o País e em toda sua capilaridade junto ao povo mais pobre e excluído. Ao mesmo tempo, as críticas e os embates, em temas específicos, que vivenciamos com maturidade nos ajudaram a corrigir erros e limitações. As divergências e posições diferenciadas que tomamos não afastaram em nenhum momento nossa vontade de diálogo e mútua contribuição.

“Nosso Governo, Dom Geraldo, procurou nestes anos pautar-se pelo necessário equilíbrio entre sua definição como Governo de um Estado laico, e, ao mesmo tempo, desenvolver uma política de intenso diálogo com as diferentes Igrejas e Religiões. Tenho consciência dos desafios que esta posição implica, por se tratar muitas vezes de um debate entre diferentes culturas, sensibilidades e concepções éticas. No entanto, não abrimos mão deste relacionamento franco e foi nesta perspectiva que debatemos e levamos a bom termo nosso Acordo firmado e ratificado com a Santa Sé. Entendemos que este Acordo se constitui num avanço da institucionalização de nossas relações, dando maior segurança para a atuação da Igreja Católica em nosso País.

“Mas sem dúvida, a questão que mais nos aproxima e identifica é o cuidado para com este grande contingente de brasileiros que ao longo da história

foi mantido à margem da cidadania em seus mínimos direitos. Para mim, Dom Geraldo, esta é a questão central da grande discussão, tão atual, em torno dos Direitos Humanos. Tenho consciência, Dom Geraldo que o Estado e o Governo estão em dívida com amplos setores da sociedade brasileira. E neste aspecto, sei muito bem que muito ainda resta a fazer, e um longo caminho a percorrer até que este País se constitua de fato numa verdadeira Nação e seus filhos tenham sua dignidade respeitada, e assegurado seu direito à participação verdadeiramente democrática em todos os sentidos.

"Por outro lado, Dom Geraldo, confesso para o Senhor que o que mais me orgulha quando revejo estes longos anos de trabalho, é a constatação de que efetiva e concretamente conseguimos reduzir a fome, a miséria e a exclusão de nosso Povo ... e aí os números não mentem. Minha maior alegria nestes tempos consiste em observar os dados que efetivamente demonstram a redução das taxas da exclusão. Porque sabemos todos que atrás de cada número se escondem milhares de seres humanos que começam a realimentar sua esperança de vida digna. Da mesma forma bem sei que esses resultados foram fruto de escolhas claras e definidas que desagradaram a alguns, mas que acenderam uma nova luz no coração de nossa gente. Não me iludo nem me envaideço com os índices de popularidade. Mas eles servem para demonstrar simplesmente que nosso povo está se sentindo cada vez mais participante deste banquete antes restrito a minorias. E quero lhe reafirmar que a Igreja Católica, assim como outras entidades religiosas, tem uma importante participação neste processo. Seja por sua participação direta nas ações sociais, seja por seu posicionamento cobrando e exigindo políticas de atenção aos excluídos, assim como pela formação de muitas lideranças sociais que hoje são responsáveis por importantes processos de mobilização da sociedade brasileira.

"Neste momento, Dom Geraldo, quero agradecer muito a Deus por tudo

o que aconteceu nestes anos. Tenho para comigo mesmo que as bênçãos de Deus e de Nossa Senhora Aparecida, cujo Santuário pretendo visitar em ato de gratidão antes do fim deste mandato, foram essenciais para que chegássemos até aqui. E peço suas orações e de todos os Senhores Bispos para que sigamos nesta missão até o último dia deste mandato e que o Povo brasileiro tenha a luz e a sabedoria para fazer sua escolha quanto à nossa sucessão.

"Desejo muitas luzes para esta Assembleia que se inicia e cujos resultados sem dúvida tem enorme importância para nosso povo.

Um forte e fraterno abraço".

"Luiz Inácio Lula da Silva

Presidente da República Federativa do Brasil"

Fonte:Folha de S. Paulo

31. JOÃO PEDRO STEDILE

''Nós, da Via Campesina Lutamos Junto Com o Papa para Parar o Diabo."

João Pedro Stedile olha a primeira página do jornal **Il Fatto Quotidiano** em que se vê **Maurizio Landini** enfrentando a polícia. «Um líder sindical sem gravata? Sério?» A piada sintetiza muito o perfil e a história desse dirigente, já de nível internacional, do movimento «campesino».

A reportagem é de **Salvatore Cannavò**, publicada no jornal **Il Fatto Quotidiano**, 03-11-2014. A tradução é de **Moisés Sbardelotto**.

O **Movimento dos Sem-Terra**, é uma organização fundamental do Brasil, imortalizada pelas históricas imagens de Sebastião Salgado e com uma história de 30 anos feita de vitórias e de derrotas, mas sempre no primeiro plano da organização dos agricultores.

Stedile é o seu dirigente mais importante. Ele nunca usou gravata e sempre concebeu o seu papel como porta-voz de uma realidade pobre, muito em busca da sua própria emancipação.

Marxista ligado à história da teologia da libertação, ele foi um dos organizadores do **Encontro Mundial de Movimentos Populares** que ocorreu no Vaticano na semana passada. Em uma das sessões desse debate, que ocorreu entre as curvas sugestivas da sala do Velho Sínodo, ele sugeriu aos purpurados presentes que canonizem até *"Santo Antônio... Gramsci"*.

Os **Sem-Terra**, a imponente organização que ele dirige, com cerca de 1,5 milhão de membros, têm uma história antiga de ocupações de terra, de lutas e conflitos também duros. Mas também cultivam uma relação "leiga" com o poder, ou, como ele explica, de "autonomia absoluta". Por isso, na última eleição brasileira, apesar de não se envolver muito no primeiro turno

eleitoral, depois apoiaram Dilma Rousseff no segundo.

Chegando na Itália para o encontro no Vaticano, ele fez uma turnê de encontros na península apresentando o livro *La lunga marcia dei senza terra* [A longa marcha dos sem-terra] (EMI Edizioni), de Claudia Fanti, Serena Romagnoli e Marinella Correggia.

No sábado à tarde, foi visitar a Rimaflow, em Trezzano sul Naviglio, a fábrica recuperada que Stedile, diante de 300 pessoas, batizou como *"embaixadora dos Sem-Terra em Milão".*

Eis a entrevista.

Como nasceu o encontro no Vaticano?

Tivemos a sorte de manter relações com os movimentos sociais da Argentina, amigos de Francisco, com os quais começamos a trabalhar no encontro mundial. Assim, reunimos 100 dirigentes populares de todo o mundo, sem confissões religiosas. A maioria não era católica. Um encontro muito proveitoso.

O senhor é de formação marxista. Qual a sua opinião sobre o Papa e a iniciativa vaticana?

O Papa deu uma grande contribuição, com um documento irrepreensível, mais à esquerda do que muitos de nós. Porque afirmou questões de princípio importantes como a reforma agrária, que não é só um problema econômico e político, mas também moral. De fato, ele condenou a grande propriedade. O importante é a simbologia: em 2.000 anos, nenhum Papa jamais organizou uma reunião desse tipo com movimentos sociais.

O senhor foi um dos promotores dos Fóruns Sociais nascidos em Porto Alegre. Há uma substituição simbólica por parte do Vaticano em relação à esquerda?

Não, acho que Francisco teve a capacidade de se colocar corretamente diante dos grandes problemas do capitalismo atual como a guerra, a

ecologia, o trabalho, a alimentação. E ele tem o mérito de ter iniciado um diálogo com os movimentos sociais. Eu não acho que há sobreposição, mas complementaridade. Em todo caso, assumo a autocrítica, como promotor do Fórum Social, do seu esgotamento e da sua incapacidade de criar uma assembleia mundial dos movimentos sociais. Do encontro com Francisco, nascem duas iniciativas: formar um espaço de diálogo permanente com o Vaticano e, independentemente da Igreja, mas aproveitando a reunião de *Roma*, construir no futuro um espaço internacional dos movimentos do mundo.

Para fazer o quê?

Para combater o capital financeiro, os bancos, as grandes multinacionais. Os "inimigos do povo" são esses. Como diria o Papa, esse é o diabo. Mesmo que todos nós vivamos o inferno. Os pontos traçados do encontro de Roma são muito claros*: a terra*, para que os alimentos não sejam uma mercadoria, mas um direito; o direito de todos os povos de terem *um território,* seu próprio país, pense-se nos curdos de Kobane ou nos palestinos; *um teto* digno para todos; *o trabalho* como direito inalienável.

Os Sem-Terra organizam cursos de formação sobre Gramsci e Rosa Luxemburgo. Nenhum problema para trabalhar com o Vaticano?

Nós vivemos uma crise epocal. As ideologias do segundo pós-guerra se aprofundaram. As pessoas não se sentem mais representadas. No entanto, essa crise também oferece oportunidades de mudança, desde que ninguém se apresente com a solução pronta no bolso. Será preciso um processo, um movimento de participação popular. E qualquer pessoa disposta a participar dele deve ser incluída.

No Brasil, vocês apoiaram a eleição de Dilma Rousseff. Qual é a sua opinião sobre o governo do PT e o seu futuro?

A autonomia, para nós, é um valor importante. O *PT* geriu o poder com uma linha de *"neodesenvolvimentismo*", mais progressista do que o neoliberalismo, mas baseada em um pacto de conciliação entre grandes bancos, capital financeiro e setores sociais mais pobres. A operação de redistribuição da

renda favoreceu a todos, mas principalmente os bancos. Agora, porém, esse pacto não funciona mais, as expectativas populares cresceram. O ensino universitário, por exemplo, integrou 15% da população estudantil, mas os 85% que ficaram de fora pressionam para entrar. Só que, para responder a essa demanda, seria preciso ao menos 10% do PIB, e, para levantar recursos desse tamanho, se romperia o pacto com as grandes empresas e os bancos.

Então?

O governo tem três caminhos: unir-se novamente à grande burguesia brasileira, como lhe pede o *PMDB,* construir um novo pacto social com os movimentos populares ou não escolher e abrir uma longa fase de crise. Nós queremos desempenhar um papel e, por isso, propomos um referendo popular para uma Assembleia Constituinte para a reforma da política. A força do povo não está no Parlamento.

Qual é a situação do Movimento dos Sem-Terra hoje?

A nossa ideia, no início, era a de realizar o sonho de todo agricultor do século XX: a terra para todos, bater o latifúndio. Mas o capitalismo mudou, a concentração da terra também significa concentração das tecnologias, da produção, das sementes. É inútil ocupar as terras se, depois, produzirem transgênicos. Não é mais suficiente repartir a terra, mas é preciso uma alimentação para todos, e uma alimentação sadia e de qualidade. Hoje visamos a uma reforma agrária integral, e a nossa luta diz respeito a todos. Por isso, é preciso uma ampla aliança com os operários, os consumidores e também com a Igreja. Somos aliados de qualquer pessoa que deseje a mudança.

32 . DARCI FRIGO

Um Julgamento Emblemático.

A data de hoje, 27 de julho, é emblemática para os movimentos sociais e trabalhadores rurais do Paraná, que há anos são vítimas da violência no campo. Às 13h, inicia-se, em Curitiba, o *Tribunal do Júri do caso Eduardo Anghinoni,* trabalhador rural, assassinado em *Querência do Norte*, noroeste do estado, em 1999. O julgamento de *Jair Firmino Borracha*, pistoleiro acusado pelo assassinato, poderá ser a primeira punição de milícia privada no campo. "O caso de *Eduardo* é emblemático porque ele pode trazer elementos para identificarmos os mandantes que estão envolvidos não só nesse assassinato, mas em outros. (...) Se o júri tiver um resultado positivo, acredito que vamos dar o primeiro passo para combater a impunidade que persiste ao longo da história do país», disse *Frigo à IHU On-Line*, em entrevista concedida por telefone.

Anghinoni foi assassinado em um período em que a violência no campo no Paraná era intensificada pelas *milícias armadas.* Segundo Frigo, no governo *Jaime Lerner*, entre 1995 e 2002, "algumas centenas de trabalhadores foram presos e mais de 300 ficaram feridos. Além disso, aconteceram 134 ações de despejos e 17 assassinatos". Para ele, apesar de apresentar novas nuances, a violência no campo tem problemas estruturais e não é combati-

da porque é legitimada pela sociedade. "Vivemos uma grande contradição: ao mesmo tempo em que o governo "abre uma janela' para combater a violência no campo e defender os defensores dos direitos humanos, ele reforça projetos de crescimento econômico que têm vulnerabilizado todos aqueles que estão em regiões distantes e que acabam tendo seus direitos violados", conclui.

Darci Frigo é formado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – *PUCPR*. Ele trabalhou por 17 anos na Comissão Pastoral da Terra – *CPT* e atualmente, além de coordenar a ONG *Terra de Direitos*, é conselheiro do Programa Nacional de Proteção a Defensores de Direitos Humanos. Frigo recebeu em 2001, o prêmio Internacional *Robert F. Kennedy* por sua luta pelos Direitos Humanos no Brasil.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em que contexto se deu o assassinato do militante do MST Eduardo Anghinoni?

Darci Frigo – O contexto era de conflitos agrários espalhados por todo o estado do Paraná em função de uma demanda muito grande por terras: mais de 100 áreas, naquele período, estavam ocupadas pelo *MST*. O estado do Paraná, a partir de 1997, no governo **Jaime Lerner**, passou a adotar uma política de repressão muito forte contra movimentos sociais, especialmente o *MST*.

IHU On-Line – No que se constituíam, como se organizavam e funcionavam as milícias privadas dos fazendeiros na região?

Darci Frigo – No estado do Paraná, naquele período, houve uma combinação entre a ação do próprio Estado, que passou a atuar através da Secretaria de Segurança Pública como um braço do latifúndio, e uma conivência explícita com a organização de milícias privadas no campo. Essas milícias foram organizadas especialmente na região noroeste do Paraná pela *União Democrática Ruralista – UDR,* que atuou na mobilização de fazendeiros e na contratação de pistoleiros. Havia uma milícia que atuava através de uma empresa de segurança de fachada, a qual foi responsável por vários assassinatos na região. Entre o final dos anos **1990 e início de 2003** ocorreram seis assassinatos.

IHU On-Line – Quais eram os métodos mais utilizados pelas milícias privadas?

Darci Frigo – Essas milícias atuaram normalmente na região através das empresas de segurança de fachada ou através da contratação de pistoleiros de outros estados. Certa vez, vários pistoleiros do Mato Grosso do Sul foram presos. Eles agiam na região fazendo emboscadas ou atuando através da ação com fazendeiros, fazendo despejos de áreas que estavam ocupadas por trabalhadores, as quais, mais tarde, foram desapropriadas para assentar famílias.

Essas ***milícias procuravam identificar as lideranças*** para eliminá-las. A morte do Eduardo Anghinoni se deu exatamente nessa perspectiva, porque os pistoleiros buscavam uma das principais lideranças*, Celso Anghinoni*, irmão de Eduardo. Eles se confundiram e mataram *Eduardo* por engano, mas o objetivo era matar *Celso* para desmobilizar a organização dos trabalhadores.

IHU On-Line – Há ainda esse tipo de milícias em operação?

Darci Frigo – No momento, com a diminuição dos conflitos agrários, não ocorre uma ação mais evidenciada. Entretanto, toda vez que os movimentos sociais e os trabalhadores se mobilizam para reivindicar a reforma agrária, as milícias reaparecem.

Em 2007 e 2008, os produtores rurais organizaram uma milícia privada, que atuou com muita violência, a qual foi responsável pelo assassinato

do *Valmir Mota de Oliveira (Keno).* **Eli** Dallemole**,** outro militante também foi assassinado por uma milícia privada.

Essas milícias reaparecem porque não há um combate efetivo por meio das autoridades. Então, na hora em que os fazendeiros querem reprimir os trabalhadores, elas voltam a atuar.

IHU On-Line – O movimento social paranaense acusou o ex-governador Jaime Lerner (1994-2002) de "arquiteto da violência" em função do elevado número de ações violentas praticadas contra os sem terra. Além do uso do aparato estatal contra os movimentos sociais, o governador era conivente com os grupos paraestatais como as milícias privadas?

Darci Frigo – O ex-governador foi alvo de um tribunal popular em maio de 2001, em *Curitiba*, onde sofreu uma condenação moral e política por ter sido conivente com a ação desses grupos no estado do Paraná. A Secretaria de Segurança Pública, naquele período, agia como um braço forte de repressão aos movimentos sociais e era conivente com essas milícias, as quais nunca foram combatidas e desmanteladas.

De 1995 a 2002, muitos trabalhadores (centenas deles) foram presos e mais de 300 ficaram feridos. Além disso, aconteceram 134 ações de despejos e 17 assassinatos. O governador, na época, teve uma responsabilidade de não ter, apesar das inúmeras denúncias feitas, desmontado o aparato policial organizado em seu governo para *reprimir os trabalhadores.*

IHU On-Line – Por que o julgamento do caso Eduardo Anghinoni, num Tribunal do Júri, é considerado emblemático?

Darci Frigo – Primeiro, porque estamos vivendo novamente a situação da violência no campo. Esse tema ganhou as primeiras páginas dos jornais da mídia brasileira, como se esse fosse um caso novo no país. O que há de novo nessa situação é o fato de que, além da terra, a busca por recursos naturais se tornou causa de *violência no campo.*

Alguns ingredientes comuns perpassam a violência no campo no Brasil. Um deles é a cultura instituída em várias regiões do país de que são necessárias

milícias armadas para combater posseiros, trabalhadores, quilombolas, indígenas. Essa ideia está arraigada desde os tempos da colônia. O traço de toda essa violência é a impunidade.

Três casos de assassinatos no campo julgados no Paraná foram absolvidos. Nenhum mandante foi levado a júri. Conseguimos que o caso *Eduardo* fosse julgado na capital, já que na região onde ocorreu o assassinato não há condições para se realizar um júri.

O Brasil já foi condenado na corte interamericana e, dos quatro casos julgados, dois aconteceram no Paraná. Então, há uma tensão internacional sob os *casos de violência* no nordeste do Paraná. O caso de *Eduardo* é emblemático porque ele pode trazer elementos para identificarmos os mandantes que estão envolvidos não só nesse assassinato, mas em outros.

O assentamento em que a família de *Celso Anghinoni* mora foi legalizado em 1988. Eles são grandes produtores de arroz: produzem mais de 250 mil sacas de arroz no município de *Querência do Norte*, quer dizer, 33% de todo o arroz do Paraná. Se esses agricultores eram assentados e viviam em uma área legalizada, por que pistoleiros foram no assentamento assassinar *Eduardo Anghinoni*? Essa atitude é característica de uma milícia contratada para matá-lo.

O *ex-presidente da UDR* foi reconhecido por uma testemunha, a qual disse que ele atirou em *Sebastião Camargo*, outra liderança sindical.

Se o júri tiver um resultado positivo, acredito que vamos dar o primeiro passo para combater a impunidade que persiste ao longo da história do país.

IHU On-Line – Autoridades como o ministro de Estado estão sendo convidados para assistirem ao julgamento. Qual a razão?

Darci Frigo – Eu participei da reunião do *Programa Nacional dos Defensores de Direitos Humanos* na semana passada e analisamos o caso de pessoas que estão sofrendo ameaças de morte no país todo. Durante essa reunião, que aconteceu na Secretaria de Direitos Humanos, solicitamos que a ministra *Maria do Rosário, a Secretaria Geral da Presidência da República e*

a Ouvidoria Agrária Nacional estejam presentes no júri para servirem de testemunha no sentido de reforçar a importância de que haja justiça para os responsáveis por estes assassinatos, para que o júri não aconteça de forma invisível e para que ele tenha a visibilidade necessária.

Nós precisamos garantir os direitos humanos de todas as pessoas, especialmente daquelas que vivem em regiões remotas do nosso país, aquelas que lutam por terras, pela proteção das florestas.

IHU On-Line – Existe possibilidade de se chegar aos mandantes do crime?

Darci Frigo – Nesse julgamento, uma pergunta ficará em aberto se o acusado não revelar quais foram as razões que o levaram a assassinar *Eduardo Anghinoni*. Ele pode negar o crime, mas há uma prova técnica reconhecida pela perícia: a arma que foi utilizada para assassinar *Eduardo* estava com o pistoleiro no momento em que a polícia o prendeu.

Caso ele negue o caso, nós vamos requerer ao *Ministério Público* que amplie as investigações, já que no processo há indícios de participação dessa organização criminosa que atuou na região e que pode levar aos mandantes. O júri do caso *Sebastião Camargo*, que acontecerá nos próximos meses, também poderá trazer novos elementos para poder caracterizar essas organizações criminosas que envolvem grandes fazendeiros da região.

Uma das testemunhas da morte do *Eduardo já recebeu ameaças*. Uma pessoa telefonou e disse que, se ela aparecer no júri, sofrerá danos a sua integridade física. Essa é uma testemunha importante porque sabe informações fundamentais.

No Brasil, não basta você condenar os executores; é preciso encontrar os mandantes. Executores são contratados a todo o momento, pois existem muitas pessoas que vivem em situações precárias, nas periferias das cidades.

IHU On-Line – Por que a maioria dos casos dos assassinatos contra lideranças no campo não vão a julgamento? O judiciário tem ideia preconcebida em relação ao MST?

Darci Frigo – O sistema de justiça como um todo sofre uma grande influência de uma visão patrimonialista, que coloca as pretensões dos grandes latifundiários como pretensões que estão acima da vida e dos outros direitos. Essa cultura de tratar a terra como um bem que está acima da vida das pessoas influencia muito no posicionamento no sistema judiciário como um todo. Os trabalhadores rurais são considerados cidadãos de segunda categoria e isso influencia muito a posição que é afirmada no seio das universidades e dos meios de comunicação.

A organização dos trabalhadores é alvo de uma ação ideológica de vários setores que estigmatizam a luta por um direito que está consagrado na constituição. Assim, os trabalhadores são apresentados para a opinião pública como pessoas contrárias à sociedade.

IHU On-Line – Como o senhor interpreta a nova onda de violência contra lideranças camponesas, sobretudo na região Norte do país? Quais são as causas? Como o Estado tem reagido?

Darci Frigo – Temos uma nova janela para enfrentar esse problema no país à medida que o tema ganhou relevo tanto no âmbito da opinião pública como no governo. As causas da violência no campo são estruturais, embora existam nuances novas. A distribuição da terra no país segue sendo um *problema não resolvido* e isso demonstra que ainda precisamos lutar pela reforma agrária e pela regularização fundiária para os quilombolas, para os indígenas.

As novas nuances desse tema estão voltadas para o grande apetite que o capital tem demonstrado em relação aos recursos naturais. De um lado, há uma ampliação dos projetos de monocultura e, de outro, o avanço das fronteiras agrícolas aonde ainda existem florestas. Essa frente devastadora busca remover qualquer empecilho. Os ***assassinatos de José Cláudio e Maria,*** no Pará, aconteceram nesse contexto, porque eles denunciavam os madeireiros que queriam acabar com *as Reservas Legais*. A frente de expansão da mineração também tem sido forte no sentido de expulsar os trabalhadores.

Estamos vivendo uma nova onda de investida das forças do capital sob os últimos recursos naturais, sem uma ação do Estado para combater a impunidade e a violência. O modelo de desenvolvimento acaba fortalecendo

esse problema. Vivemos uma grande contradição: ao mesmo tempo em que o governo “abre uma janela” para combater a violência no campo e defender os defensores dos direitos humanos, ele reforça projetos de crescimento econômico que têm vulnerabilizado todos aqueles que estão em regiões distantes e que acabam tendo seus direitos violados.

33 - DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA BOLIVIA.

(Bolívia, Santa Cruz – Expo Feira, 9 de Julho de 2015)

Boa tarde a todos!

Há alguns meses, reunimo-nos em Roma e não esqueço aquele nosso primeiro encontro. Durante este tempo, trouxe-vos no meu coração e nas minhas orações. Alegra-me vê-vos de novo aqui, debatendo os melhores caminhos para superar as graves situações de injustiça que padecem os excluídos em todo o mundo. Obrigado Senhor Presidente Evo Morales, por sustentar tão decididamente este Encontro.

Então, em Roma, senti algo muito belo: fraternidade, paixão, entrega, sede de justiça. Hoje, em Santa Cruz de la Sierra, volto a sentir o mesmo. Obrigado! Soube também, pelo Pontifício Conselho «Justiça e Paz» presidido pelo Cardeal Turkson, que são muitos na Igreja aqueles que se sentem mais próximos dos movimentos populares. Muito me alegro por isso! Ver a Igreja

com as portas abertas a todos vós, que se envolve, acompanha e consegue sistematizar em cada diocese, em cada comissão «Justiça e Paz», uma colaboração real, permanente e comprometida com os movimentos populares. Convido-vos a todos, bispos, sacerdotes e leigos, juntamente com as organizações sociais das periferias urbanas e rurais a aprofundar este encontro.

Deus permitiu que nos voltássemos a ver hoje. A Bíblia lembra-nos que Deus escuta o clamor do seu povo e também eu quero voltar a unir a minha voz à vossa: terra, tecto e trabalho para todos os nossos irmãos e irmãs. Disse-o e repito: são direitos sagrados. Vale a pena, vale a pena lutar por eles. Que o clamor dos excluídos seja escutado na América Latina e em toda a terra.

1. **Comecemos por reconhecer que precisamos duma mudança**. Quero esclarecer, para que não haja mal-entendidos, que falo dos problemas comuns de todos os latino-americanos e, em geral, de toda a humanidade. Problemas, que têm uma matriz global e que actualmente nenhum Estado pode resolver por si mesmo. Feito este esclarecimento, proponho que nos coloquemos estas perguntas:

- Reconhecemos nós que as coisas não andam bem num mundo onde há tantos camponeses sem terra, tantas famílias sem tecto, tantos trabalhadores sem direitos, tantas pessoas feridas na sua dignidade?

- Reconhecemos nós que as coisas não andam bem, quando explodem tantas guerras sem sentido e a violência fratricida se apodera até dos nossos bairros? Reconhecemos nós que as coisas não andam bem, quando o solo, a água, o ar e todos os seres da criação estão sob ameaça

constante?

Então digamo-lo sem medo: Precisamos e queremos uma mudança.

Nas vossas cartas e nos nossos encontros, relataram-me as múltiplas exclusões e injustiças que sofrem em cada actividade laboral, em cada bairro, em cada território. São tantas e tão variadas como muitas e diferentes são as formas próprias de as enfrentar. Mas há um elo invisível que une cada uma destas exclusões: conseguimos nós reconhecê-lo? É que não se trata de questões isoladas. Pergunto-me se somos capazes de reconhecer que estas realidades destrutivas correspondem a um sistema que se tornou global. Reconhecemos nós que este sistema impôs a lógica do lucro a todo o custo, sem pensar na exclusão social nem na destruição da natureza?

Se é assim – insisto – digamo-lo sem medo: Queremos uma mudança, uma mudança real, uma mudança de estruturas. Este sistema é insuportável: não o suportam os camponeses, não o suportam os trabalhadores, não o suportam as comunidades, não o suportam os povos.... E nem sequer o suporta a Terra, a irmã Mãe Terra, como dizia São Francisco.

Queremos uma mudança nas nossas vidas, nos nossos bairros, no vilarejo, na nossa realidade mais próxima; mas uma mudança que toque também o mundo inteiro, porque hoje a interdependência global requer

respostas globais para os problemas locais. A globalização da esperança, que nasce dos povos e cresce entre os pobres, deve substituir esta globalização da exclusão e da indiferença.

Hoje quero reflectir convosco sobre a mudança que queremos e precisamos. Como sabem, recentemente escrevi sobre os problemas da mudança climática. Mas, desta vez, quero falar duma mudança noutro sentido. Uma mudança positiva, uma mudança que nos faça bem, uma mudança – poderíamos dizer – redentora. Porque é dela que precisamos. Sei que buscais uma mudança e não apenas vós: nos diferentes encontros, nas várias viagens, verifiquei que há uma expectativa, uma busca forte, um anseio de mudança em todos os povos do mundo. Mesmo dentro da minoria cada vez mais reduzida que pensa sair beneficiada deste sistema, reina a insatisfação e sobretudo a tristeza. Muitos esperam uma mudança que os liberte desta tristeza individualista que escraviza.

O tempo, irmãos e irmãs, o tempo parece exaurir-se; já não nos contentamos com lutar entre nós, mas chegamos até a assanhar-nos contra a nossa casa. Hoje, a comunidade científica aceita aquilo que os pobres já há muito denunciam: estão a produzir-se danos talvez irreversíveis no ecossistema. Está-se a castigar a terra, os povos e as pessoas de forma quase selvagem. E por trás de tanto sofrimento, tanta morte e destruição, sente-se o cheiro daquilo que Basílio de Cesareia chamava «o esterco do diabo»: reina a ambição desenfreada de dinheiro. O serviço ao bem comum fica em segundo plano. Quando o capital se torna um ídolo e dirige as opções dos seres humanos, quando a avidez do dinheiro Domina todo o sistema socioecónomico, arruína a sociedade, condena o homem, transforma-o em escravo, destrói a fraternidade inter-humana, faz lutar povo contra povo e até, como vemos, põe em risco esta nossa casa comum.

Não quero alongar-me na descrição dos efeitos malignos desta ditadura subtil: vós conhecei-los! Mas também não basta assinalar as causas estruturais do drama social e ambiental contemporâneo. Sofremos de um certo excesso de diagnóstico, que às vezes nos leva a um pessimismo charlatão ou a rejubilar com o negativo. Ao ver a crónica negra de cada dia,

pensamos que não haja nada que se possa fazer para além de cuidar de nós mesmos e do pequeno círculo da família e dos amigos.

Que posso fazer eu, recolhedor de papelão, catador de lixo, limpador, reciclador, frente a tantos problemas, se mal ganho para comer? Que posso fazer eu, artesão, vendedor ambulante, carregador, trabalhador irregular, se não tenho sequer direitos laborais? Que posso fazer eu, camponesa, indígena, pescador que dificilmente consigo resistir à propagação das grandes corporações? Que posso fazer eu, a partir da minha comunidade, do meu barraco, da minha povoação, da minha favela, quando sou diariamente discriminado e marginalizado? Que pode fazer aquele estudante, aquele jovem, aquele militante, aquele missionário que atravessa as favelas e os paradeiros com o coração cheio de sonhos, mas quase sem nenhuma solução para os meus problemas? Muito! Podem fazer muito. Vós, os mais humildes, os explorados, os pobres e excluídos, podeis e fazeis muito. Atrevo-me a dizer que o futuro da humanidade está, em grande medida, nas vossas mãos, na vossa capacidade de vos organizar e promover alternativas criativas na busca diária dos "3 T" (trabalho, tecto, terra), e também na vossa participação como protagonistas nos grandes processos de mudança nacionais, regionais e mundiais. Não se acanhem!

2. Vós sois semeadores de mudança. Aqui, na Bolívia, ouvi uma frase de que gosto muito: «processo de mudança». A mudança concebida, não como algo que um dia chegará porque se impôs esta ou aquela opção política ou porque se estabeleceu esta ou aquela estrutura social. Sabemos, amargamente, que uma mudança de estruturas, que não seja acompanhada por uma conversão sincera das atitudes e do coração, acaba a longo ou curto prazo por burocratizar-se, corromper-se e sucumbir. Por isso gosto tanto da imagem do processo, onde a paixão por semear, por regar serenamente o que outros verão florescer, substitui a ansiedade de ocupar todos os espaços de poder disponíveis e de ver resulta-

dos imediatos. Cada um de nós é apenas uma parte de um todo complexo e diversificado interagindo no tempo: povos que lutam por uma afirmação, por um destino, por viver com dignidade, por «viver bem».

Vós, a partir dos movimentos populares, assumis as tarefas comuns motivados pelo amor fraterno, que se rebela contra a injustiça social. Quando olhamos o rosto dos que sofrem, o rosto do camponês ameaçado, do trabalhador excluído, do indígena oprimido, da família sem tecto, do imigrante perseguido, do jovem desempregado, da criança explorada, da mãe que perdeu o seu filho num tiroteio porque o bairro foi tomado pelo narcotráfico, do pai que perdeu a sua filha porque foi sujeita à escravidão; quando recordamos estes «rostos e nomes» estremecem-nos as entranhas diante de tanto sofrimento e comovemo-nos…. Porque «vimos e ouvimos», não a fria estatística, mas as feridas da humanidade dolorida, as nossas feridas, a nossa carne. Isto é muito diferente da teorização abstracta ou da indignação elegante. Isto comove-nos, move-nos e procuramos o outro para nos movermos juntos. Esta emoção feita acção comunitária é incompreensível apenas com a razão: tem um plus de sentido que só os povos entendem e que confere a sua mística particular aos verdadeiros movimentos populares.

Vós viveis, cada dia, imersos na crueza da tormenta humana. Falastes-me das vossas causas, partilhastes comigo as vossas lutas. E agradeço-vos. Queridos irmãos, muitas vezes trabalhais no insignificante, no que aparece ao vosso alcance, na realidade injusta que vos foi imposta e a que não vos resignais opondo uma resistência activa ao sistema idólatra que exclui, degrada e mata. Vi-vos trabalhar incansavelmente pela terra e a agricultura camponesa, pelos vossos territórios e comunidades, pela dignificação da economia popular, pela integração urbana das vossas favelas e agrupamentos, pela auto-construção de moradias e o desenvolvimento das infra-estruturas do bairro e em muitas actividades comunitárias que tendem à reafirmação de algo tão elementar e inegavelmente necessário como o direito aos “3 T”: terra, tecto e trabalho.

Este apego ao bairro, à terra, ao território, à profissão, à corporação, este reconhecer-se no rosto do outro, esta proximidade no dia-a-dia, com as suas misérias e os seus heroísmos quotidianos, é o que permite realizar o mandamento do amor, não a partir de ideias ou conceitos, mas a partir do genuíno encontro entre pessoas, porque não se amam os conceitos nem as ideias; amam-se as pessoas. A entrega, a verdadeira entrega nasce do amor pelos homens e mulheres, crianças e idosos, vilarejos e comunidades...

Rostos e nomes que enchem o coração. A partir destas sementes de esperança semeadas pacientemente nas periferias esquecidas do planeta, destes rebentos de ternura que lutam por subsistir na escuridão da exclusão, crescerão grandes árvores, surgirão bosques densos de esperança para oxigenar este mundo.

Vejo, com alegria, que trabalhais no que aparece ao vosso alcance, cuidando dos rebentos; mas, ao mesmo tempo, com uma perspectiva mais ampla, protegendo o arvoredo. Trabalhais numa perspectiva que não só aborda a realidade sectorial que cada um de vós representa e na qual felizmente está enraizada, mas procurais também resolver, na sua raiz, os problemas gerais de pobreza, desigualdade e exclusão.

Felicito-vos por isso. É imprescindível que, a par da reivindicação dos seus legítimos direitos, os povos e as suas organizações sociais construam uma alternativa humana à globalização exclusiva. Vós sois semeadores de mudança. Que Deus vos dê coragem, alegria, perseverança e paixão para continuar a semear. Podeis ter a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, vamos ver os frutos. Peço aos dirigentes: sede criativos e nunca percais o apego às coisas próximas, porque o pai da mentira sabe usurpar palavras nobres, promover modas intelectuais e adoptar posições ideológicas, mas se construirdes sobre bases sólidas, sobre as necessidades reais e a experiência viva dos vossos irmãos, dos camponeses e indígenas, dos trabalhadores

excluídos e famílias marginalizadas, de certeza não vos equivocareis.

A Igreja não pode nem deve ser alheia a este processo no anúncio do Evangelho. Muitos sacerdotes e agentes pastorais realizam uma tarefa imensa acompanhando e promovendo os excluídos em todo o mundo, ao lado de cooperativas, dando impulso a empreendimentos, construindo casas, trabalhando abnegadamente nas áreas da saúde, desporto e educação. Estou convencido de que a cooperação amistosa com os movimentos populares pode robustecer estes esforços e fortalecer os processos de mudança.

No coração, tenhamos sempre a Virgem Maria, uma jovem humilde duma pequena aldeia perdida na periferia dum grande império, uma mãe sem tecto que soube transformar um curral de animais na casa de Jesus com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura. Maria é sinal de esperança para os povos que sofrem dores de parto até que brote a justiça. Rezo à Virgem do Carmo, padroeira da Bolívia, para fazer com que este nosso Encontro seja fermento de mudança.

3. Por último, gostaria que reflectíssemos, juntos, sobre algumas tarefas importantes neste momento histórico, pois queremos uma mudança positiva em benefício de todos os nossos irmãos e irmãs. Disto estamos certos! Queremos uma mudança que se enriqueça com o trabalho conjunto de governos, movimentos populares e outras forças sociais. Sabemos isto também! Mas não é tão fácil definir o conteúdo da mudança, ou seja, o programa social que reflicta este projecto de fraternidade e justiça que esperamos. Neste sentido, não esperem uma receita deste Papa. Nem o Papa nem a Igreja têm o monopólio da interpretação da realidade social e da proposta de soluções para os problemas contemporâneos. Atrever-me-ia a dizer que não existe uma receita. A história é construída pelas gerações que se vão sucedendo no horizonte de povos que avançam individuando o próprio caminho e respeitando os valores que Deus colocou no coração.

Gostaria, no entanto, de vos propor três grandes tarefas que requerem a decisiva contribuição do conjunto dos movimentos populares:

3.1 A primeira tarefa é pôr a economia ao serviço dos povos.

Os seres humanos e a natureza não devem estar ao serviço do dinheiro. Digamos NÃO a uma economia de exclusão e desigualdade, onde o dinheiro reina em vez de servir. Esta economia mata. Esta economia exclui. Esta economia destrói a Mãe Terra.

A economia não deveria ser um mecanismo de acumulação, mas a condigna administração da casa comum. Isto implica cuidar zelosamente da casa e distribuir adequadamente os bens entre todos. A sua finalidade não é unicamente garantir o alimento ou um «decoroso sustento». Não é sequer, embora fosse já um grande passo, garantir o acesso aos "3 T" pelos quais combateis. Uma economia verdadeiramente comunitária – poder-se-ia dizer, uma economia de inspiração cristã – deve garantir aos povos dignidade, «prosperidade e civilização em seus múltiplos aspectos».[1] Isto envolve os "3 T" mas também acesso à educação, à saúde, à inovação, às manifestações artísticas e culturais, à comunicação, ao desporto e à recreação. Uma economia justa deve criar as condições para que cada pessoa possa gozar duma infância sem privações, desenvolver os seus talentos durante a juventude, trabalhar com plenos direitos durante os anos de actividade e ter acesso a uma digna aposentação na velhice. É uma economia onde o ser humano, em harmonia com a natureza, estrutura todo o sistema de produção e distribuição de tal modo que as capacidades e necessidades de cada um encontrem um apoio adequado no ser social. Vós – e outros povos também – resumis este anseio duma maneira simples e bela: «viver bem».

Esta economia é não apenas desejável e necessária, mas também possível. Não é uma utopia, nem uma fantasia. É uma perspectiva extremamente realista. Podemos consegui-la. Os recursos disponíveis no mundo, fruto do trabalho intergeneracional dos povos e dos dons da criação, são mais que suficientes para o desenvolvimento integral de «todos os homens e do homem todo».[2] Mas o problema é outro. Existe um sistema com outros objectivos. Um sistema que, apesar de acelerar irresponsavelmente os ritmos da produção, apesar de implementar métodos na indústria e na agricultura que sacrificam a Mãe Terra na ara da «produtividade», continua a negar a milhares de milhões de irmãos os mais elementares direitos económicos, sociais e culturais. Este sistema atenta contra o projecto de Jesus.

A justa distribuição dos frutos da terra e do trabalho humano não é mera filantropia. É um dever moral. Para os cristãos, o encargo é ainda mais forte: é um mandamento. Trata-se de devolver aos pobres e às pessoas o que lhes pertence. O destino universal dos bens não é um adorno retórico da doutrina social da Igreja. É uma realidade anterior à propriedade privada. A propriedade, sobretudo quando afecta os recursos naturais, deve estar sempre em função das necessidades das pessoas. E estas necessidades não se limitam ao consumo. Não basta deixar cair algumas gotas, quando os pobres agitam este copo que, por si só, nunca derrama. Os planos de assistência que

acodem a certas emergências deveriam ser pensados apenas como respostas transitórias. Nunca poderão substituir a verdadeira inclusão: a inclusão que dá o trabalho digno, livre, criativo, participativo e solidário.

Neste caminho, os movimentos populares têm um papel essencial, não apenas exigindo e reclamando, mas fundamentalmente criando. Vós sois poetas sociais: criadores de trabalho, construtores de casas, produtores de alimentos, sobretudo para os descartados pelo mercado global.

Conheci de perto várias experiências, onde os trabalhadores, unidos em cooperativas e outras formas de organização comunitária, conseguiram criar trabalho onde só havia sobras da economia idólatra. As empresas recuperadas, as feiras francas e as cooperativas de catadores de papelão são exemplos desta economia popular que surge da exclusão e que pouco a pouco, com esforço e paciência, adopta formas solidárias que a dignificam. Quão diferente é isto do facto de os descartados pelo mercado formal serem explorados como escravos!

Os governos que assumem como própria a tarefa de colocar a economia ao serviço das pessoas devem promover o fortalecimento, melhoria, coordenação e expansão destas formas de economia popular e produção comunitária. Isto implica melhorar os processos de trabalho, prover de adequadas infra-estruturas e garantir plenos direitos aos trabalhadores deste sector alternativo. Quando Estado e organizações sociais assumem, juntos, a missão dos "3 T", activam-se os princípios de solidariedade e subsidiariedade que permitem construir o bem comum numa democracia plena e participativa.

3.2 A segunda tarefa é unir os nossos povos no caminho da paz e da justiça.

Os povos do mundo querem ser artífices do seu próprio destino. Querem caminhar em paz para a justiça. Não querem tutelas nem interferências, onde o mais forte subordina o mais fraco. Querem que a sua cultura, o seu idioma, os seus processos sociais e tradições religiosas sejam respeitados. Nenhum poder efectivamente constituído tem direito de privar os países pobres do pleno exercício da sua soberania e, quando o fazem, vemos novas formas de colonialismo que afectam seriamente as possibilidades de paz e justiça, porque «a paz funda-se não só no respeito pelos direitos do homem, mas também no respeito pelo direito dos povos, sobretudo o direito à independência».[3]

Os povos da América Latina alcançaram, com um parto doloroso, a sua independência política e, desde então, viveram já quase dois séculos duma história dramática e cheia de contradições procurando conquistar uma independência plena.

Nos últimos anos, depois de tantos mal-entendidos, muitos países latino-americanos viram crescer a fraternidade entre os seus povos. Os governos da região juntaram seus esforços para fazer respeitar a sua soberania, a de cada país e a da região como um todo que, de forma muito bela como faziam os nossos antepassados, chamam a «Pátria Grande». Peço-vos, irmãos e irmãs dos movimentos populares, que cuidem e façam crescer esta unidade. É necessário manter a unidade contra toda a tentativa de divisão, para que a região cresça em paz e justiça.

Apesar destes avanços, ainda subsistem factores que atentam contra este desenvolvimento humano equitativo e coarctam a soberania dos países da «Pátria Grande» e doutras latitudes do Planeta. O novo colonialismo assume variadas fisionomias. Às vezes, é o poder anónimo do ídolo dinheiro: corporações, credores, alguns tratados denominados «de livre comércio» e a imposição de medidas de «austeridade» que sempre apertam o cinto dos trabalhadores e dos pobres. Os bispos latino-americanos denunciam-no muito claramente, no documento de Aparecida, quando afirmam que «as instituições financeiras e as empresas transnacionais se fortalecem ao ponto de subordinar as economias locais, sobretudo debilitando os Estados, que aparecem cada vez mais impotentes para levar adiante projetos de desenvolvimento a serviço de suas populações».[4] Noutras ocasiões, sob o nobre disfarce da luta contra a corrupção, o narcotráfico ou o terrorismo – graves males dos nossos tempos que requerem uma acção internacional coordenada – vemos que se impõem aos Estados medidas que pouco têm a ver com a resolução de tais problemáticas e muitas vezes tornam as coisas piores.

Da mesma forma, a concentração monopolista dos meios de comunicação social que pretende impor padrões alienantes de consumo e certa uniformidade cultural é outra das formas que adopta o novo colonialismo. É o colonialismo ideológico. Como dizem os bispos da África, muitas vezes pretende-se converter os países pobres em «peças de um mecanismo, partes de uma engrenagem gigante».[5]

Temos de reconhecer que nenhum dos graves problemas da

humanidade pode ser resolvido sem a interacção dos Estados e dos povos a nível internacional. Qualquer acto de envergadura realizado numa parte do Planeta repercute-se no todo em termos económicos, ecológicos, sociais e culturais. Até o crime e a violência se globalizaram. Por isso, nenhum governo pode actuar à margem duma responsabilidade comum. Se queremos realmente uma mudança positiva, temos de assumir humildemente a nossa interdependência. Mas interacção não é sinónimo de imposição, não é subordinação de uns em função dos interesses dos outros. O colonialismo, novo e velho, que reduz os países pobres a meros fornecedores de matérias-primas e mão de obra barata, gera violência, miséria, emigrações forçadas e todos os males que vêm juntos... precisamente porque, ao pôr a periferia em função do centro, nega-lhes o direito a um desenvolvimento integral. Isto é desigualdade, e a desigualdade gera violência que nenhum recurso policial, militar ou dos serviços secretos será capaz de deter.

Digamos NÃO às velhas e novas formas de colonialismo. Digamos SIM ao encontro entre povos e culturas. Bem-aventurados os que trabalham pela paz.

Aqui quero deter-me num tema importante. É que alguém poderá, com direito, dizer: «Quando o Papa fala de colonialismo, esquece-se de certas acções da Igreja». Com pesar, vo-lo digo: Cometeram-se muitos e graves pecados contra os povos nativos da América, em nome de Deus. Reconheceram-no os meus antecessores, afirmou-o o CELAM e quero reafirmá-lo eu também. Como São João Paulo II, peço que a Igreja «se ajoelhe diante de Deus e implore o perdão para os pecados passados e presentes dos seus filhos».[6] E eu quero dizer-vos, quero ser muito claro, como foi São João Paulo II: Peço humildemente perdão, não só para as ofensas da própria Igreja, mas também para os crimes contra os povos nativos durante a chamada conquista da América.

Peço-vos também a todos, crentes e não crentes, que se recordem de tantos bispos, sacerdotes e leigos que pregaram e pregam a boa nova de Jesus com coragem e mansidão, respeito e em paz; que, na sua passagem por esta vida, deixaram impressionantes obras de promoção humana e de amor, pondo-se muitas vezes ao lado dos povos indígenas ou acompanhando os próprios movimentos populares mesmo até ao martírio. A Igreja, os seus filhos e filhas, fazem parte da identidade dos povos na América Latina. Identidade que alguns poderes, tanto aqui como noutros países, se empenham por apagar, talvez porque a nossa fé é revolucionária, porque a nossa fé

desafia a tirania do ídolo dinheiro. Hoje vemos, com horror, como no Médio Oriente e noutros lugares do mundo se persegue, tortura, assassina a muitos irmãos nossos pela sua fé em Jesus. Isto também devemos denunciá-lo: dentro desta terceira guerra mundial em parcelas que vivemos, há uma espécie de genocídio em curso que deve cessar.

Aos irmãos e irmãs do movimento indígena latino-americano, deixem-me expressar a minha mais profunda estima e felicitá-los por procurarem a conjugação dos seus povos e culturas segundo uma forma de convivência, a que eu chamo poliédrica, onde as partes conservam a sua identidade construindo, juntas, uma pluralidade que não atenta contra a unidade, mas fortalece-a. A sua procura desta interculturalidade que conjuga a reafirmação dos direitos dos povos nativos com o respeito à integridade territorial dos Estados enriquece-nos e fortalece-nos a todos.

3.3 A terceira tarefa, e talvez a mais importante que devemos assumir hoje, é defender a Mãe Terra.

A casa comum de todos nós está a ser saqueada, devastada, vexada impunemente. A covardia em defendê-la é um pecado grave. Vemos, com crescente decepção, sucederem-se uma após outra cimeiras internacionais sem qualquer resultado importante. Existe um claro, definitivo e inadiável imperativo ético de actuar que não está a ser cumprido. Não se pode permitir que certos interesses – que são globais, mas não universais – se imponham, submetendo Estados e organismos internacionais, e continuem a destruir a criação. Os povos e os seus movimentos são chamados a clamar, mobilizar-se, exigir – pacífica mas tenazmente – a adopção urgente de medidas apropriadas. Peço-vos, em nome de Deus, que defendais a Mãe Terra. Sobre este assunto, expressei-me devidamente na carta encíclica Laudato si'.

4. Para concluir, quero dizer-lhes novamente: O futuro da humanidade não está unicamente nas mãos dos grandes dirigentes, das grandes potências e das elites. Está fundamentalmente nas mãos dos povos; na sua capacidade de se organizarem e também nas suas mãos que regem, com humildade e convicção, este processo de mudança. Estou convosco. Digamos juntos do fundo do coração: nenhuma família sem tecto, nenhum camponês sem terra, nenhum trabalhador sem direitos, nenhum povo sem soberania, nenhuma pessoa sem dignidade, nenhuma criança sem infância, nenhum jovem sem possibilidades, nenhum idoso sem uma veneranda velhice. Continuai com a vossa luta e, por favor, cuidai bem da

Mãe Terra. Rezo por vós, rezo convosco e quero pedir a nosso Pai Deus que vos acompanhe e abençoe, que vos cumule do seu amor e defenda no caminho concedendo-vos, em abundância, aquela força que nos mantém de pé: esta força é a esperança, a esperança que não decepciona. Obrigado! E peço-vos, por favor, que rezeis por mim.

EPÍLOGO

Acredito que esta minha humilde contribuição confirmou que contrariamente ao que várias pessoas vem pensando, a caminhada das comunidades eclesiais de base Cebs, é bem fundamentada por reflexões muito válidas, não só do Magistério mas também por grandes pensadores e, alguns deles, verdadeiros profetas.

Esta caminhada veio pra ficar, reforçando a eficiência do trabalho pastoral e contribuindo decisivamente para o desenvolvimento da eclesiologia. Esta eclesiologia não ficou engessada na lei canônica – reconhecendo que esta também é necessária.

Quando o documento de Aparecida afirma que devemos repensar as estruturas paroquiais e olhar para a paróquia como "comunidade de comunidades" é justificável perguntar: a caminhada das Cebs que está conosco há 50 anos – ela nasceu logo após o Concílio do Vaticano II - tinha como objetivo o que? Estas pequenas Cebs espalhadas nas médias e grandes paróquias, onde em cada comunidade tem um ou mais ministros da Eucaristia ou da Palavra, uma ou mais catequistas, grupo de jovens (PJ), um ou mais grupos de reflexão, que apesar das limitações que alguns gostam de apontar, se tornam sementes de maiores grupos pra celebrar a novena do Natal, a Campanha da Fraternidade (CF). Comunidades que se tornam protagonistas na formação das equipes da pastoral da saúde, na organização da cesta básica apoiando os mais pobres, indicando ao pároco as famílias que precisam uma ajuda especial ou uma palavra amiga, e organizando mensalmente a campanha do dizimo! Que outro movimento, que não brotou aqui na América Latina ou no Brasil, tem em seu coração e em sua mística esta caminhada?

Quero fazer aqui uma sugestão sobre os grupos de reflexão. Tem a ver com o material providenciado pela nossa Arquidiocese de Maringá. Será que não chegou a hora de dar um passo decisivo para frente, adotando o material do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), um material eminentemente biblico? Certamente não seria uma ruptura, mas sim um desenvolvimento. Acredito que temos tudo a ganhar e nada a perder se os nossos grupos se tornarem claramente "círculos bíblicos"!

A caminhada das Cebs não produziu só paróquias mais eficientes,

o que já seria uma grande coisa. Mas em uma mensagem enviada ao último Intereclesial (que aconteceu em Juazeiro do Norte, que meditou o tema "Justiça e Profecia a Serviço da Vida", com o lema "Cebs, Romeiros do Reino, no Campo e na Cidade"), o Papa Francisco afirmou que as Cebs "trazem um novo ardor evangelizador e uma capacidade de diálogo com o mundo que renovam a Igreja. Todos devemos ser romeiros, no campo e na cidade, levando a alegria do evangelho a cada homem e a cada mulher."

Continuando, o Papa alertou para que as comunidades não percam o contato com esta realidade muito rica que é a paróquia local e que se integrem de bom grado na pastoral orgânica da igreja particular. À luz do Documento da Aparecida, o Francisco lembrou também que "as Cebs são um instrumento que permite ao povo chegar a um conhecimento maior da Palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho, ao surgimento de novos serviços leigos e a 'educação da fé' dos adultos" (Documento de Aparecida, n.178).

Na verdade Papa Paulo VI, já na Encíclica Evangelii Nuntiandi (EN) tinha feito uma análise parecida à do Papa Francisco. Após ter feito algumas considerações específicas que nos fazem bem refletir - tais como de não deixar o senso crítico, que é próprio das Cebs, contestar radicalmente a Igreja, de cuidar da manipulação ideológica até mesmo de caráter partidário, arriscando a unidade e a comunhão com os seus pastores - Paulo VI não exitou de enfatizar que as Cebs são capazes de revestir a experiência de fé de uma dimensão mais humana.

Reconheceu que as paróquias não favorecem uma vivência comunitária, mas sim uma vida de massa e de anonimato ao mesmo tempo. Ao contrário, as Cebs são capazes de aprofundar as relações interpessoais, a própria estrutura de convivência de caráter mais cultural e sociológico congregando grupos homogêneos para uma meditação da Palavra de Deus, para vida sacramental e a vida fraterna.

Cientes das limitações humanas do Magistério universal, fomos lembrados por Paulo VI, João Paulo II e Francisco que a mística das Cebs trata-se verdadeiramente de uma bênção para o Brasil e para a América Latina nestas cinco décadas, sendo uma verdadeira mística pensada pelo conjunto da Igreja da América Latina em Medellin e Puebla.

Talvez o Papa João Paulo II, que por muitos era considerado bastante crítico da caminhada da Igreja na América Latina, em sua mensagem aos líderes das comunidades de base do Brasil, deu um resumo daquilo que de fato estas comunidades vem praticando neste continente: "A caridade vivida por uma Comunidade poderá tomar formas bem diversas: em primeiro lugar, ajudar alguém a aprofundar a própria fé; depois, também em gestos de promoção humana de pessoas ou grupos em depressão, ou gestos de integração de marginalizados; defesa de direitos humanos pisoteados; busca da justiça em situações de iniquidades; ajudar a superar condições infra-humanas; criação de mais solidariedade em uma determinada sociedade. Tudo isto, porém, deve levar a marca de uma verdadeira caridade, tal como a descreve São Paulo (paciente, benigna, esquecida de si mesma para só cuidar dos outros, incapaz de se alegrar com o mal; cf. *1 Cor* 13, 4 ss) ou São João: «Não há maior caridade do que dar a vida pela pessoa amada» (*Jo* 15, 13)."

Foi esta a caminhada que após o Vaticano II e durante a ditadura, introduziu um novo algo na vida das pastorais como parte integrante nos planos da CNBB, tais como a Pastoral Operária (PO), a Pastoral da Terra (CPT) e o trabalho do Conselho Indigenista Missionário (CIMI)! Quando você olha o programa pastoral dessa e daquela diocese pelo Brasil afora, e vê que esta ou aquela diocese não frisou estas pastorais – considerando a localização geográfica neste pais-continente – pode ter certeza que esta ou aquela diocese desistiu dessa mística e adotou completamente uma outra mística, quase exclusivamente, dando importância - contrariando o ensino do Vaticano II - só à pastoral *ad intra*, lidando mais com os problemas de caráter intimista do ser humano do que com a problemática do seu pão de cada dia! Nesta ou naquela diocese teria vencido, nas relações de forças, a tendência de uma igreja alienante e não encarnada e comprometida com as lutas contra as injustiças estruturais.

Para o padre Benedito Ferraro, assessor da Ampliada Nacional das Cebs, a CNBB quer retomar as Comunidades Eclesiais de Base. A volta da discussão é um reconhecimento de parte dos bispos de que a retração abriu espaço para os evangélicos. O início da retomada das Cebs foi em 2007, na Conferência do Episcopado Latino-Americano em Aparecida, onde foi aprovado um documento cujo relator era o bispo argentino Jorge Mario Bergoglio, hoje Papa Francisco, com trechos bastante favoráveis às

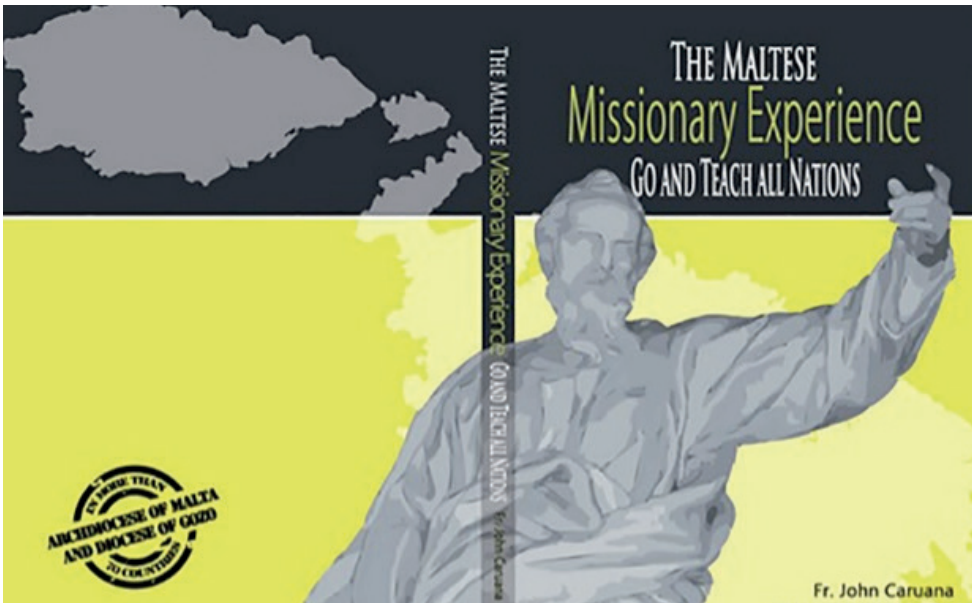
Cebs, mesmo que os elogios tenham sido diluídos quando o documento de Aparecida, passou por uma revisão da Cúria Romana da época!

O documento de Aparecida no parágrafo 178 intitulado "Comunidades Eclesiais de Base e Pequenas Comunidades" fala assim: "Na experiência eclesial de algumas Igrejas da América Latina e do Caribe, as Comunidades Eclesiais de Base tem sido escolas que tem ajudado a formar cristãos comprometidas com sua fé, discípulos e missionários do Senhor, como o testemunha a entrega generosa, até derramar o sangue, de mitos de seus membros. Elas abraçam a experiência das primeiras comunidades, como estão escritos nos Atos dos Apóstolos (At 2,42-47). Medellín reconheceu nelas uma célula inicial de estruturação eclesial e foco de fé e evangelização. Puebla constatou que as pequenas comunidades, e as comunidades eclesiais de base, permitiram ao povo chegar a um conhecimento maior da Palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho, ao surgimento de novos serviços leigos e à educação da fé do adultos. No entanto também constatou que não tem faltado membros de comunidade ou comunidades inteiras que, atraídas por instituições puramente leigas ou radicalizadas ideologicamente, foram perdendo o sentido eclesial."

As comunidades eclesiais de base "demonstram seu compromisso evangelizador e missionário, entre os mais simples e afastados, e são expressão visível da opção preferencial pelos pobres" concluiu o Santo Padre.

Segundo Dom Adriano Ciocca Vasino, bispo da Prelazia de São Felix do Araguaia, "é bastante claro que o tema continua a dividir a CNBB entre bispos que acreditam claramente nesse modelo e outros que por experiências negativas, consideram as comunidades eclesiais marcadas por ideias descritas como comunistas."

A discussão e o diálogo continuam. Não podemos cansar! Quero partilhar um pensamento de Karl Rahner, um teólogo alemão considerado um dos pais do Vaticano II, que muito me ajudou na minha caminhada de 50 anos de padre, 30 deles vividas no Brasil. Escreve ele: "a maior graça que Deus pode ti dar, é a de morrer, ainda buscando a Verdade". Karl Rahner morreu com 84 anos!



The Maltes Missionary Experience e' um livro que Pe João Caruana publicou dois anos atrás. Como o título do livro - em inglês - mostra, o livro consista na experiência missionária maltesa que se espalhou em mais de 70 paises diferentes dos cinco continentes. Pode accessar ao livro tambem online através do link

http://arquidiocesedemaringa.org.br/noticiasdiocese/padre-joao-caruanalanca-livro-online-a-experiencia-missionaria-de-malta/

O AUTOR

PE JOÃO CARUANA

Padre João Caruana, 75 anos, nasceu em Mosta, Malta, no dia 3 de Junho de 1941 e foi ordenado padre no dia 11 de março de 1967. Ele sempre sentiu a vocação missionária - ser padre significava ser missionário, dizia – mas teve de esperar por 17 anos para realizar a sua vocação.

Durante estes 17 anos servindo em Malta, Pe João foi Diretor das Vocações, vigário numa paróquia urbana, St Julian's Parish, por 13 anos, Secretário Administrativo de Archbishop's Seminary, que incluía seminaristas da filosofia e da teologia (a mesma faculdade que por alguns anos foi tirada da Universidade de Malta), e o Seminário menor, com 400 estudantes.

Neste período ele serviu como representante dos vigários no Kunsill Rapprezentatv Djocesan (KRD) que foi criado pelo Papa Paulo VI para decidir as normas financeiras. Neste conselho, ajudou a concretizar uma reforma nos salários dos padres.

Ainda serviu, por algum tempo, como presidente de Christus Rex, uma organização independente dos padres que, entre outras atividades, publicava mensalmente a revista Pastor. Foi responsável também, com outra equipe de padres, por uma página semanal chamada Catholic Outlook, no Sunday Times, um jornal em inglês muito influente em Malta.

Recentemente escreveu e publicou um livro intitulado The Maltese Missionary Experience (Go and Teach all Nations), onde incluiu experiências de religiosos e religiosas, padres diocesanos e leigos malteses, missionários em mais de 70 países, nos cinco continentes.

Sobre sua vinda ao Brasil, em 1984, após uma espera de 5 anos ganhou o visto pra entrar no país e, na idade de 43 anos, foi recebido por Dom Jaime Luiz Coelho na Arquidiocese de Maringá, que o enviou ao município de Sarandi, que na época tinha uma população de 40.000 pessoas, pra servir como pároco na única paróquia da cidade, Nossa Senhora das Graças. Em aproximadamente 20 anos, essa paróquia se dividiu em quatro.

Padre João aceitou e assumiu a pastoral das Comunidades Eclesiais de Base, como fora planejado por Padre Vicente Costa, hoje bispo na diocese de Jundiaí. Durante este tempo, assumiu a Pastoral Operaria (PO) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT), dando apoio aos sindicatos dos funcionários públicos na região e aos trabalhos em favor da Reforma Agrária, promovido pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), no Norte do Paraná.

Gustavo Gutiérrez - Aloisio Lorscheider - José Maria Pires - Helder Camara - Pedro Casaldaliga - Erwin Kautler - Carlos Mesters - Evaristo Arns - Claudio Hummes - Luciano Mendes De Almeida - Mauro Morelli - Zezinho - Alberto Antoniazzi - Segundo Galilea - Leonardo Boff - Frei Beto - Milton Schwantes - Jon Sobrinho - José Comblin - Tomás Balduino - Ladislau Biernaski - João Batista Líbano - Arturo Paoli - Marcelo Barros - Oscar Romero - Jose Oscar Beozzo - Zilda Arns - Ivone Gebara - Dorothy Stang - 13 Intereclesial - Os Povos Indígenas E Teresa - Lula - Stedile - Frigo - Papa Francisco